

Estrangeiros e Descendentes
na História Militar do
Rio Grande do Sul
(1635 à 1870)



Claudio Moreira Bento

OUTRAS OBRAS DO AUTOR

- *As Batalhas dos Guararapes*. Recife, UFPE, 1971.
- *A grande festa dos lanceiros*. Recife, UFPE, 1971.
- *Símbolos do Rio Grande do Sul*. Recife, UFRPE, 1972.
- *Centenário da Guerra do Paraguai*. Maceió, Trib. Contas, 1971.
- *Tradição e Disciplina*. Fortaleza, UFCE, 1971.
- *A Conquista da Amazônia*. Rio, DNER, 1974.
- *Centenário do Libertador do Acre*. Belém, SUDAM, 1974.
- *O gaúcho fundador da Imprensa Brasileira* (monografia inédita premiada em Concurso Nacional de Monografias promovido em 1972 pela ARI e Assembléia do RGS).
- *O Negro na Sociedade do Rio Grande do Sul* (1º Prêmio no Concurso de Monografias sobre a contribuição do Negro na integração sócio-cultural do Rio Grande do Sul. Em edição).

Possui artigos sobre História, entre outras, nas revistas Defesa Nacional, Militar Brasileira, Cultura Militar e nos jornais Diário Popular (Pelotas-RS), Correio do Povo e Diário de Notícias (Porto Alegre), Correio do Sul (Bagé), Correio Brasiliense (Brasília-DF), Estado de São Paulo e Diário Popular (São Paulo), Diário de Pernambuco e Jornal do Comércio (Recife).

Pesquisou e redigiu o capítulo da *História do Exército Brasileiro* referente às Guerras Holandesas.

Este volume integra a série “Biênio da Colonização e Imigração”, criada pelo Decreto estadual nº 22.783, de 7 de novembro de 1973, e editada pelo Instituto Estadual do Livro.

O primeiro volume da série, de autoria de Michael Mulhall, publicou-se em agosto de 1974, sob o título *O Rio Grande do Sul e suas Colônias Alemãs*, em formato menor (14x21).

CLÁUDIO MOREIRA BENTO

**ESTRANGEIROS E DESCENDENTES
NA HISTÓRIA MILITAR DO
RIO GRANDE DO SUL - 1635 a 1870**

GRÁFICA EDITORA A NAÇÃO S.A.

Em convênio com o INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO/DAC/SEC
PORTO ALEGRE (RS) – 1976

B475e Bento, Cláudio Moreira
Estrangeiros e descendentes na história militar do Rio Grande do Sul-1635 a 1870. Porto Alegre, A Nação, Instituto Estadual do Livro, 1976.

308 p. 23 cm. (Biênio da Colonização e Imigração, v.8)

2° Prêmio no Concurso de Monografias sobre a Imigração em Geral do Certame de Letras "Biênio da Colonização e Imigração".

1. Rio Grande do Sul - História militar - 1635-1870. 2. Imigração e emigração - Rio Grande do Sul. I.Título. II.Série.

CDD — 981.65
325.8165
355.02098165
CDU — 325.11(816.5)
355.48(816.5)"1635/1870"

Catálogo elaborado pelo IEL/DAC/SEC

Gráfica Editora A Nação S.A.
Travessa Jaguarão, 45
Porto Alegre (RS) – Brasil

Em memória de meus pais

Conrado Ernani Bento
e Cacilda Moreira Bento.

Em agradecimento ao incentivo e valiosa
colaboração no preparo dos originais,
à minha esposa Yolanda Helena e filhos
Cláudio, Carlos Norberto e
Antônio Augusto Stumpf Bento.

Em homenagem ao Exército e Marinha do Brasil,
ao Rio Grande do Sul
e a Canguçu, minha terra natal.

O autor.

PREFÁCIO

O Coronel Cláudio Moreira Bento, gaúcho de Canguçu, brilhante oficial de Engenharia, vem se destacando, entre os historiadores da nova geração, de modo tão ascendente, que fácil lhe será prenunciar, em futuro próximo, um lugar ao lado dos maiores, como Tasso Fragoso, J. B. Magalhães, Paula Cidade, Souza Doca, Rinaldo Câmara, Riograndino da Costa e Silva.

Quando Major, pertenceu à Comissão de História do Ministério do Exército, tendo, por vezes, exercido sua presidência.

Seus trabalhos, que se contam já por algumas dezenas, entre volumes, artigos publicados em jornais e revistas e conferências, dão testemunho de um pesquisador de aguda visão e infatigável atividade. Na elaboração dessa grande obra, no gênero, que é a "História do Exército Brasileiro", Cláudio Bento foi um de seus mais eficientes pesquisadores, planejadores e redatores.

O presente ensaio sobre *Estrangeiros e Descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul* é o mais completo até hoje publicado.

O trabalho divide-se em três partes: a primeira dedica-se aos alemães e seus descendentes; a segunda, a diversas outras nacionalidades: austríacos, dinamarqueses, franceses, ingleses, italianos, norte-americanos, suíços e suecos; a terceira ocupa-se dos africanos e seus descendentes.

Inicia o livro demonstrando que, em conseqüência do malfadado Tratado de Tordesilhas, o território que constitui o Estado do Rio Grande do Sul tornou-se um palco de porfiadas lutas entre lusos e espanhóis, a partir de 1635, quando a Bandeira de Raposo Tavares desceu para o Sul, em "missão nitidamente militar", para expulsar os jesuítas que aqui penetraram a serviço do Rei da Espanha, e arrasar as reduções guaraníticas, sujeitas ao domínio castelhano, que, transpondo o rio Uruguai, já ocupavam uma grande área de sua margem esquerda, ameaçando estender-se até o mar.

E acentua, com muita propriedade, que esse evento foi o marco inicial das lutas externas intermitentes que se prolongaram até 1870, que fizeram do Rio Grande do Sul uma região militarizada de maneira a imprimir à sua história, até 1932, uma feição predominantemente militar.

O gaúcho foi durante século e meio um soldado nato, talvez o melhor cavalariano da América.

Foi o que não escapou ao espírito lúcido e à experiência do Duque de Caxias, o maior dos nossos generais e um dos mais eminentes dos nossos políticos. Da tribuna do Senado do Império, esse grande brasileiro, depois de exaltar o valor militar da Guarda Nacional da Província, faz esta revelação, que vale pelo mais autorizado testemunho, sobre a vocação militar do gaúcho: "No Rio Grande do Sul nenhuma honra se estimam tanto como os distintivos militares; qualquer outra remuneração pouco efeito produz; por conseguinte, os postos de oficiais honorários satisfarão muito a esses beneméritos, sem que tragam os inconvenientes que se receiam".

Caxias, o chefe incomparável, sabia que os gaúchos, mesmo os raros, que, acaso, alimentassem pendores caudilhescos, jamais se rebelariam por ambição de poder pessoal, nem nunca se associariam aos inimigos da Pátria.

E tão forte e contagiante foi essa vocação do gaúcho pelas lidas militares, que se estendem ao ânimo de estrangeiros e seus descendentes, aqui vindos para as atividades pacíficas da agricultura, da indústria e do comércio, tal como aconteceu na Guerra do Paraguai.

É isto o que esta obra demonstra, exaustiva e metodicamente.

Na primeira parte, tratando de alemães e descendentes, relaciona, caracterizando-os a todos, por suas qualidades e serviços prestados, desde o tenente-general João Henrique Böhn, o grande discípulo do Conde de Lippe, que comandou o exército luso-brasileiro na restauração do Rio Grande, até os teuto-brasileiros, onde são figuras de grande porte o coronel da GN João Niderauer Sobrinho e o Marechal Bernardino Bormann, heróis da guerra contra Solano Lopes, entre mais de uma centena de nomes, acrescidos de dados biográficos e desenvolvidas informações sobre a atuação que tiveram.

Seguem-se os franceses, como o marechal Pedro Labatut, antigo oficial de Napoleão, que teve destacado papel nas lutas da Independência, participando, mais tarde, da luta contra os farroupilhas, onde, não obstante o revés sofrido, confirmou suas qualidades de hábil chefe militar; o marechal Emílio Mallet, herói da Guerra do Paraguai e seus filhos, um dos quais, o Marechal João Nepomuceno, veio a ser Ministro da Guerra,

re-estruturador do E. M. do Exército e também o primeiro filho de imigrante a alcançar essa elevada posição; o guarda-marinha José de Paiva Magalhães Calvet e muitos outros.

Inglese, o ten-general João Frederico Caldwell, que comandou as Armas da Província, o almirante João Greenfeld, que atuou ativamente contra a Revolução Farroupilha, e o coronel Francisco Roscio, governador da Capitania, autor de interessante trabalho descritivo, *Compêndio Noticioso do Continente de São Pedro*, que constitui uma das melhores fontes primárias da nossa história; o capitão José Garibaldi, figura destinada à fama internacional, e seus companheiros de glórias na Revolução Farroupilha; o norte-americano John Griggs, comandante do navio *Seivál*, no ataque à Laguna; o sueco marechal de Campo Jacques Diogo Funck e o suíço brigadeiro Carlos Resin e seu filho, nascido no Brasil, o marechal de campo do mesmo nome.

O Autor inclui, muito acertadamente, os negros entre os descendentes estrangeiros. E foram muitos os filhos da sacrificada raça de Cam a contribuírem com seu sangue, sua bravura, sua lealdade, nas lutas do extremo Sul da Pátria brasileira.

Aqui, nestas páginas em que se registram os feitos maiores da nossa história militar, empresta-se especial e justo relevo ao famoso 1º Corpo de Lanceiros Negros, do Coronel Joaquim Teixeira Nunes, cuja atuação nas forças farroupilhas esteve acima de qualquer elogio.

Espero sirva esta breve exposição para dar uma idéia do valor histórico do livro do cel. Cláudio Moreira Bento, trabalho alicerçado numa pesquisa profunda, que esgota praticamente o assunto, só deixando de lado minúcias e aspectos irrelevantes, sem interesse real para a elucidação histórica.

Estrangeiros e Descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul é uma obra cuja utilidade para os estudiosos em geral ressalta à primeira vista. É um livro honesto, destinado a impor-se, como obra de consulta, entre os mais valiosos de nossa historiografia.

Com ele se credenciam ao reconhecimento das letras históricas rio-grandenses, o autor, por escrevê-lo e o Instituto Estadual do Livro, ao editá-lo.

Influência da Doutrina Militar de Lippe no Rio Grande do Sul

Em sua missão de reorganizar os decadentes exércitos de Portugal, o Conde de Lippe elaborou um Corpo de Doutrina Militar para treiná-los rapidamente, traduzido por instruções e regulamentos diversos que por mais de um século foram observados no Rio Grande do Sul, em seus aspectos táticos e disciplinares.

Sob influência expressiva de sua doutrina militar e filosofia disciplinar, o território do Rio Grande do Sul foi reconquistado em grande parte em 1776, expandido em 1801, 1812, 1816 e 1821, e mantido em 1828, 1852 e 1865-70.

Artigos de Guerra do Conde de Lippe

Ele produziu muito, mas ficou triste e injustamente célebre por seus 29 *Artigos de Guerra* que por muitos anos vigoraram no Brasil, com algumas alterações introduzidas em 1816-1820, pelo general inglês Guilherme Beresford, contratado por Portugal para o Brasil.

Para que se tenha uma idéia da filosofia disciplinar do Conde de Lippe, fruto da conjuntura militar da época, transcreveremos alguns de seus Artigos de Guerra:

Artigo 4º — Todo militar que cometer uma fraqueza, escondendo-se ou fugindo quando for preciso combater, *será punido de morte*.

Artigo 5º — Todo militar que em uma batalha, ação ou combate, ou em outra ocasião de guerra, der um grito de espanto como dizendo: — *O inimigo nos tem cercado — Nós somos cortados — Quem puder escapar-se, escape-se — ou qualquer palavra semelhante, que possa intimidar as tropas, no mesmo instante o matará o primeiro oficial mais próximo que o ouvir e, se por acaso isto não lhe suceder, será logo preso e passará pelas armas por sentença do conselho de guerra*.

Artigo 6º — Todos são obrigados a respeitar as sentinelas, ou outras guardas; aquele que não o fizer será castigado rigorosamente; e *aquele que atacar qualquer sentinela será arcabuzado*.

ARTHUR FERREIRA FILHO

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	15
---------------------------	----

PRIMEIRA PARTE ALEMÃES E DESCENDENTES

CAPÍTULO I

ALEMÃES E DESCENDENTES NA HISTÓRIA MILITAR DO RIO GRANDE DO SUL: 1774-1851	19
Conde de Lippe	21
Tenente-general João Henrique Böhn	28
Alferes Antônio Adolfo Charão (Schramm)	38
Marechal-de-campo Gustavo Henrique Braun	39
Major Antônio Aluísio Schaeífer	49
Tenente-coronel Anton Adolf Friedrich von Seveloh	51
Capitão Samuel Gottfried Kerst	56
Tenente Engenheiro Siegenger	56
27º Batalhão de Caçadores Alemães	57
Esquadrão de Lanceiros Alemães	71
Companhia de Voluntários Alemães de São Leopoldo	75
Coronel GN Johann Daniel Hillebrand (o Patriarca da colonização alemã no Rio Grande do Sul)	77
Alemães e descendentes na Revolução Farroupilha	88
28º Batalhão de Caçadores Alemães em Santa Maria	98
Notas ao texto do Capítulo I	101

CAPÍTULO II

OS LEGIONARIOS ALEMÃES BRUMMER (NAS GUERRAS CONTRA ORIBE E ROSAS E DO PARAGUAI)	104
Os Legionários Brummer de 1851.....	104
Os brummer na guerra contra Oribe e Rosas (1851-52)	108
Os brummer na Guerra do Paraguai	115
Bateria de voluntários alemães	118
Notas ao texto do Capítulo II.....	129

CAPÍTULO III

TEUTO-BRASILEIROS NA GUERRA DO PARAGUAI	131
Visita ao Rio Grande do Sul do teuto-brasileiro D. Pedro II (24-7-1865 a 31-10-1865).....	132
Unidades principais onde lutaram teuto-brasileiros	136
Testemunhos de veteranos teuto-brasileiros	138
Marechal José Bernardino Bormann	140
Alguns exemplos de heróis teuto-brasileiros	144
Coronel GN João Niderauer Sobrinho	146
Marechal Conrado Jacó Niemeyer	153
Homenagem (bravos alemães e descendentes, mortos e feridos em ação na Guerra do Paraguai).....	157
Retorno da guerra dos teuto-brasileiros do Rio Grande do Sul (lista parcial)....	159
Notas ao texto do Capítulo III	163

SEGUNDA PARTE OUTRAS NACIONALIDADES E DESCENDENTES

CAPÍTULO I

FRANCESES E DESCENDENTES	167
Marechal Emílio Luiz Mallet	167
Marechal João Nepomuceno Medeiros Mallet	175

Marechal Pedro Labatut	178
Marechal Arouche de Toledo Rendon	179
Tenente-general Camillo Maria Tonelet Mena	179
Capitão Diogo de Arouche de Morais Lara	180
Tenente João Batista D'Agan	181
Guarda-marinha José de Paiva Magalhães Calvet	181
Augusto de Saint Hilaire	182
Os irmãos Paillot Sarrasin	183
1º sargento Virgilino G. Detroyat	183
Cláudio Dubreil e Estivalet	184
Napoleão e a missão francesa	184
Notas ao texto do Capítulo I	185

CAPÍTULO II

INGLESES E DESCENDENTES	187
Tenente-general João Frederico Caldwell	187
Almirante graduado João Pascoe Grenfell	194
Coronel William Cotter	198
Coronel William Woods Yeats	198
Cirurgião-mor Thomas Scott	198
Capitão-tenente Guilherme Parquer	199
2º tenente da Marinha Daniel Thompson	199
Outros ingleses	200
Notas ao texto do Capítulo I	202

CAPÍTULO III

ITALIANOS E DESCENDENTES	203
Coronel Miguel Ângelo Blasco (o pai da pintura no Rio Grande do Sul).....	203
Brigadeiro Francisco João Róscio	205
Compêndio noticioso do Continente de São Pedro	207
Capitão Giussepe Garibáldi	214
Conde Tito Lívio de Zambeccari	218
Luigi Rosseti	221
Eduardo Matru	222
Luigi Carniglia	223
Lourenço Valerigni.....	225
Capitão Felipe Anzani	225
Outros companheiros de Garibáldi	225
Atualidade	226
Uma tradição italiana	226
Notas ao texto do Capítulo III	227

CAPÍTULO IV

O NORTE-AMERICANO MÁRTIR FARROUPILHA	228
John Griggs, o comandante do «Seival»	228

CAPÍTULO V

SUECOS	235
Marechal-de-campo Jaques Diogo Funck	235
Descrição de viagem por terra de Santa Catarina até a Barra do Rio Grande, em 1775, pelo Marechal Jaques Diogo Funck	239
Brigadeiro João Guilherme Bruce	245
Major Pedro Nicolau Fegerstein	248
Notas ao texto do Capítulo V	249

CAPÍTULO VI

SUIÇOS E DESCENDENTES	250
Brigadeiro Carlos Resin	250
Marechal-de-campo Carlos Resin Filho	253
Notas ao texto do Capítulo VI	258
Anexo A: Austríacos — Missão austríaca (1820-1952).....	258
Anexo B: Um dinamarquês mártir da reconquista de Rio Grande — 1776.....	259

TERCEIRA PARTE

AFRICANOS NEGROS E DESCENDENTES

CAPÍTULO I

DAS BANDEIRAS A INDEPENDÊNCIA	263
Contribuição militar expressiva do Negro no Rio Grande do Sul	263
Notas ao texto do Capítulo I	273

CAPÍTULO II

DA INDEPENDÊNCIA A REVOLUÇÃO FARROUPILHA	175
O Negro na Revolução Farroupilha	277
Corpos de lanceiros negros farroupilhas	278
Comendador José Joaquim de Mendanha	285
Notas ao texto do Capítulo II	290

CAPÍTULO III

O NEGRO E DESCENDENTES DO RIO GRANDE DO SUL NAS GUERRAS CONTRA ORIBE E ROSAS E DO PARAGUAI 291

Nas guerras contra Oribe e Rosas	291
Na guerra contra o Paraguai	292
Notas ao texto do Capítulo III	297
BIBLIOGRAFIA E CONVENÇÕES	299

APRESENTAÇÃO

A contribuição de estrangeiros e descendentes não lusitanos na História Militar do Rio Grande do Sul — entre 1635 e 1870 — foi das mais expressivas. Para melhor entendê-la, é preciso recordar o contexto histórico-militar em que ela se inseriu.

Em 1494, a América do Sul foi dividida entre Espanha e Portugal pelo meridiano de Tordesilhas, linha imaginária comumente aceita como ligando Belém do Pará a Laguna (SC).

Se esta divisão vigorasse até hoje, o território do Brasil estaria bastante reduzido. A ele não pertenceriam o Rio Grande do Sul e outras importantes áreas geográficas que lhe conferem dimensões continentais.

Em 1580, as coroas de Portugal e Espanha uniram-se sobre a cabeça do Rei de Espanha — Felipe II. Tal evento derogou de fato e de direito aquele meridiano.

A partir de então e por 60 anos — até 1640, ano da Independência de Portugal — foi permitido aos portugueses e espanhóis transpor o meridiano de Tordesilhas, na exploração e conquista de novas terras.

A expansão dos espanhóis na América do Sul foi contida pela imensa barreira natural representada pelos Andes.

Somente no sul, nas bacias dos rios Uruguai, Paraguai e Paraná, eles tentaram expandir-se sobre novas terras, apoiados no trabalho dos jesuítas, empenhados na catequese dos índios guaranis, naturais da região.

Os portugueses tomaram agressivamente a iniciativa de ruptura do meridiano de Tordesilhas, em toda a sua extensão; na exploração e conquista de terras situadas a oeste do mesmo, graças às bandeiras paulistas e ao capitão Pedro Teixeira — conquistador da Amazônia brasileira — após partir de Belém e fundar, na foz do rio Aguarico com o Napo, em 16 de agosto de 1639, o povoado português de *Fromciscana*.

No Sul, os luso-brasileiros trataram de opor-se ao expansionismo jesuítico-guarani na direção de São Paulo, a leste do referido meridiano.

Desse modo, em 1635, uma bandeira sob a chefia de Raposo Tavares (a primeira de uma série de cinco), transpôs as Tordesilhas e desceu ao território do Rio Grande do Sul, em missão nitidamente militar: expulsar da área os jesuítas a serviço da Espanha e arrasar as reduções guaranis que constituíam a Província do Tape, a qual, junto com as de Guaíra, no Paraná, e Itatins, em Mato Grosso, estava em franca expansão, ameaçando transpor o meridiano de Tordesilhas para o leste.

Este evento, ocorrido sob a união das coroas ibéricas, foi o marco inicial de 235

anos de constantes choques armados na Bacia do Prata, entre espanhóis e portugueses, e continuados — entre 1822 e 1870 — pelos descendentes de ambos.

Nessa longa e por vezes sangrenta disputa de mais de dois séculos, é que foi definido brasileiro, pela força das armas e apoio diplomático, o atual Estado do Rio Grande do Sul.

Se considerarmos 1635 como o início da história luso-brasileira do Rio Grande do Sul, e 1870 como o fim dos choques armados entre os descendentes de portugueses e espanhóis na Bacia do Prata, chegaremos às seguintes conclusões:

a) dos 345 anos de história luso-brasileira dessa unidade da Federação, em 235 anos, ou seja, 2/3 do total, predominou acentuadamente a História Militar, caracterizada, entre outros, pelos seguintes objetivos políticos, primeiramente luso-brasileiros e, após, brasileiros:

— definição de um Rio Grande do Sul brasileiro;
— preservação da independência, unidade, integridade e soberania do Brasil naquela área;

b) os 150 anos restantes pertencem à História Geral, embora os primeiros 56 anos dessa fase tivessem acentuado toque histórico-militar, em razão das revoluções de 1893, 1923, 1924 e 1930, ocorridas no período.

Do exposto, interpretamos que, por quase três séculos, o rio-grandense foi obrigado antes de tudo a ser guerreiro, e seu Estado uma autêntica caserna, quando não campo de batalha.

Não foi sem razão a afirmativa do ilustre brasileiro Joaquim Nabuco, de que os filhos do Rio Grande do Sul “escreveram mais da metade das legendas militares do Brasil”.

O Governo e Povo do Rio Grande do Sul, ao comemorarem o Biênio da Imigração e Colonização (1874-1875), prestam justa e merecida homenagem aos estrangeiros e descendentes que, atravessando mares, céus e fronteiras, vieram para ficar e ajudar a construir, na paz e na guerra, na alegria e na adversidade, a grandeza espiritual, moral e material desse Estado. Homenagem extensiva aos estrangeiros que exerceram grande influência doutrinária militar no Rio Grande do Sul, sem ali terem estado.

Por essa razão, e mais, por ter sido a História do Rio Grande predominantemente militar, constitui dever cívico, nesta passagem, evocar-se e homenagear-se os estrangeiros e descendentes que contribuíram, pela força das armas, no longo processo histórico do Rio Grande do Sul, para penetrá-lo, reconhecê-lo, explorá-lo, guardá-lo, conquistá-lo, reconquistá-lo e mantê-lo, lado a lado com portugueses e brasileiros. A ambos, juntamente com o índio natural da terra, aquela tarefa cabia por dever de patriotismo, razão por que se encontram excluídos do espírito deste trabalho.

Isto sem esquecer aqueles bravos estrangeiros e descendentes que se irmanaram com as verdades dos farroupilhas e dos imperiais e por elas lutaram, padeceram ou morreram de arma em punho, no campo da honra, na maior epopéia escrita pelo povo rio-grandense — o Decênio Heróico ou a Revolução Farroupilha — onde repousam as mais caras, autênticas e imortais tradições desse bravo, generoso e hospitaleiro povo.

Ao encetarmos pesquisa sobre esse enfoque, confessamo-nos surpresos com a significativa e — por que não dizer? — comovente extensão da contribuição ou influência militar, individual ou coletiva, de estrangeiros e descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul.

Após profunda e demorada pesquisa bibliográfica e iconográfica, conseguimos apresentar dados sobre a contribuição militar destacada, individual ou coletivamente, das seguintes nacionalidades e descendências: africanos negros em geral, alemães, austríacos, franceses, ingleses, norte-americanos, suecos e suíços.

Procuramos, por outro lado, evidenciar a contribuição à colonização do Rio Grande do Sul de duas expressivas imigrações militares, representadas por alemães contratados pelo Brasil e enviados para o Rio Grande do Sul em 1826-28 e 1851-52, os quais, após sua desmobilização, emprestaram um novo sentido à colonização alemã daquele Estado.

Este trabalho, por certo, contribuirá para desfazer o estereótipo criado e difundido por alguns: o de que o estrangeiro que se fixou no Rio Grande do Sul o fez na qualidade de colono, e que somente nessa qualidade é que foi partícipe da construção de sua grandeza econômica e social. Grandeza que ajudou a construir sobre uma base física que já encontrou conquistada e mantida, ao preço de muito sacrifício, sangue derramado e vidas preciosas consumidas, ao longo de dois séculos de luta armada.

Primeira Parte

ALEMÃES E DESCENDENTES

Capítulo I

ALEMÃES E DESCENDENTES NA HISTÓRIA MILITAR DO RIO GRANDE DO SUL: 1774 — 1851

1. CONDE DE LIPPE

Frederico Guilherme Ernesto, Conde Reinante de Schaumbourg Lippe, inglês descendente de alemães, nasceu em Londres, a 9 de janeiro de 1724. Era príncipe do pequeno estado alemão de Schaumbourg Lippe.

Sua influência no Rio Grande do Sul foi indireta mas decisiva, através da ação militar exercida em seu nome por oficiais de alto gabarito, a qual perdurou por mais de um século com seus *Artigos de Guerra*.

Esses oficiais eram o alemão tenente-general Henrique Bohn, o sueco Marechal Diogo Jaques Funck e mais o descendente de italianos napolitanos Francisco João Róscio. Foram todos contratados por Portugal, sob a chefia e orientação de Lippe, para reorganizarem o exército lusitano no Brasil e, com ele, reconquistarem o Rio Grande do Sul, com mais de 2/3 em mãos espanholas desde 1773.

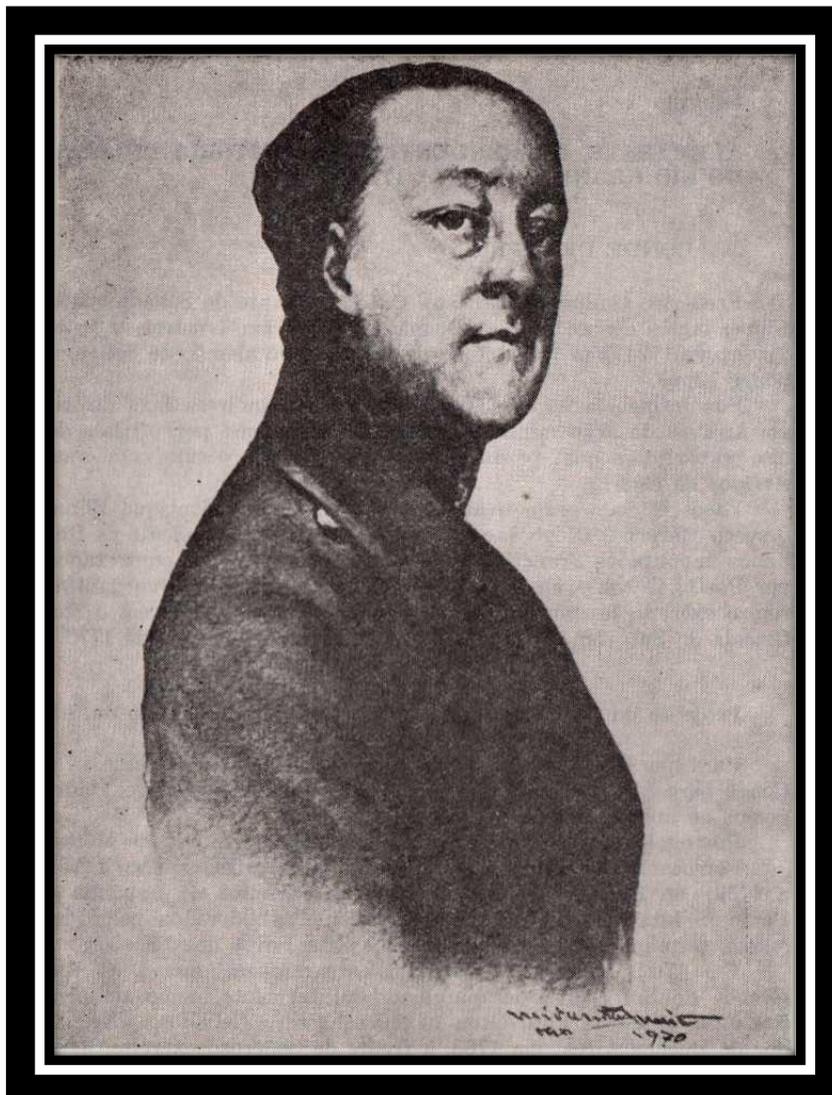
Projeção do Conde de Lippe na História do Rio Grande do Sul

Para que se entenda a importância da influência exercida pelo Conde para a definição de um Rio Grande do Sul brasileiro, retornemos ao ano de 1750.

Portugal havia celebrado com a Espanha o Tratado de Madri.

Por ocasião da demarcação ocorreu a Guerra Guaranítica (1754 a 1759) no Rio Grande do Sul, onde os exércitos de Espanha e Portugal lutaram com os índios missionários liderados pelos jesuítas, terminando por expulsá-los dos Sete Povos das Missões.

Em 1762, Espanha e Portugal entraram em guerra. O Rio Grande do Sul estava desaparelhado militarmente, como também Portugal. Disso se aproveitou o general Pedro Ceballos, governador de Buenos Aires: em 1763, à frente de poderoso exército, após obter a rendição da Colônia do Sacramento e da trincheira de Santa Teresa, fracamente defendida por tropas rio-grandenses, avançou pelo litoral, conquistando a vila de Rio Grande e, logo após, São José do Norte.



1 - Conde de Lippe, reorganizador do Exército de Portugal e autor de célebre e rigoroso Regulamento Disciplinar que influenciou no Brasil até 1875. (Fonte: *História do Exército*, v.I, p. 291, retrato de Miranda Júnior com apoio em quadro de J. Reynaldo Salles).

Em 1774, o Rio Grande do Sul teria invadida a campanha e as Missões pelo governador de Buenos Aires, Vertiz y Salcedo. Este, embora mal sucedido em seus planos de expulsão dos portugueses do território rio-grandense, conseguiu estabelecer o forte de Santa Tecla onde hoje se situa Bagé, e o de São Martinho nas proximidades de Santa Maria.

Para retomar seus territórios e lavar a honra nacional, Portugal contratou o Conde de Lippe, militar experimentado e estrategista de renome, com a missão de reorganizar e preparar seus exércitos, inclusive o do Brasil.

Este último ficava a cargo de seus mais competentes auxiliares, que teriam aqui de implantar suas reformas.

Injustiça histórica contra o Conde de Lippe

Segundo o general Paula Cidade, o Conde de Lippe é um desses vultos que entraram tristemente para a História, fora de seu verdadeiro lugar:

“Seu nome ficou nos anais brasileiros como símbolo de severidade militar. A cada passo, escritores mal informados referem-se ao Regulamento de 1763 e à própria personalidade do autor, apontando-os como paradigmas da violência legal.

Isso constitui injustiça histórica.

Nem o regulamento do Conde de Lippe agravou os castigos da época, nem o seu autor foi um líder militar violento e grosseiro.”

Aptidões culturais do Conde de Lippe

Lippe, como era costume entre a nobreza européia, dedicou-se às artes e ciências militares. Estudou Matemática, Filosofia, História Militar, Ciências Sociais, Desenho, Medicina e Latim, este último um de seus fortes.

Era poliglota. Falava corretamente alemão, inglês, italiano e português. Sua preferência militar — a Artilharia. Esportes prediletos: esgrima e equitação.

Nas artes sua inclinação era para a música, e sabia tocar cravo e violino.

Influência da Doutrina Militar de Lippe no Rio Grande do Sul

Em sua missão de reorganizar os decadentes exércitos de Portugal, o Conde de Lippe elaborou um Corpo de Doutrina Militar para treiná-los rapidamente, traduzido por instruções e regulamentos diversos que por mais de um século foram observados no Rio Grande do Sul, em seus aspectos táticos e disciplinares.

Sob influência expressiva de sua doutrina militar e filosofia disciplinar, o território do Rio Grande do Sul foi reconquistado em grande parte em 1776, expandido em 1801, 1812, 1816 e 1821, e mantido em 1828, 1852 e 1865-70.

Artigos de Guerra do Conde de Lippe

Ele produziu muito, mas ficou triste e injustamente célebre por seus 29 *Artigos de Guerra* que por muitos anos vigoraram no Brasil, com algumas alterações introduzidas em 1816-1820, pelo general inglês Guilherme Beresford, contratado por Portugal para o Brasil.

Para que se tenha uma idéia da filosofia disciplinar do Conde de Lippe, fruto da conjuntura militar da época, transcreveremos alguns de seus Artigos de Guerra:

Artigo 4º — Todo militar que cometer uma fraqueza, escondendo-se ou fugindo quando for preciso combater, *será punido de morte*.

Artigo 5º — Todo militar que em uma batalha, ação ou combate, ou em outra ocasião de guerra, der um grito de espanto como dizendo: — *O inimigo nos tem cercado — Nós somos cortados — Quem puder escapar-se, escape-se — ou qualquer palavra semelhante, que possa intimidar as tropas, no mesmo instante o matará o primeiro oficial mais próximo que o ouvir e, se por acaso isto não lhe suceder, será logo preso e passará pelas armas por sentença do conselho de guerra*.

Artigo 6º — Todos são obrigados a respeitar as sentinelas, ou outras guardas; aquele que não o fizer será castigado rigorosamente; e *aquele que atacar qualquer sentinela será arcabuzado*.

Artigo 11 — Aquele que faltar a entrar em guarda, ou que for à parada tão bêbado que a não possa montar, *será castigado no dia sucessivo com 50 pancadas de espada de prancha*.

Artigo 12 — Se algum soldado se deixar dormir, ou se embebedar estando de sentinela, ou deixar o seu posto antes de ser rendido, sendo em tempo de paz, será castigado com 50 pancadas de espada de prancha e condenado por tempo de seis meses a trabalhar nas fortificações; porém, se for em tempo de guerra, *será arcabuzado*.

Artigo 13 — Nenhuma pessoa de qualquer grau ou condição que seja, entrará em qualquer fortaleza senão pelas portas e lugares ordinários, *sob pena de morte*.

Artigo 14 — Todo aquele que desertar, ou entrar em conspiração de deserção, ou que sendo informado dela a não delatar, se for *em tempo de guerra será enforcado, e aquele que deixar a sua companhia, ou o seu regimento, sem licença, para ir ao lugar de seu nascimento, como se desertasse para fora do reino, e sendo em tempo de paz será condenado por seis anos a trabalhar nas fortificações*.

Artigo 15 — Todo aquele que for cabeça de motim, ou de traição, ou tiver parte, ou concorrer para estes delitos, ou souber que se urdem e não delatar em tempo os agressores, *será infalivelmente enforcado*.

Artigo 16 — Todo aquele que falar mal dos seus superiores nos corpos de guarda, ou nas companhias, será condenado aos trabalhos da fortificação; porém se na indagação que se fizer se conhecer que aquela murmuração não fora precedida somente de uma soltura de língua, mas encaminhada à rebelião, *será punida de morte* como cabeça de motim.

Artigo 18 — Todos os furtos, e assim mesmo todo o gênero de violências para extorquir dinheiro, ou qualquer gênero, serão punidos severamente; porém aquele furto que se fizer em armas, munições ou outras cousas pertencentes a Sua Majestade, ou aquele que roubar seu camarada ou cometer furtos com fracção, ou for ladrão de estrada, perderá a vida conforme as circunstâncias; ou também se qualquer sentinela cometer furto, ou consentir que alguém o cometa, será castigado severamente e conforme as circunstâncias, *incurso em pena capital*.

Artigo 19 — Todo o soldado que não tiver cuidado nas suas armas, no seu uniforme e em tudo que lhe pertence; que lançar fora, que o romper ou arruinar de propósito e sem necessidade, será pela primeira e segunda vez preso; porém *à terceira punido de morte*.

Artigo 23 — Todo soldado que ocultar um criminoso, ou buscar meios para se escapar aquele que estiver preso como tal, ou o deixar fugir, ou sendo encarregado de o guardar não puser todas as precauções para este efeito, *será posto no lugar do criminoso*.

Artigo 24 — *Se qualquer soldado cometer algum crime estando bêbado, de nenhum modo o escusará do castigo a bebedice; antes pelo contrário será punido dobradamente, conforme as circunstâncias do caso.*”

Estes artigos vigoraram até a Guerra do Paraguai. Foram revogados pelo *Regulamento Disciplinar para o Exército Brasileiro em Tempo de Paz*, adotado em 8 de março de 1875.⁴

Aplicação dos Artigos de Guerra do Conde de Lippe na Guerra do Paraguai

O próprio general Dionízio Cerqueira, em suas *Reminiscências da Campanha do Paraguai*, descreve a punição de urna infração ao artigo 18 de Lippe “descaracterizada de pena de morte para 1800 pranchadas a espada”⁵ por ele assistida em Cuencas.

E se refere a duas outras execuções: uma condenação à morte, em São Fernando no Tebicuary, de um soldado de artilharia “que puxou espada para o general Osório, já um ídolo do Exército”; e outra em Caraguatai, nas Cordilheiras, onde o Conde d’Eu aplicou o artigo 18 do Conde de Lippe num soldado brasileiro que “matara um velho paraguaio para apoderar-se de um carneirinho que ele criava”.⁶

Regulamento disciplinar dos «brummer»

Em 1851 o Brasil contratou uma legião alemã para lutar contra Oribe e Rosas, do Uruguai e da Argentina.

Ela foi submetida, por imposição contratual, ao *Regulamento Disciplinar Prussiano*, que se baseava na Disciplina Consciente.⁷

Era mais um *Código de Honra*, que funcionava bem entre os prussianos.

No Brasil, entre os legionários alemães recrutados nos mais diversos níveis sociais, redundou em absoluto fracasso e em fonte de grandes aborrecimentos para as autoridades brasileiras, e em desprestígio para o militar prussiano.

O Exército de Portugal em 1762, visto por Paula Cidade

Para justificar o rigor dos *Artigos de Guerra*, sintetizaremos o pensamento do general Paula Cidade, ao definir o exército português encontrado pelo Conde de Lippe em 1762:⁸

“Exército já sem o pensamento militar da época de Camões, responsável pela expansão portuguesa: *“Julgada a causa justa pedir proteção divina e atuar ofensivamente mesmo em inferioridade de meios.”*”

Os exemplos abaixo são eloqüentes provas da deterioração daquele exército, já que, frente aos franceses e espanhóis:

- cinquenta fortalezas se renderam sem um só tiro;
- destacados oficiais portugueses foram presos por covardia;
- inexistiu qualquer estrutura logística militar;
- houve tropas que fracassaram em suas missões por se terem retardado para ouvir missa;
- verificaram-se deserções alarmantes de companhias inteiras ;
- os chefes “militares portugueses, gozadores e na sua maioria roídos pelo

álcool, serviam apenas para a política interna, não para a guerra”.

O general Paula Cidade conclui dizendo que aquele era um exército esquecido de suas passadas glórias de Aljubarrota e heróicas tradições das índias.

Enfim, um exército constituído de homens corrompidos, “políticos” e “militarmente incapazes”, que mandaram para a forca o soldado heróico da Guerra Guaranítica Tomás Luis Osório, por haver entregado, na mesma ocasião, a Fortaleza de Santa Teresa, “de faxina e terra, ainda inacabada, defendida por um punhado de civis chacareiros e meia dúzia de soldados coloniais”.⁹

Importância do Conde de Lippe para os gaúchos

Tal fato avulta mais a importância da obra do Conde de Lippe em relação ao Rio Grande do Sul.

Não fora seu êxito na recuperação moral e operacional do Exército de Portugal e do Colonial do Brasil, talvez esse Estado fosse hoje espanhol.

Por essa razão ele foi aqui lembrado, com muita justiça, como “persona grata” ao Rio Grande do Sul. Aprendera sua doutrina na Escola Militar por ele mesmo fundada em Eivas, Portugal, o intrépido brigadeiro João Crisóstomo Calado, comandante da 2ª Divisão Brasileira na batalha do Passo do Rosário, em 1827, onde enfrentou as cargas de Cavalaria desferidas por seus cunhados uruguaios Manuel e Inácio Oribe, irmãos de sua falecida esposa uruguaia, Dolores Oribe.¹⁰

O Conde de Lippe é o pioneiro da idéia de um serviço militar obrigatório. Foram alunos de sua escola os mais tarde generais Scharnhorst e Gneisenau, reorganizadores do Exército Prussiano e artífices da derrota decisiva de Napoleão Bonaparte.¹¹

A História do Exército Brasileiro publicou seu retrato e a folha de rosto de dois de seus célebres regulamentos, que tanta influência tiveram na vida militar do Rio Grande do Sul.

2. TENENTE-GENERAL JOÃO HENRIQUE BÖHN (1708-83)

Experiência militar

O tenente-general João Henrique Bohn nasceu em Bremen, em 20 de junho de 1708. Foi um dos mais hábeis discípulos do Conde de Lippe, tendo sob suas ordens lutado na guerra dos Sete Anos.

Em 1762, foi contratado por Portugal para auxiliar o Conde na reorganização do exército daquele país. Seguiu para lá como ajudante-general do Conde e lutou na guerra contra Espanha e França.

Em 1765, Portugal necessitou novamente de seus serviços para expulsar os espanhóis do Rio Grande do Sul, e o contratou.

Capacidade profissional do general Bohn vista por Pombal

Sobre sua capacidade profissional assim se manifestou o Marquês de Pombal: “O tenente-general Henrique Bohn é certamente um guerreiro consumado, por ciência, experiência, valor, probidade, qualidade e cortesia”.

Foi mandado para o Brasil com as funções de Inspetor Geral, Comandante e Administrador de todas as tropas de Infantaria, Cavalaria e Artilharia do Vice-Reino do Brasil. Sua tarefa era a de padronizar e normalizar a instrução militar, que até então obedecia aos caprichos, inclinações e conhecimentos de cada comandante.

Por outro lado, aqui devia introduzir as reformas implantadas no Exército de Portugal pelo célebre Conde de Lippe.

No Brasil, o general Bohn teria como único superior hierárquico o Vice-Rei, no Rio de Janeiro, desde que não contrariasse as instruções que recebera de Portugal.

O general Bohn chega ao Brasil

Em 5 de outubro de 1767, o general Bohn desembarcou no Rio de Janeiro, em companhia de sua esposa Agnes Judith Sibylle von Dinklage, que aqui ainda viveu doze anos.

Trazia como Ajudante General o marechal sueco Jacques Diogo Funck, contratado por Portugal para colocar em ordem suas fortificações e a artilharia que as guarnecia.

Integraram o comboio do general Bohn os regimentos portugueses de Moura, Bragança e Estremoz. O de Bragança era comandado pelo coronel Francisco de Lima e

Silva, avô do futuro Duque de Caxias — o atual Patrono do Exército Brasileiro.

O segundo, ao comando do coronel Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Câmara; foi ele quem primeiro penetrou na vila de Rio Grande, após a queda dessa praça de guerra em mãos de Portugal, a 1º de abril de 1776. Veiga Cabral seria posteriormente governante do Rio Grande do Sul, de 1780 a 1801. Comandou suas tropas, na guerra de 1801, já em seu leito de morte, no Rio Grande. Faleceu quase ao final dessa guerra, quando a vitória já estava assegurada.

O general Bohn, chegando ao Rio de Janeiro, reestruturou as forças sediadas no Brasil, tornando-as mais eficientes e modernas.

Bohn reformula plano de defesa do Rio Grande do Sul

Bohn reformulou o plano militar que visava à manutenção portuguesa do Estado sulino. O antigo objetivava manter o Rio Grande do Sul por invadir o Paraguai.

Em sua reformulação, adotou um plano defensivo que consistia em fortificar o Rio de Janeiro e Santa Catarina, bases militares essenciais para o apoio e manutenção militar do Rio Grande do Sul.

Como parte do plano de reconquista desse Estado, as defesas do Rio de Janeiro foram reestruturadas e planejadas em equipe pelos seguintes oficiais: brigadeiro sueco Funck, coronel Custódio de Farias e capitão Róscio, este último descendente de italianos e, mais tarde, governante rio-grandense (1801-1803).

O general Bohn no Rio Grande do Sul

O general Bohn chegou a esse Estado em 1774, lá permanecendo durante quatro anos. Pouco a pouco foram chegando tropas de todas as capitanias, sendo concentradas em São José do Norte e aboletadas em choças de palha.

Em princípios de 1776, essas tropas totalizavam 6.717 homens que constituíam o Exército do Sul, o maior até então presente no território rio-grandense.¹³ O exército português da Guerra Guaranítica (1754-56) havia atingido somente 1.633 homens.¹⁴

O general Bohn foi o comandante geral desse Exército do Sul, que expulsou os espanhóis do Forte São Martinho (1775), do Forte Santa Tecla e da vila de Rio Grande (1776).

No seu adestramento ele deslocou-se intensamente no eixo São José do Norte, Porto Alegre, Taquari e Rio Pardo, locais onde se articulou seu dispositivo defensivo. Foi seu ajudante de ordens como capitão, o mais tarde Marechal Manoel Marques de Souza.

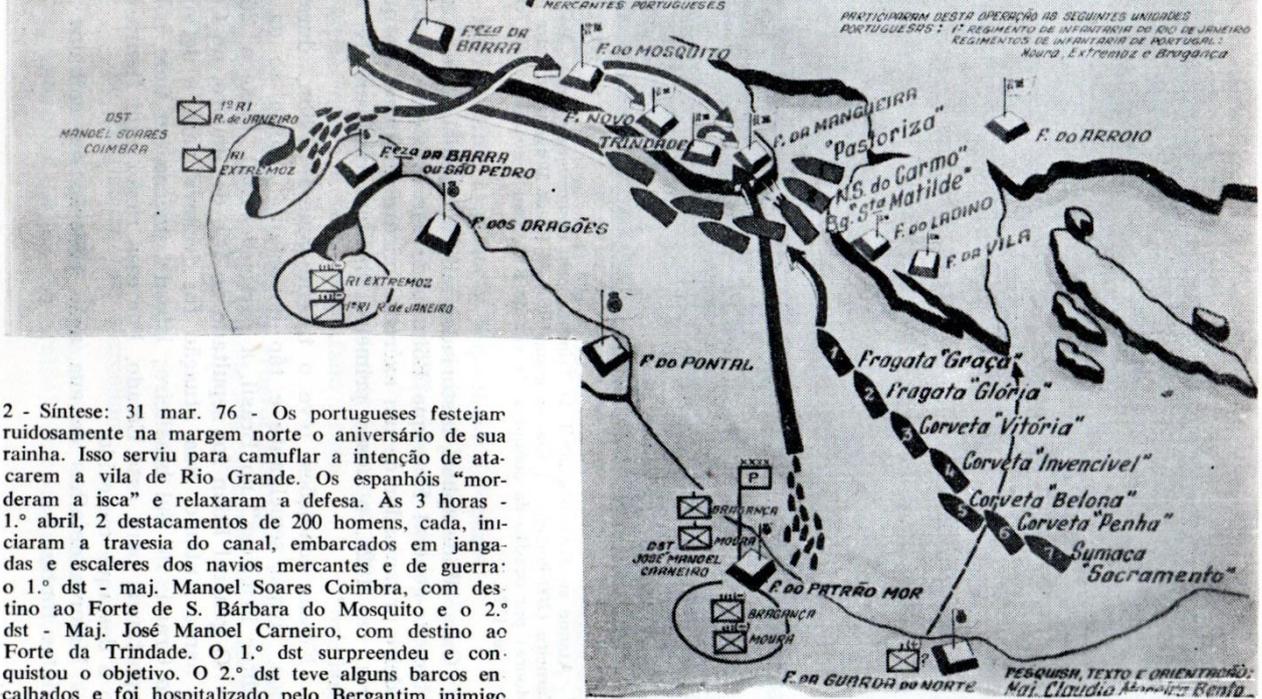
Bohn viveu no Brasil até falecer a 22 de dezembro de 1783, no Rio de Janeiro, após prestar valiosos serviços ao desenvolvimento militar das forças terrestres no Brasil.

Projeção da obra do general Bohn

O general Bohn criou o *Exército Colonial do Brasil*, único e uniforme, subordinado diretamente ao *Comando Geral Supremo*, que passou a ser exercido pelo Vice-Rei.

RECONQUISTA DA VILA DE RIO GRANDE (1ª Fase)

EM 1º DE ABRIL 1776
PELOS PORTUGUESES
(OPERAÇÃO DE ASSALTO DE MADRUGADA)



2 - Síntese: 31 mar. 76 - Os portugueses festejam ruidosamente na margem norte o aniversário de sua rainha. Isso serviu para camuflar a intenção de atacarem a vila de Rio Grande. Os espanhóis "morderam a isca" e relaxaram a defesa. As 3 horas - 1.º abril, 2 destacamentos de 200 homens, cada, iniciaram a travessia do canal, embarcados em jangadas e escaleres dos navios mercantes e de guerra: o 1.º dst - maj. Manoel Soares Coimbra, com destino ao Forte de S. Bárbara do Mosquito e o 2.º dst - Maj. José Manoel Carneiro, com destino ao Forte da Trindade. O 1.º dst surpreendeu e conquistou o objetivo. O 2.º dst teve alguns barcos encalhados e foi hospitalizado pelo Bergantim inimigo - "Santa Matilde" e conquistou o objetivo. O inimigo dos Fortes Santa Bárbara e Trindade espalharam o pânico aos gritos: "Os portugueses levam todos a fio de espada". Os escaleres e jangadas retornaram à margem norte para buscar reforços. O Forte da Trindade foi usado contra o da Mangueira, obrigando-o a capitular. Os Fortes da Trindade, Santa Bárbara e Mangueira, conquistados pelos portugueses, dispararam seus canhões contra a esquadra espanhola. O Forte S. José da Barra caiu pela madrugada. Ainda resistiam ao ataque português os Fortes Novo ou Triunfo; o do Ladino e Seis Navios procuraram melhor posição na direção da Barra. Foram reconquistados os barcos mercantes "Pastoriza" e "N. S. do Carmo".



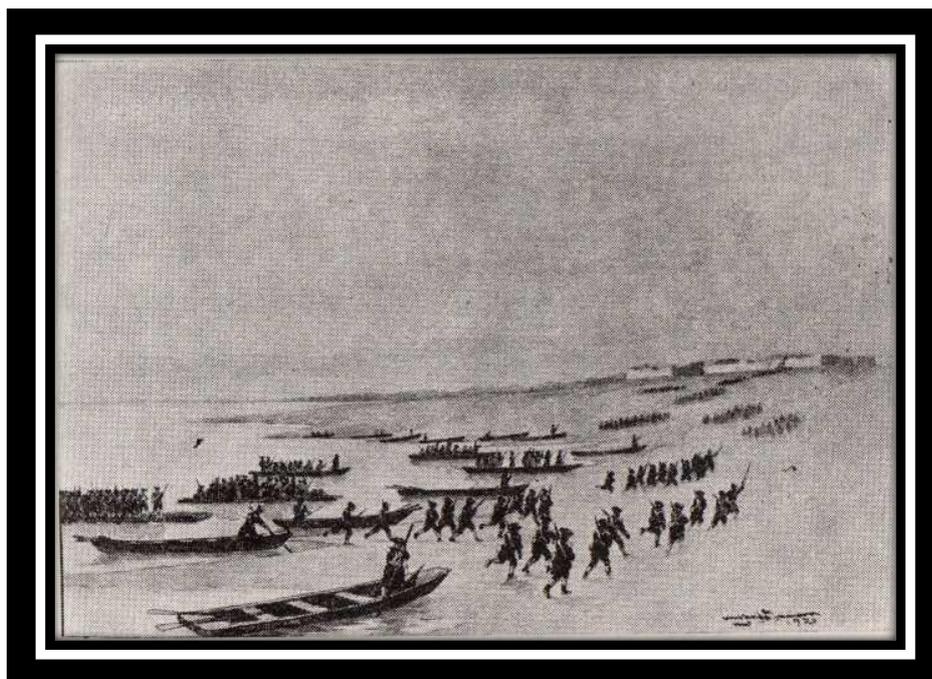
3 - Ataque ao Forte Espanhol da Trindade pelo destacamento major José Manoel Carneiro (200 homens - 1 Cia. de granadeiros do RI de Bragança e outra do RI de Moura) por ocasião da conquista da vila de Rio Grande aos Espanhóis, em 1.º de abril de 1776.

Oscar Widersphan, historiador militar brasileiro, escreveu “que o tenente-general Henrique Böhn pode ser considerado como verdadeiro organizador de um exército único e uniforme, do qual surgiria, em 1824, o nosso primeiro Exército, tipicamente nacional brasileiro”.

Nessas condições, teve o tenente-general Bohn, durante 16 anos, “papel semelhante e tão importante quanto ao da Missão Militar Francesa” no Brasil, a partir de 1920. (vide p. 266)¹⁵

O general Bohn foi sepultado no Rio de Janeiro, no Convento de Santo Antônio. Sua atuação foi decisiva para a definição do Rio Grande do Sul brasileiro; isto diz imenso, ou tudo, sobre sua importância para esse Estado. Por essa razão aqui figura com todo o destaque merecido.

Maiores detalhes de sua ação poderão ser colhidos nas seguintes fontes:



4 - Ataque do Forte espanhol do Mosquito, na madrugada de 1.º de abril 1776, por um destacamento do Exército do Sul ao comando do tenente-general Böhn, integrado pelos regimentos de Estremós e do Rio de Janeiro. (Fonte: CDEx - desenho alegórico de Miranda Júnior)

- MONTEIRO, *Dominação Espanhola*. (3ª parte).
- OBERACKER, Filho, Carlos. João Henrique Bohn o Fundador do Exército Brasileiro. *Revista de História*. São Paulo, 1959. (Separata).
- WIDERSPHAN. Tenente-general Henrique Bohn. Algumas vezes o nome é grafado *Boehn*.

Parte de combate do tenente-general Henrique Bohn sobre a reconquista da vila de Rio Grande aos espanhóis em 1º de abril de 1776

“Porto de João Cunha, 1º de abril de 1776.

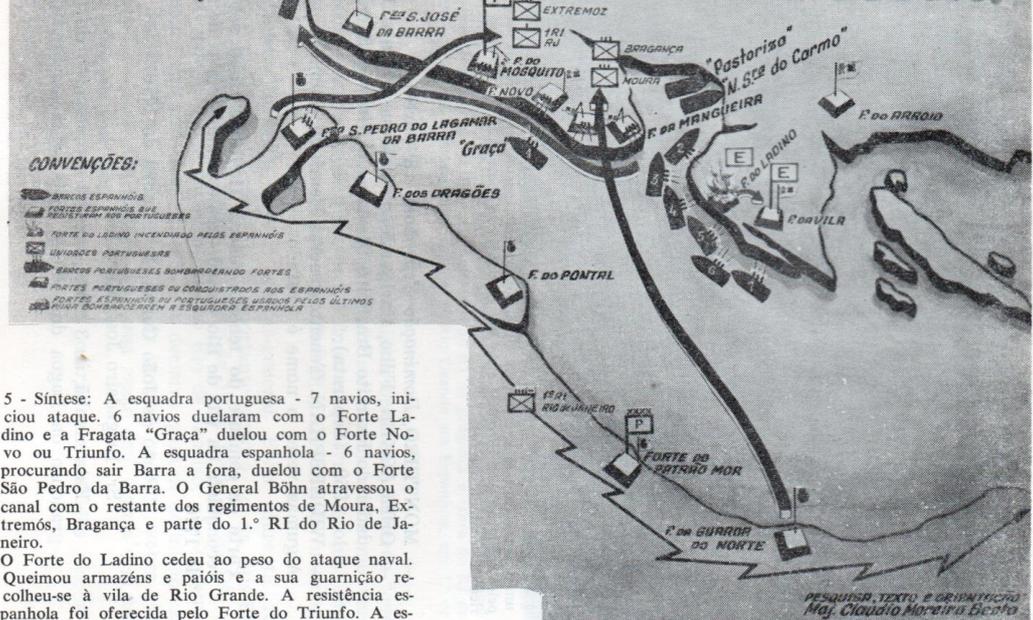
Sr. Brigadeiro José Marcelino

Esta manhã, às 3 horas, mandei atravessar o rio (sangradouro da Lagoa dos Patos) dois destacamentos desta

RECONQUISTA DA VILA DE RIO GRANDE (2ª Fase)

- 1º ABR 1776 -

(ATAQUE NAVAL AOS FORTES DO TRIUNFO E LADINO)



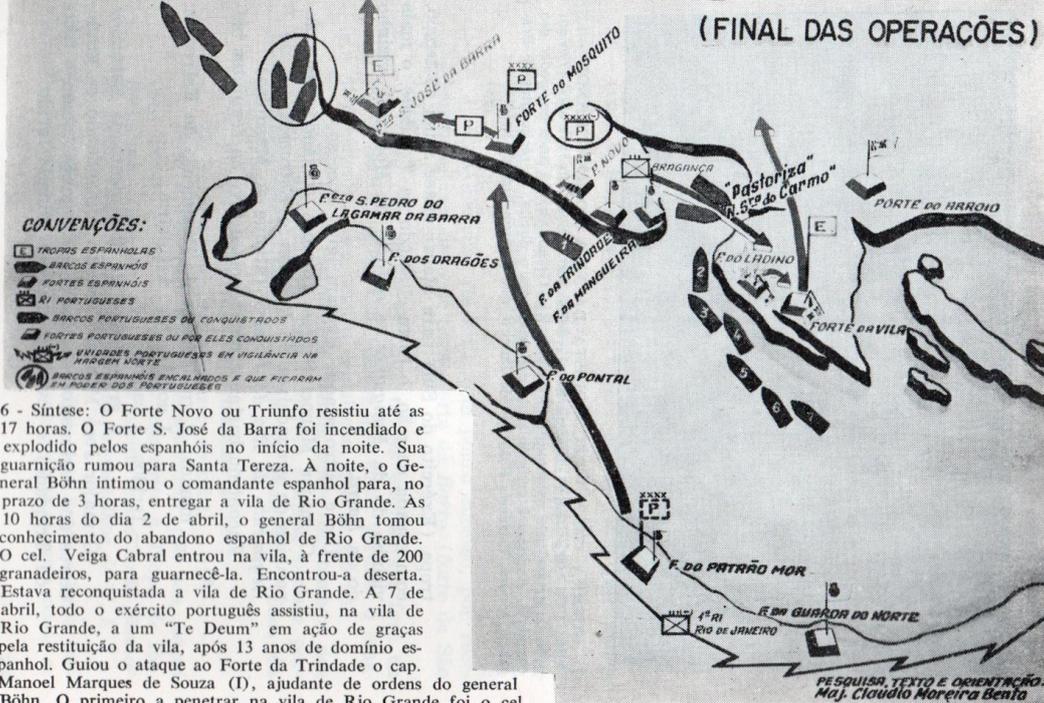
5 - Síntese: A esquadra portuguesa - 7 navios, iniciou ataque. 6 navios duelaram com o Forte Ladino e a Fragata "Graça" duelou com o Forte Novo ou Triunfo. A esquadra espanhola - 6 navios, procurando sair Barra a fora, duelou com o Forte São Pedro da Barra. O General Böhn atravessou o canal com o restante dos regimentos de Moura, Extremós, Bragança e parte do 1.º RI do Rio de Janeiro.

O Forte do Ladino cedeu ao peso do ataque naval. Queimou armazéns e paióis e a sua guarnição recolheu-se à vila de Rio Grande. A resistência espanhola foi oferecida pelo Forte do Triunfo. A esquadra espanhola, ao desviar do Forte São Pedro da Barra, teve encalhados 3 barcos - "Dolores", "São Francisco" e "Santa Mathilde". Após tentar inutilmente salvá-los, seu comandante, D. Francisco Morales, embarcou suas guarnições nos barcos "S. Thiago", "Misericórdia" e "Columba" e rumou para o Rio da Prata.

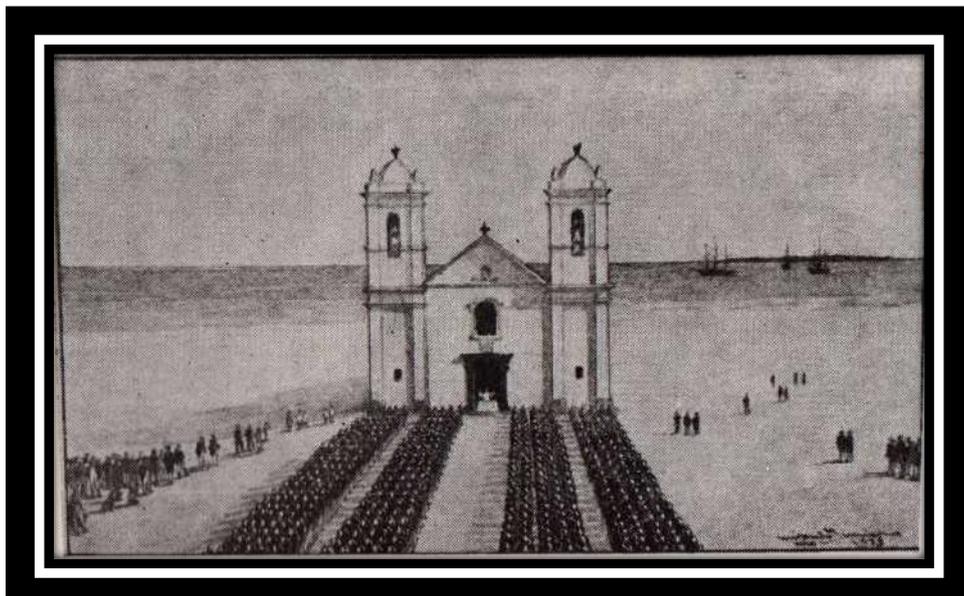
RECONQUISTA DA VILA DE RIO GRANDE (3ª Fase)

- 1º ABR 1776 -

(FINAL DAS OPERAÇÕES)



6 - Síntese: O Forte Novo ou Triunfo resistiu até as 17 horas. O Forte S. José da Barra foi incendiado e explodido pelos espanhóis no início da noite. Sua guarnição rumou para Santa Tereza. À noite, o General Böhn intimou o comandante espanhol para, no prazo de 3 horas, entregar a vila de Rio Grande. As 10 horas do dia 2 de abril, o general Böhn tomou conhecimento do abandono espanhol de Rio Grande. O cel. Veiga Cabral entrou na vila, à frente de 200 granadeiros, para guarnecê-la. Encontrou-a deserta. Estava reconquistada a vila de Rio Grande. A 7 de abril, todo o exército português assistiu, na vila de Rio Grande, a um "Te Deum" em ação de graças pela restituição da vila, após 13 anos de domínio espanhol. Guiou o ataque ao Forte da Trindade o cap. Manoel Marques de Souza (I), ajudante de ordens do general Böhn. O primeiro a penetrar na vila de Rio Grande foi o cel. Veiga Cabral, mais tarde governador do Rio Grande, 1780-1801, e na ocasião Comandante do Rio de Bragança.



7 - GUERRA 1763-76 - RECONQUISTA DA VILA DO RIO GRANDE - I.º ABR. 1776 - "Te Deum" na igreja São Pedro do Rio Grande em 7 de abril 1776 em ação de graças pela reconquista da vila de Rio Grande, há 13 anos em poder dos espanhóis. Assistem à cerimônia, da esquerda para a direita, os regimentos de Bragança, Moura, Estremós e do Rio de Janeiro, que participaram da ação.

tropa (Exército do Sul) para atacar quase a um só tempo, com espada na mão, o forte chamado da *Trindade*, o mais vizinho do da *Mangueira*, e o forte do *Mosquito*, vizinho do da *Barra*.

Um e outro ataque tiveram igual sucesso.

O major Manoel Soares Coimbra comandou as companhias de granadeiros do *Regimento Estremoz* e a do 1.º *Regimento do Rio de Janeiro* (ataque ao *Mosquito*).

Encontrou bastante resistência e teve as seguintes baixas:

- mortos: 2 granadeiros do Regimento de Estremoz;
1 soldado de Artilharia;
- feridos: 1 cadete;
6 granadeiros do Regimento de Estremoz.

O major José Manoel Carneiro comandando os granadeiros dos regimentos de Moura e Bragança tomou o forte (da *Trindade*) e teve somente um soldado ferido.

Os castelhanos tiveram por esta parte (forte da *Trindade*) um capitão gravemente ferido e 11 soldados feridos.

Os demais se aproveitaram da noite e fugiram, deixando nesse forte:

- 2 peças de 24 (polegadas) ;
- 2 peças de 10 (polegadas);
- 2 falconetes.

No forte do *Mosquito* os castelhanos deixaram:

1 capitão, 1 tenente, 2 cadetes e 7 soldados feridos (11 feridos), 3 mortos e 16 prisioneiros;

- 1 peça de 16 (polegadas);
- 2 peças de 18 (polegadas).

Mandei seguir estes dois corpos ainda quase de noite, por quatro companhias de Infantaria, comandadas, parte pelo brigadeiro José Raymundo, que recebeu uma leve contusão numa perna e, a outra, pelo coronel Sebastião Xavier Veiga Cabral da Câmara, para tomar posse do terreno. O forte da *Mangueira* caiu depois (caiu pela manobra) .

As embarcações castelhanas não esperaram o nascer do sol. Levantaram velas e se foram rio abaixo, sem dar tempo ao capitão-de-Mar-e-Guerra Harde-Castle de atacá-las.

Esta manobra foi feita com pouco sucesso, por receberem notável dano de nosso forte da *Barra* (forte de São Pedro).

Suas três melhores embarcações encalharam fora da ponta do Lagamar. Uma delas, que tinha perdido o mastro principal, esta, sem a tripulação, que se salvou.

Quando os castelhanos vieram saber da tomada dos fortes, colocaram fogo numa corveta e numa sumaca portuguesas que estavam na Bota da *Mangueira* (Saco da

Mangueira).

Também queimaram os armazéns lá perto.

Eu verei o que poderei fazer amanhã.

*Deus o Poderoso queira se interessar por nós, daqui para diante, e dar também um feliz êxito à Tropa de Rafael Pinto Bandeira, que já há muito tempo seria Senhor de Santa Tecla se tivesse seguido os conselhos de V. S. **

* Mal sabia o tenente-general Böhn que Rafael Pinto Bandeira havia conquistado a Fortaleza de Santa Tecla, nas proximidades da atual cidade de Bagé, em 25 de março de 1776, ou seja, sete dias antes da retomada de Rio Grande.

O Porto da Cunha ficava onde está hoje São José do Norte e, na época, entre os fortes portugueses do Patrão-Mor e do Pontal, onde ficavam os aquartelamentos das tropas em “barracas de palha”.

Eu agora preciso de Cavalaria e pouco a tenho, os Dragões (do Rio Pardo) principalmente.

Os granadeiros para os quais V. S. escolheu a farinha e molhados, espero já tenham chegado.

Deus guarde V. S. muitos felicíssimos anos e me dê ocasião de poder mostrar a amizade e grandíssima estimação que lhe tenho.

De Vossa Senhoria

Muito venerador e atento servidor,

(a) João Henrique de Bohn”

(Transcrito de MONTEIRO, *Dominação*, p. 330, com adaptações, grifos e complementações para torná-la legível e clara ao leitor comum. As observações entre parênteses são do autor).

3. ALFERES ANTÔNIO ADOLFO CHARÃO

Alferes dos Dragões de Rio Pardo, Antônio Adolfo Charão (Schramm) nasceu no Rio de Janeiro, filho do médico alemão João Adolfo Schramm, natural de Brunswick, e de uma brasileira.¹⁶ O alferes Antônio Charão casou-se com uma filha do capitão de Dragões do Rio Pardo, João Carneiro da Fontoura, mineiro que se transferiu para o Rio Grande do Sul em 1737. Era concunhado do coronel Francisco Barreto Pereira Pinto.

O alferes Antônio Charão serviu na fronteira do Rio Pardo, onde deixou descendência. Os Charões seus descendentes seriam uma constante nas guerras e revoluções no Rio Grande do Sul.

Morou na estância de um Charão, em sua juventude, o mais tarde general Bento Manoel Ribeiro, que, como simples aventureiro, participou da conquista dos Sete Povos das Missões, ao lado de seu irmão por parte de pai, o mameluco Gabriel Ribeiro, furriel dos Dragões do Rio Pardo.

Na Guerra do Paraguai participaram, entre outros, os seguintes membros da família Charão: alferes Cândido Adolfo Charão, do 1º Corpo de Cavalaria; cadete Manoel Adolfo Charão, 2º cadete do 3º Regimento de Cavalaria.¹⁷

Repare-se no nome Adolfo, mantido através de gerações.

4. MARECHAL DE CAMPO GUSTAVO HENRIQUE BRAUN (1775-1861)

Comandou a 3ª RM um ano

Dentre os militares estrangeiros que ocuparam posições de relevo no Exército Brasileiro, sobressai o marechal Braun, cuja atuação no Rio Grande do Sul foi destacada.

Foi ele Chefe do Estado-Maior do *Exército do Sul*, ao comando do Marquês de Barbacena, que lutou na Batalha de Passo do Rosário, a 20 de fevereiro de 1827.

Posteriormente, comandou esse Exército por quatro meses, de 13 de setembro de 1827 a 21 de janeiro de 1828, e por cerca de oito meses, de 29-4-1830 a 11-1-1831, totalizando um ano descontínuo “à frente da 3ª Região Militar”, segundo se conclui de bom estudo do general Riograndino da Costa e Silva.¹⁸

É parente do cientista espacial von Braun

O marechal Braun é um dos antepassados do cientista espacial Wernher von Braun, criador das bombas voadoras V-1 e V-2, do foguete Júpiter C, e subdiretor da NASA até 1972.

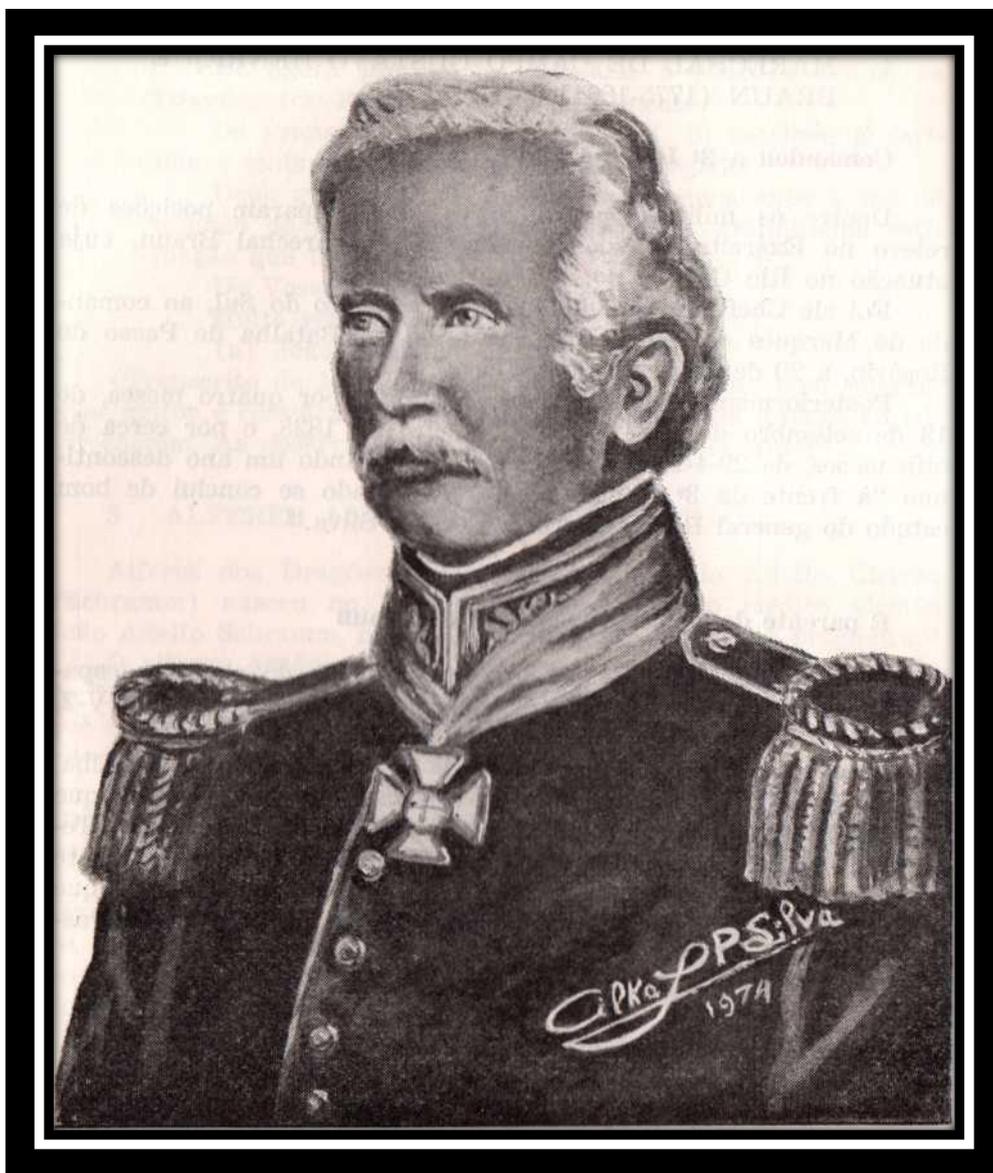
Nasceu na Alemanha, na cidade de Arneburg, sobre o rio Elba, no Natal de 1775, quando aqui o seu patrício general Henrique Bohn preparava-se para expulsar os espanhóis do forte Santa Tecla, onde hoje situa-se Bagé, e da vila do Rio Grande, à frente de um exército luso-brasileiro de 6.717 homens, pouco menor que o Exército do Sul, que ele ajudaria a chefiar na batalha de Passo do Rosário.¹⁹

Experiência militar anterior

Braun foi contratado em Londres, em 12 de maio de 1826, para servir no Exército Imperial do Brasil, no posto de marechal-de-campo.

Lutara na Espanha, a serviço da Inglaterra, e, após, em Portugal, contra Napoleão Bonaparte.

Ao ser contratado para servir no Brasil, possuía 50 anos. Era reformado como coronel pelo exército de Hanôver e como marechal-de-campo pelo de Portugal.



8 - Marechal-de-campo Henrique Braun, Chefe do Estado-Maior do Exército Brasileiro do Sul, na batalha do Passo do Rosário. Comandou a 3.ª RM atual por duas vezes. É parente do cientista espacial von Braun.
(Fonte: retrato *in*: FRAGOSO. *A Batalha...*)

Braun nunca esteve a serviço da Prússia. Toda a sua vida militar resumira-se em

combater na Legião Anglo-Alemã, com vistas a restaurar o reino bragantino de Portugal.

Nessa luta tornara-se um apaixonado pela Infantaria e técnico de renomada competência no emprego dessa arma, como teve oportunidade de provar na batalha de Passo do Rosário ao comandar o ataque principal.

Braun em Pelotas

Em fins de dezembro o general Braun encontrava-se em Pelotas. Viajara no comboio de D. Pedro I ao Rio Grande do Sul, na 1ª quinzena de dezembro de 1826. Por água, até Santa Catarina, e, por terra, até Porto Alegre.

Recebeu pessoalmente do Imperador a seguinte missão: reunir em Pelotas os elementos militares que se achassem disponíveis ali, em Rio Grande, em Porto Alegre e Jaguarão, com os trazidos do Rio de Janeiro e mais os mandados vir de Montevidéu e, com eles, marchar para Santana, para reforçar o grosso do Exército do Sul.

D. Pedro I trouxera consigo as seguintes unidades de alemães: *27º Batalhão de Caçadores e Esquadrão de Lanceiros Alemães*, que estudaremos adiante, tendo em vista a influência que exerceram na imigração alemã no Rio Grande do Sul. Essas unidades reuniram-se a Braun em Pelotas e, somadas a mais um batalhão de Caçadores e três regimentos de Cavalaria, atingiram o efetivo de 1.600 homens de 1ª linha.

Braun no Comando da Divisão da Esquerda

A 17 de janeiro, Braun recebeu ordens de marchar de Pelotas para Santana.

Cumprindo ordens, deslocou-se imediatamente por terra, até o Jaguarão-Chico, à frente das seguintes tropas:

- 18º BC de Pernambuco, do ten-cel. Bento José Lamenha Lins;
- 5º RC (antigos Dragões de Rio Pardo), do ten-cel. Felipe Néri;
- 4º RC de Rio Grande, do cel. Miguel P. Araújo Barreto;
- 6º RG de Montevidéu, do cel. Joaquim Cláudio B. Pita.

O 27º BC de alemães e o Esquadrão de Lanceiros Alemães foram enviados de Pelotas a Jaguarão-Chico por via fluvial.

No Jaguarão-Chico, após operarem junção os brasileiros e alemães de sua Divisão, Braun marchou em direção às nascentes do arroio Lexiguana, onde se reuniu ao grosso do exército e assumiu suas funções de Chefe do Estado-Maior do Exército do Sul, a 5 de fevereiro de 1827.²⁰

Braun Chefe do Estado-Maior do Exército do Sul

Braun e Barbacena, a 13 de janeiro de 1827, estavam distanciados um do outro cerca de 300 km. O primeiro em Pelotas, e o segundo em Santana.

Em 23 dias, marcharam para um ponto de encontro, num hábil movimento estratégico, para evitar que o Exército do Sul fosse batido, por partes, pelo Exército Republicano da Argentina.

Braun assumiu suas indefinidas funções de Chefe do Estado-Maior ou substituto eventual do General-em-Chefe Marquês de Barbacena. Hierarquicamente era o segundo homem. Os demais generais eram brigadeiros. “Barbacena recebera instruções para deixar o recém-nomeado chefe de Estado-Maior, marechal Braun, tomar as disposições relativas ao emprego do Exército.”²¹

Ele sofreu a reação natural, conforme se conclui do testemunho do capitão Luiz Manoel Lima e Silva, ao organizar e adestrar o Exército do Sul, próximo ao arroio das Palmas, junto às nascentes do Lexiguana, nos dias 6, 7, 8 e 9 de fevereiro:

“Conservou-se o Exército no arroio das Palmas em organização e instrução.

Foi aí então que conhecemos o general estrangeiro que vinha dar-nos lições e que, segundo se dizia, trazia ordens para em ocasião de combate dispor o Exército do Sul à sua vontade.

Todos os dias pela manhã e à tarde tínhamos exercícios, tanto a Infantaria como a Cavalaria, e começou o chefe do Estado-Maior a tornar-se impopular pelas suas maneiras ásperas”.²²

Paula Cidade condenou, como capaz de estabelecer confusão em nossa História Militar, a obra em cujo contexto se inseriu essa observação.²³

Outro testemunho a justificar as apreensões e maneiras ásperas do general alemão: para a tarde e 6 de fevereiro Braun planejou uma manobra de todas as forças, “porém ela fracassou totalmente e isso me suscitou receosas apreensões para o dia da batalha”.²⁴

O general Paula Cidade, em bom estudo sociológico militar sobre o soldado brasileiro dessa campanha, assim justificou a reação normal da tropa:

“Os exercícios militares eram de tal modo abominados, que algumas unidades se amotinavam alegando excesso de trabalho.

Para acalmá-las bastava deixá-las em paz.

Os melhores comandantes formavam os seus batalhões uma ou outra vez.

Nesse dia era um Deus nos acuda.

O soldado nada sabia do complicado sistema de evoluções da época.

Os oficiais, aos gritos, lançavam-se para a frente e arrastavam as praças pelo exemplo, para passar duma formação a outra.”²⁵

Era natural que as tropas brasileiras tivessem um choque com os exercícios tentados por Braun.

Mas, assim mesmo, foi melhor fazê-los, faltando apenas 11 dias para a batalha decisiva.

Braun assiste a um acidente fatal com foguetes que seu parente dominaria mais de um século depois

A 7 de fevereiro, ao anoitecer, em presença de todo o exército, houve um acidente mortal com um tenente de engenheiros de sobrenome Siegenger, alemão a serviço do Brasil.

Ao tentar fazer uma demonstração com três foguetes à Con- greve, estes falharam. Dois explodiram nas proximidades, e o terceiro a seus pés, ferindo-o gravemente em seis pontos do corpo.²⁶

Esse tenente viera com Braun, como engenheiro. Veio a falecer dois dias após o acidente, a caminho de Caçapava, sendo sepultado nessa localidade. Seveloh, testemunha ocular, descreveu com riqueza de detalhes o trágico acidente.²⁷

Com essa tentativa frustrada, o Exército se viu privado de excelente arma para enfrentar as cargas de Cavalaria, por ocasião da batalha do Passo do Rosário. Arma cujo efeito maior era o de espantar a Cavalaria inimiga, quando em carga.

Ação de Braun na batalha do Passo do Rosário

Coube a Braun comandar pessoalmente o Ataque Principal sobre o inimigo, à frente da 1ª Divisão, com o seguinte dispositivo: *Ala Direita*

— 1ª Brigada de Cavalaria, do coronel Calmon;

— 1ª Regimento de Cavalaria de Linha (o atual Regimento dos Dragões da Independência, de Brasília) ;²⁸

— 24º Regimento de Cavalaria da 2ª Linha (formado por índios guaranis) ;

Ala Esquerda

— 4º Regimento de Cavalaria da 1ª Linha (Rio Grande) ;

— 40º Regimento de 2ª Linha (Lunarejos) ;

— *Esquadrão de Lanceiros Alemães*

Centro

— 27º Batalhão de Caçadores Alemães;

— 3º Batalhão de Caçadores;

— 4º Batalhão de Caçadores;

Artilharia

Duas peças, ao comando do tenente Mallet.

Sobre esta divisão recaiu o peso da batalha. Os alemães do 27º BC tiveram um comportamento muito bom. O general Braun ao comandar o ataque principal se comportou com imensa bravura. Seu cavalo foi morto por um tiro de fuzil, e ele próprio foi ferido na perda por um tiro dessa arma.²⁹ Durante toda a ação ele comportou-se à altura de suas funções. Seu último serviço ao Brasil foi o de comandante da hoje 3ª RM durante

oito meses, conforme mencionamos no início deste trabalho.

Com a abdicação de D. Pedro I, seus serviços militares foram dispensados. Retomou então à Alemanha, onde faleceu na cidade de Dresden, na Saxônia, a 28 de maio de 1861, com a idade de 86 anos.

Ele foi o primeiro a desempenhar as funções de chefe de Estado-Maior no âmbito do Exército Brasileiro, e não as de Chefe do Estado-Maior do Exército, como acreditam alguns. Maiores detalhes sobre sua vida e obra constam das obras indicadas na bibliografia, de números 32, 33, 49, 50, 55, 57, 66, 67, 81, 84, 87, 91, 109, 112, 113, 115, 116, 119, 125, 134, 135 e 136.

Parte de Combate da Batalha do Passo do Rosário

20 de fevereiro de 1827

Do Marechal Braun

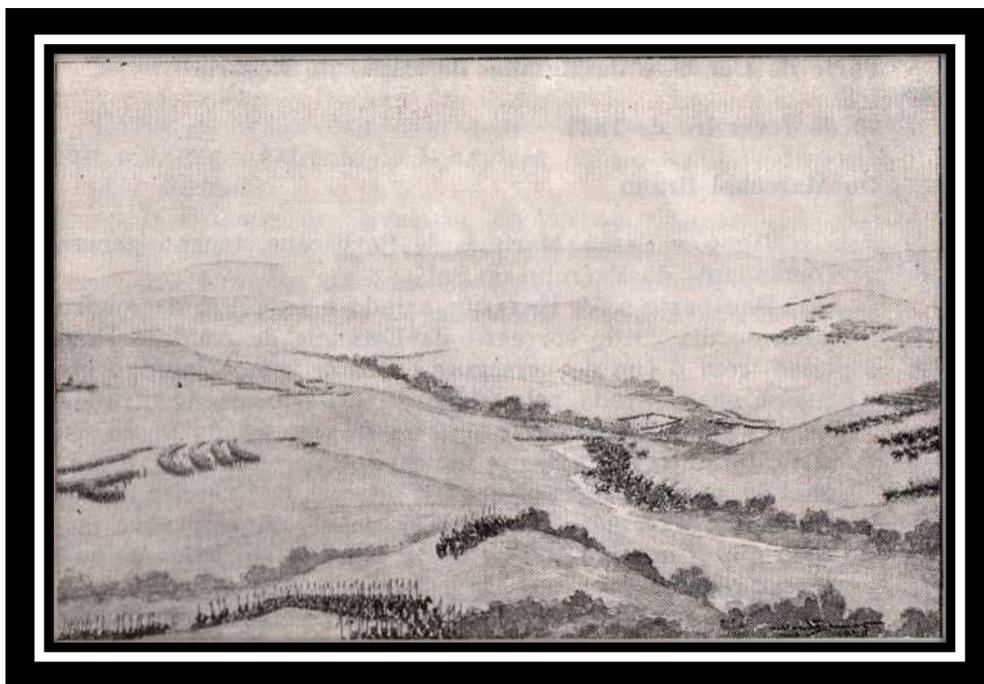
“Ilmo, e Exmo. Marquês de Barbacena, tenente-general comandante do Exército do Sul.

Dou parte a V. Exa. que saindo o exército, na madrugada do dia 20 do corrente, da Estância de Antônio Francisco, com o fim de perseguir e obstar que o inimigo efetuasse sua retirada pelo passo do Rosário, o encontramos, às seis horas da manhã, uma légua para cá do passo, em posição muito vantajosa, e indicando querer impedir a marcha do nosso Exército, apesar de que o Exército estava em parte prevenido para este encontro, não esperava contudo que o inimigo tivesse deste lado do rio todas as suas forças reunidas.

Enquanto a cavalaria mudava de cavalos para os que trazia à destra, o inimigo teve tempo de destacar colunas fortes para os nossos flancos, motivo por que nos vimos obrigados a tomar uma posição quase paralela à do inimigo, em uma coxilha perto da estrada, com o flanco esquerdo quase apoiado na mesma, e o mais do exército seguindo a configuração para cima desta coxilha.

Pela proximidade em que se achava o exército do inimigo, e em consequência de não ter sido avisado pela guarda avançada, quando esta o encontrou, e estando em distância de tiro de bala, não houve tempo para fazer outras disposições, que não fosse atacá-lo no caso que desse lugar para isso, ou de nos defendermos contra os seus ataques, até conhecer o estado e número de suas forças.

A posição do nosso exército estava separada da do inimigo por um profundo valo, e cortada por uma sanga, ou fosso enxuto, que admitia passagem para a cavalaria somente em poucos lugares, e com grandes dificuldades; ficando assim a nossa frente segura contra qualquer ataque de forças de cavalaria, o mesmo não sucedendo com os nossos flancos, ambos acessíveis a ataques de quaisquer forças; e somente porque a coxilha tinha uma elevação considerável no seu meio, impedia que o inimigo pudesse fazer séria impressão sobre eles.



9 - Batalha do Passo do Rosário, cujo sesquicentenário transcorreu em 1976, visão panorâmica.
(Fonte: CDEx, com apoio na *História do Exército*, v.2, p.538.)

Na suposição que o inimigo não tinha toda sua força deste lado do passo, se fez a disposição de o atacar logo, e para isso o exército foi dividido em duas linhas, das quais a 1ª Divisão, comandada pelo brigadeiro Barreto, formou a primeira; e a 2ª, pelo brigadeiro Calado, formou a segunda; a 2ª Divisão foi posta em marcha, e quase tinha atravessado o banhado à esquerda, e perto da estrada, tinha uma distância maior a vencer que a 1ª Divisão, a qual se achou defronte de uma das passagens para atravessar o valo, e perpendicular ao centro da posição do inimigo, quando este se mostrou com forças tão superior em número, que se julgou mais prudente limitar o exército os esforços a repelir os ataques, que ele pudesse tentar; e por isso a 2ª Divisão teve ordem para regressar sobre a coxilha, e tomar posição.

Percebendo-se que o inimigo fazia disposições de envolver o flanco direito, o que deixava a recear que ele assim chegasse a apoderar-se das alturas na retaguarda do exército, foi resolvido atacar aquela força que ele já tinha feito passar a sanga do valo, e para isso o brigadeiro Barreto teve ordem para dividir a Cavalaria da 1ª Divisão em duas linhas, *compostas a primeira do Regimento quarto e Esquadrão de Lanceiros Alemães, comandada pelo coronel Miguel Pereira, e do Regimento de Lunarejo, comandado pelo coronel José Rodrigues.*

A segunda linha composta do Regimento primeiro, comandado pelo major Calmon, e o vinte e quatro comandado pelo major João Severino, a fim de rechaçar o inimigo.

Tendo-se observado, porém, que durante este preparativo o inimigo continuava a destacar forças para sua esquerda, no que não podia ter outro fim que o de tomar o flanco direito de nosso exército, e supondo-se, como era natural, ter por isso muito enfraquecido o seu centro, fiando-se na sua artilharia, mandou-se ordem ao coronel Pita, comandante da 3ª Brigada de Cavalaria, composta do 6º Regimento, esquadrões da Bahia e Regimento 20, para se postar na retaguarda do flanco direito para observar o inimigo, e atacá-lo, logo que aparecesse, deixando esta disposição pouca probabilidade de que ele chegasse a realizar seu projeto.

Para suportar os ataques de Cavalaria, se pôs em marcha a E Brigada de Infantaria, composta dos batalhões 3, 4 e 27, comandados pelo coronel Leitão; esta pequena força venceu todos os obstáculos, avançando na melhor ordem, sendo repetidas vezes ameaçada com cargas de Cavalaria e sofrendo um vivíssimo fogo de Artilharia e Infantaria, causando grande perda ao inimigo por suas bem dirigidas descargas de fuzilaria com que recebeu as cargas do inimigo, matando-lhe muitos de seus melhores oficiais.

A nossa Cavalaria, chegando ao outro lado do valo, carregou a Cavalaria inimiga, fazendo-lhe muito estrago, alguns prisioneiros, e obrigando a refugiar-se debaixo do fogo de sua Artilharia. Esta pequena força teria continuado a avançar, se o Exército Imperial tivesse forças para reforçar. Em tal caso não ficaria duvidosa por um momento a vitória do exército de S.M.I. e a derrota completa do inimigo.

O mau estado das bestas de nossa Artilharia não permitia fazer maior uso dessa arma. Mas deve-se notar que o tenente Mallet, comandante de duas peças de Artilharia que protegiam o ataque da 1ª Divisão, desempenhou com decidida atividade, e boa eficácia de tiro, o seu dever.

Tendo-me achado quase sempre com a 1ª Divisão, não posso informar, com exatidão, relativamente às mais tropas de que se compunha o exército, não deixando por isso de acreditar que todos fizeram igualmente seu dever, conforme consta das partes de seus comandantes.

A 1ª Divisão, tendo voltado a ocupar sua primeira posição, sem a menor dificuldade, e achando-se inútil continuar um combate, que nenhuma probabilidade oferecia de bom resultado, sendo o lugar falto de água, e estando os pastos ardendo em chamas, o exército fez sua retirada na direção que prometia maiores vantagens para ulteriores movimentos.

Será dificultoso de distinguir e particularizar a conduta individual de cada um dos oficiais melhor do que consta das partes dos Srs. Comandantes de Divisão e Brigada, pois todos participaram do ataque sobre a frente e direita, fazendo cada qual o seu dever.

A perda do nosso exército foi pouco considerável; contudo tem crescido a maior número pelas fadigas da marcha, o que somente se pode atribuir ao calor da estação.

Pela falta total de carretas capazes de transportar feridos, foram deixados alguns

sobre o campo em poder do inimigo. Uma peça de Artilharia, que ficou em poder do inimigo, teve, segundo consta, uma roda quebrada, sem meios de ser consertada, e o mau estado das bestas, que puxavam a Artilharia, fez que alguns carros e forjas fossem igualmente abandonados.

A desordem, a perda de bagagens e cavahada foi ocasionada, segundo consta, logo ao princípio do ataque, por alguns fugitivos, pelos peões e guardas, a quem foram entregues.

Acampamento em S. Sepé, 29 de fevereiro de 1827.

Gustavo Henrique Brown — Marechal-de-Campo, Chefe do Estado-Maior do Exército do Sul.

(Transcrito de FRAGOSO, *A Batalha...*, p. 410-412).

5. MAJOR JORGE ANTÔNIO ALUIZIO SCHAEFFER (1779-1836)

Este personagem, como o Conde de Lippe, nunca esteve no Rio Grande do Sul, mas exerceu importante influência indireta na imigração alemã ali iniciada em 1824.

Ele foi o agenciador, entre outras, das seguintes imigrações alemãs que se fixaram naquele estado e contribuíram para sua grandeza:

— dos 43 primeiros imigrantes alemães, que chegaram a bordo do “Protector” e deram início à colonização alemã no Rio Grande do Sul, bem como dos 124 que vieram a seguir;

— do 27º Batalhão de Caçadores e do Esquadrão de Lanceiros Alemães, os quais, após, participaram da Guerra Cisplatina de 1827-28, foram desmobilizados e, em alguns casos, radicaram-se no Rio Grande do Sul.

«O mercador de almas»

Sua vida e obra têm sido objeto de muitas críticas. Historiadores o qualificam de “tristemente célebre”, “famigerado”, “mercador de almas” etc., lembrando o não cumprimento das promessas feitas aos imigrantes, ou a má qualidade de grande parcela de imigrantes militares, para servirem nas unidades alemãs contratadas por D. Pedro I.

E aqui perguntamos: qual a imigração para o Brasil ou para qualquer outro país que resistiu a uma crítica quanto a detalhes de execução?

Decorridos 150 anos de sua atuação como agenciador e contratador de imigrantes alemães para o Brasil, sua obra, projetada no tempo, tornou-se admirada e respeitada. Impõe-se que o vejamos com olhos de hoje e não com os de 150 anos atrás.

Ele serviu, na época, de bode expiatório para as decepções brasileiras e dos imigrantes.

Projeção da obra de Schaeffer para o Brasil

Hoje, ninguém é capaz de negar a excelência e o acerto da imigração alemã para o Brasil. Não fora ele, a imigração talvez nem se tivesse verificado, ou pelo menos com tamanha intensidade.

Schaeffer vislumbrou o que na época afirmava: “A salvação do Brasil depende de ele saber bem aproveitar determinados momentos e circunstâncias”. E a imigração como ele a agenciou foi um momento bem aproveitado, ou seja, o fato de o Imperador D. Pedro I ser casado com uma princesa germânica, Dona Leopoldina, em cuja homenagem foi fundada a colônia de São Leopoldo.

Schaeffer nasceu em Muennersstadt, na Francônia bávara.

Em 1818 ele esteve pela segunda vez no Brasil. Estabeleceu contacto com a Corte. Foi admitido no serviço particular da princesa austríaca D. Leopoldina.

Representante do Brasil na Alemanha

Em 1822 foi enviado à Alemanha em missão política do Império. Lá deu início à propaganda com vistas à imigração para o Brasil, exagerando um pouco.

Conseguiu agenciar, como mercenários, 1838 soldados alemães e mais colonos.

Destes, os 43 primeiros, e os 142 seguintes, deram início à colonização do Rio Grande do Sul, em São Leopoldo. A eles somaram-se mais alguns legionários alemães desmobilizados no Rio Grande do Sul, e que, após defenderem o Brasil em Passo do Rosário, integraram a corrente imigratória.

Ao longo deste trabalho, abordaremos os papéis que iriam desempenhar diversos desses legionários, capazes de apagar as falhas dos demais e as faltas de Schaeffer, para que este ocupe, quem sabe, um dia, destacado lugar na história da imigração alemã no Brasil.

Como reconhecimento do governo do Brasil da época, ele ocupou o alto e prestigiado cargo de Major da Guarda de Honra Imperial de D. Pedro I.

Desejo de bem servir o Brasil

Segundo o historiador Oscar Wiedersphan, os documentos deixados por este injustiçado personagem *“revelam um constante desejo de bem servir a causa brasileira”*,³⁰

Ele voltou para o Brasil em 1828 e pleiteou o título de Visconde de Frankental Jacarandá, o que lhe foi negado. Morreu na miséria, em 1836, em lugar não sabido, consumido pela bebida, uma de suas fraquezas. Para uns, em sua malograda colônia de Frankental, na Bahia. Já para Taunay, ele terminou seus dias como empregado subalterno de uma missão de índios botocudos no rio Doce, sob a direção do francês Marlière.

O general Klinger o estuda³¹ bem como o general Paula Cidade.³² Sua vida romanesca, aventureira e de final triste pode servir como tema para um filme. Sua obra precisa ser reestudada, e sua memória reabilitada.

6. TEN-CEL. GEN. ANTON ADOLF FRIEDRICH VON SEVELOH (1800-76)

Origem e experiência militar anterior

“Ao chegar ao Brasil vinha cheio de esperanças e, ao morrer, desiludido e misantropo, havia de ficar esquecido, como uma legião inteira de beneméritos de quem nem sequer se sabe o nome.

E que os povos não têm um dia de todos os santos para homenagear seus heróis desconhecidos.”³³

Seveloh nasceu no Hanôver, por volta de 1800. Era alemão, filho do comandante do Real Corpo de Engenheiros de S. M. Britânica naquele local.

Em 1814, como cadete, ao comando de seu pai, assistiu à célebre batalha de Waterloo. Em 11 de abril de 1817, foi promovido a 2º tenente. Em 28 de janeiro de 1822, encontrava-se em Stade, como 1º tenente. Comandou tropa de sapadores mineiros e pontoneiros na Europa.

Capitão do Imperial Corpo de Engenheiros do Brasil

Em 15 de setembro de 1824, entrou ao serviço do Brasil, com ótima experiência militar.

Chegou ao Rio de Janeiro em 4 de abril de 1824. Em 17 de setembro foi admitido ao serviço do Brasil, no posto de capitão do Imperial Corpo de Engenheiros. De 7 de janeiro a 17 de março de 1826, trabalhou na direção das fortificações da ilha Martin Garcia, em Montevidéu.

Posteriormente foi mandado para Rio Grande, onde permaneceu por mais de sete meses, como fortificador daquele importante porto gaúcho.

Membro do Estado-Maior do Exército do Sul

Em Rio Grande, em novembro de 1826, foi convidado para integrar o Estado-Maior do Exército do Sul, por seu novo comandante, o Marquês de Barbacena.

Seveloh “era valente, audacioso, bom cavaleiro, não podia deixar de se sentir bem entre as populações do extremo-sul, para as quais os homens se aferiam pelo destemor na guerra e pelas habilidades eqüestres”.³⁴

Ele ligou-se eternamente à História do Rio Grande do Sul, onde viveu por mais de

um ano, de abril de 1826 a 30 de junho de 1827, principalmente por ter escrito seu célebre caderno de notas, intitulado em português *Reminiscências da Campanha de 1827*. Esse trabalho foi traduzido para o português pelo tenente-coronel Paula Cidade.

A estes dois destacados historiadores de nosso Exército se deve também a difusão, no Brasil, de importantes fontes primárias de nossa História Militar e Geral, escritas por legionários alemães que serviram no Brasil por ocasião da Guerra Cisplatina (1825-28) e da Guerra contra Oribe e Rosas (1851-52).

Reminiscências da Campanha de 1827 constitui muito importante fonte primária da História do Rio Grande do Sul, antes e após a batalha de Passo do Rosário, e a mais importante sobre ela. A obra abrange tudo o que o Exército do Sul realizou, de 13 de fevereiro de 1827, data da partida de Santana em busca da junção com o general Braun, até 4 de março do mesmo ano, quando Seveloh foi mandado reconhecer os passos do rio Jacuí, doze dias após a batalha.

Transcrevemos ao acaso uma observação valiosa, não só militar, como tantas outras contidas em suas *Reminiscências*, para que o leitor avalie a sua importância como fonte primária da História do Rio Grande do Sul.

Um comboio militar de carretas em 1827

“Os passos são profundamente escavados pela passagem dos veículos. As margens são desbarrancadas e o leito cortado por grandes blocos de pedra.

Essas colossais carretas carregam 80 arrobas (1.200 kg) e são puxadas por doze e mais bois, apenas presos pela cabeça e de nenhum outro modo, por meio de uma espécie de jugo, não menos irracional, de maneira que o boi muitas vezes o sacode fora e estabelece desordem entre os demais.

A carreta é posta em movimento com furor para aproveitar o impulso.

Com facilidade os bois se misturam ou um cai e outros param, ou a carreta vira, o que com raras exceções não aconteceu em todos os passos e causava perda de tempo precioso.

Os peões vão a cavalo, dois por carreta, ou a pé ao lado, o que é muito raro.

Ativam com constante berreiro as boiadas e levam compridas varas com pontas de ferro (guiadas) para secundar suas gargantas.

Dez dessas carretas são chefiadas por um capataz, e todo o comboio é comandado por um oficial subalterno.

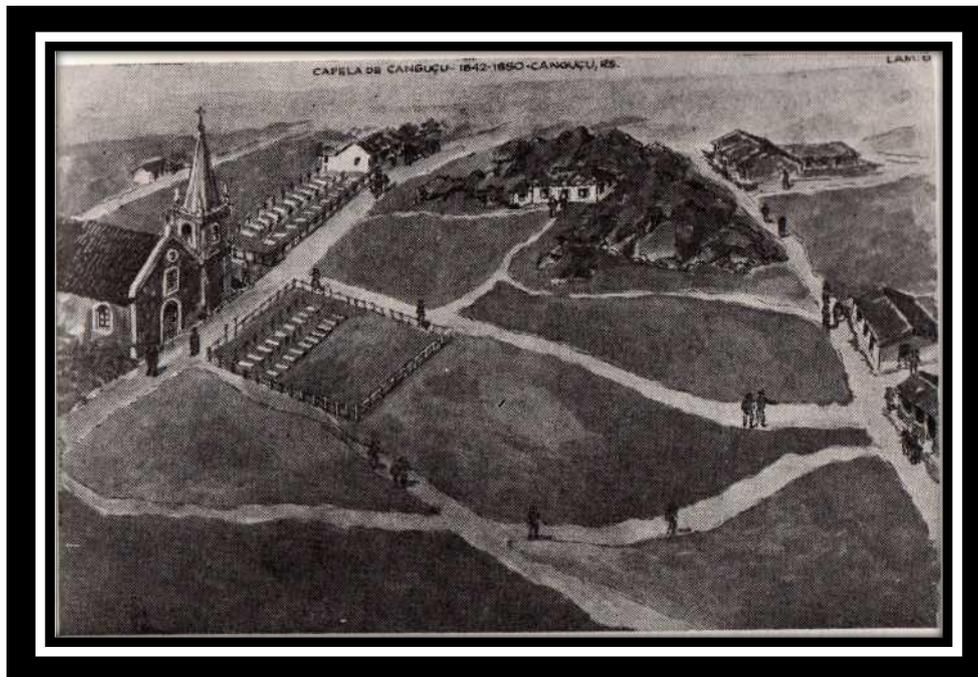
O todo de um comboio constitui uma cena desordenada, misturada, sem método, favorecendo toda a sorte de desonestidade. *O eixo das carretas é todo de madeira, como toda a carreta.*

Nem suas rodas são chapeadas de ferro. As mangas do eixo não possuem revestimento, com quase 1/4 de diâmetro de folga no cubo da roda, madeira sobre madeira. *Isso produzindo um chiado infernal de arrebear o coração.*

E essas mangas não são proporcionais ao enorme tamanho da carreta.

E visto não terem nenhum revestimento de ferro, constantemente quebram-se os eixos naquele ponto fraco, e diariamente tínhamos que mudá-los.”³⁵

Observações interessantes como estas podem ser encontradas nas 58 páginas de suas preciosas *Reminiscências*, que devem ser lidas por todos quantos estudam a História do Rio Grande do Sul, principalmente a militar.



10 - Capela Curada de Canguçu. Reconstituição aproximada sob orientação do autor. Neste local, o major Resin esteve acampado no comando da Companhia alemã das tropas do ten.-cel. Francisco Pedro de Abreu (Chico Pedro ou Moringue). O prédio entre as pedras foi mandado erguer por Chico Pedro, para servir de prisão aos farroupilhas. Foi demolido em 1939. De 1845-49, serviu de posto de comando de uma companhia de Infantaria do então capitão Antônio de Sampaio, atual Patrono da Arma de Infantaria do Exército. No cemitério, ao lado da capela, foram sepultados, em 1851, cinco desertores alemães da Artilharia prussiana, estacionada em Pelotas. Foram mortos ao oferecerem combate, junto com mais doze desertores, ao Esquadrão da Guarda Nacional de Pelotas, incubido de prendê-los. (Desenho de Lauro Vilares sob orientação do autor.)

Valor militar de Seveloh

Seveloh comportou-se com grande valor e bravura no exercício de suas funções, conforme se vê nestas declarações do Marquês de Barbacena, comandante do Exército do Sul:

*“Mostrou-se sempre ser um oficial bravo, inteligente
tanto em alguns reconhecimentos que mandei fazer em distâncias
 de mais de 12 léguas do Exército.....
como muito particularmente na batalha de 20 de fevereiro de 1827,
 nos campos de Rosário, pelo que mereceu honrosa menção na ordem do
 dia e o posto de major a que foi logo promovido.”³⁶*

Seveloh, na batalha de Passo do Rosário, procurou socorrer o general Abreu, o célebre “Anjo de Vitória”, ferido mortalmente ao ser jogado por uma carga de cavalaria inimiga, contra os quadrados da Divisão do general Calado, após desamparado por seus cavalarianos improvisados.

“O marechal Abreu estava caído ali perto e, parecendo-me que não estava morto, fui buscar para ele o médico do 3º BC, o qual, além de Mr. Scott (inglês) do 21º BC, era o único que havia no campo de batalha”.³¹ O restante dera no pé, segundo se conclui.

Seveloh retomou ao Rio de Janeiro com o Marquês de Barbacena. A Lei de 24 de novembro de 1830 o excluiu do Exército como a todos os estrangeiros que não prestaram serviços na Guerra da Independência.

Em 22 de setembro de 1842, após doze anos fora do Exército, foi reintegrado no seu posto de tenente-coronel, adido ao Imperial Corpo de Engenheiros.

Em 1843, trabalhou na região onde está hoje o território do Amapá, fazendo o levantamento de rios entre o Oiapoque e o Amazonas.

Exclusão definitiva do Exército

A 4 de novembro de 1843, foi demitido do Exército “por não haver necessidade em conservar seus serviços”.

Em 1858, era professor de línguas no Rio de Janeiro e calculava a hora das refeições de seus alunos para ser convidado a sentar-se à mesa com eles. Emprestava seu dinheiro a juros e vivia miseravelmente. Cozinhas, lavava a própria roupa e comia feijão velho e requentado.

Os últimos vinte anos de sua vida foram de sofrimentos, em consequência de doença e privações. Morreu em 1876, ao que parece no Rio de Janeiro, após viver no Brasil cerca de 50 anos.

Projeção da obra de Seveloh no Rio Grande do Sul

A sua importância para o Rio Grande do Sul advém de suas *Reminiscências da Campanha de 1821*, fonte primária tão importante, embora bem menos alentada, do que a célebre obra *Viagem à Província do Rio Grande do Sul*, de Saint Hilaire, em 1820-21.

O primeiro a ensaiar sua biografia foi o então tenente-coronel Paula Cidade.³⁸

Muitas das observações de caráter sociológico feitas no Rio Grande do Sul, por Seveloh, são preconceituosas. Foram emitidas de um observatório europeu e não devem ser endossadas sem uma crítica prévia, sob pena de levar o leitor desavisado ao erro.

Em razão de choque de culturas, ele devolveu, em suas *Reminiscências*, algumas apreciações injustas sobre ele feitas, de um *observatório sociológico gaúcho de 1827*.

7. CAPITÃO SAMUEL GOTTFRIED KERST

Foi contratado pelo Brasil para o Imperial Corpo de Engenheiros. Chegou ao Rio Grande do Sul em novembro de 1826, como ajudante do Chefe do Estado-Maior, marechal-de-campo Braun.

Acompanhou seu chefe em todas as suas ações e intervenções. Por isso conclui-se haver-se comportado com bravura e valor militar na batalha de Passo do Rosário. No episódio da abdicação de D. Pedro I encontrava-se em Porto Alegre. Tendo atuado contra a abdicação, foi preso. A seguir foi metido numa jaula e nela embarcado em navio que o conduziu ao Rio.

8. TENENTE ENGENHEIRO SIEGENER (? — 22-2-1827)

Foi contratado como engenheiro para o Imperial Corpo de Engenheiros. Veio para o Rio Grande do Sul na Comitiva de D. Pedro I.

Marchou de Pelotas para o arroio das Palmas, afluente do rio Camaquã, de 13 de janeiro a 5 de fevereiro de 1827, integrando a Divisão Esquerda do *Exército do Sul*.

A 9 de fevereiro, morreu dentro de uma carreta, quando era transportado para Caçapava, ferido mortalmente por um acidente com foguetes à Congreve.

Seveloh assim nos descreve o acidente que testemunhou junto ao Marquês de Barbacena, marechal Braun e outros militares:

“Fevereiro, 7 (1827) — Conservamo-nos na posição do arroio Lexiguana.

Ao anoitecer procedeu-se a uma experiência muito deficiente com foguetes à Congreve, que custou a vida ao infeliz tenente *Siegener*.

Os oficiais gerais e eu estávamos presentes.

Lançou-se fogo a três foguetes, e todos falharam.

Eu assisti ansioso à experiência com a qual se pretendia arremessar os foguetes contra um determinado objetivo, tendo-os deitados no chão, um pouco levantados no meio.

Pareceu-me que Siegenger não procedia com a determinada cautela, exigida pelo fato de não possuírem esses foguetes nenhum dispositivo para lançamento.

Ele exagerou um pouco na escorva feita de polvaria. Supunha que os foguetes tivessem sofrido com a umidade.

Daí resultou os três arrebutarem muito perto. O último imediatamente aos pés de Siegenger, pondo-o em lastimável estado, com seis grandes

ferimentos.

Era muito o calor. Víveres e medicamentos muito reduzidos.

Siegener foi evacuado à noite, a fim de ser melhor tratado, em qualquer povoado mais próximo.

Faleceu dois dias depois, foi sepultado em Caçapava.”³⁹

Isso é só o que se sabe desse mártir, vítima da incipiente artilharia de foguetes, que atingiu o seu desenvolvimento seguro mais de um século após, através do parente do chefe do Estado- Maior do Exército do Sul que assistiu à experiência fatal — Wernher von Braun.

Os foguetes à Congreve foram inventados entre 1806 e 1807, pelo engenheiro e artilheiro inglês Sir William Congreve⁴⁰. Foram muito usados pelo Brasil nas guerras contra Oribe e Rosas e do Paraguai. Eles não possuíam precisão. Eram utilizados contra concentrações de tropas e principalmente contra cargas de Cavalaria, pelo efeito desorganizador que causavam, ao assustar e dispersar as cavalhadas.

É só o que se sabe de Siegenger, cujos restos mortais repousam em Caçapava do Sul. Perdeu a vida pela Pátria Brasileira.

É possível que existissem mais oficiais alemães contratados para o Imperial Corpo de Engenheiros do Exército, mas não mencionados nas fontes primárias disponíveis.

9. 27º BATALHÃO DE CAÇADORES ALEMÃES

Regimento de Estrangeiros

Por decreto de 8 de janeiro de 1823, D. Pedro I resolveu criar o *Regimento de Estrangeiros*, com 844 homens e três batalhões, antes do Decreto de 1º de dezembro de 1824, que organizou o Exército Brasileiro.

Antes mesmo de organizado seu regimento, o Decreto de 13 de outubro de 1824 resolveu transformá-lo em dois batalhões de Caçadores e um de Granadeiros, todos constituídos por estrangeiros.

Pela organização de 1824, o 2º Batalhão de Caçadores Estrangeiros passou a denominar-se 27º Batalhão de Caçadores e teve uma vida sem alterações e motins até o Natal de 1827, em Pelotas.

O 1º de Caçadores passou a chamar-se 26º, e, mais tarde, 28º Batalhão de Caçadores de 1ª Linha.

O 27º e o 28º se ligariam à História da Imigração Alemã para o Rio Grande do Sul, pois ali foram desmobilizados em 1830, e muitos dos seus integrantes injetados na corrente imigratória alemã desse Estado. O 27º BC possuía bons antecedentes no Rio de Janeiro.

Chegada do 27º BC ao Rio Grande do Sul

O 27º BC veio para o Rio Grande do Sul na 1ª quinzena de dezembro de 1826, integrando o comboio do Imperador D. Pedro I, e num efetivo de 505 homens. Marchou por terra, na comitiva imperial, desde Santa Catarina até Porto Alegre.

De Porto Alegre, ainda em dezembro, seguiu para Pelotas, onde permaneceu algum tempo.

Na 2ª quinzena de janeiro de 1827, embarcou em Pelotas via fluvial, atingiu Jaguarão e, em seguida, o Jaguarão-Chico. Ali, desembarcou e operou junção com a Divisão Esquerda, ao comando do general Braun, que marchara por terra, desde Pelotas.

O 27º BC na batalha de Passo do Rosário

Coube a esta unidade cumprir destacado papel na batalha de Passo do Rosário. Integrou o centro da 1ª Divisão que, sob o comando do general Braun, teve a seu cargo o Ataque Principal sobre o Exército Republicano da Argentina. Depois recebeu todo o peso do contra-ataque inimigo, à base de Cavalaria, lado a lado, ombro a ombro com bravos cearenses, fluminenses e cariocas dos 3º e 4º batalhões de Caçadores.

Entre os mortos nessa batalha, 83 eram alemães Caçadores do 27º⁴¹, pois foi o que mais sofreu sob o efeito do fogo cruzado inimigo, segundo Carl Seidler, um de seus integrantes.

Na hora do retraimento, os integrantes do 27º BC ajudariam a puxar os canhões que era necessário salvar.

Motim do 27º BC em Pelotas (Natal de 1828)

Após haver participado com destaque da batalha de Passo do Rosário, o 27º prestou muitos serviços ao Rio Grande do Sul.

A 25 de dezembro de 1828, o 27º BC, sobre influência do 28º, revoltou-se em Pelotas.

Segundo depoimento brasileiro do marechal-de-campo Manoel de Lima e Silva, “o 27º BC sempre prestara importantes serviços, comportando-se assinaladamente na batalha de Passo do Rosário enfrentando os perigos, privações e trabalhos com firmeza, constância e subordinação”.⁴²

A causa do motim foi o atraso de pagamento e influência do 28º BC de alemães, recém-chegado a Pelotas e batizado por D. Pedro I de “Diabos Brancos”, devido à valentia de seus membros.⁴³

Eram exemplares como profissionais, mas difíceis de lidar fora do serviço.

Desmobilização em Porto Alegre

Em 1830, o 27º BC foi desmobilizado em Porto Alegre, e seus membros ali se estabeleceram ou nas colônias alemãs da Província, onde foram emprestar seu concurso à segurança e ao desenvolvimento de sua nova pátria, após havê-la defendido na guerra.

A partir daqui analisaremos a participação de alguns de seus ex-integrantes alemães na História do Rio Grande do Sul. Os de outras nacionalidades serão abordados em local próprio.

Tenente Wilhelm Bormann

Integrou o 27º BC na batalha de Passo do Rosário. Era velho conhecido de Seveloh, segundo se conclui de uma observação de suas *Reminiscências*, ao referir-se à junção de Braun com Barbacena, em Palmas:

“Encontro muitos conhecidos entre os recém-chegados: von Friedrichsen, Siegener, Bormann, etc.”⁴⁴ A grafia do nome do último saiu *Bornemann*.

Após sua desmobilização, o tenente Bormann radicou-se em Porto Alegre como comerciante. Em 1844 nasceu-lhe seu filho José Bernardino Bormann (1844-1919), veterano da Guerra do Paraguai e da Revolução de 1893, e o primeiro filho de imigrantes alemães a comandar a 3ª Região Militar atual (16-1-1909 a 21-6-1909), a chefiar o Estado-Maior do Exército e a ser Ministro da Guerra do governo de Nilo Peçanha (1909-10).

Além disso, seu filho foi destacado historiador militar de nosso Exército, tendo escrito sobre as guerras contra Oribe e Rosas (1851-52), contra Aguirre (1864), contra o Paraguai (1865-70) e ainda sobre a Revolução de 93 no Paraná.

Outro filho, de nome Guilherme Paulo Bormann, destacou-se na Guerra do Paraguai, como tenente do 7º Batalhão de Voluntários da Pátria, sendo ferido no ataque a Curupaiti.

Alferes Friedrich Wilhelm, Conde von Hoonholtz

Foi citado entre “os mais bravos na batalha de Passo do Rosário”. “Foi lanceado e queimado no incêndio ateado no campo da batalha, vindo a falecer dez anos após, em consequência dos ferimentos recebidos em defesa do Brasil.”⁴⁵

Foi pai de um de nossos heróis marinheiros, o almirante Antônio Luiz von Hoonholtz, Barão de Tefé.

Este almirante, como tenente-comandante da canhoneira *Araguary*, teve destacada atuação para a vitória brasileira na maior batalha naval da América do Sul, Riachuelo, em 11 de junho de 1865. Além de lutar em Riachuelo, produziu uma das melhores fontes primárias dessa batalha, sob o título *A Batalha Naval de Riachuelo descrita por um dos combatentes*. Essa descrição foi enviada para seus familiares no Rio de Janeiro, logo após a batalha.

O alferes Friedrich é bisavô do destacado automobilista internacional brasileiro do

passado o diplomata Manoel de Tefé von Hoonholtz.

Capitão G. N. Francisco José Wildt

Participou da batalha de Passo do Rosário. Após sua desmobilização, radicou-se em São Leopoldo, onde passou a ter o posto de capitão da Guarda Nacional local, por sua atuação destacada no combate aos farroupilhas.

Em 1851, foi nomeado auxiliar de instrutor de contabilidade e escrituração, e intérprete do 15º BI da Legião Alemã contratada pelo Brasil para lutar contra Oribe e Rosas⁴⁶. Ele assumiu essas funções em Pelotas.

Acompanhou essa unidade via fluvial Pelotas-Jaguarão, e via terrestre, de Jaguarão até a Colônia do Sacramento.

Em Colônia, Caxias conferiu-lhe o comando de uma companhia composta de 80 atiradores selecionados, armados com 80 fuzis Dreyse de agulha (a tigé), de carregar pela culatra.

Na batalha de Monte Caseros, a 3 de fevereiro de 1852, próximo a Buenos Aires, coube-lhe comandar os atiradores alemães (os “brummer”) munidos com essas armas, de grande precisão e alcance. Com elas puderam caçar, sem serem atingidos, os artilheiros rosistas que, com seus canhões, impediam o avanço aliado.

Ele conseguiu abrir uma brecha no ponto decisivo, através da qual progrediram as tropas aliadas, decidindo favoravelmente a batalha. Esta vitória pôs fim ao domínio do ditador Rosas sobre a Argentina e ameaças ao Uruguai, Paraguai, Bolívia e Brasil, ao frustrar seus sonhos de reconstruir o antigo Vice-Reinado do Prata, segundo a interpretação de alguns autores.

Na ordem do dia nº 40 do Conde de Caxias, de 5 de fevereiro de 1852, constou esta elogiosa referência ao capitão Wildt:

“O senhor Capitão da Guarda Nacional adido Francisco José Wildt, por se haver distinguido por sua bravura e prudência no comando da linha de atiradores alemães do 15º Batalhão, armados com espingarda de agulha.”

Em local oportuno voltaremos ao assunto com respeito aos fuzis Dreyse.

Tenente-coronel GN Julio Henrique Knorr

Durante a Guerra Cisplatina fora secretário do 27º de Caçadores Alemães. Após sua desmobilização, em 1830, radicou-se em São Leopoldo, onde participou, com destaque, do combate aos revolucionários farroupilhas.

Em 1851, vamos encontrá-lo subcomandante da Guarda Nacional de São Leopoldo e, pouco depois, nomeado pelo Conde de Caxias para, em Pelotas, servir de intérprete e instrutor de administração e contabilidade do 15º Batalhão de Infantaria dos legionários alemães (os “brummer”), contratados para lutar contra Oribe e Rosas.⁴⁷

O tenente-coronel Knorr acompanhou esta unidade em toda a campanha. Marchou com ela de Jaguarão à Colônia do Sacramento, e de Montevidéu até Pelotas, via Jaguarão.

No final de sua vida foi redator-auxiliar do célebre jornal alemão *Deutsche Zeitung*, onde se fez justamente famoso o grande jornalista Carlos von Koseritz, ex-legionário de 1851 e, portanto, “brummer”.

Tenente Henrique Guilherme Mosye

Foi capitão do 27º BC, onde, presumo, comandou uma companhia na batalha de Passo do Rosário, em 20 de fevereiro de 1827. Acreditamos tenha sido ele que o capitão Seveloh encontrou, em 26-2-1827, à margem de um rio, na retirada do Exército para o passo São Lourenço: “Encontramos também o capitão Morsey (Mosye), meio morto, atrás de uma moita à beira do rio”.⁴⁸

Mosye herói da retomada de Porto Alegre (1836)

Vamos, mais tarde, reencontrar este bravo, desta vez participando da conquista de Porto Alegre aos farroupilhas, conforme o seguinte documento:

“Atesto que o tenente em comissão Henrique Guilherme Mosye, tendo sido prisioneiro pelos anarquistas na cidade de Pelotas, no ataque de 7

de abril de 1836, estando então reunido à força que comandava o distinto coronel Albano, foi mandado para esta cidade e encarcerado na “Presiganga” e, depois na cadeia, sofreu muitas perseguições e vexames, até que, na noite de 14 para 15 de junho, pondo-se de novo em campo, a favor da legalidade. Foi um desses bravos que efetuaram a feliz reação que salvou esta capital do jugo dos rebeldes; e havendo surpreendido todos os pontos, por aqueles fortificados ao redor da cidade, se me apresentou na madrugada de 15, à frente de seus dignos companheiros. Porto Alegre, 5 de julho de 1831. (a.) João de Deus Mena Barreto.”

Mosye avocou a primazia de haver planejado e dado início à execução do ataque, do qual resultou a queda de Porto Alegre nas mãos dos imperiais e de ter sido o libertador do major Marques de Souza, de bordo da “Presiganga”, ocasião em que lhe passou o comando das ações.

Depoimento do tenente Mosye

Mosye afirma sobre a recuperação de Porto Alegre:

“..... e assim direi sem temer ser contraditado, eu fui o primeiro oficial que, à frente dos valentes e fiéis soldados do 8º Batalhão, soltei o primeiro grito à causa da legalidade no quartel do referido corpo, na cidade de Porto Alegre, na noite de 14 de junho de 1836.

E sendo vivamente aceito por este punhado de brasileiros, deixou contudo de repercutir com o mesmo estímulo naqueles senhores generais reformados que se achavam presos no referido quartel.

Esse sucesso enlutou meu coração; mas tenaz a levar a efeito o protesto por mim feito ante esses poucos soldados que me coadjuvaram, desde logo me resignei à sorte da glória ou do infortúnio e assim, deixando ficar o major Felisberto José Lopes, que ali se achava também preso pelos rebeldes, encarregado da guarda do Quartel e dos presos nele existentes, *marchei com trinta desses valentes soldados a surpreender as três patrulhas de permanentes que policiavam a cidade, e tendo conseguido, com feliz sucesso, passei ao Trem da Guerra para dele me apossar.*

Porém, encontrando resistência e força superior a com que me achava, abandonei esta empresa. *Então marchei em direitura ao forte da Caridade, de que me apossei sem resistência alguma, por haver certificado ao respectivo comandante que a cidade se achava sujeita às forças da legalidade, que naquele momento haviam quebrado as algemas da ignorância em que os sediosos de setembro a haviam agrilhado. E assim consegui o predomínio de todos os mais pontos que faziam a defesa da Capital.”*

Mosye libertou da Presiganga o major Marques de Souza

“E, recolhendo-me então, coroadado de todos estes sucessos, com os meus companheiros e alguns poucos cidadãos ao referido quartel do Batalhão, participei de todo o ocorrido e me *dirigi à “Presiganga” a soltar os presos que nela se achavam, em cujo número vinha o digno major Manoel Marques de Souza, que desde então tomou a direção dos negócios em ação.* Foi depois do seu conselho e aprovação que me dirigi com força à casa do benemérito Marechal de Exército João de Deus Mena Barreto, pedindo que se encarregasse da Província e da segurança da capital, o qual, aceitando de bom grado o comando em chefe das forças da legalidade, alguns dias as dirigiu, até que seus impedimentos o inibiram de continuar no exercício desse honroso cargo.

Em sua ausência tomou conta desse emprego o Exmo. *Tenente-General Francisco das Chagas Santos, que, sendo então coadjuvado pelo dito major Marques de Souza e por mim, fez então as necessárias nomeações e entrincheiramentos da cidade, em cujos comandos entraram não só os*

senhores generais reformados, como muitos oficiais efetivos e não pequeno número de paisanos...”⁵⁰ (o grifo é nosso).

Isto empresta uma nova feição ao problema da retomada de Porto Alegre, onde se destacaram três nomes: o marechal João de Deus Mena Barreto, o major Manoel Marques de Souza (III) e o tenente Henrique Guilherme Mosye.

Alferes Carlos Oppenberg (? — 20-2-1827)

Era integrante do 27º Batalhão de Caçadores. Tombou em combate na batalha do Passo do Rosário, em defesa da Pátria Brasileira, ao lado dos seguintes heróis:⁵¹

- marechal-de-campo José de Abreu, Barão de Cerro Largo;
- major João Severino de Abreu, com. do 24º RC de 2ª Linha, composto de índios guaranis;
- major Bento José Calamba, do 4º BC;
- capitão Antônio José Ferreira, idem;
- capitão João Querino de Vasconcelos, idem;
- capitão João Antônio dos Reis, idem;
- tenente Amador Lemos de Menezes, 1º RC;
- tenente Francisco Teles de Menezes, idem;
- quartel-mestre Joaquim Plácido Nogueira, idem;
- cirurgião-ajudante Antônio Ferreira Pereira, idem;
- alferes José Francisco de Mello, idem;
- capitão Antônio Pedro de Azevedo Souto Maior, 5º RC de 1ª Linha;
- alferes Policarpo José Martins, do 4ª RC de 2ª linha;
- o 1º RC de 1ª linha (atual Regimento de Cavalaria de Guardas), os Dragões da Independência, de Brasília, foram os que sofreram maior número de baixas fatais. Entre oficiais mortos, Amador e Francisco Menezes eram irmãos.

Por esta razão e com muita justiça, esta unidade, ao transferir-se para Brasília, trasladou para a frente de seu novo e moderno quartel o monumento aos mortos da balha de Passo do Rosário de 20-2-1827, que fora erigido defronte ao portão de seu velho quartel, em São Cristóvão, no Rio de Janeiro.

Maiores detalhes sobre esta unidade podem ser encontrados na síntese de sua história.⁵²

Tenente Karl Friedrich Gustav Seidler (Carlos Seidler)

Pertenceu ao 27º Batalhão de Caçadores alemães. Segundo afirma, lutou na batalha de Passo do Rosário, quando foi ferido levemente.

Além de sua contribuição militar, produziu, na Europa, obra de grande valor histórico para o Brasil e importante fonte primária para estudos sociológicos e históricos em geral, sobre a época a que se refere (1828-32) e ao Rio Grande do Sul em especial, onde se deu muito bem e para o qual foi generoso em suas críticas.

Mas, para que possa ser usada como fonte primária, sua obra deve ser criticada, a fim de separar-se de sua trama romântica a verdade histórica da ficção. “Muitas invencionices de Seidler passaram à história, e hoje correm mundo como autênticas descrições daquela época.”

O livro de Seidler foi traduzido e anotado pelo general Bertoldo Klinger, e prefaciado e anotado complementarmente pelo general Paula Cidade. Posteriormente, foi amplamente comentado e criticado pelo último, em sua *Síntese de Três Séculos de Literatura Militar Brasileira*.⁵³

Ao pretender-se usá-lo como fonte primária de nossa História, convém consultar antes Paula Cidade, a fim de não se transportar para a história a ficção romântica.

Seidler contém informações de real interesse sociológico, como as que tornaram célebre o trabalho de Saint-Hilaire no Sul. Seu livro possui exageros, inclusive injustas acusações ao pai do Duque de Caxias, mas, independentemente dos exageros, “ele contém dados valiosos *sobre nossos costumes militares, nossos chefes, nossos métodos de combater, marchar e estacionar e mais do que tudo sobre o ambiente social que o envolvia e a seus companheiros, quando soldados do Brasil*.”⁵⁴

A obra original tinha as seguintes características:

SEIDLER, Carl. *Zehn Jahre in Brasilien — Während der Regierung Dom Pedro's und*

nach dessem Entthronung — Mit besonderer. Hinsicht auf das Schicksal der Auslnddischen Truppen und der deutschen Colonisten. Leipsig. Barse, 1833. (Volume de 27 x 21 cm, com 320 p. corpos 10 e 8).

Existe um original desse trabalho na Biblioteca Rio-Grandense da cidade de Rio Grande, doado pelo general Klinger e pelo coronel Paula Cidade.⁵⁵

A seguir, transcrevemos estudo de Paula Cidade sobre o trabalho de Seidler referente ao Rio Grande do Sul, como importante guia para o leitor recuperar as informações, sobre algum assunto que desperte seu interesse.

As transcrições referem-se à tradução de uma obra publicada em São Paulo, Livraria Martins, 1941, sob o título *Dez Anos de Brasil*.

O Rio Grande do Sul na obra do ex-oficial imperial Seidler

Segundo análise de Paula Cidade, este é o resumo da matéria abordada por Seidler, relativamente ao Rio Grande do Sul, e capaz de orientar pesquisas que venharp a ser feitas nesta obra.

“CAPÍTULO VI — É dedicado ao Rio Grande do Sul.

Diz que lhe parece encontrar-se noutra país e no seio de outro povo, dadas as diferenças de costumes.

A descrição que faz da paisagem é bem fiel, completada pela informação relativa aos animais silvestres que ali vivem à solta.

Trata da economia daquela região, sobre a qual se mostra bem informado.

É por ele verberado o uso excessivo do cavalo pela população, que muito maltrata os pobres animais e deles exigem esforços bem acima dos normais.

Para ele, os habitantes do Rio Grande do Sul não se parecem com os do Rio de Janeiro ou de outras províncias do Brasil, pois, em vez de *apresentarem uma cor pálido-amarela*, são em geral *altos, bonitos e fortes*, notadamente as senhoras, que *“têm a tez tão branca que muitas européias, mesmo da região ártica, gostariam de trocar com elas”*.

O autor faz aos rio-grandenses os maiores elogios e os descreve como tipos superiores, afáveis e hospitaleiros, mas informa que é preciso ter muito cuidado em não ofendê-los, pois se vingam de maneira terrível.

É curioso o resumo que ele mesmo faz deste capítulo:

“Província de São Pedro do Sul. Clima e produções. Caráter e costumes dos habitantes. As filhas dos fazendeiros. Rio Grande do Norte (refere-se a São José do Norte) e Rio Grande do Sul (parte fronteira a São José do Norte). A cidade de São Francisco de Paula (atual Pelotas). O Mar quês de Barbacena, batalha do Passo do Rosário. Festejos em Freguesia Nova (hoje Triunfo).”

A batalha é descrita com muita parcimônia e sem considerações técnicas.

Obra de oficial subalterno, que só podia ver o seu pequeno setor, parece mais um trabalho de quem escreveu por ouvir dizer. Mas, se esteve na batalha de 20 de fevereiro de 1827, por que seu nome não figura na relação de mostra acima referida? Teria se extraviado de sua unidade? Estaria no hospital?

Figuraria no exército com nome trocado, coisa que não devia ser rara naquela espécie de Legião Estrangeira ? . . .

CAPÍTULO VII — “Porto Alegre. A colônia alemã de São Leopoldo. Ânsia emigratória. Facilidades antigamente concedidas aos colonos. A respeito do Inspetor e das primeiras plantações. Comércio e indústria da colônia. As escolas. A colônia irmã de Nova Friburgo, perto do Rio de Janeiro. Uma nova Robinsonada”.

O autor descreve a cidade de Porto Alegre, elogiando o clima rio-grandense e os aspectos locais.

Refere-se ao panorama da cidade, *olhada da Lagoa dos Patos*, o que é absurdo, porque, desde que se atravessa o estreito de Itapuã e se entra na lagoa, perde-se de vista o casario da cidade.

Ou Seidler conheceu Porto Alegre pelo mapa, ou a viu do Guaíba, verdadeiramente um lago. Aliás, uma das edições do Larousse *situa a capital gaúcha sobre o Atlântico*.

Segue-se a descrição da vida local, principalmente no que se refere à colonização alemã.

Enumera os auxílios materiais que os colonos recebiam. Ocupa-se longamente das desonestidades dos administradores da colônia de São Leopoldo. Manifesta-se contra o casamento de estrangeiros com brasileiras, porque "as mulheres desta terra têm seu orgulho peculiar: dispostas a cuidar da reprodução do gênero humano, não se dispõem a cuidar da reprodução do gado. E de que vale o homem, mormente nas colônias, sem o gado?"

De Nova Friburgo, não registra tão boas impressões, tanto que assinala intensa imoralidade no seio das famílias suíças.

CAPÍTULO IX — "Sofrimentos. Viagem de Porto Alegre a Serrito (Jaguarão), via S. Francisco de Paula. Estada nesse lugar. O padre como hospedeiro.

Um enterro brasileiro. Assunto de História Natural. Nova campanha".

O autor passa a descrever a vida levada pelas tropas em campanha que para ele, estrangeiro não adaptado, estava longe de ser um paraíso.

Ao narrar a viagem que fez com seus camaradas de Porto Alegre para Jaguarão, que naquela época se chamava Serrito, via São Francisco de Paula (hoje Pelotas), *mente deslavadamente, inclusive ao descrever os sítios por onde andou. É assim que descreve a Lagoa dos Patos como muito perigosa e vê ali um escolho chamado Muralha das Formigas, que só num lugar dá passagem, mas tão estreita que os navios têm de vencê-la com a maior cautela e assim mesmo correm risco de soçobrar na pedra que repentinamente surge da água.*

O passo é tão apertado que "se julgaria poder saltar às margens pelas duas bordas do navio, etc."

Refere-se claramente à ponta da Formiga, no município de Camaquã. Já se vê que ou o autor buscava o sensacional, ou ouviu mal algum camarada que tenha feito o mesmo percurso, isso no caso de não ter tomado parte nas operações que tão mal descreve.

Sabem todos os que passaram por ali que a descrição feita por Seidler é apenas fantasiosa.

Nem o passo é tão estreito, nem oferece qualquer perigo.

A vida dos acampamentos não é menos fértil em invencionices. O anotador teve aqui grande trabalho.

Assim é que descreve a surra regulamentar com oitocentas pancadas, quando a Portaria de 3 de setembro de 1825 a fixou em 60 chibatadas, para escarmentar os desertores, o que indica que esse número era considerado bem alto.

Trata das deserções em massa, da indisciplina reinante, dos resmungos da tropa alemã, de incidentes cômicos decorrentes dos costumes.

Fala mal dos padres católicos, citando fatos que certamente só tiveram lugar em sua mente escaldada pela necessidade do sensacionalismo.

Em todo o caso, não é despido de interesse este capítulo, um dos mais movimentados do livro.

CAPÍTULO X — "História Militar. Partida de Serrito. Chegada do Visconde da Laguna. Frutuoso Ribeiro, o Contactor. Surpresa ao acampamento inimigo à margem do Jaguarão. Intrigas no Exército. Mau pagamento do soldo. A velha miséria."

Impossível seria resumir e transcrever aqui as correções que o capítulo está a exigir.

Há trechos desabonatórios para os combatentes brasileiros, aliás mais ou menos cobertos.

Um deles é o que se refere a um soldado alemão que, para fugir ao castigo das varadas, meteu uma bala na cabeça. O autor diz-nos que os brasileiros, penalizados, afirmavam que eles teriam preferido o castigo das varadas à morte.

Surpreende-se aí a intenção pejorativa do alemão. Narra o fi- lhotismo existente no exército de campanha, mas evidentemente exagera quando informa que os chefes se deixavam subornar pelos presentes oferecidos pelos seus comandados.

Descreve com minúcias as desinteligências entre os chefes brasileiros, mas é provável que aquilo que deixa entender que fora testemunha só chegasse a seu conhecimento através de Braun, que editou, num interessante folheto, sua defesa perante o Conselho de Guerra a que respondeu.

Há muitas coincidências entre o que Braun e Seidler disseram, com sete anos de

intervalo entre um e outro.

CAPÍTULO XII — “Partida do acampamento para Piratini. Contratempos durante a marcha. Horrível tempestade. Demora em Piratini. Natalício do Imperador. Co-chichos femininos. A respeito dos judeus no Brasil. Viagem a S. Francisco de Paula. O capitão Romão e Dona Damásia. A venda de mulatos em Capão do Leão. *Revolta do 27? Batalhão de Caçadores*”.

Seidler era, ao que tudo indica, fervoroso cultor da religião do amor. Vê mulheres bonitas por todos os lados e registra conversas reais ou supostas tidas com elas. De resto, tricas de quartel, etc.

CAPÍTULO XIII — “Viagem de São Francisco de Paula a Porto Alegre. Casamento de negros interrompido. Requerimento enérgico. A colônia de Torres e o juiz de paz. Assalto por bandidos. Viagem a Laguna. Alemães repatriados”.

Neste capítulo há informações interessantes sobre a navegação à vela, que se fazia entre Porto Alegre e o sul da Província. Narra a festa de um casamento de negros a que assistiu.

Segundo a nota aposta ao pé da página, trata-se de legítimo *batuque*, cerimônia afro-brasileira, muito comum no Rio Grande e certamente noutros pontos do Brasil, até começos do século XX, a que o anotador diz ter assistido em sua infância.

À festa terminou em bebedeira e conflito generalizado. Até os donos da casa, vendedores de cachaça, terminaram engalfinhados. A mulher deu uma porretada na cabeça do marido, atirando-o por terra ensangüentado.

Metida num quarto, para onde foi levada à força, de lá gritava conforme se lê no texto, aliás em português: — “Eu quero matar este filho da p...!” Seidler diz que, tendo de recolher-se a Santa Catarina, foi pedir cavalos ao comandante da guarnição, que não pôde dá-los porque não os tinha.

Seidler, no auge do desespero, teria asseverado ao general que estava se vendo obrigado a roubar um cavalo para a viagem.

O chefe, dando de ombros, aconselhou-o a cuidar de si: — “O Sr. faça o que quiser, os meus farei guardar na estrebaria até que o Sr. parta.”

É difícil por vezes, ao leitor desavisado, separar em Seidler o real do fantasioso.

Está nesse caso aquele referente ao Imperador, que se apeou do cavalo à porta de família decente e fazendo retirar os pais de uma jovem para o interior da casa, conduziu a moça pela primeira vez ao seio de Vênus.

Acrescenta o alemão que, à saída do régio estuprador, quis a moça saber o que ficava sendo a partir daí e que D. Pedro lhe respondera: — “Ficas sendo uma p. . .”

Isso anda por aí repetido como fato real, quando só tem para confirmá-lo as estroinices do Imperador e a palavra descriteriosa de Carl Seidler.”⁵⁶

Sargento Eduard Theodor Boesche

Foi legionário a serviço do Brasil. Acreditamos tenha participado da batalha do Passo do Rosário.

Ao retornar à Alemanha publicou as seguintes obras, segundo pesquisas de Paula Cidade:⁵⁷

BOESCHE, Eduard Theodor. *Wechselbilder von land und Seereisen Abenteuerm. Begebenheiten. Staatsereignissen, Volks und Sittenschil derungren wahrend einer Fahrtnach Brasilien und einem zehnn Jiihrigen Aufenthalt dasélbst in den Jahren 1825-3Jf.* Hamburgo. 1836.

(Quadros alternados de viagens terrestres e marítimas aventurosas, acontecimentos políticos, usos e costumes no Brasil e a sorte dos imigrantes alemães), São Paulo, 1919. Tradução de QUEIROZ, Vicente de Souza, e prefácio de TAUNAY, A. de E.

Novo dicionário das línguas portuguesa e alemã. Alemanha- Hamburgo, 1876, 2ª ed., 2 v.

Neue portugiesische Sprachlehre (Novo método de ensino de Português). Alemanha-Hamburgo.

Portugiesisch — brasilianischer Dolmetscher (Tradutor português-

brasileiro). Alemanha-Hamburgo c. 1840-80.

Der Kline Portugiese (O Pequeno Português). Alemanha- Hamburgo c. 1840-80.

Para Widersphan, a Boesche “devemos, talvez, o primeiro dicionário em ordem cronológica contendo, também, palavras tipicamente brasileiras”.⁵⁸

Boesche, além de lutar em defesa da Pátria Brasileira, contribuiu através de seus dicionários para um maior estreitamento de todos os laços de amizade e comerciais, com o povo alemão, ao concorrer decisivamente, desse modo, para superar as barreiras lingüísticas entre brasileiros e alemães, e entre imigrantes alemães chegados ao Brasil e aos brasileiros.

Seu trabalho *Quadros Alternados* foi editado pela Tipografia da Casa Garraux, em São Paulo, 1929.

10. ESQUADRÃO DE LANCEIROS ALEMÃES

Em dezembro de 1826, o Imperador D. Pedro I veio ao Rio Grande do Sul com reforços militares, para fazer face ao Exército Republicano da Argentina, prestes a invadir o Brasil.

Em sua enorme comitiva veio um Esquadrão de Lanceiros Alemães, composto de menos de 80 homens, recrutados entre os granadeiros alemães ex-cavalarianos.

D. Pedro I chegou, dia 30 de novembro de 1826, a Santa Catarina e logo a seguir marchou por terra até Porto Alegre, onde entrou em 9 de dezembro de 1826.

De Porto Alegre, o *Esquadrão de Lanceiros Imperiais* (alemães) deslocou-se por água até Rio Grande e, depois, por água, até Pelotas, local da concentração da *Divisão Esquerda do Exército do Sul*, ao comando do general Braun. Ali recebeu cavalos, foi recompletado e adestrado.

De Pelotas, entre 13 de janeiro e 5 de fevereiro de 1827, deslocou-se por água até Jaguarão e, após, até o Jaguarão-Chico, onde passou a integrar, ao comando do capitão alemão Ludwig von Quast, a 2ª Brigada de Cavalaria da 1ª Divisão de Infantaria, a qual, na batalha de Passo do Rosário, teve a seu cargo o Ataque Principal sobre o inimigo, bem como aparar o violento contra- ataque por ele desferido.

Os lanceiros alemães em Passo do Rosário

Na batalha de Passo do Rosário os lanceiros alemães formaram a Ala Esquerda da 1ª Divisão, ao lado do 40º Regimento de Cavalaria de 2ª Linha (milicianos uruguaios denominados lunarejos). Esta brigada, formada de *lunarejos e lanceiros alemães*, foi a primeira tropa a medir-se com o inimigo.

O Esquadrão comportou-se à altura, até que houve o imprevisto, consequência do pânico entre os índios missioneiros.

A primeira divisão foi atacada de flanco. Os índios do 24º Regimento das Missões não agüentaram o “repuxo” e, desbaratados, entraram em pânico. Batidos, abandonaram o campo-de-batalha. Levaram sua desmoralização aos trens imperiais, que começaram a saquear.

“O pânico da indiada transmitiu-se inesperadamente aos próprios soldados do 1º Regimento de Cavalaria e ao Esquadrão de Lanceiros Alemães.”⁵⁹

Este, que até então se sustentara com firmeza, dando provas de sua eficiência nas cargas que eram feitas em regra, ao ver-se envolvido pela cavalaria inimiga, teve que retroceder. Tal foi o pânico que, surdo ao comando de seus oficiais para que fizesse alto, até o foi aos brados do general-em-chefe que, acorrendo ali, procurou debalde sustê-lo.⁶⁰

Uniformes e origens dos lanceiros alemães

Os lanceiros foram recrutados no Rio de Janeiro, entre os granadeiros alemães que haviam servido na Cavalaria.

Eram, em geral, segundo Lienhoff, um de seus integrantes, “*homens altos, bonitos, bem fardados de colete azul-escuro, gola verde, punhos e ombreiras também verdes, debruadas de amarelo, listas amarelas nas calças, os chapéus verde-claro com um grande sol, onde luzia o monograma do Imperador*”,⁶¹

Foi desmobilizado em 1830, em Porto Alegre.

Major Karl Friedrich Otto Heise

Foi sob sua influência e orientação que este esquadrão foi organizado no Rio de Janeiro.

Heise era um idealista republicano. Sua franqueza e maneiras dignas conquistaram o coração dos soldados brasileiros.

Teve participação nos pródromos da Revolução Farroupilha, conforme consta do *Processo dos Farrapos*, vol. 1, pp. 106, 107, 234, 264, 268, 273, 280, 398, 431 e 452.⁶²

Foi tentado, antes da batalha do Passo do Rosário, atraí-lo para o Exército Republicano Argentino.⁶³

Acreditamos que Otto Heise tenha organizado e adestrado o Esquadrão de Cavalaria da Guarda Nacional de São Leopoldo e, com ele, participado da Revolução, até ser preso a 1º de setembro de 1836.

Posteriormente foi enviado para a Bahia ou Fernando Noronha. Não se sabe onde teve fim este ilustre e idealista cavalariano.

Capitão Ludwig von Quast

Foi o comandante do Esquadrão de Lanceiros Alemães durante a batalha do Passo do Rosário.

Capitão Karl von Leenhoff

Segundo Rio Branco, foi autor do trabalho *Contribuição para a história da guerra entre o Brasil e Buenos Aires por uma testemunha ocular*.

Participou da batalha de Passo do Rosário, integrando o Esquadrão de Lanceiros Alemães.

O trabalho original é o seguinte:

LEENHOFF, Karl von. *Beitrage zur Gerchichte des Krieges zwischen Brasilien und Buenos Ayres von einen Augenzeuge*. Berlim, G. Reimer, 1834.

Foi traduzido pelo general Bertoldo Klinger e criticado e analisado pelo general Paula Cidade em *Síntese de três séculos de Literatura Militar Brasileira*.⁶⁴

A contribuição de Leenhoff é importantíssima como fonte primária de nossa História Militar e do Rio Grande do Sul (1825-28).

Segundo Paula Cidade:

“Vale por um depoimento insuspeito, que um anônimo presta, com todas as garantias possíveis, sobre o que viu naquele exército semicolonial, cheio de erros e preconceitos, resgatados pela sua abnegação e sofrimentos e pela bravura sobre os campos de batalha.

Narra coisas que aos soldados de escol, homens de sentimentos elevados e de outra mentalidade parecerão deprimentes, mas que não devem ser apreciadas fora de sua época.

Tais fatos ocorriam, e ocorreram mais tarde, em toda a América do Sul”.⁶⁵

O seu livro possui grande valor como fonte de estudos sociológicos brasileiros, como de resto todos os livros de alemães que serviram a este País como soldados.

O Imperador e a Imperatriz e o entusiasmo pelos alemães

Leenhoff assim nos expõe o processo de agenciamento de estrangeiros para o Exército do Brasil:

“A robustez física e principalmente um belo exterior eram as primeiras qualidades exigidas.

Se eram foragidos da justiça ou evadidos da prisão ninguém perguntaria.

Houve um agenciador que, mediante contrato, recebeu certo número de presos de casas de correção e os mandou como homens livres para o Rio de Janeiro. Seguiram com atestados impressos que se prestariam para colonos e soldados ou artífices.

Idêntico processo era usado por estes agenciadores para angariar oficiais.

Eram despachados com as mais brilhantes promessas de altos postos. Desembarcados no Rio, iam geralmente à presença do Imperador e da Imperatriz, aos quais tanto agradava a visão de gente alta e bonita, que de uma feita logo queriam promover a capitão um cabo de seis pés de altura.”⁶⁶

Este costume perdurou em nosso Exército como tradição, ainda presente na seleção dos famosos *catarinas*, soldados de descendência alemã, de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, a fim de integrarem o Batalhão de Polícia do Exército do Rio de Janeiro e, agora, o de Brasília.

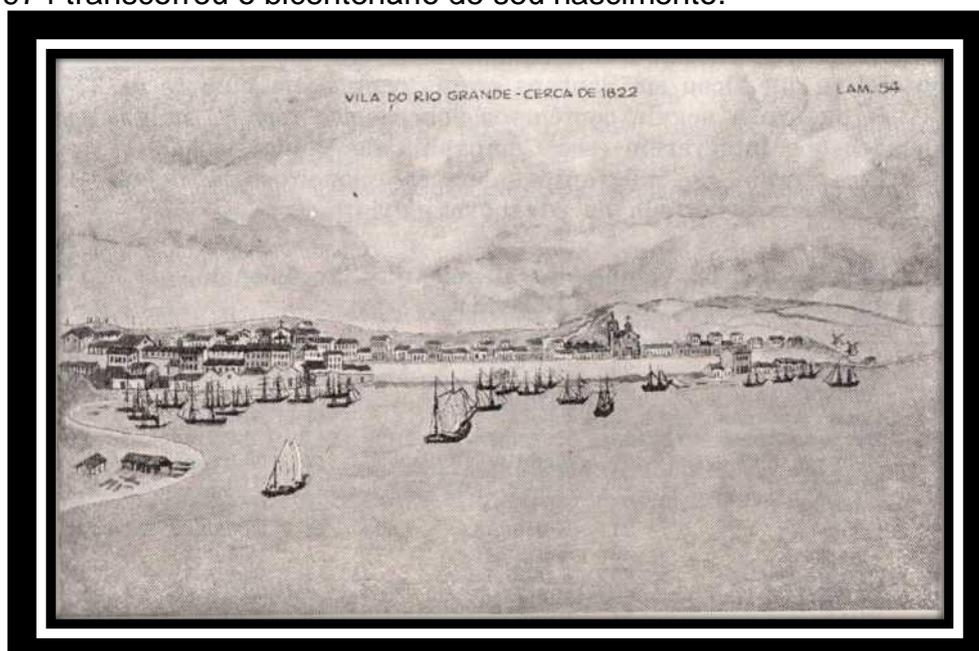
A este respeito, vide ensaio *Integração Quartel-País-Conscritos*,⁶¹ abordando aspectos de receptividade ao serviço militar pelos pais dos teuto-brasileiros de Paraná e Santa Catarina, recrutados para servirem nessas unidades de Polícia do nosso Exército.

11. COMPANHIA DE VOLUNTÁRIOS ALEMÃES DE SÃO LEOPOLDO

Para participar do esforço brasileiro na Guerra Cisplatina (1825-18), foi recrutado em São Leopoldo “*sob o prestígio indes- temível da figura empolgante*”⁶² do Dr. *Johann Daniel Hillebrand, uma Companhia de Voluntários Alemães*.

Ela foi organizada em 22 de novembro de 1825, em acordo com Portaria Imperial de 1825, por iniciativa do então Presidente da Província, o mais tarde Visconde de São Leopoldo, José Fernandes Pinheiro, fundador da Colônia de São Leopoldo, à qual deve seu título nobiliárquico.

Em 1974 transcorreu o bicentenário de seu nascimento.⁶⁹



11 - Vila de Rio Grande 1824-28. Esta foi a visão que os primeiros imigrantes alemães do Rio Grande do Sul tiveram da vila de Rio Grande em 1824, bem como o 27.º BC (alemães) e Esquadrão de Lanceiros (alemães) ao desembarcarem no local em dezembro 1826, rumo a Pelotas.

(Fonte: CDEx. Aquarela de Debret, cedida pela Fundação Raymundo de Castro Maya e adaptada para *slide* por Lauro Vilares.)

Os voluntários de São Leopoldo em Santana

Esses voluntários, em número de 62, foram enviados para a concentração do *Exército do Sul*, em Santana, ainda sob o comando do general Rosado.

Eles não participaram da batalha de Passo do Rosário, por terem ficado de guarda dos depósitos e outras instalações da antiga concentração do Exército, de tão triste memória, de todos quantos dela participaram, e de efeitos mais funestos que uma batalha sangrenta.

Integraram um contingente de 510 homens deixados no *Cerro do Depósito*, a 9 km de Santana, com a finalidade de guardar os materiais mais diversos, “bagagens pesadas da oficialidade”, tudo quanto não seria possível transportar-se por falta de meios ou “tudo que pudesse cooperar para aligeirar os trens do Exército”.

Os remanescentes voluntários alemães integraram uma Companhia Provisória de Infantaria de 2ª Linha, ao comando do capitão José Luiz de Andrade, composta de 232 homens. O restante do efetivo que ficou em Santana eram doentes, em número de 278.

O quadro a seguir contém os sobrenomes dos 62 imigrantes alemães que

integraram essa Companhia de Voluntários.⁷⁰

Eles foram os imigrantes alemães, pioneiros na defesa da Integridade e Soberania de sua nova pátria.

Relação dos 62 voluntários alemães de São Leopoldo da Guerra Cisplatina (1825-28)

1. Albrecht	20. Helsing	39. Meyer, Andreas
2. Asstius	21. Hohlfeld	40. Mueller
3. Beck, Andreas	22. Itier	41. Necgleix
4. Becker, Carlos	23. Kaempf	42. Obesrtadt
5. Behrens I	24. Kersting, Luís	43. Ohlman
6. Behrens II	25. Ketter, José von	44. Rlebe
Burchhardt	26. Kirsten	45. Rosemberg
8. Cords	27. Kormann	46. Roeding, Eduardo
9. Degleis	28. Korndorf	(Cadete)
10. Drever, Pedro	29. Kruhe	47. Ruppel
11. Ehrhorn	30. Kuhs	48. Schleuter
12. Eichhorn	31. Kunz	49. Schuet
13. Fraeger	32. Langhoff	50. Schwaan
14. Friedruhen	33. Lange	51. Steir
15. Gerthke	34. Leisten	52. Strohbach.
16. Goeske	35. Lemke	53. Spring
17. Gudowski	36. Lilienthal	54. Ulrich
18. Haag	37. Manke	55. Uflacker
19. Helms	38. Mentz	56. Volmar
57. Walter	59. Wehmann	61. Wrede
58. Weber	60. Will	62. Zimermann

FONTES:

Enciclopédia Rio-Grandense, vol. 1, p. 208.

Revista do Arquivo Público Estadual, ns. 15-16, p. 132.

PORTO. *Trabalho Alemão no Rio Grande do Sul*.

WIDERSPHAN. *Campanha de Ituzaingó*, pp. 98, 99, 168 e 193.

Hoje eles possuem muitos descendentes espalhados por todo o Rio Grande do Sul, que identificarão, através deste quadro, seus tetravôs e trisavôs que, recém-chegados ao Brasil, o defenderam no Campo da Honra.

Cadete Friedrich Eduard Koeding

A 12 de fevereiro de 1827, oito dias antes da batalha de Passo do Rosário, partidas do Exército Argentino assaltaram e destruíram no passo São Borja, do rio Santa Maria, um grande depósito brasileiro de bagagens, munições e mochilas.

Foi aprisionado pelo inimigo o cadete da Companhia de Voluntários Alemães Friedrich Eduard, junto com outros voluntários da mesma unidade.

Cinco dias após, ele foi libertado no Passo do Vacacaí, juntamente com seus companheiros alemães, pelo Barão von Heine, que lutava do lado argentino. Roeding foi libertado com a condição de atuar junto aos alemães a serviço do Brasil, no sentido de atraí-los à deserção para o lado argentino, sob a promessa "*de abundância e luxo, ao invés da miséria ao lado brasileiro*". Era uma manifestação de guerra psicológica.

Roeding, porém, não se deixou seduzir pelas promessas argentinas. Relatou tudo a seus superiores, inclusive as tentativas de atração para o lado argentino e, particularmente, do major Otto Heise e Leenhoff, ambos do *Esquadrão de Lanceiros Alemães*.⁷¹

11. CORONEL G. N. JOHANN DANIEL HILLEBRAND (1795-1880)

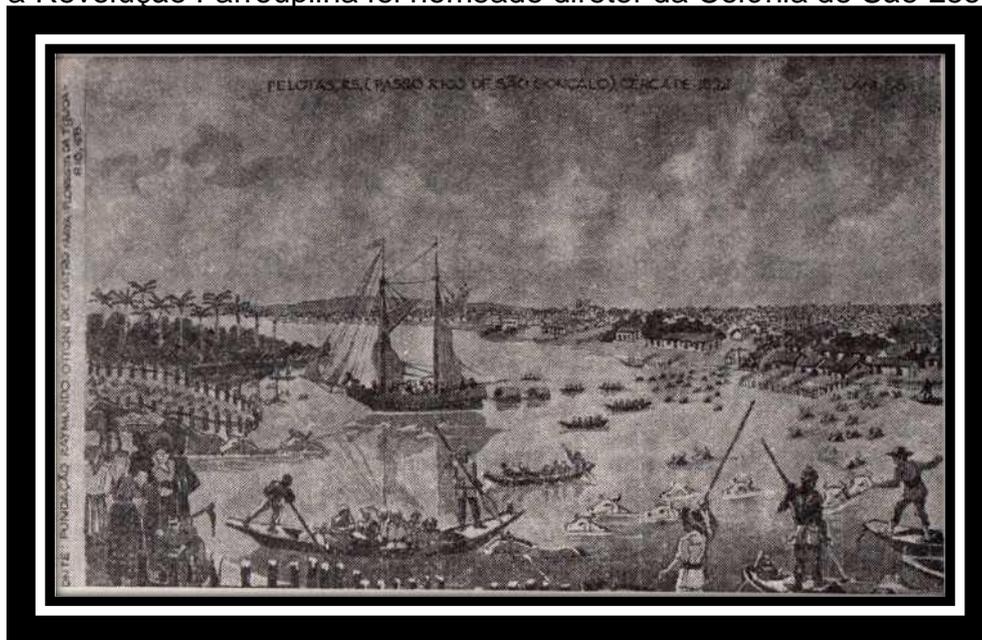
Com 29 anos, Hillebrand transferiu-se da Alemanha para o Brasil.

Integrou a segunda leva, composta de 81 imigrantes desembarcados no Rio Grande do Sul, a 6 de novembro de 1824, com destino à recém-fundada Colônia de São Leopoldo, a bordo da barca "Germânia". Ali prestaria os mais relevantes serviços

médicos, administrativos e militares, durante 56 longos anos.

Hillebrand era natural de Hamburgo (Alemanha).

Após a Revolução Farroupilha foi nomeado diretor da Colônia de São Leopoldo.



12 - Pelotas RS, Passo Rico do Canal São Gonçalo, segundo Debret, cerca de 1825. Esta deve ter sido a visão do alemão Carlos Seidler, que aí esteve nos anos de 1826-27, conforme menciona em sua obra *Dez Anos de Brasil*.

Pelotas serviu de concentração às tropas alemãs, antes e após a Batalha de Passo do Rosário.

(Fonte: CDEx. Aquarela de Debret, cedida pela Fundação Raymundo de Castro Maya e adaptada para *slide* por Lauro Vilares.)

Hillebrand veterano de Waterloo

O Dr. Hillebrand, ainda estudante e com 20 anos de idade, participou da Batalha de Waterloo, de 18 de junho de 1815, na qual Napoleão foi derrotado definitivamente.

Desta batalha, e com menos idade, também participou o mais tarde capitão Seveloh, de destacada atuação na batalha do Passo do Rosário, como oficial de Estado-Maior do Marquês de Barba- cena, comandante do *Exército do Sul*.

Existem referências não confirmadas de sua participação na Guerra Cisplatina, no comando da *Companhia de Voluntários de São Leopoldo*.

O Dr. Hillebrand defensor do Império em 1835-45

No mesmo dia em que se feriu o combate da ponte da Azenha, que marcou o início da Revolução Farroupilha, segundo Hermann Salisch, no n. 5 de seu jornal *O Colono Alemão*, o Dr. Hillebrand lançou a seguinte proclamação aos leopoldenses, aqui transcrita conforme a traduziu e a estampou em seu jornal, von Salisch, líder farroupilha entre os alemães e descendentes:

“Convidado instantemente pelo Presidente da Província, e autorizado pelo Juiz de Paz deste Distrito, passo a comunicar aos meus Patrícios Alemães que um partido pela maior parte composto de Negros e índios está ameaçando as Autoridades desta Província, legalmente constituídas, tendo por fito derrubá-las, ou assassiná-las, conforme as circunstâncias, a fim de proclamar uma república ou governo extralegal, cujo plano já patentearam abertamente por vários passos hostis que principiaram a dar. Todos nós, que fomos recebidos com hospitalidade neste país, temos a obrigação de prestar à nossa nova Pátria os nossos braços e as nossas forças.

O Governo conta conosco, a Lei nos protege, e os agradecimentos não tardarão em recompensar-nos.

É por isso que vos convido a corresponder à confiança posta nos Alemães por uma prontidão exata, o que fareis reunindo-vos a mim bem

armados.

— Viva D. Pedro II!

— Vivam as Leis!

— Vivam as Autoridades legalmente constituídas!

São Leopoldo, 20 de setembro de 1835.

(a.) Dr. Hillebrand⁷²

Hillebrand justifica sua atitude

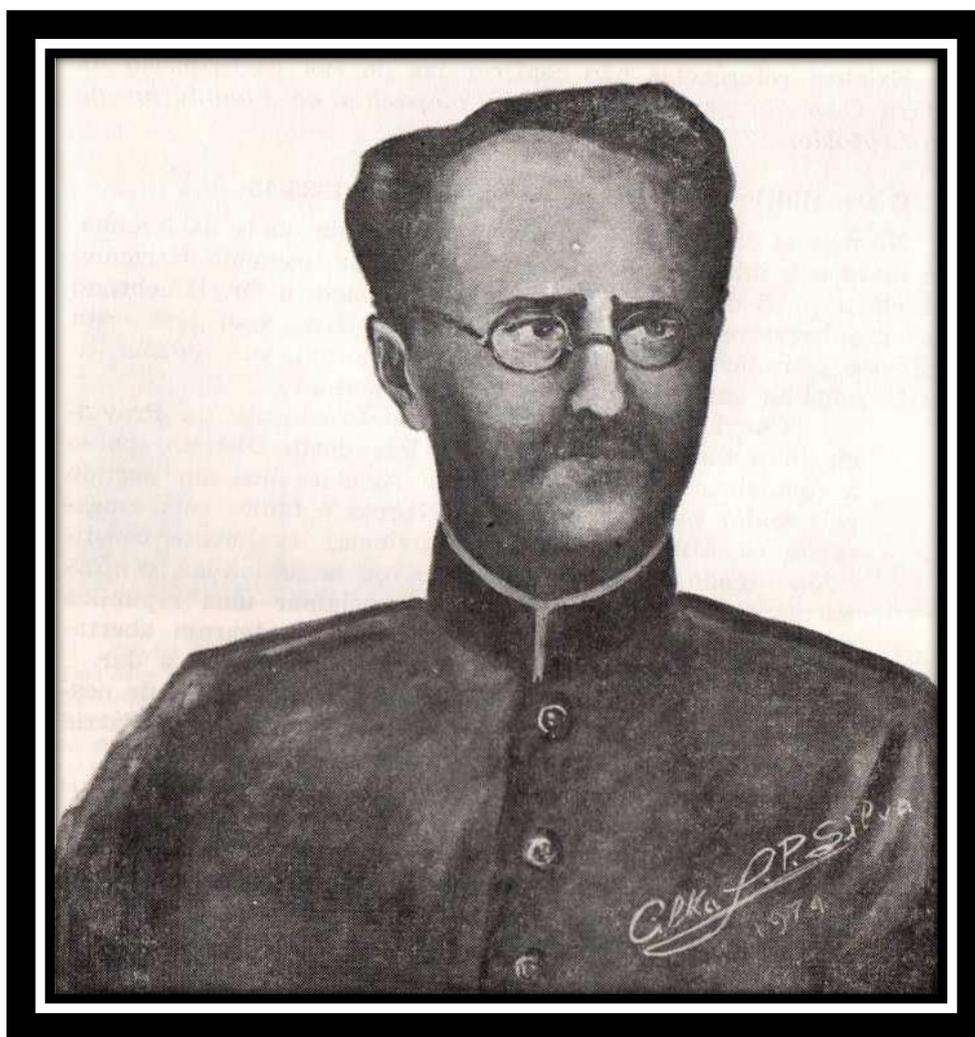
Conforme se conclui, o Dr. Hillebrand decidiu-se pela legalidade imperial desde o primeiro dia e manteve-se fidelíssimo a sua verdade e por ela arriscou a vida.

Ele justificou sua atitude do seguinte modo:

“Se os colonos tivessem sido inimigos dos brasileiros e do governo imperial, teriam tido ótima ocasião para demonstrar essa inimizade quando rompeu a Revolução nessa Província, em 20 de setembro de 1835.

... pois havia grande descontentamento pelo não cumprimento de contratos...

Apesar disso não houve atividades hostis ao governo imperial.



13 – Coronel da Guarda Nacional Dr. Daniel Hillebrand – O patriarca da colonização alemã do Rio Grande do Sul, por Cilka L. da Silva.

(Fonte: O ATENEU. São Leopoldo (RS) maio/junho 1973.)

Essas deram-se, apenas, quando os rebeldes fizeram crer aos colonos que a Província havia conquistado a sua independência, e que, caso não combatessem a favor do novo governo, suas propriedades seriam tomadas e queimadas.

Caso contrário, seus serviços seriam pagos.

Cada colono receberia dois lotes e os subsídios retardados que o governo imperial lhes negara.

Apesar de tais ameaças e promessas, os colonos não quiseram pegar em armas contra o Império. Só o fizeram quando os rebeldes começaram a queimar casas, a destruir roças e a matar o gado. Vendo os vizinhos tratados dessa maneira, eles se apresentaram voluntariamente.”⁷³

Discordamos aqui que os colonos alemães que aderiram à Revolução o fizeram à força.

Assim como uns prestaram serviços militares ao Império, engajados na *Companhia Alemã* que integrava as tropas de Chico Pedro de Abreu, em maior número, cerca de 117 homens integraram o *Esquadrão de Cavalaria de 1ª Linha de São Leopoldo*, que representou 10% de todas as tropas desse tipo da República Rio-Grandense.⁷⁴

Dr. Hillebrand líder imperial de São Leopoldo

Pouco depois de estourar a Revolução, o Dr. Hillebrand teve de abandonar São Leopoldo com os que lhe eram fiéis. Ocupou militarmente o morro Shirmer, situado entre Campo Bom e Hamburgo Velho, com 400 colonos.

Nesta situação ficou até o princípio de 1836, quando retornou a sede de São Leopoldo e passou a dirigi-la e defendê-la, até o final da Revolução, a partir da 2ª quinzena de junho de 1836.

Os revolucionários, após dominarem a sede da colônia, foram obrigados a deixá-la sob a liderança de von Salisch.

Projeção militar do Dr. Hillebrand

O Dr. Hillebrand teve destacada atuação militar, além da administrativa, em São Leopoldo, hoje entendido como toda a vasta região compreendida pelos municípios que pertenceram um dia à Colônia de São Leopoldo; Novo Hamburgo, Campo Bom, Sapiranga, Estância Velha, Nova Petrópolis, Sapucaia, Ivoti, Portão, etc.

Embora não exista prova de haver lutado no campo de batalha nas guerras Cisplatina, contra Oribe e Rosas, e do Paraguai, ele destacou-se como recrutador e organizador de unidades teuto-brasileiras que ali lutaram.

Por sua atuação destacada e desassombrada na Revolução Farroupilha, no início da mesma, foi feito coronel-comandante da Guarda Nacional, além de Diretor da Colônia. Naturalizou-se brasileiro e recebeu as altas comendas da Ordem Imperial do Cruzeiro, “Rosa e Cristo”.⁷⁵

É, sem dúvida nenhuma, uma das mais destacadas personalidades da colonização alemã no Rio Grande do Sul, e seu líder incontestado nos mais graves momentos por ela atravessados, como a Revolução Farroupilha, ao impedir sua desintegração e fracasso, conforme se conclui de Hormeyer em 1856:

“A Colônia de São Leopoldo foi abalada de tal maneira pela Revolução Farroupilha em seu primeiro desenvolvimento que se viu retardada por muitos anos, quando um núcleo menos forte teria sucumbido.”⁷⁶

Em 1865, quando o Imperador D. Pedro II visitou São Leopoldo, homenagem a sua mãe, a austríaca Imperatriz Leopoldina, presidia a Comissão de Recepção um ancião de 70 anos que fora um dos grandes arquitetos, política, militar e administrativamente, daquela grande e pujante colônia alemã.

Assim é que o destacado historiador de nossa Revolução Farroupilha — Walter Spalding — interpretou o papel do Dr. Hillebrand:

“Quanto à legalidade, o Dr. João Hillebrand, inteligente e culto, mas realista ao extremo, conseguiu manter os colonos firmes ao lado do Império, incorporando alguns que voluntariamente o quiseram, às forças legais.

São Leopoldo esteve, durante o decênio, defendido por tropas próprias,

organizadas por Hillebrand, que aliava sua atividade na direção da colônia a suas grandes qualidades filantrópicas de médico desinteressado e heróico lidador.”⁷⁷

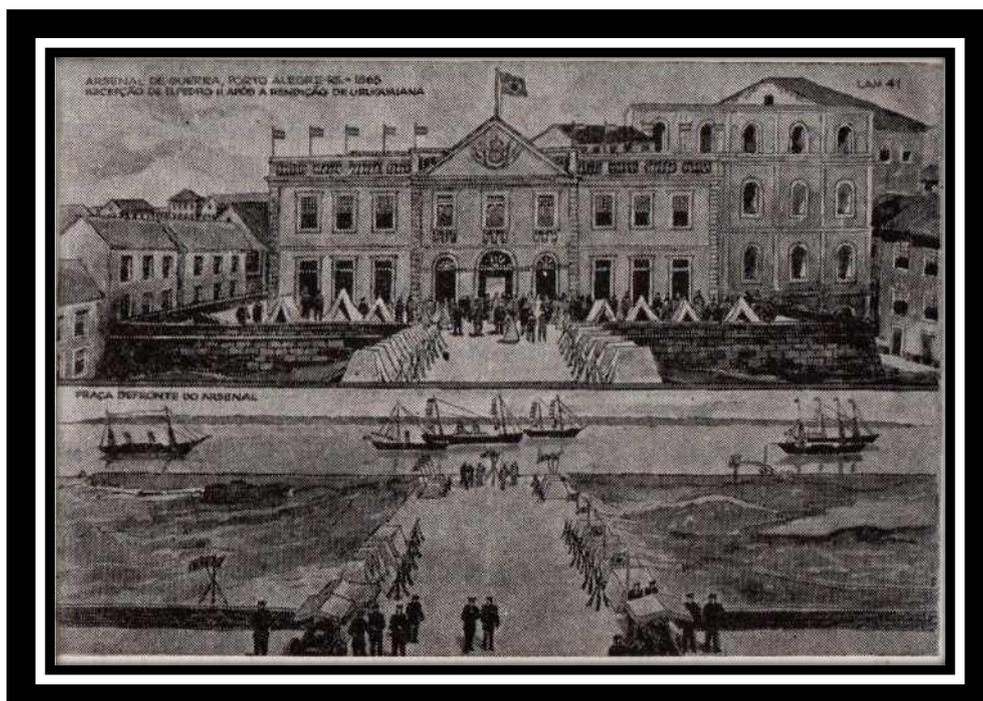
Dr. Hillebrand «o anjo bom» na epidemia de cólera-morbus

Em maio de 1855, verificou-se um surto de *cólera-morbus* na então Província do Rio Grande do Sul. Esta doença vitimou em São Leopoldo mais de 40 pessoas.

Segundo Aurélio Porto, “como um verdadeiro herói, enquanto outros fugiam e os médicos abandonavam a vila, cheios de pavor, o Dr. Hillebrand atirou-se com denodo à faina de debelar o mal.

Estava em toda parte. Organizou um serviço de assistência, levantava da rua e levava para o lazareto os que encontrava atacados do terrível *morbus*.

De seu próprio bolso acorria às despesas de fornecimento de dieta e de remédios para os pobres. Enfim, era anjo bom que, abrindo as asas acariciantes, a todos colocava sobre o seu misterioso aconchego.



14 - Recepção a D. Pedro II em Porto Alegre, no dia 28 de outubro de 1865, quando foi saudado pela Bateria Alemã, ao comando do “brummer”, Capitão Carl Ferdinando Schneider. Na parte inferior da gravura, duas peças da Bateria Alemã e sua guarnição, na maioria veteranos da guerra de 1851-52.

Alegoria com apoio em foto da época segundo Lauro Vilarés.
(Fonte: Centro de Documentação do Exército.)

Quando quiseram recompensá-lo desse esforço e das despesas que fizera, respondeu:

— “Nada me devem. Os serviços que eu prestei foram à Humanidade.”¹⁸

Em 1856, recebeu do Presidente da Província, agradecendo seus humanitários serviços médicos, um ofício.

Para Leopoldo Petry, ao Dr. Hillebrand

“homem deveras extraordinário, ao qual a coletividade deve os mais assinalados serviços, entre outros o de evitar que a colonização se desmorroneasse em consequência de inúmeras contrariedades de ordem moral e material, aparecidas nos primeiros anos.

Intermediário entre o governo e o colono, soube sempre, mesmo nas situações mais difíceis, animar e encorajar o primeiro, auxiliando-o nas suas aperturas e concorrendo com sua ação, com seu exemplo e com seu conselho para não se verificarem atos de desespero que, sem a sua inteligente direção, teriam, talvez, causado prejuízos e danos incontáveis à colonização.”⁷⁹

O ofício mencionado, de agradecimento do Presidente da Província, referiu: “Sem

pretender estipêndio algum, pois só por humanidade é que assistiu os coléricos com risco da própria vida”.⁸⁰ Acreditamos que a comunidade teuto-brasileira do Rio Grande do Sul e este estado ainda não resgataram a enorme dívida de gratidão para com o Dr. Hillebrand.

O coronel da Guarda Nacional Dr. Johann Daniel Hillebrand foi, sem sombra de dúvida, o personagem integral e a maior figura da colonização alemã do Rio Grande do Sul durante os últimos 150 anos.

Hillebrand nasceu em Hamburgo, a 11 de maio de 1795. Foi batizado a 17 do mesmo mês, na igreja evangélica de S. Miguel. Formou-se em Medicina pela Universidade de Goettingen. Seus pais foram Johann Cristoph Hillebrand e Margareta Dorothea Elizabeth Warckhaupt.

Suas origens familiares, como a do ilustre Friedrich Ludwig Willelm Vamhagen, pai do consagrado historiador brasileiro, visconde de Porto Seguro, encontram-se no principado de Waldeck. Segundo *O Ateneu*, o pai do Dr. Hillebrand foi cidadão altamente dedicado à comunidade de Hamburgo, na Alemanha.

Existe na Prefeitura Municipal de São Leopoldo quadro a óleo do benemérito coronel, de autoria de Julius Schmischke, e placas com sua efígie no monumento ao imigrante na Praça do Centenário e no seu túmulo.

Koseritz o designou, com muita propriedade, como “Patriarca da Colônia de São Leopoldo”.

Necrológio do coronel Hillebrand feito por Carlos von Koseritz

“O patriarca de São Leopoldo, “O Coronel”, já não existe... Na manhã de domingo p.p. conduziram os seus restos mortais ao cemitério de São Leopoldo. Entregaram-nos ao túmulo, acompanhados pelos moradores de São Leopoldo e de toda a circunvizinhança. O nosso velho amigo alcançou mais do que 80 anos.

Há tempos ainda prometera-nos escrever a sua autobiografia, antes de sua morte. A morte o surpreendeu, e, caso Hillebrand se recordasse da promessa, não tardaríamos em transmitir a biografia aos nossos leitores.

Faz um mês, mais ou menos, que o coronel se sentia adoentado; não mais pôde tratar os seus papagaios, entregando-os à tutela de seus amigos. O papagaio predileto — estava ele mais de 40 anos com Hillebrand — não podendo suportar a separação do seu velho senhor, morreu dias antes; a Arara encontrou um carinhoso asilo na casa do Sr. Kempf, sendo visitada diariamente pelo coronel, enquanto o estado de saúde ainda lhe permitiu o passeio.

Afinal, sentiu aproximar-se a morte, e não se iludiu sobre a realidade; fez o testamento, incinerou muitos papéis, distribuiu presentes, enfim preparou-se para a última viagem.

Outrora o Duque de Caxias lhe presenteara uma caixa de charutos; o último deles ficou reservado com a declaração que o fumaria no dia de sua morte. Eis! Em um de seus últimos dias, sentindo-se muito mal, pediu ao Dr. Clemens Matte “o charuto de Caxias”, pois que a morte estava-se aproximando. Fumou o último dos charutos que Caxias outrora lhe havia dado.

Todo o mundo sabe que o coronel era pobre, porque nunca aceitou honorários, ao contrário, muitas vezes ficou exaltado, se alguém lhe quisesse oferecer. Apesar disso, para dias de necessidade, economizara 800 mil-réis — quem sabe lá em quantos anos! Esta soma, bem como o dinheiro proveniente da venda de mobiliário, livros e objetos de uso, legou-os, por testamento, aos pobres. Distribuiu os 800 mil-réis entre os seus afilhados, três cegos e os pobres da cidade, observando ainda tanta cautela, que prescreveu: devia o Sr. Clemente Matte administrar o dinheiro destina do aos cegos, entregando-lhes dois mil-réis por semana para que não lhes extraviassem ou roubassem o resto.

A muitos amigos deixou lembranças, assim ao Dr. Bernardo e ao Sr. Clemente Matte as condecorações, entregando ao Sr. Dr. Kremer a escrivania, os livros de literatura médica que possuía, etc.

Os pobres, porém, foram a preocupação máxima do coronel: ainda quatro horas antes de sua morte (às seis horas da tarde), quando recebeu a visita do Secretário da Câmara Municipal, a esse recomendou que não esquecesse que a Câmara a ele, o coronel, ficara devendo ordenados de seis meses, correspondentes à remuneração de serviços prestados na qualidade de médico encarregado da vacina; que esse dinheiro, na iminência de sua morte, o destinava aos pobres.

Pouco antes das 9 horas ainda comeu uma sopa de cerveja, dizendo que nunca gostara mais de uma sopa do que dessa. Às dez horas adormeceu, como adormece uma criança, sem dores e sem agonia, rodeado por numerosos amigos, seus companheiros efetivos desde semanas.

Com o “Coronel” enterramos um grande trecho da história de São Leopoldo. Caso ainda encontrasse tempo de cumprir as promessas que nos fizera, teríamos a oportunidade de transmitir aos pósteros ao menos uma parte de suas anotações. Não fará mister acrescentar muito; já no ano de 1874 publicamos, no Almanaque, uma biografia do “Coronel”, e é vastamente conhecido quão íntimos foram os laços de amizade que nos prenderam ao ancião, que foi um dos mais atenciosos leitores de nossa folha e um dos seus primeiros assinantes.

Que Deus lhe dê a paz, a esse velho leal Coronel! Praticou o bem em sua longa vida, aliviou muitas dores, enxugou muitas lágrimas, e, diante de seu túmulo, muitos olhos se puseram a chorar; que dantes haviam desaprendido o pranto.”

(Transcrito de *O Ateneu*, São Leopoldo (RS), mai/jun de 1960).

CURRICULUM VITAE DO CEL. HILLEBRAND DOCUMENTA

I

Ego Johann Daniel Traugott Hillebrand, Hamburgensis, anno millesimo septingentesimo nonagésimo quinto, natus sum patre Christoph Hillebrand. Usque ad aetatis meae annum quindecimum Gymnasium Johanneum Hamburgi frequentavi, tunc per aliquot annos in medicinae rudimentis a Doctore Heidrich institutus sum.

Bello, contra patriae hostem anno millesimo octingentesimo quindecimo octo, Germanorum exercitum secutus sum et in Borussorum Castris chirurgus stipendia merui — Bello durante primum illo chirurgorum numero adscriptus sum, cui officium erat in nosocomiis Coloniensibus aegrotos curare. Eodem tempore Coloniae hasce Praelectiones audi:

Professoris Richter, de therapia speciali.

Doctoris Lehmann de Chirurgia et Physiologia.

Deinde in Francogalliam venitet per tres annos in nosocomiis quae a Borussis Pirasii instituta erant, stipendia matéria medica, chirurgia et fasciarum applicatione quae feci. Etiam audivi praelectiones de therapia, physiologia, habebantur a Doctoribus, Nelvidy et Krause.

Bello finito in patriam rediebam, anno autem millesimo octingentesimo undevicesimo Goettingen veni et Medicinae Studiosorum numero adscriptus sum. In Academia Geórgia Augusta durante quadriennio praelectiones audi: Celeberrimi Blumenbach. de anatomia compaata.

Celeberrimi Himly. de Nosologia et Therapia, tam generali quam speciali. De Oculorum Morbis. Exercitationibus clinicis in Nosocomio acadêmico etiam interfui.

Celeberrimi Langenbeck. de Anatomia et Chirurgia praeterea exercitationibus clinicis in nosocomio acadêmico adfui.

Celeberrimi Stromeyer. de Chemia.

Celeberrimi Schrader. de arte botânica.

Illustris Hempel; de anatomia.

D. ris Pauli de fasciarum applicatione.

(Transcrito de *O Ateneu*, São Leopoldo-RS mai/jun 1960.)

Fehsembeck «o herói de três campanhas»

Fehsembeck lutou na Guerra Cisplatina, provavelmente no 27º Batalhão de Caçadores. Mais tarde, alfaiate, radicou-se em Portão.

Havia acompanhado Napoleão na Rússia. Caiu prisioneiro dos russos na travessia do Berezina. Participou da Batalha de Waterloo, integrando as tropas de Blucher.

Viveu no Rio Grande do Sul cerca de 40 anos. Na Guerra do Paraguai alistou-se na célebre *Bateria Alemã*, que integrou o legendário Regimento de Artilharia de Mallet.⁸¹

Foi o mais idoso voluntário alemão a partir em defesa do Brasil. Terminou seus dias durante essa guerra, num hospital em Buenos Aires, com a idade de 78 anos.⁸²

Ele é um eloquente exemplo do amor que muitos alemães emigrados devotaram à nova Pátria, pois com sua idade estava dispensado de partir para a guerra.

Nicolaus Birnfeld

Participou da batalha do Passo do Rosário. Não sabemos se no 27º BC ou no Esquadrão de Lanceiros Alemães.

Mais tarde radicou-se em São Leopoldo e foi o primeiro professor de alemão e português, em São José do Hortêncio.⁸³

Johann Martim Buff

Participou da batalha de Passo do Rosário, não sabemos se no 27º BC ou no Esquadrão de Lanceiros Alemães.

Prestou assinalados serviços, na paz, à colonização alemã, como diretor da Colônia de Santa Cruz.⁸⁴

13. ALEMÃES E DESCENDENTES NA REVOLUÇÃO FARROUPILHA

Quando eclodiu a Revolução Farroupilha, a cooperação dos imigrantes alemães foi disputada pelos farroupilhas e imperiais. O Dr. Hillebrand, pouco após nomeado diretor da Colônia, foi o líder da legalidade. Sua relevante atuação já foi apreciada.

Lideraram em São Leopoldo a facção farroupilha ou republicana o major Karl Friedrich Otto Heise, Hermann von Salisch e o francês João Antônio Sarrasin.

Farroupilhas ocuparam São Leopoldo

Em São Leopoldo repercutiram com intensidade as disputas políticas que culminaram com a Revolução Farroupilha. Elas foram causas de crimes políticos, como os praticados em princípios de 1835 por Sttolenberg, Feldmann e Klingelhofer. “Estes três, mais tarde, figuraram na Revolução Farroupilha, sendo que Germano Klingelhofer com grande destaque.”⁸⁵

No início do movimento, os farroupilhas ocuparam a sede da vila de São Leopoldo sob a liderança de Hermann von *Salisch*, Otto *Heise* e João Antônio *Sarrasin*. Foram secundados em Campo Bom pelo pastor evangélico Frederico Cristiano Klingelhofer e seu filho Hermann. Ambos lutaram pela República Rio-Grandense. Hermann tombou como herói na batalha de Triunfo, integrando a Cavalaria Farrapa.

Hoje, com justa razão, figura na galeria de heróis farroupilhas. Já foi cogitado para ser nome de um centro de tradições gaúchas, em Campo Bom. E bem merece essa homenagem.

O Dr. Hillebrand, liderando os imperiais, transferiu a administração para a margem direita do rio dos Sinos. Mais adiante, ocupou com 400 colonos o morro Shirmer, entre Hamburgo Velho e Campo Bom, de onde dificilmente poderia ser desalojado por um ataque farroupilha, dadas as excepcionais características defensivas desse ponto.⁸⁶

O local foi sugerido por Chico Pedro, o “Moringue”. Dali, só foram retirados após serem demovidos pelos farroupilhas a retornarem a suas ocupações normais, no início de 1836.

Outros fatos importantes teriam lugar em São Leopoldo durante a Revolução. Eles determinaram, inclusive, uma migração para Santa Maria e Sete Povos.

Proclamação de Marciano Ribeiro aos leopoldenses

Em janeiro de 1836, esboçou-se uma reação contra a Revolução Farroupilha, em São Leopoldo, ao ponto de o governo provisório enviar a seguinte proclamação aos leopoldenses:

“Industriosos e Honrados Habitantes da Colônia de São Leopoldo.

Tem chegado ao meu conhecimento que homens turbulentos e mal-intencionados tentam iludir-vos e fazer-vos cúmplices no horrendo crime de levantar, com mão armada, o estandarte da rebelião contra as Autoridades legitimamente constituídas, e favorecer os planos de anarquia em que querem envolver esta ditosa Província.

Sereis vós capazes de ensangüentar a terra que, hospitaleira, vos recebeu?

Tamanha ingratidão caberia em vossos peitos?

Não, não é crível, não é possível.

Mas zeloso pelo vosso bem-estar, é meu dever advertir-vos dos laços que vos armam homens perversos a quem pouco importa precipitar-vos em um pélagos de males e distrair-vos de vossos profícuos trabalhos, contanto que saciem sua sede de vingança.

Em vão vos asseveram que existem planos de separação e República, em vão vos asseveram que se pretende obstar à posse do Presidente nomeado.

Eles vos enganam e abusam de vossa boa fé.

Vossa confiança vos faria instrumento de um partido sem que vos tornásseis úteis à Pátria que adotastes. Não acrediteis; os Rio-Grandenses e todos os Brasileiros querem a união, sem a qual não pode haver prosperidade e grandeza.

Querem a posse do Presidente nomeado porque estão certos de suas intenções pacíficas e conciliadoras.

Permaneço, pois, tranquilos: os conselhos dos poucos que nada têm que perder, não perturbem jamais aos homens industriais.

Prossigui, pois, em vossas pacíficas tarefas e nada tereis que temer.

O Governo vela sobre a segurança da Província e os facciosos não atentarão contra ela sem receberem o merecido castigo.

Viva a Nação Brasileira!

Viva o Senhor D. Pedro II, Imperador Constitucional do Brasil!

Vivam os Rio-Grandenses livres!

Vivam os pacíficos e industriais Colonos!

Palácio do Governo da Província, em Porto Alegre, aos 15 de janeiro de 1836.

(a.) Dr. Marciano Pereira Ribeiro, Vice-presidente.”⁸⁷

Naquele dia o movimento sofreu uma grande reviravolta.

O Presidente da Província indicado pelo Império, Araújo Ribeiro, assumiu o governo em Rio Grande e a revolução prosseguiu por nove anos.

Proclamação de Bento Gonçalves aos leopoldenses

Bento Gonçalves da Silva pelos mesmos motivos lançou sua proclamação, lembrando haver lutado ao lado deles em Passo do Rosário, ao mesmo tempo que referia a bravura dos alemães no campo-da-honra, em defesa do Brasil, onde lutaram ombro a ombro, e Bento Gonçalves teve ocasião de intervir e salvar os combatentes alemães do Esquadrão de Lanceiros Alemães envolvido pelo inimigo:

“Habitantes da Colônia de São Leopoldo.

O Exmo. Sr. Vice-presidente cuidadoso de vosso bem-estar e cumprindo os seus paternais deveres que lhe insinuam, lançou mais a proclamação de ontem e vos fez conhecer o abismo de males em que vos querem precipitar um bando de facciosos, lembrando-vos o dever de permanecer tranquilos e obedientes às legítimas Autoridades.

Com o mesmo fim e movido pelo mesmo desejo, eu vos falo neste momento.

A muitos dentre vós que já ocuparam as fileiras do Exército, não são

desconhecidos os meus sentimentos.
Vós me conhecestes no campo da Honra no dia 20 de fevereiro, quando
vos cobristes de louros defendendo esta vossa Pátria adotiva.
Eu então presenciei e avalei o vosso valor.
Deveis agora patentear à Província as vossas virtudes cívicas.
Respeito às Leis seja o vosso único norte.
Estranhos à voz de partidos, não escuteis senão a razão.
Ela vos diz que encetar uma conduta criminosa seria lançar-vos em
abismo de males.
Permanecei tranqüilos;
os poucos facciosos que vos incitam ao crime cairão debaixo do cutelo da
justiça.
A Causa Nacional triunfou.
Ela não retrograda jamais.
Os Rio-Grandenses Livres só querem Leis, Liberdade e o Trono
Constitucional do Sr. D. Pedro Segundo.
Viva a Nação Brasileira!
Viva o Sr. D. Pedro II!
Vivam os Rio-Grandenses livres!
Vivam os pacíficos e industriosos Colonos.
Porto Alegre, 16 de janeiro de 1836.
(a.) Bento Gonçalves da Silva, Coronel Comandante Superior das
Guardas Nacionais.”⁸⁸

Proclamação de Onofre Pires em consequência de reação em São Leopoldo

Onofre Pires, mais tarde morto em consequência de duelo com Bento Gonçalves, também lançou sua proclamação, em razão de reação contra a revolução surgida em São Leopoldo:

“Cidadãos Guardas Nacionais!

Bravos Companheiros e Amigos!

O partido retrógrado que tantas provas recebeu da nossa generosidade, bem longe de reconhecer sua impotência, almejando destruir a ferro e fogo os homens e os princípios da Gloriosa Revolução de Vinte de Setembro, *reaparece junto à Colônia de São Leopoldo, capitaneado por alguns dos antigos influentes da liberticida Sociedade Militar, e sob o pretexto de bater um Partido Republicano que não existe na Província, pretende fazer crer aos incautos que seus fins são proteger a posse do Presidente nomeado, o Dr. José de Araújo Ribeiro, derribar o inabalável Edifício de nossa Regeneração.*

Briosos Defensores da Pátria não vos deixeis iludir!

A posse do Presidente nomeado vai efetuar-se porque a nossa Digna e Patriótica Assembléia Provincial assim o deliberou, e todos estão dispostos a prestar a seus atos a devida obediência.

Os planos dos inimigos da nossa cara Pátria já hoje nos são patentes; e as Autoridades trabalham com energia por fazê-los abortar.

Tranqüilizai-vos pois, e unidos e acutelados secundai os defensores beneméritos de Vinte de Setembro e vereis esse Dia Majestoso mais e mais abrilhantar-se.

Conservai-vos sob as armas, Valentes Guardas Nacionais, e se esses ingratos Patricidas nos agredirem, fazei lhes conhecer a diferença que vai do Livre Defensor da Pátria ao mercenário vil e escravo.

Viva a Liberdade!

Vivam os Poderes Políticos da Nação!

Viva a Integridade do Império!

Viva o Memorável Dia Vinte de Setembro!

Vivam os Briosos e Livres Guardas Nacionais!!!

Porto Alegre, em 16 de janeiro de 1836.

(a.) Onofre Pires da Silveira Canto, Coronel-Chefe da Legião dos G. N. do Município da Capital.”⁸⁹

O dia 21 de janeiro de 1836 em São Leopoldo

Em 21 de janeiro de 1836, chegaram a São Leopoldo, enviados pelo Presidente Araújo Ribeiro, os generais Gaspar Mena Barreto e Canto e Mello. Portavam proclamações de Araújo Ribeiro, concitando os colonos a alistarem-se nas forças imperiais.

“O General Mena Barreto falava em português aos colonos, e von Salisch, que ali se encontrava com a missão de acalmar a colônia para os revolucionários, falava em alemão.

O general Mena Barreto protestou e von Salisch replicou dizendo que estava traduzindo suas palavras aos colonos que não entendiam português.

Von Salisch, alterando o sentido das palavras, revoltou a colônia contra esses dois oficiais generais, obrigando-os a se retirarem, sob pena de serem mortos.”⁹⁰

Daí por diante a Colônia ficou na maior confusão. De um lado, os partidários do Império sob a liderança do Dr. Hillebrand e, do outro, os revolucionários, ao lado de von Salisch.

Essa situação perdurou até 15 de junho de 1836, quando os imperiais, graças à atuação decisiva do major Marques de Souza e do tenente Guilherme Mosye, recuperaram Porto Alegre.

“A situação tornou-se quase irrespirável, pois o diretor da Colônia, Dr. João Daniel Hillebrand, assumindo a chefia legal estava trabalhando secretamente quando se deu a reação em Porto Alegre, que a passou às mãos da legalidade. Esta mudança fez com que fugissem os implicados na revolução e se incorporassem às forças farroupilhas.”⁹¹

As aventuras do Menino Diabo em São Leopoldo

Após estes fatos e saída dos revolucionários para a campanha, o interior da Colônia foi dominado por uma figura de triste memória. Tratava-se do Menino Diabo, personagem digna de um filme a ser feito um dia, cuja história foi assim contada por Leopoldo Petry:

“Entre os mais temidos inimigos da Colônia figurava um tal Antônio Joaquim da Silva, português naturalizado, mais conhecido pelo apelido de Menino Diabo. *Menino*, devido à sua pequena estatura, e *Diabo*, por causa de seu caráter sanguinário.

Escolhera ele, para palco de suas correrias, as picadas de *Bom Jardim* (hoje Ivoti), *Estância Velha*, *Dois Irmãos* e *Picada 48*.

Em Estância Velha foi barbaramente assassinado Adão *Knierim*, e sua mulher obrigada a trazer aos assassinos uma bacia de água, para lavarem as mãos ensanguentadas.

Ao enxugar as mãos, o Menino Diabo, com riso zombeteiro, disse:

— Como estava doce o sangue de Adão.

Não menos diabolicamente procederam com Pedro Kerber, negociante na Picada 48.

Preso, prometeram à sua mulher soltá-lo, se ela trouxesse elevada quantia em dinheiro.

A pobre colona correu pela vizinhança toda para obter o dinheiro pedido. Quando o entregou ao Menino Diabo, este enxugou, na saia da infeliz mulher, as mãos e a faca com que havia degolado o seu marido.

Outro crime hediondo foi o que se deu com o colono Morschel, o qual atacado por um tal *Laval*, pertencente ao bando do Menino Diabo, matou o seu agressor.

Enfurecido, o chefe revolucionário tornou público que, se não lhe fosse entregue o matador de *Laval*, seriam incendiadas todas as casas da Picada e mortos todos os seus moradores, inclusive mulheres e crianças.

Morschel, informado da terrível ameaça, apresentou-se voluntariamente ao chefe revolucionário para salvar a Picada da terrível ameaça que sobre ela pairava.

Preso, foi condenado à pena “das estacas”, suplício a que foi submetido durante dois dias e duas noites.

Quem conduziu a operação de captura foi o famoso guerrilheiro imperial Chico

Pedro de Abreu, “o Moringue”. Chamava-se Francisco Pedro Brusque de Abreu e recebeu o título de Barão do Jacuí.

Chico Pedro era proprietário em São Leopoldo. Comandava, ao final da Revolução Farroupilha, a Ala Esquerda do Exército ao comando do Barão de Caxias.

Sua tropa teve como base de operações a então capela de Canguçu.⁹³ Dela fazia parte o capitão suíço Resin, ao que parece comandante da *Companhia Alemã* recrutada em São Leopoldo por Chico Pedro.

Hermann von Salisch

Ao eclodir a Revolução Farroupilha, Salisch foi mandado para São Leopoldo como diretor daquela colônia, a fim de tranquilizá-la. Ali ficou em nome do Dr. Marciano Ribeiro, por indicação do juiz de paz local Inácio Antônio de Moraes.

Durante cerca de três meses ele governou a Colônia de São Leopoldo, auxiliado por Otto Heise, Kruger, Germano Klingelhofer, Frederico Enger, Luiz Schroeder e João Jacó Agner.

Nos dias 15 e 16 de janeiro fez ler as proclamações do Dr. Marciano e dos coronéis Bento Gonçalves e Onofre Pires. Com a posse de Araújo Ribeiro, em Rio Grande, a 15 de janeiro de 1836, ele passou a direção da Colônia ao juiz de paz e foi para Porto Alegre.

A 21 de janeiro ele encontrava-se novamente em São Leopoldo, onde teve destacada atuação, conseguindo inverter para sua causa o sentido das palavras dirigidas aos colonos por dois oficiais gerais enviados pelo Presidente Araújo Ribeiro.⁹⁴

O jornal «O Colono Alemão», de von Salisch

Após 21 de janeiro, von Salisch foi para Porto Alegre, onde fundou, a 3 de fevereiro de 1836, o jornal *O Colono Alemão*.

Seu primeiro número assim se referiu, em editorial, ao 21 de janeiro de São Leopoldo:

“Esta folha é filha do 21 de janeiro, dia para sempre memorável nos fastos de São Leopoldo, dia que chamou irrevogavelmente para o lado do Partido Liberal da Província todo o colono honesto e animado por sentimentos patrióticos.

Dia, enfim, que afastou do pacífico solo de São Leopoldo a intriga e a perversidade, que ocultamente cavava o abismo em que se ia precipitar a população numerosa dos alemães hospedados nesta Província.

Calcando aos pés as leis da Pátria, erguendo o colo altivo contra a revolução do dia 20 de setembro, o partido retrógrado tentou fazer o primeiro ensaio de reação por meio dos Alemães colonizados em São Leopoldo, certo de que, uma vez comprometidos, não lhes restaria outro recurso senão morrer pelejando, pois que o justo ódio da Província, e talvez do Brasil inteiro, não teria deixado outra alternativa a estrangeiros culpados do máximo dos crimes, qual o de empunhar armas contra os que no seu seio gostoso os tinham escolhido.”⁹⁵

Von Salisch continuou lutando pela idéia de República Rio-Grandense. Pagou com a vida este ideal, ao tombar morto de espada em punho por sua verdade, para os lados de Jaguarão.

Os três primeiros números de seu jornal *O Colono Alemão* foram publicados em edição quase fac-símile no *Processo dos Farrapos*, editado pelo Arquivo Nacional, em 1836 (pp. 135-146).⁹⁶

O seu jornal tinha como epígrafe esta frase:
— *Sois vrai e ne crainds personne.*

Esquadrão de Cavalaria de 1ª Linha de São Leopoldo

Os farroupilhas, ao formarem seu Exército de 1ª Linha, deram a seguinte organização à Cavalaria:

- 1º Corpo de Cavalaria de 1ª linha;
- 2º Corpo de Cavalaria de 1ª linha.

Esquadrão de Cavalaria de São Leopoldo⁹⁷

— 1º Corpo de Lanceiros;

— 2º Corpo de Lanceiros.

Os dois últimos, constituídos basicamente dos célebres lanceiros negros, enquadrados por destacados oficiais brancos.

Acreditamos que o major Otto Heise tenha sido o inspirador e idealizador desse esquadrão, o mesmo oficial que organizara o *Esquadrão de Lanceiros Imperiais Alemães* que lutou em Passo do Rosário.

Presume-se que esta força fora mandado organizar por Marciano Ribeiro como Guarda Nacional de São Leopoldo, em nossa opinião sob o comando do major Heise.

Com a retomada de Porto Alegre, seguida da prisão de Heise, a 1º de setembro de 1836, pensamos que essa tropa tenha deixado São Leopoldo e integrado o *Exército da República Rio-Grandense*.

Companhia Alemã de Chico Pedro

O célebre guerrilheiro imperial tenente-coronel Francisco Pedro de Abreu (Chico Pedro ou “Moringue”), após a consolidação imperial da posse de São Leopoldo pelo Dr. Hillebrand, aí recrutou uma companhia de infantaria, a *Companhia Alemã*.

A todos os êxitos de Chico Pedro se ligam os integrantes dessa unidade.⁹⁸ Supomos que a *Companhia Alemã* era a segunda do 11º Batalhão de Caçadores, sendo mudado, a partir do final de dezembro de 1843, para 8º Batalhão de Fuzileiros.⁹⁹ E comandada pelo então major graduado Carlos Resin.¹⁰⁰

Outros heróis alemães farroupilhas

Muitos outros imigrantes alemães tiveram atuação destacada neste movimento, tais como Frederico e Herman Klingelhoef (pai e filho) e Germano Klingelhoef, que lutou pela causa farroupilha até a Paz de Ponche Verde.

Estudos que por certo sucederão a este anseio acabarão por lançar luz a outros nomes e a outros fatos. Principalmente sobre os nomes dos integrantes da *Companhia Alemã* e do *Esquadrão de Cavalaria de São Leopoldo* e as principais ações dessas unidades.

A *Companhia Alemã* atuou em Canguçu e Piratini e em todas as ações que daí lançou Chico Pedro como comandante da Ala Esquerda do Exército, ao comando do então Barão de Caxias.

14. O 28ª BATALHÃO DE CAÇADORES ALEMÃES EM SANTA MARIA

Desde 1828 que os alemães começaram a radicar-se em Santa Maria, após ali acantonar o 28º Batalhão de Caçadores Alemães, cognominado por D. Pedro I de “Diabos Brancos”, pela bravura que demonstravam em combate. Foram eles comandados em Santa Maria pelo coronel Alexandre Max Greger.

Dentre os legionários alemães que se radicaram naquela cidade, situando-se entre os seus fundadores, cumpre destacar:

— *Soldado Felipe Valmarath*. Casou com Leonor Dolly.

— *Soldado João Leopoldo Belo*. Dando baixa em 1830, dedicou-se em Santa Maria ao ofício de carpinteiro. Casou com Maria Gomes da Cunha, filha de pais incógnitos, natural e batizada no Acampamento Queimado de Inhanduy (Acampamento D. Diogo da Fronteira do Rio Pardo, ao comando do general Xavier Curado, em 1809-10. Foi incendiado pelo general artiguista Verdum, em 1816. Os moradores desse acampamento queimado foram os fundadores de Alegrete, nome colocado em homenagem ao Marquês de Alegrete, vencedor de Artigas em Catalan, em 1817). O casal teve três filhos homens e cinco mulheres, e residiram por longos anos na rua do Acampamento. Os primeiros eram Boaventura, Bernardino e João. Boaventura foi oficial na Revolução de 93, na Coluna do general Pinheiro Machado. Bernardino, em 1821, era professor municipal na costa do Ibicuí, 6º distrito.

— *Soldado Boaventura Dauzacker*. Após dar baixa do 28º BC, em 1830,

radicou-se em Santa Maria, como explorador de pedreiras.

- *Soldado João Appel*. Radicou-se em Santa Maria em 1830, após ter dado baixa do 28º BC. Ali, estabeleceu-se como alfaiate. “Como César, chegou, viu e venceu. Um ano após a sua chegada, casava-se com Ana Maria de Oliveira, em 4 de julho de 1831. Tendo conseguido capital em sua alfaiataria, atirou fora a tesoura e abriu uma casa comercial do gênero das boas casas de campanha. Tinha de tudo. Com trabalho e perseverança enriqueceu.”¹⁰² Em 1856 mandou vir da Alemanha seu irmão Antônio. João deixou os seguintes descendentes: Leopoldo, Guilhermina, Ana e Júlio. Antônio deixou os seguintes descendentes de seu casamento com Carlota Holsbach: Antônio João, Júlio, Isolina e Lídia. Todos estes quatro integrantes do 28º BC deixaram numerosa descendência em Santa Maria.

Dr. Frederico Cristiano Manoel Kafunder

Era o cirurgião-mor do 28º BC de alemães. Foi um dos primeiros médicos a clinicar em Santa Maria.

Era homem maduro, “de trato fidalgo, caráter humanitário... querido no meio militar e estimado pela população civil, mostrava-se alegre e satisfeito, mas lia-se, embora vagamente, no espelho daquela alma boa que um profundo desgosto a torturava... Orgulhoso ocultava seus males... Uma manhã – e não foi surpresa para ninguém – foi o distinto médico encontrado morto, entre a macega, em *um terreno existente* no fundo da igreja.”¹⁰³

O médico suicidara-se com poderoso veneno.

EFETIVO TOTAL DO EXÉRCITO DA REPÚBLICA RIO-GRANDENSE

FONTE: O POVO de 23 de outubro de 1839 (Pág. 471 da coleção O POVO referido na bibliografia)

ESPECIE	Nº DE CORPOS	UNIDADES DE 1ª LINHA E TIPOS DE CORPOS DA GUARDA NACIONAL	OFICIAIS	Nº DE	Nº DE	EFETIVO	TOTAL POR ARMA
				COMPANHIAS	HOMENS		
1ª LINHA	1º	Corpo de Cavalaria	18	8	51	426	
	2º	Corpo de Cavalaria	18	8	51	426	
	1º	Corpo de Lanceiros (Negros)	18	8	51	426	CAVALARIA 1.827
	2º	Corpo de Lanceiros (Negros)	18	8	—	426	
	Esqd	de SÃO LEOPOLDO	—	2	—	123	
	1º	Corpo de Artilharia	18	4	51	222	ARTILHARIA 222
1ª LINHA	1º	Corpo de Caçadores	29	8	90	749	
	2º	Corpo de Caçadores	29	8	90	749	INFANTARIA 2.247
	3º	Corpo de Caçadores	29	8	90	749	
TOTAL DA TROPA DE 1ª LINHA: 4.296 homens							
GUARDA NACIONAL	5 (1)	Corpos de Cavalaria GU	11	8	40 Cias	403	Total destes 5 corpos — 2.418
	7 (2)	” ” ”	11	6	45 Cias	305	Total destes 7 corpos — 1.830
	4 (3)	” ” ”	11	4	16 Cias	207	Total destes 4 corpos — 828
TOTAL DA TROPA DA GUARDA NACIONAL:						5.076	
TOTAL DO EXÉRCITO FARROUPILHA:						9.372	

OBSERVAÇÕES:

- (1) Correspondem aos 5 Corpos de Cavalaria de TRIUNFO, CACHOEIRA, RIO PARDO, S. ANTÔNIO E (VIAMÃO)
 - (2) Correspondem aos 7 Corpos DE PIRATINI, CANGUÇU, PELOTAS, CAÇAPAVA, ALEGRETE, SÃO BORJA e CRUZ ALTA
 - (3) Correspondem aos 4 Corpos de JAGUARÃO, (ENCRUZILHADA, TAPES (Dores), CAMAQUÃ (São João), ESTREITO e VACARIA
- REPARE-SE NO MAPA O ESQUADRÃO DE CAVALARIA DE SÃO LEOPOLDO.

NOTAS AO TEXTO DO CAPÍTULO I

1. CIDADE, *Síntese de três séculos...*, p. 89.
2. id. *ibid*-, p. 102.
3. id. *ibid*., p. 97.
4. KLINGER, Notas à tradução de *Die Brummer*, p. 47.
5. CERQUEIRA, *Reminiscências*. . . , p. 115.
6. id. *ibid*., p. 115.
7. SIBER, Retrospecto da Guerra contra Rosas, pp. 405, 407 e 417.
8. idem nota 1, p.p 80-89.

9. idem, p. 90.
10. FRANCO, *Um soldado do Reino e do Império*, pp. 12 e 76.
11. WIDERSPHAN, *Das Guerras Cisplatinas as...*, p. 171.
12. HISTORIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO, vol. 1, pp. 291 e 292.
13. idem nota 11, p. 174.
14. BENTO, *Síntese Histórica... 3» RM*, p. 63.
15. idem nota 11, p. 173.
16. idem, p. 168. *
17. BECKER, *Alemães e descendentes...*, p. 183.
18. SILVA, *Apontamentos para a História da 3ª RM*, p. 147.
19. WIDERSPHAN, *Campanha de Ituizangó*, p. 220.
20. idem nota 12, pp. 533 (mapa) e 536.
21. idem nota 19, p. 186.
22. SILVA, *Anais do Exército Brasileiro*, p. 27.
23. idem nota 1, p. 101.
24. SEVELOH, *Reminiscências da Campanha de 1827*, p. 54.
25. CIDADE, *O soldado de 1827*, p. 25.
26. idem nota 23.
27. idem nota 24.
28. BENTO, *Uma testemunha dos grandes momentos. . . (Síntese histórica dos Dragões da Independência — Brasília)*.
29. idem nota 19, p. 275.
30. idem nota 19, pp. 98, 100 e 101.
31. idem nota 4, pp. 44-45 (muito bom estudo biográfico de Schaeffer e outras referências para seu estudo).
32. SEIDLER, *Dez anos no Brasil* (Notas preliminares ao leitor. Bom estudo contendo outras indicações biográficas).
33. idem nota 24, p. 19 (Paula Cidade).
34. idem, p. 13 (segundo Paula Cidade).
35. idem, p. 49.
36. idem, p. 14.
37. idem, p. 66.
38. idem, pp. 7-19.
39. idem, pp. 57 e 74.
40. idem nota 19, p. 189.
41. SEIDLER, op. cit., pp. 50 e 51.
42. idem nota 22, p. 110.
43. idem nota 19, p. 305.
44. idem nota 27, p. 57.
45. VILLAR, *O Almirante Antônio Luiz. . .*, p. 38.
46. idem nota 4, p. 51.
47. idem nota 21, p. 50.
48. idem nota 24, p. 74.
49. SPALDING, *Epopéia Farroupilha*, pp. 315-514.
50. id. *ibid.*
51. idem nota 19, p. 279.
52. idem nota 28 (síntese histórica dessa unidade no Sesquicentenário da Independência).
53. idem nota 1, pp. 111-135.
54. idem, p. 111.
55. idem, *id.*
56. idem, p. 122.
57. idem nota 19, p. 138.
58. idem, p. 139.
59. idem, p. 146.
60. idem, *id.*
61. idem, *id.*
62. idem, p. 184 e BOESCHE, *Quadros alternados*, p. 11.
63. idem, p. 92.
64. idem nota 1, pp. 123-129.

65. idem, p. 129.
66. idem, id.
67. INTEGRAÇÃO QUARTEL — PAIS — CONSCRITOS. *Cultura Militar*.
68. PROCESSO DOS FARRAPOS, vol. 2, p. 364.
69. BENTO, Um paulista o pai da História do Rio Grande do Sul. . .
70. idem nota 19, sínteses das pp. 98, 99, 168 e 193.
71. idem, p. 193.
72. O COLONO ALEMAO n. 5 e SPALDING, *Epopéia...*, pp. 255-858.
73. RAMBO, A imigração alemã, p. 110.
74. O POVO, 23-10-1839, p. 471.
75. PETRY, *São Leopoldo*, p. 38.
76. idem nota 73, p. 111.
77. idem nota 49, p. 258.
78. idem nota 75, p. 89 (transcrição de PORTO, Aurélio).
79. idem, p. 38.
80. idem, id.
81. idem nota 17, p. 184.
82. idem nota 73, p. 112.
83. idem, pp. 109-110.
85. idem, p. 110. idem nota 81, pp. 253-4.
86. idem, p. 45.
87. O MENSAGEIRO, 18-6-1836 e SPALDING, op. cit. pp. 301-2.
88. id. ibid.
89. id. ibid.
90. idem nota 49, p. 257.
91. idem, id.
92. idem nota 75, p. 58.
93. BENTO, Canguçu na Revolução Farroupilha.
94. idem nota 49, p. 257.
95. O COLONO ALEMAO n. 1, fevereiro de 1836 (v. SPALDING, op. cit. pp. 257-8.
96. idem nota 49, p. 257.
97. idem nota 74, p. 471.
98. CAXIAS, *Ordens do Dia*. O. D. de 18-11-1843.
99. CAXIAS, *Ofícios*. Of. de 18-11-1843.
100. idem nota 93 (subsídios sobre o assunto).
101. BELEM. História de Santa Maria, pp. 92-93 (síntese).
102. id. ibid., p. 93.
103. id. ibid., p. 266.

Capítulo II

OS LEGIONÁRIOS ALEMÃES «BRUMMER»

(Nas guerras contra Oribe e Rosas e do Paraguai)

1. OS LEGIONÁRIOS “BRUMMER” DE 1851

A Lei do Orçamento n. 586, de 6 de novembro de 1850, em seu parágrafo 4º do artigo 17, autorizou o Poder Executivo do Brasil a contratar estrangeiros para a 1ª Linha do Exército, com a condição de somente serem empregados nas fronteiras.

Esta providência fazia parte dos preparativos para a mobilização para a guerra contra Oribe e Rosas, do Uruguai e Argentina, consistente em elevar-se a 1ª Linha do Exército ao efetivo de 26.000 homens.

Contratação dos legionários alemães

Foi incumbido de contratar alemães para o nosso Exército o deputado por Pernambuco e capitão de engenheiros Sebastião Rego Barros, ex-ministro da guerra em 1837. Tinha por missão paralela adquirir o equipamento e material bélico necessários para equipar essa tropa.

A missão de Rego Barros coincidiu com a desmobilização do Exército do condado de Scheleswig-Holstein, organizado no início de 1851 para guerrear a Dinamarca. Isto

facilitou o recrutamento de cerca de 1.800 soldados para o Brasil, de alto nível cultural e técnico, sob a promessa de terras em nosso país ao final de quatro anos de serviço, ou de prêmio em dinheiro para retornarem à Alemanha no fim daquele prazo.

A grande maioria radicou-se em definitivo no Rio Grande do Sul onde prestou, durante meio século, vigoroso concurso ao Desenvolvimento e Segurança do Brasil no Sul.

Armamento e equipamento adquiridos

Na ocasião, foi adquirido o seguinte material:

— Cerca de 200 fuzis *Dreyse* (à tige), a agulha, de carregar pela culatra. Era o que de melhor e mais evoluído havia na Europa. Foi o fuzil que armou os soldados prussianos que reunificaram a Alemanha, Mais adiante voltaremos a este assunto.

— Cerca de 12 canhões prussianos.

— Duas equipagens de pontes com pontões *birago* e 40 carretas austríacas de 4 rodas, para tração cavalar ou mular.

Os canhões e equipagens de pontes se mostraram impróprios para as realidades operacionais das campanhas do Rio Grande do Sul e do Uruguai, com carência absoluta de estradas e pontes, e onde a tração bovina era a mais indicada.

Vícios de origem

Essa legião chegou ao Brasil entre maio e setembro de 1851, conforme demonstra o quadro anexo. Como condição contratual ela deveria ser submetida disciplinarmente ao *Sistema Prussiano*, ao invés do adotado no Brasil, um misto de Conde de Lippe, marechal Guilherme Beresford e do general português Zagalo.

O sistema prussiano era mais um *Código de Honra* baseado na disciplina consciente. Era ideal para os profissionais prussianos, mas não para os integrantes dessa legião, “uma verdadeira salada de frutas”, no dizer de Carlos von Koseritz.

Os comandantes de unidades não puderam selecionar seus oficiais. Houve casos de inversões hierárquicas na transposição do Exército de Schleswig-Holstein para o brasileiro e outros defeitos na contratação realizada sob pressão de uma guerra iminente.

Os próprios agentes de Rosas trataram de minar o moral desses legionários, após fracassarem na tentativa de contratar mercenários italianos. E esses efeitos se fizeram sentir na própria viagem, onde, a bordo do “Heinrich”, houve um motim no qual alguns legionários de Artilharia pretenderam apresentar-se ao serviço de Rosas.

Tais males e mais o de inadaptabilidade ao ambiente, condições operacionais específicas das campanhas do Rio Grande do Sul e do Uruguai, choques culturais e participação de somente uma Divisão Brasileira na batalha de Monte Caseros, resultou numa pequena porém decisiva participação desses legionários na guerra.

TRANSPORTE MARÍTIMO NA REGIÃO ALEMÃ PARA O BRASIL (ABR - SET 1851)

Data Partida da Alemanha em 1851	Navio a Vela	Comandante do Navio	Efetivo da Tropa	Tipo de Tropa	Chegada ao Rio (*)	Carga e Passageiros
07 abr	Hamburg	Henrichsen	270	856 homens do Batalhão de Infantaria	25 mai	1ª e 3ª Cia. Hans Shioet destacou-se em Monte Caseros
14 abr	Danzig	Pust	246		02 mai	2ª e 4ª Cia.
04 mai	Caeser Godeffroy	Behn	340	476 homens do Grupo de Artilharia	21 jun	5ª e 6ª Cia. Von der Heyne
11 mai	Kolonist	Bade	158		28 jun	1ª Cia.
03 jun	Maria	Böhn	139	272 homens de 2 (duas) Companhias de Sapadores.	28 jul	2ª Cia.
05 jun	Elbe	Mudhlenroth	189		30 jul	3ª Cia. Von Helde
22 jun	Heinrich	Boyen	156	Material de Artilharia	10 ago	4ª Bateria. Adolfo Jaeser, Von Koseritz e Cap. Otto Brinckman
	Mercurius					
04 jul	Freihandel	Steffen	61	272 homens de 2 (duas) Companhias de Sapadores.	22 ago	Sgt Sebastian Werner, herói de Monte Caseros
18 jul	Flydg Dutchman	Cooper	147		6 set	
26 jul	Mathilde	Von Buttell	64		14 set	Alexandre Klein.

Total Transportado: 1.770 homens. Fonte: *Notícias hamburguesas*. Hamburgo-Alemanha, 7 jan 1852.

(*) É data estimada pelo autor com base na viagem do CAESAR GODEFFROY de 47 dias. A confirmação poderá ser obtida pelos jornais do Rio da época.

15º Batalhão de Infantaria

Esta unidade foi a que conseguiu recrutar o maior número de veteranos de guerra na Europa. Deslocou-se do Rio de Janeiro para Pelotas, onde esteve concentrada algum tempo. Daí seguiu por água até Jaguarão, e por terra até Colônia do Sacramento.

Oitenta de seus melhores homens tiveram atuação destacada e decisiva na batalha de Monte Caseros, armados com os célebres e modernos fuzis *Dreyse*.

Terminada a guerra, marcharam de Cerro, em Montevideu, até Pelotas, isso em plena estação invernososa.

A seguir foram estacionar em Rio Pardo, onde, por término de contrato, em 1854, seus integrantes fixaram-se, em sua grande maioria, no Rio Grande do Sul.

Artilharia Prussiana

Não conseguiu reunir elementos com grandes habilitações em Artilharia. Eles foram transportados do Rio de Janeiro para as cidades de Rio Grande e Pelotas, onde as crônicas registraram uma série de alterações.

Parte dessa unidade foi transportada de Rio Grande para Colônia. Não tiveram oportunidade de atuar na Campanha contra Rosas.

Terminada a guerra, foram mandados sucessivamente para Rio Grande, Rio Pardo e São Gabriel. Nesta última localidade muitos integraram o atual Regimento Mallet de Santa Maria, ou a *Bateria Alemã*, de tão destacada atuação na Guerra do Paraguai.

Companhia de Sapadores

Foram elas enviadas diretamente do Rio de Janeiro para Montevideu.

Não conseguiram cumprir a missão que lhes confiara Caxias, de marcharem por terra de Montevideu a Colônia. Não tinham conhecimento do material *Birago*, além de terem recebido cavalhadas chucras para tracionar as pesadíssimas carretas de quatro rodas, através do campo. Em conseqüência foram dissolvidas e passaram a integrar, como Infantaria, a Divisão Brasileira que participou da batalha de Monte Caseros, de 3 de fevereiro de 1852.

Retornaram ao Brasil, por terra, integrando o 15º BI. Em Porto Alegre tentaram restabelecer uma Companhia de Sapadores, com 25 deles e mais oficiais do 15º BI.

Finalmente essa companhia foi dissolvida em 1854, por término de contrato. Alguns deles integrariam o *Corpo de Pontoneiros* na Guerra do Paraguai.

Como principais fontes da história dessa Legião, disponíveis no Brasil, apontamos:

— KLEIN, Alexandre. Recordações dos primeiros tempos da colonização

alemã no Brasil. *Deutsches-wolksblatt*, Porto Alegre, 1º-5-1934.

— KLINGER, Bertoldo, gen. Notas à tradução de *Die Brummer* de SCHMID, Albert. *Defesa Nacional* (separata dos ns. 348-441, jan-abr 1851), Rio, Imprensa Militar, 1951.

— BARCELLOS, Ramiro Frota. “Os brummers” in: *Rio Grande Tradição e Cultura*. Porto Alegre, Flama, 1970, p. 163.

— PETRY, Leopoldo. *São Leopoldo*. São Leopoldo, Rotermond, 1966, vol. 2.

— CÉSAR, Guilhermino. *História da Literatura no Rio Grande do Sul*, p. 247 (vide bibliografia).

(—) *Carlos von Koseritz* (idem)

(—) *Koseritz e o naturalismo* (idem)

— KOSERITZ, Carl von. *Da dias duros reminiscências da vida*. Porto Alegre, 1887.

— LEMMERS-DRANFORTH, Fedor von. índole da Legião Alemã de 1851 a serviço do Brasil. *Boletim do Centro de Estudos Históricos da Biblioteca Rio-Grandense*. Rio Grande, 1943 (trad.: KLINGER, Bertoldo, gen. e prefácio de CIDADE, F. de Paula).

— SIBER, Eduard. Retrospecto da guerra contra Rosas e vicissitudes das tropas alemãs a serviço do Brasil. *RIHGB*, tomo 78, parte 1ª, 1915 (trad. e prefácio de CARVALHO, Alfredo de).

— SCHMID, Albert. *Die “Brummer”*, *A Reação* n. 15, Porto Alegre, 1949.

2. OS “BRUMMER” NA GUERRA CONTRA ORIBE E ROSAS

Os “brummer” que participaram dessa campanha foram em torno de 1.700. Seria impossível destacar a contribuição militar de todos, mas ela pode ser encontrada na bibliografia citada.

No entanto, merecem destaque alguns “brummer” ou ações por eles praticadas em conjunto, visto que se inserem entre nossos heróis e glórias militares.

A maioria não teve oportunidade de entrar em ação de guerra, porquanto a participação do Brasil na aliança com os generais Urquiza, Virasoro e orientais — respectivamente de Corrientes, Entre Rios e Uruguai — foi de uma Divisão Brasileira de 4.022 homens, integrada por 260 “brummer” (80 infantes e 180 sapadores usados como infantes).

Isso representou 0,06% do efetivo da Divisão. E os “brummer” representaram 0,10% do efetivo brasileiro concentrado em Diamante, num total de 12 mil homens que não participaram das operações de guerra em território argentino.

Os «brummer» e os fuzis Dreyse em Caseros

Os 80 infantes brummer ao comando do capitão da Guarda Nacional de São Leopoldo Francisco José *Wildt*, coadjuvado pelo tenente (brummer) Hans Zacharias *Schioet*, desempenharam importante papel como integrantes do 8º BI¹ do major Carlos Resin, suíço alemão naturalizado brasileiro, que adoeceu antes da batalha, sendo por isso substituído pelo major Antônio Vaz de Almeida.²

Eles avançaram com seus fuzis *Dreyse* a agulha, certos e de longo alcance, com os quais caçaram à bala os artilheiros inimigos que bloqueavam o avanço brasileiro. Lideraram a ruptura da posição rosista, “ação considerada a mais decisiva naquela batalha (segundo o tenente Siber) e o general Marques de Souza reclamou a glória para o Brasil de ter sido o primeiro a atingir aquele ponto”.

Aqui devemos convir sobre a relevância militar desta ação decisiva, a justificar a contratação dos *brummer*.

A ela compara-se somente a realizada pelo legendário 2º Regimento de Cavalaria Ligeira do tenente-coronel Osório, a qual rompeu em outra parte a artilharia inimiga, carregando destemidamente ao trote.

O porquê da importância dos fuzis Dreyse

Para que se possa entender a importância dos fuzis Dreyse, transcrevemos estudo de Widersphan:

“Enquanto todo o exército imperial brasileiro ainda usava um modelo de fuzil e de mosquetão de pederneiras e de antecarga (carregamento pela boca), modelo anterior aos depois entre nós famosos tipo Minié, raiado, mas ainda de antecarga, da Guerra do Paraguai, com estes legionários “brummer” vieram os primeiros fuzis e mosquetões tipo *Dreyse*, modelo prussiano, de percussão de agulha (em francês, *tige*; em alemão, *Zundnadel*), já de retrocarga.

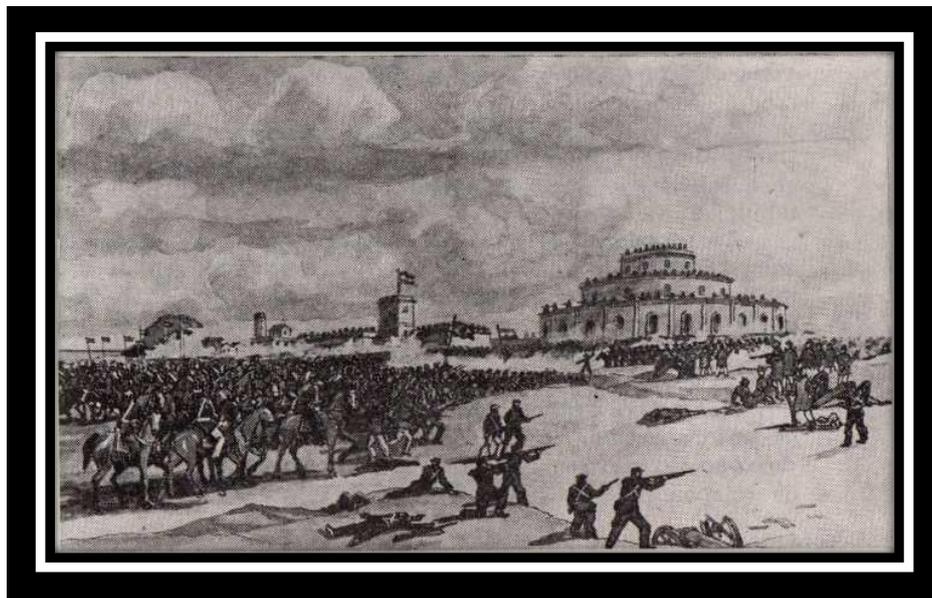
Estes haviam sido oficialmente adotados na Prússia, desde 1840. Foram uma criação do industrial alemão *Johann Nicólaus von Dreyse*, que após ser aperfeiçoado entre 1809 e 1814, em Paris, numa das fábricas dos fuzis napoleônicos, montara em sua pátria, na Turíngia, em 1824, uma pequena fábrica.

Aí, em 1827, inventara o novo sistema de percussão, de agulha, de seu nome, adaptando-o satisfatoriamente num fuzil raiado de retrocarga, revolucionando toda a indústria bélica de sua época, como antecessor do sistema *Mauser* de nossos tempos.

Adotado em 1840 pelo exército prussiano, somente a partir de 1841 montara uma grande indústria própria para a fabricação desse armamento portátil, inclusive de sua munição.

As vitórias decisivas da Prússia com o seu reorganizado exército, tanto em 1864 contra os dinamarqueses, como contra os austro-húngaros em 1866, na Boêmia e no Sul da Alemanha, firmaram o valor deste novo sistema, embora ainda apresentasse os inconvenientes de um calibre de 18 mm um tanto pesado demais.

Na guerra franco-alemã de 1870-71 esta desvantagem de peso acentuou-se, em face da maior rapidez e precisão de fogo do novo armamento francês de 11 mm, também de retrocarga.”³



15 - Batalha de Monte Caseros, 3 fev. 1852. Em primeiro plano, linha dos 80 atiradores *brummer* armados de fuzil *Dreyse* de agulha, eliminando artilheiros rosistas e abrindo uma brecha por onde penetraram tropas brasileiras. Foi o momento mais decisivo desta batalha. Foram comandados pelo capitão Wildt, da Guarda Nacional de São Leopoldo, veterano da Batalha de Passo do Rosário, 1827, como integrante do 27.º Batalhão de Caçadores Alemães.
(Gravura - Centro de Documentação do Exército - alegoria.)

Tenente Hans Adolf Zacharias Schioet

Ajudou a dirigir o fogo certo dos fuzileiros “brummer” armados de fuzil *Dreyse* na batalha de Monte Caseros. Seu nome aparece grafado como Shmlt, Shuelt, e Shioelt. Foi um dos fundadores em 1861, em Porto Alegre, do *Deutsche Zeitung*.

Sargento Cristovão Werner

Eno Caseros lutaram os 180 sapadores alemães distribuídos pelos batalhões de Infantaria. Eles sobressaíam no seio da tropa com seus “capacetes e uniformes prussianos”, segundo Eduard Síber.

Foi citado um deles na Ordem do Dia de 5 de fevereiro: “1º Sargento prussiano *Cristovão Werner, ferimento leve de bala de canhão*”.

Isso resultou de sua temeridade, ao chegar perto demais para atirar sobre a Artilharia rosista.

Major Fedor, Barão von Lemmers-Dranforth

Foi contratado para subcomandar a Infantaria Prussiana. Promovido a tenente-coronel para comandar o 15º BI, em 29 de julho de 1852.

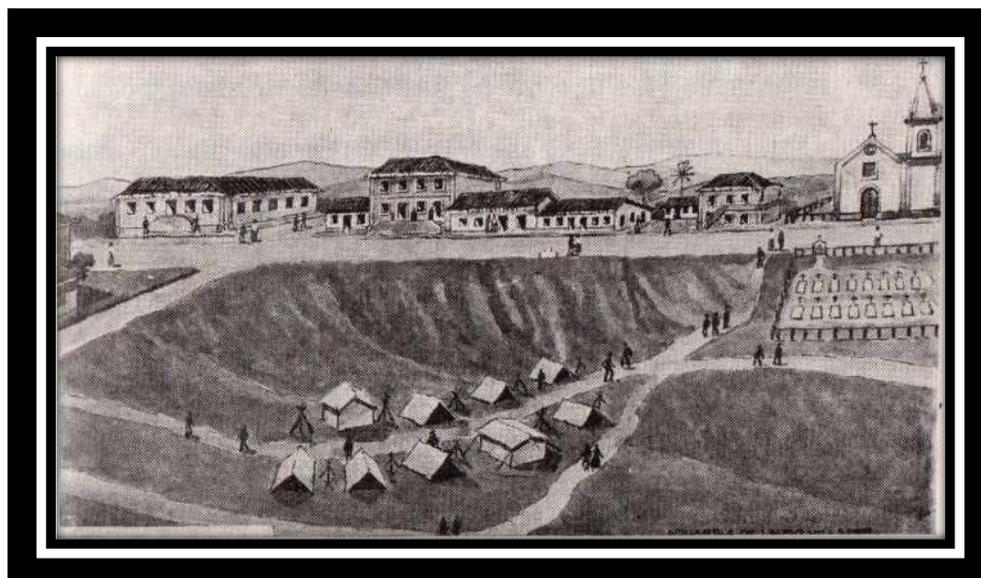
Era especialista em ataque e defesa à baioneta, conforme se conclui pela Ordem do dia n. 56, de Caxias, de 12 de maio de 1852, quando, na qualidade de comandante interino do 15º BI, recebeu a incumbência de adestrar um subalterno e um sargento por batalhão, na esgrima à baioneta, conhecimento a ser difundido por estes por toda a tropa brasileira.

Sua ação foi muito contestada pelos outros legionários.

Além dessa transferência de *know how* militar, ele divulgou trabalho na Alemanha para defender-se das acusações que lhe foram lançadas pelos outros legionários, particularmente quanto à corrupção.

Seu trabalho, traduzido pelo general Bertoldo Klinger sob o título *Índole da Legião Alemã de 1851 a serviço do Império do Brasil* e prefaciado pelo então coronel Francisco Paula Cidade, constituiu-se em importante fonte primária das histórias militares do Brasil, período 1850-57, e do Rio Grande do Sul na mesma oportunidade.

Encontra-se referido na bibliografia.



16 - Fez parte das tropas do ten.-cel. Francisco Pedro de Abreu, que aí tiveram sua base de operações, 1842-44, constituindo a Ala Esquerda do Exército de Caxias, a *Companhia de Infantaria Alemã*, organizada à base de imigrantes alemães (vide texto).

(Fonte: CDEx - desenho de Lauro Vilares com orientação do autor.)

Capitão Eduard Síber

Comandou o 15º BI em sua marcha desde Cerro ou Cerrito, defronte a Montevideú, até Pelotas, em pleno inverno de 1852. Depois seguiu com o 15º BI até Rio Pardo.

Sua maior contribuição foi o excelente documento que fez publicar na Alemanha e que foi traduzido no Brasil por Alfredo de Carvalho.

É uma excelente fonte primária da História do Brasil e do Rio Grande do Sul, no período 1851-54, particularmente na parte social e militar.

Seu relato, expurgado de preconceitos raciais, mágoas e conceitos errôneos provenientes de choques de culturas, constituiu-se numa excelente fonte primária de História do Brasil e, em especial, do Rio Grande do Sul.

Para que o leitor tenha uma idéia do valor dessa obra, transcrevemos suas impressões sobre São Leopoldo.

São Leopoldo vista por Eduard Siber

O tenente Siber nos deixou excelente descrição da Colônia de São Leopoldo e da colonização teutônica no Rio Grande do Sul, por ele definido como *Canaã dos Alemães*:

“Até hoje, o número de alemães domiciliados no Rio Grande do Sul pode subir a 17 ou 20 mil.

Mas é de incalculável valor futuro que 10.000 deles vivem congregados numa massa própria, contínua e ininterrupta, perto da capital Porto Alegre, na mais florescente das colônias — São Leopoldo — e conservando, ciosamente, os costumes e hábitos pátrios.

A grande maioria deles resolveu aprender a língua portuguesa.

Esta colônia, a mais antiga e a maior da Província, atingiu tamanho grau de *segurança e prosperidade* (o grifo é nosso) que começa a exercer a mais decisiva influência no desenvolvimento de toda a região.

É certo que seus habitantes são sempre camponeses e que toda a sua ambição visa ao bem-estar material, mas justamente a enérgica e continuada perseguição desse objetivo lhes garantiu o progresso conquistado sobre uma população indolente.

A existência dessa colônia, em ininterrupto progresso há quase trinta anos, foi ignorada por muito tempo na Alemanha.

Nenhuma colônia como a de São Leopoldo é mais apta para se constituir em núcleo de uma genuína imigração alemã.”⁴

Contribuição histórica da imigração militar dos «brummer»

O binário “*brummer*” x *colono* acelerou o progresso da colônia de São Leopoldo e das demais.

O *brummer* representou a cultura em boas escolas da Alemanha, e o colono a vontade férrea de trabalhar com vistas a um melhor bem-estar material, mas até então com horizontes bem restritos.

Até os mais simples soldados *brummer* haviam recebido instrução na Alemanha. E essa instrução era de muito valor numa região como o Rio Grande do Sul, onde era inexpressivo o número de escolas e matrículas.

Segundo o *brummer* Carlos von Koseritz, “os *colonos alemães estavam ilhados em suas picadas de mata virgem há mais de 25 anos, sem apreciáveis ligações com a pátria de origem nem com o novo ambiente*”. Estavam completamente por fora, como se dizia hoje!

E este papel integrador foi o que representou para eles os *brummer* cultos. Segundo ainda Koseritz, o mais destacado dos últimos :

“Para os colonos alemães, os recém-chegados legionários constituíram verdadeiro lêvedo, ou, melhor dito, substância de fomento que poderosamente incentivou o progresso material e cultural entre os imigrados, conquanto, inevitavelmente, trouxessem a seu meio algum germe de desídia”. De 1824 a 1854, durante 30 anos, haviam entrado no Rio Grande do Sul 7.491 imigrantes alemães,⁵ não computados os *brummer*, os ex-soldados dos batalhões do Imperador (27^o e 28^o Batalhões de Caçadores e Lanceiros alemães), comerciantes e outros.

Com os nascimentos, é possível que o número de alemães e seus descendentes no Rio Grande do Sul já atingissem os 17 a 20 mil referidos pelo tenente Siber. O que se observa é que de 1849 até 1853 somente entraram no Rio Grande do Sul 164 imigrantes.

Os *brummer* vieram recompor o ritmo imigratório interrompido, e compensá-lo culturalmente pela alta qualidade dos mesmos.

Não só mais braços, como sobretudo cérebros e técnicos, até então em pequeno número. Os últimos lançaram os fundamentos da industrialização gaúcha.

Em 1858, seis anos após o estabelecimento dos *brummer* no Rio Grande do Sul, já existiam em São Leopoldo 889 fábricas, oficinas e lojas, a maioria de propriedade dos *brummer* que ali se radicaram após deixarem o Exército.

3. OS “BRUMMER” NA GUERRA DO PARAGUAI

Decorridos cerca de onze anos da desmobilização dos *brummer* no Rio Grande do Sul, e muitos deles iriam prestar relevantes serviços militares ao Brasil, no campo-de-batalha ou na mobilização para a guerra.

Dentre eles cumpre destacar alguns nomes.

Major Maximiliano Emmerich

Em 16 de junho de 1851, foi contratado para servir o Exército Brasileiro, por quatro anos, numa companhia de Pontoneiros da Legião Alemã.

Em 23 de junho de 1852, requereu sua permanência no Brasil como engenheiro, “mesmo civil, se não puder, como é do seu desejo, ser aproveitado como mestre de Desenho na Escola Militar a ser criada no Sul”.

Alegou, entre outros títulos: a) haver frequentado durante três anos a Real Academia de Engenharia de Berlim, de onde saiu oficial com a menção BEM; b) já haver demonstrado sua perícia em desenho que fez para o Arsenal de Guerra.

Emmerich não perdeu tempo. Logo após sua chegada ao Rio de Janeiro, entre agosto e setembro de 1851, já contraiu matrimônio, para após 9 meses alegar ser pai de família.

Em 1853 é lente interino da *Escola Militar do Rio Grande do Sul*, em Porto Alegre.

Em 16-7-1855, 1- tenente, renovou contrato até 16 de julho de 1859. No ato da assinatura, recebeu como prêmio 250 mil réis, ou 180 talers prussianos.

Ao final do contrato receberia 62.500 braças de terras férteis em qualquer província, e em especial no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, ou um ano de soldo simples.

O *brummer* Emmerich esteve ligado ao Rio Grande do Sul por sete anos, e seis à juventude militar do Exército no estado sulino, como professor de Desenho. O contrato mencionado era para professor de Escola Militar de Porto Alegre ou qualquer outro serviço militar, na paz e na guerra.

Em janeiro de 1858, integrou o Corpo de Observação junto à margem do Ibicuí. De regresso, seguiu para o Rio de Janeiro como capitão honorário.

Em 19 de dezembro de 1860, D. Pedro II autorizou a renovação de seu contrato como major honorário, atendendo sua proposta de ser instrutor de Topografia, Obras de Fortificação de Campanha e Serviços de Pontes e de Sapa.

Em 1º de outubro de 1865, foi nomeado comandante do Corpo de Pontoneiros do 2º Corpo de Exército, criado após a rendição de Uruguaiana, nessa localidade. Foi o primeiro comandante e organizador dessa unidade, estudada pelo autor em artigo “Os Primeiros Pontoneiros e Engenheiros do Exército Brasileiro”, ora em edição pela *Revista Militar Brasileira*.

Participou da Campanha do Paraguai como membro da Comissão de Engenheiros do 2º Corpo de Exército, ao comando do Marechal Manoel Marques de Souza (III) e Conde de Porto Alegre.

Foi elogiado nas ordens do dia 662 e 663, pelo seu comportamento nos ataques de Curuzu e Curupaiti, levados a efeito por seu Corpo de Exército.

Faleceu no Rio de Janeiro, em 24 de abril de 1883, como major honorário do Exército Brasileiro e instrutor de 1ª classe da Escola Militar do Rio de Janeiro e assistente de Desenho.

Em 1872, traduziu do português para o alemão, com permissão de José do Alencar, a obra *O Guarani*.⁶

Foi outro a transferir tecnologia militar prussiana para o Brasil, de muita utilidade na Guerra do Paraguai (1865-70), particularmente quanto a pontes de equipagem.

Coronel Pedro Guilherme Mayer (1832-1888)

Nasceu em Baden e era filho de João Francisco Mayer.

Após servir na Legião Prussiana, foi nomeado alferes em 2-12-56, adido à *Escola de Aplicação*, como instrutor de espingarda à *tige* e esgrima de baioneta. Nesta última tarefa teve como monitor o ex-legionário *brummer* João Enrice *Isensee*.

Com a reforma da Escola Militar, nela passou a ser instrutor, e na *Aplicação*, de prática de manejo de armas especiais, e mais tarde instrutor de Educação Física. Em 1865, foi nomeado instrutor do Exército em Operações no Rio Grande do Sul.

Em 22 de janeiro de 1866, promovido a tenente, seguiu para a Campanha do

Paraguai como instrutor de armas de agulha *Dreyse*. Em seguida foi comissionado capitão e recebeu o comando de um Corpo de Atiradores armados de fuzis *Dreyse*, à disposição direta do comandante do Exército em Campanha. (Atente o leitor para a importância do fuzil *Dreyse* de agulha e a transferência do *know how* militar sobre equipamento tão importante. Oportunamente voltaremos ao assunto.)

Capitão em 18-1-68, por serviços relevantes. *Fora ferido gravemente em combate, na mão esquerda, e não obstante conservou-se em ação na liderança do 15º Batalhão de Infantaria.*

Em 20 de janeiro de 1869, major por bravura, com antiguidade de um ano atrás. Em outubro de 1871 retornou às funções de instrutor da Escola Militar do Brasil, onde pontificou como especialista em armas portáteis e Educação Física, durante os seguintes 13 anos, até a idade de 56 anos.

Tenente-coronel a 26-12-74, e coronel em 15 de novembro de 1884, ambas as promoções por merecimento.

Em atenção aos reiterados atos de bravura praticados em combate, foi agraciado com os títulos de Cavaleiro das Imperiais Ordens do Cruzeiro e São Bento de Aviz e Oficial da Ordem da Rosa. Além disso, foi condecorado com as seguintes medalhas:

- Campanha do Uruguai (1851-52) ;
- Campanha do Paraguai (1865-70), com passador de ouro nº 3;
- Mérito Militar da Campanha do Paraguai, em recompensa aos reiterados atos de bravura praticados em combate.

Antes, desde 31 de outubro de 1854, como alferes, já ministrava instrução ao 12º BI, de fuzis *à tige*, transferência de *know how* e, mais tarde, ao 1º BI no Rio de Janeiro, com a gratificação mensal de 100 mil réis. Pouco antes, desejando continuar servindo no Exército Brasileiro, requereu naturalização e admissão no Exército como alferes.

Em 22 de junho de 1855, requereu a gratificação para permanência no país, ao invés do prêmio contratual para repatriar-se.⁷

Foi *brummer* que prestou relevantes serviços ao progressivo adestramento do Exército Brasileiro em tipos de armamentos portáteis, com os quais a Prússia havia colhido a brilhante vitória de Sadowa sobre a Áustria.

Foram alunos de Mayer na Escola Militar e Aplicação no Rio de Janeiro (1854-84), em armas especiais e esgrima a baioneta, centenas de oficiais filhos do Rio Grande do Sul, que lutaram na Guerra do Paraguai, na consolidação da República e em Canudos.

Foi grande a sua contribuição e mais uma eloquente razão para justificar militarmente, a longo prazo, a contratação da Legião.

Carl von Koseritz ⁸

Foi o mais destacado de todos os *brummer* que se radicaram no Rio Grande do Sul. Sua vida neste Estado, para ser abordada em todos os seus aspectos, mereceria um livro.

Guilhermino César, em sua magnífica *História da Literatura do Rio Grande do Sul*, em *Carlos von Koseritz e Koseritz e o naturalismo*,⁹ aborda importantes aspectos de sua vida, a qual é complementada por Albert Schmid em sua obra *Die Brummer*.¹⁰

Mas sua ação jornalística e comunitária foi relevante, com vistas à participação na Guerra do Paraguai em defesa do Brasil, por parte dos alemães e seus descendentes.

Sugeriu ele a formação de corpos da Guarda Nacional integrados por teuto-brasileiros, a fim de contornar preconceitos provenientes de choques de culturas ainda existentes, os quais foram abordados no *Deutsche Zeitung* de 18 de janeiro de 1865.

Condenou a inobservância do artigo 3º do Dec. 3.506, de 4 de agosto de 1865, o qual isentava do Serviço Militar casados e viúvos com filhos menores. Klaus Becker, em seu valioso trabalho *Alemães e descendentes na Guerra do Paraguai*, apresenta e analisa a excelente atuação de Carl von Koseritz no sentido de defender os interesses teuto-brasileiros, em harmonia com os supremos interesses da Pátria Brasileira.¹¹

4. BATERIA DE VOLUNTÁRIOS ALEMÃES

Em 19 de junho de 1865, o Presidente da Província Francisco Rego Barros, irmão de Sebastião de Rego Barros que contratara a Legião "*Brummer*" em 1851, autorizou a

organização de uma bateria de Artilharia com voluntários alemães.

Foi encarregado dessa tarefa o prestigioso *brummer* Carl Ferdinand Schneider. Ele apelou aos ex-legionários *brummer* para se alistarem em sua bateria, e muitos o fizeram, principalmente em Santa Cruz, Rio Pardo, São Leopoldo e Porto Alegre.

Klaus Becker estuda a história dessa tropa e as glórias colhidas nos campos do Paraguai.¹²

A bateria foi equipada com dois canhões *Wythworth*.

Nos dias 30 de setembro, e 1º e 2 de outubro de 1865, pela manhã, ao meio-dia e à noite, a bateria deu salvas de 21 tiros em regozijo pela rendição paraguaia em Uruguaiana. Na última salva o capitão Schneider acidentou-se em consequência de um descuido da terceira peça, que disparou antes do tempo e o atingiu com seu sopro, queimando-o seriamente.

Em 28 de outubro, ainda no Arsenal de Guerra, a bateria deu as salvas de honra à chegada do Imperador em seu retorno de Uruguaiana, onde assistiu à rendição paraguaia. A bateria embarcou para o Paraguai no dia 23 de novembro, às oito horas, a bordo do vapor “São Paulo”, sob o comando do *brummer* 1º tenente Wilhelm von Reisswitz. “A maioria dos voluntários ostentava a Cruz de Holstein e a Medalha da Campanha do Uruguai”,¹³ ou seja, a maioria era *ex-brummer*.

A história dessa bateria continuara através de seus integrantes. O *Deutsche-Zeitung* da época possui muitos elementos para sua história.

A Bandeira da Bateria Alemã na Catedral de Porto Alegre

A Bateria Alemã cumpriu o seu papel nesta guerra. Poucos foram os seus integrantes que tiveram a ventura de voltar.

A 6 de junho de 1870, uma bandeira esfrangalhada pela metralha, desbotada e manchada de sangue, era recolhida à Catedral de Porto Alegre. Era a bandeira da quase extinta *Bateria de Voluntários Alemães* que havia se incorporado, por falta de efetivo, aos restos do glorioso 33º VP e Corpo Policial de Porto Alegre (1ª Companhia era de São Leopoldo), formando então o 19º VP.

Desses corpos só retornaram 449 bravos, e aquela bandeira acreditamos lá tenha ficado “trapo precioso em cujas dobras bem junto ao coração brasileiro palpitará muitas vezes, nos estos dos entusiasmos heróicos, o forte coração daqueles alemães e sobre a qual se cimentaria, para sempre, indissolúvel Fraternidade, para ligá-los ainda mais à pátria e a seus irmãos de origem diversa.”¹⁴

Capitão Carl Ferdinand Schneider (1829-1888)

Comandante da Bateria Alemã, a quem se deve seu recrutamento, organização e adestramento militar durante os meses de ii gosto e setembro de 1865.

Na tardinha de 2 de setembro, ao comandar no Arsenal de Guerra uma última salva em regozijo pela rendição dos paraguaios em Uruguaiana, sofreu um acidente. Foi colhido pelo sopro quente da 3ª peça, que disparou sem sua ordem, quando ele estava junto à boca da peça.

Em consequência, não pôde embarcar para a guerra, só o fazendo a 24 de dezembro. Foi encontrar-se com sua bateria em Corrientes (Argentina), já incorporada ao atual *Regimento Mallet ib Santa Maria*.

Em 1º de março de 1866, submetido à inspeção de saúde, foi declarado inapto para o serviço militar. Por conseguinte, retornou a Porto Alegre em abril.

Era natural de Stralsund (Pomerânia), onde nasceu a 31 de julho de 1825. Faleceu em Porto Alegre, com 63 anos, a 23 de novembro de 1888.¹⁵

Schneider foi chacareiro e proprietário de cocheiras em Porto Alegre, e gozava de grande prestígio social.

2- tenente Johann Hermann Adolph Fehse

Membro destacado da bateria, morreu ainda em Porto Alegre, em 31 de outubro de 1865, vítima de doença do fígado, quando viajava a Rio Pardo para recrutar voluntários.

Foi sepultado solenemente com todas as honras militares. Sobre seu caixão, transportado ao cemitério pela bateria, foram colocadas espada, luvas, boné, espora, medalhas e insígnias.

Seu cavalo, arreado, seguiu atrás do féretro. A Guarda Nacional deu as salvas de estilo e tocou a marcha fúnebre. Os cantores da sociedade *Gesangverun* que o morto

presidira, cantaram no seu Sepultamento.

Foi orador da cerimônia fúnebre Carl von Koseritz, particular amigo de Fehse, que ressaltou o morto, além de haver sido um patriota alemão, o foi brasileiro, em razão de haver-se apresentado para defender o Brasil logo após a invasão do Rio Grande do Sul por Lopes.¹⁶

1º tenente Rudolph Schmelpfennig von der Oye

Estava exercendo em Nova Petrópolis o cargo de professor contratado. Fora ex-sargento artilheiro da Legião Alemã.

Alistou-se na *Bateria Alemã* como 2º tenente, em substituição ao 2º tenente Fehse. Seguiu junto com o capitão Schneider para o Paraguai, na véspera do Natal de 1865, a bordo do vapor “Galgo”.

Em Concórdia, na Argentina, assumiu o comando da *Bateria Alemã* integrada no legendário Regimento de Mallet, o atual patrono da Artilharia do Exército, que abordaremos neste trabalho ao nos referirmos aos franceses.

A Bateria Alemã do Regimento de Mallet em Tuiuti

O tenente Oye em carta a amigo nos deixou diversos relatos sobre fases importantes dessa guerra, os quais foram traduzidos por Klaus Becker.¹⁷

Em Tuiuti comandou a Bateria Alemã que integrava o célebre Regimento de Artilharia Montada de Mallet. Esta unidade, ali, entrou para a História do Brasil. E o tenente Oye assim descreveu a batalha:

“Pelo meio-dia, quando nos preparávamos para avançar contra o inimigo, fomos atacados, de repente, por todos os lados, com uma veemência e tão inesperadamente que constituiu para nós uma surpresa completa.

Lopes nos atacou com 16 mil homens de Infantaria e Cavalaria.

A batalha foi iniciada pelo inimigo com um forte canhoneio, e quase não sobrou tempo para alcançar os nossos canhões e responder o fogo.

Nessa altura, a infantaria e cavalaria inimigas já lutavam corpo a corpo com os nossos batalhões de primeira linha e nós, o *1º Regimento de Artilharia Montada*, estávamos a um tiro de distância.

Agora começou a carnificina terrível.

Nossa infantaria foi rechaçada e procurou abrigo em nossas trincheiras.

Foi quando coube a nós tomar a iniciativa.

Todo o Regimento, a nossa Bateria incluída, pode orgulhar-se dos elogios recebidos através da Ordem do Dia, por todos os comandantes.

Minha modesta pessoa e o Quartel Mestre de nossa Bateria fomos mencionados na referida Ordem do Dia, segundo a qual nós nos portamos com bravura e distinção. Sustentamos, das 11 e meia até às 16 horas, um mortífero e ininterrupto fogo de artilharia, através de 30 canhões postados em linha, *sendo a nossa Bateria a primeira*.

Nunca ouvira em Schleswig-Holstein um canhoneio mais furioso.

Era impossível distinguir os diferentes tiros de canhão.

Tinha-se a impressão de ouvir um trovejar incessante e tremendo, ou também como se mil tambores tocassem ininterruptamente.

Ficamos todos surdos.

Pelas 16 horas cessamos o fogo, que causou tremendas baixas ao inimigo.

Para encurtar o assunto, o inimigo foi repellido por todos os lados, sofrendo perdas terríveis, e nós havíamos conquistado uma vitória brilhante.

Nossas baixas somaram 3.000 mortos e feridos, e as do inimigo entre 4 a 5.000 mortos, e número maior de feridos.

Ao entardecer do dia 28 de maio, a vanguarda, da qual nosso Regimento fazia parte, foi atacada novamente pelo inimigo.

Nossa infantaria bateu-se com bravura e desta vez não cedeu, no entanto também *teria tido dificuldades em repelir o inimigo caso nosso Regimento não tivesse socorrido com canhões*.

Tal fato, porém, foi o suficiente para que o adversário se retirasse em seguida para seu acampamento fortificado.

Uma bala de fuzil, que me arranhou, atingiu um soldado da fila posterior no pescoço e esse poucos dias depois já estava sepultado.”

O tenente Oye testemunhou sobre outros combates e sobre a maneira de lutar dos

paraguaios e da bravura do coronel Carlos Resin.

Oye faleceu em Nova Petrópolis, a 7 de fevereiro de 1888, onde devem encontrar-se seus restos mortais.

1º tenente Friedrich Wilhelm Fruherr von Reisswitz

Fora *brummer*. Coube-lhe a tarefa de conduzir de Porto Alegre até o teatro da guerra, no Paraguai, a Bateria Alemã.

Nasceu em Breslau, a 23 de agosto de 1820, e faleceu em Campo Bom, a 12 de outubro de 1876.

Em junho de 1865 fora autorizado a recrutar voluntários para a guerra, em Santa Cruz e Rio Pardo. No dia 7 de junho, fez estampar o seguinte anúncio no *Deutsche Zeitung*:

“Anwerbung von FreiwiUigen

Wilhelm von Reisswitz macht hierdurch, dass ervom Herrn Feldmarschall Lima e Silva beauftragt worden ist, in Rio Pardo, Santa Cruz und Umgegend, Soldaten fur das Freivilligen-Bataillon anzuwerben, die freie Passage nach Porto Alegre haben, wo sie sogleich eingestellt und gepflegt werden.”

Este anúncio, segundo tradução do Dr. Klaus Becker, tinha o seguinte significado:

“Alistamento de voluntários

Wilhelm von Reisswitz comunica que foi autorizado pelo Sr. Marechal Lima e Silva a alistar soldados em Rio Pardo, Santa Cruz e arredores para o batalhão de voluntários, os quais receberão passagem paga até Porto Alegre, onde serão logo engajados e mantidos.”¹⁸

Wilhelm retornou para Porto Alegre, em abril de 1866, em companhia de Schneider, afastado por doença.

1º tenente Adolf Freiherr von Reisswitz

Integrou a Bateria Alemã e participou da Batalha de Tuiuti. Morreu em consequência de haver sido atacado por *colera-morbus*. Era irmão de Wilhelm.

O Marquês de Caxias deu vivas à Bateria Alemã

Na consolidação da conquista do forte de Estabelecimento, a Bateria Alemã comportou-se com grande bravura, além de haver atuado decisivamente na repulsa de um ataque inimigo.

O Marquês de Caxias, ao passar revista às tropas brasileiras, a 6 de maio de 1868

“demonstrando grande afabilidade saudou os artilheiros alemães, entre eles muitos *brummer*, com estas palavras: — Viva a Bateria Alemã!

Era o seu reconhecimento à valorosa ação de seus artilheiros, entre os quais *Ramin, Krause, Rieth, Grub, Ladin, Fialho e von Steuben*, pela épica reação na consolidação da conquista do forte Estabelecimento.

Os *brummer* apagaram no Marquês a má impressão que deixaram em 1851-52, quando, dotados com canhões prussianos, que não se adaptavam às realidades operacionais da América do Sul, não tiveram oportunidade de entrar em ação.”¹⁹

Tenente Carlos Alexandre Wichmann

Wichmann radicara-se em Pelotas, onde dirigia o Colégio Pelotense. Com a invasão “blanca” em Jaguarão, enviou o seguinte requerimento ao Ministro da Guerra (respeitada a grafia do original) :

“limo, e Excm” Senhor Visconde de Camamu, Ministro da Guerra.

Diz *Carlos Alexandre Wichmann*, Tenente reformado de Infantaria do Exército de Sua Magestade Prussiana, Cavalheiro da Ordem da Águia Vermelha da Prússia, Condecorado com a Cruz de ferro de Schleswig-Holstein pelas campanhas de 1848-50, e com a Medalha de Campanha do Uruguay pela de 1851-52 etc., que vem respeitosamente requerer por intermédio de V. Exc⁹ a licença e coadjuvação ao Governo Imperial para poder formar na Província do Rio Grande de São Pedro do Sul, um Corpo de Voluntário Asillemães no número de pelo menos 600 praças, para operar na campanha que vae abrir-se contra o Paraguai, sendo o suplicante nomeado Commandante do mesmo Corpo, para o que *julga possuir o necessário prestígio e habilitação científica, physica e moral*, o que prova, tendo uniformizado, armado e apromptado para o combate, na ocasião da invasão da fronteira desta província pelas forças blancas, na cidade de

Pelotas, em menos de seis dias, uma Companhia de Cem Voluntários de sua nacionalidade.

O número de seus compatriotas, que desejam tomar parte na guerra contra o Paraguai, a qual lhes parece inevitável, já é assaz crescido, constando a *maior parte de soldados já disciplinados, aguerridos e bem aclimatados, de maneira que hoje não se darião os inconvenientes que com as tropas alemães se deram na campanha do Uruguay de 1851-52.*

BATERIA ALEMÃ (Alguns de seus integrantes e os que se presume possam ser "brummer")		
N O M E	POSTO	OBSERVAÇÕES
1 — AHLE, Heinrich	Sd	—
2 — BECKER, João	—	(brummer?) N. Alemanha; F. Nova Francira
3 — BECKMANN, Richard Magnus	2º Sgt	Serviu no 14º Corpo Provisório
4 — BERGWANGER, Jakob	Sd	(Morou em Feliz?) (brummer?)
5 — BERGWANGER, Joahann	Sd	Idem
6 — BIENBECK, Eduard (brummer)	2º Sgt	Morou em Nova Petrópolis; F. Sapiranga
7 — BOLLMANN, Wilhelm	—	—
8 — ELTZ, Hermann	1º Sgt	(brummer?); MC em Tucz-Cue em 9-1-68
9 — FEHSE, Joahann H. A.	2º Sgt	(brummer?); Domicílio Porto Alegre
10 — FEHSENBECK	—	Domicílio Portão; Faleceu Buenos Aires
11 — FRIEDRICH, José	Sd	Domicílio Lajeado
12 — GEMEINHARDT, Joahann	2º Ten	Morreu em Rio Pardo
13 — GRANE, Heinrich Alfred	Cirurg	Domicílio Santa Maria
14 — GROBEN, Wilhelm G. von der	1º Ten	Nasceu na Alemanha (Não era brummer)
15 — GRUB	—	—
16 — HEINE	Fur.	—
17 — JANSEN, Friedrich	Sd	(brummer?) Morreu em 1865
18 — KLEIN, Mauricio	Sd	—
19 — KNORR, Heinrich Ferdinand	—	—
20 — KRAUSE	Sgt	—
21 — LADIN	—	—
22 — LANZAC-CHAUNAC, Graf H. von	—	Morreu de doença (era brummer)
23 — LHEHMANN, August	—	Domicílio Porto Alegre
24 — MAURER, Teodor	2º Ten	(brummer?)
25 — MEGNER, Georg	Cb	—
26 — MULLER, Johann Louis	Ten	Domicílio Santa Rosa e Taquara (brummer?)
27 — MULLER, Nicolaus	Cap	Domicílio Joanela/Dois Irmãos
28 — MULLER, Wenzel	Ten	(era brummer?)
29 — OYE, van der	—	Brummer; Faleceu em N. Petrópolis (7-2-80)
30 — RAMIN	Sgt	(era brummer?)
31 — REISSWITZ, Adolf	Ten	Faleceu no Paraguai; era brummer
32 — REISSWITZ, Friedrich	Ten	Faleceu em Campo Bom; era brummer
33 — REN(T)Z, Felipe	Sd	Domicílio Estrela
34 — RIETH, Georg	—	Domicílio São Leopoldo
35 — ROLBERG, Georg	Sd	—
36 — RUMPF, Joahann	Sd	—
37 — SCHNEIDER, Karl	Cap	(Brummer); Faleceu em Porto Alegre (23-11-88)
38 — SCHOT, Carl	1º Ten	(Brummer?); Domicílio Santa Cruz
39 — SEVERIN, Manoel von	1º Ten	(Brummer?); Domicílio São Leopoldo
40 — STEUBEN, Wilhelm von	2º Ten	(Brummer)
Obs.: Acreditamos na possibilidade de serem brummer os de n's 2, 4, 5, 8, 9, 17, 22, 24, 26, 28, 30, 38 e 39.		
CORPO DE PONTONEIROS (Alguns de seus integrantes e os que se presume possam ser "brummer")		
N O M E	POSTO	OBSERVAÇÕES
1 — DICKEL	—	—
2 — DICKEL, Jacob	1º Sgt	Morto em ação em Tuiuti
3 — ENGELMANN, Nicolaus	2º Sgt	Nasceu em Dois Irmãos e Faleceu em Igrejinha
4 — FRANLEN, Jakob	—	Nasceu em São José do Hortêncio
5 — FEITEN, João	—	Domicílio Dois Irmãos
6 — HERMAN, Wilhelm	Alf.	—
7 — HERMES, João	Sd	—
8 — IALLING, Jerônimo	Sd	—
9 — LAUDETER, Christian	Sd	—
10 — MAURER, Jacob	Sgt	(era brummer?)
11 — RANLOW, Maximilian von	Alf	(era brummer?)

FONTE: BECKER, Klaus — Alemães e descendentes..., p. 181/198

O supplicante têm pois a robusta fé que o *Corpo de Voluntários Alemães*, nas actuais circunstâncias, poderia prestar relevantíssimos serviços.

Caso que o Governo de Sua Majestade o Imperador haja por bem aceitar a proposta do supplicante, pede o mesmo respeitosamente qle ao *Corpo de Voluntários Alemães* sejam garantidos os mesmos favores como aos demais Corpos de Voluntários Nacionais, e que ao supplicante, hoje director do "Collegio Pelotense" nesta cidade, seja concedido o direito da proposta dos officiaes do mesmo Corpo.

E. R. M.

(a.) Carlos Alexandre Wichmann”
Wichman conseguiu recrutar alguns alemães e descendentes, que partiram para o Paraguai.

Capitão Karl Kammer e sua Companhia Alemã de Pelotas

Ex-tenente do 15º BI e após 14º BI, *brummer*, radicara-se em Pelotas. Obteve permissão para recrutar em Pelotas, São Lourenço e Canguçu uma *Companhia de Caçadores a cavalo*, formada de alemães e descendentes — a *Companhia Alemã*.

Partiu para o Paraguai integrando o 2º Corpo de Caçadores a Cavalo de Pelotas (Infantaria a cavalo). Destacou-se por sua bravura e coragem nas batalhas de Curuzu e Curupaiti. Ferido na última, foi condecorado com a medalha de oficial da Ordem da Rosa e com o grau de Estrela da Ordem de Cristo, além de promovido a capitão.

Antes, o capitão Kammer havia se projetado na batalha de Boquerón, juntamente com sua Companhia, tendo, após penetrar as linhas inimigas, praticado grandes atos de bravura.

Na batalha de Curupaiti, o sargento *Gustav Dohndorf*, seu comandado e filho de Pelotas, “arrebato da mão do inimigo, no auge do combate de Curupaiti, a bandeira do 2º Corpo de Caçadores a Cavalo, de Pelotas, demonstrando uma valentia extraordinária e não temendo em momento algum pôr em risco a própria vida”.

Em consequência, foi promovido por bravura e distinguido com a Ordem da Rosa no Grau de Cavalheiro.

Muitos outros seus comandados vieram a se destacar, como, por exemplo, o 2º tenente Carl *Leppert*, de Canguçu, e o 2º tenente Benno *Keydel*, de São Lourenço do Sul, onde faleceu em 1877. Es te, inclusive, foi integrante do Piquete do Marquês de Caxias, mais tarde Duque, e atual Patrono do Exército Brasileiro.²⁰

Heróis «brummer» em Jaguarão

No início de 1865, os blancos uruguaios fizeram uma incursão a Jaguarão.

Os ex-artilheiros *brummer* Karl Haann e Johann Louis Schnorr, manobrando pequenos canhões de dois barcos, responderam ao ataque blanco. Outro *brummer*, Henrique Knorr, professor de música em Jaguarão, saiu das trincheiras liderando outros alemães, na maioria *brummer* radicados em Jaguarão, para duelar a tiros com um posto avançado blanco. Um deles foi ferido.

Somente August Mangner, sapateiro, e mais quatro alemães não participaram da defesa de Jaguarão, sendo declarados covardes por seus patrícios daquela localidade, em sua maioria *brummer* ali radicados, desde que por lá passara e estacionara por duas vezes o 15º BI.

Outros «brummer» na Guerra do Paraguai

Em Bagé, Wilhelm von Widelstaedt ofereceu-se para recrutar 60 alemães e descendentes para defender o Rio Grande do Sul.

Ele não conseguiu, todavia, concretizar seu oferecimento, pois morreu em março de 1866, em Dom Pedrito.²¹

Em São Borja, cerca de 30 a 40 *brummer*, integrando o 1º Batalhão de VP do Rio de Janeiro, participaram da reação contra os paraguaios. Muitos integraram diversos outros corpos recrutados no Rio Grande do Sul, como o Corpo de Pontoneiros ou, mesmo, o 1º Regimento de Artilharia de Mallet.

Em Cachoeira, o ex-tenente infante e mais tarde pontoneiro Carlos von Kahlden requereu e foi autorizado a recrutar voluntários para marcharem sob seu comando. Isso não chegou, porém, a concretizar-se.

Von Kahlden foi deputado gaúcho e diretor das colônias do passo de São Lourenço, Agudo, Nova Petrópolis e, acreditamos, de D. Francisca.

Daniel von Schlabsendorf²²

Apresentamos este nome para tentar decifrar um enigma interessante.

Klaus Becker refere-se a um Johann Daniel, Barão de Schlabsendorf, nascido em São Leopoldo, domiciliado em Caxias e falecido em Porto Alegre a 5 de março de 1889.

No Museu “Visconde de São Leopoldo” existe foto interessantíssima de um oficial em uniforme germânico em seu leito de morte, ladeado por sua filha *Josefina Steigleder* e,

acreditamos, seu neto de nome Augusto.

Diz a inscrição que o morto é Hubert Karl Anton Ludwig, Barão von Schlabsendorf, morto numa emboscada em 19-1-1858, armada por colonos quando se entregavam ao afã, em nome do governo, de recrutar colonos para o Exército.²³

Contestamos essa data em razão de ainda não existir a fotografia em São Leopoldo, e com uma técnica tão apurada de causar inveja aos fotógrafos de hoje. Pensamos que este morto fosse um *ex-brummer* e que seu falecimento tenha se verificado em 1868, em plena Guerra do Paraguai.

Daniel seria filho ou irmão de Hubert?

Eis uma questão intrigante a resolver, tanto pelo grande valor documental da história como pela interessante foto existente no Museu Visconde de São Leopoldo, doada pela família Steigleder.

NOTAS AO TEXTO DO CAPÍTULO II

1. SIBER, Retrospecto da Guerra contra Rosas, p. 479.
2. TTTARA, *Memórias do grande Exército*, p. 161.
3. WIDERSPHAN, Das guerras cisplatinas.... p. 227.
4. idem nota 1, p. 396.
5. PETRY, *São Leopoldo*, p. 387.
6. KLINGER, Notas à tradução de *Die Brummer*, p. 57.
7. id. ibid.
8. Foi integrante da Artilharia Prussiana. Desertou em Rio Grande após a batalha de Monte Caseros, e foi viver em Pelotas. Sua atitude então é explicável e justificável. Foi redimida, por completo, pelos relevantes serviços que prestou ao Brasil na paz e na guerra.
9. CÉSAR, *História da Literatura do Rio Grande do Sul*, pp. 247-256.
10. SCHMID, Os rezingões, pp. 33-37.
11. BECKER, Alemães e descendentes, pp. 11-23.
12. id. ibid., pp. 43-54.
13. id. ibid. p. 53.
14. idem nota 5, p. 80.
15. idem nota 1 (síntese), pp. 49-54 e 193.
16. idem, p. 52 (síntese).
17. idem, pp. 71-75.
18. idem, p. 45.
19. idem, p. 108.
20. idem, p. 189.
21. idem, pp. 34, 40, 43, 44 e 48.
22. BENTO, Boletim de Pesquisa no Museu Visconde de São Leopoldo

Capítulo III

TEUTO-BRASILEIROS DO RIO GRANDE DO SUL NA GUERRA DO PARAGUAI

O esforço teuto-brasileiro do Rio Grande do Sul no conflito

Na Guerra do Paraguai, a contribuição militar da colônia alemã foi expressiva, atendendo à pregação cívica através do *Deutsche Zeitung*, do mais destacado dos *brummer* — o jornalista Carlos von Koseritz e apelo do mais ilustre teuto-brasileiro — o Imperador D. Pedro II.

Koseritz procurou mostrar aos teuto-brasileiros que a pátria comum de todos eles — o Brasil — estava em perigo e precisava do sacrifício de todos os seus filhos, mas em pé de igualdade.

Klaus Becker, em seu excelente trabalho *Alemães e descendentes do Rio Grande do Sul na Guerra do Paraguai*, relacionou cerca de 500 participantes.¹ Achamos que não

conseguiu relacionar todos.

Isso representou cerca de 0,05% de todo o esforço de guerra terrestre brasileiro. Aproximou-se das contribuições das províncias de Goiás, Amazonas e foi cerca de 1/3 da de Santa Catarina e 1/10 da do Rio Grande do Sul (oficial), pois se acredita que aproximadamente 30% das forças terrestres brasileiras presentes na Guerra do Paraguai eram gaúchas, ou seja, cerca de 30 mil homens.²

A colônia alemã do Rio Grande do Sul em 1865

A população teuto-brasileira do Rio Grande do Sul em 1865 encontrava-se dispersa pelas seguintes cidades, vilas e colônias:³

Cidades e vilas:

Porto Alegre.....	aprox. 3.000
Rio Grande	" 600
Pelotas	" 800
Rio Pardo	" 800
Cachoeira	" 200
Santa Maria	" 1.000
Taquari	" 200
Estrela e Teutônia	" 1.000
Passo Fundo.....	" 250
Cruz Alta	" 200
São Gabriel	" 300
Alegrete	" 200
Montenegro, Caí	" 50
Canguçu	" 400
Total estimado	" 9.000 hab.

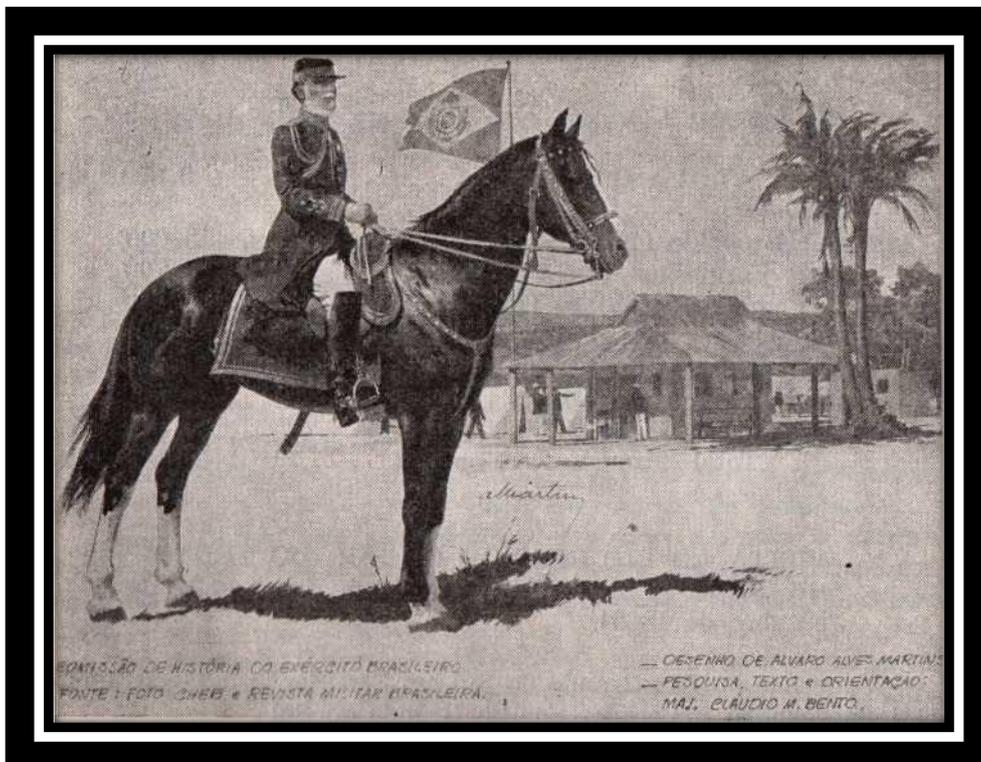
Colônias:

São Leopoldo (*)	aprox. 15.000
Três Forquilhas (em Torres)	" 700
S. Pedro de Alcântara (idem)	" 500
Taquara do Mundo Novo (1)	" 1.000
Winterschneis/Forromeco (2).....	" 600
Santa Cruz (do Sul)	" 4.600
São Lourenço (do Sul)	" 1.500
Total estimado	" 25.000 hab.

(*)compreendendo Novo Hamburgo, Feliz, Dois Irmãos, Campo Bom, Ivoti, Estância Velha, Sapiranga, Sapucaia, S. José do Hortêncio, etc.

(**) Três Coroas.

(***) Montenegro



17 - O Marquês de Caxias, ao passar em revista as tropas brasileiras em 6 de maio de 1868. “Demonstrando grande afabilidade saudou os artilheiros alemães, entre eles muitos *brummer*, com estas palavras” - *Viva a Bateria Alemã!* Era o seu reconhecimento à valorosa ação de seus artilheiros, entre os quais RAMIN, KRAUSE, RIETH, GRUB, LADIN, FIALHO e VON STEUBEN, pela épica reação na consolidação da conquista do forte Estabelecimento. Os *brummer* apagaram no Marquês a má impressão que deixaram em 1851-52, quando, dotados com canhões prussianos que não se adaptavam às realidades operacionais da América do Sul, não tiveram oportunidade de entrar em ação.

(Fontes: BECKER. *Alemães e Descendentes*, p.109;

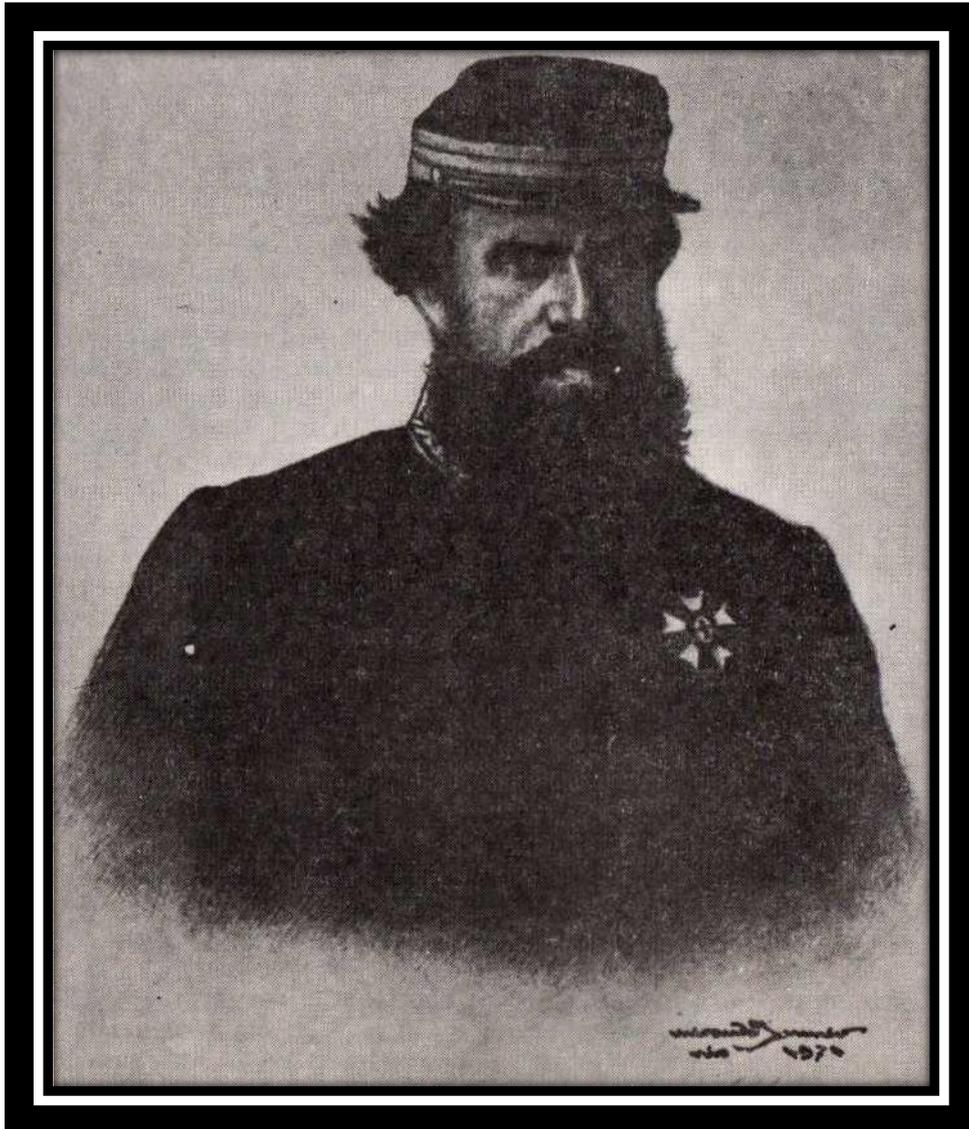
RIHGB. *Retrospecto da Guerra Contra Rosas*.)

(Gravura: Centro de Documentação de História do Exército.)

- 23, julho Às 10 horas, a bordo do vapor “Guahyba”, o Imperador chegou a São Leopoldo, colônia alemã fundada em 1824, em homenagem a sua mãe — a Imperatriz Leopoldina.
O Imperador, em companhia de seus genros Duque de Saxe e Conde d’Eu, do Marquês de Caxias e de outras personalidades, visitou as igrejas católica e evangélica, a Câmara Municipal e a *Sociedade Orpheu*, atualmente a mais antiga do Brasil.⁴
À noite assistiu a uma comédia alemã no Orpheu e participou de um baile em sua homenagem, depois de presenciar, às 19 horas, uma passeata festiva com lampiões. Era domingo.
- 24, julho D. Pedro II, o Marquês de Caxias, o Conde d’Eu e demais membros de sua comitiva visitaram Novo Hamburgo, onde foram a cavalo. Retomaram ao meio-dia e embarcaram à tardinha para Porto Alegre.
Carlos von Koseritz elogiou muito em seu *Deutsche Zeitung* a ótima organização das festas em São Leopoldo. D. Pedro II determinou que seu Piquete Imperial, em sua viagem a Uruguaiana, fosse composto de teuto-brasileiros. Foram retirados 20 homens do 33º Batalhão de VP, sob o comando do capitão Cristovão Baum.
Alemães de Porto Alegre, sob a liderança de Carlos von Koseritz, foram recebidos em audiência pelo Imperador. Na ocasião ofereceram-lhe um *Regimento de Voluntários Alemães* a ser formado, a fim de partir para a guerra, bem como a constituição de *Corpos de Defesa* em diversos locais com alemães e descendentes que não pudessem partir para a guerra.
- 25, julho A unidade de Voluntários da Pátria alemães já estava em formação, era o 33º Batalhão de Voluntários Alemães.
- 29, julho O Imperador deixou Porto Alegre rumo a Rio Pardo, onde chegou na madrugada de 30. Depois, passou por Cachoeira, Caçapava e São Gabriel.
- 3, setembro O Imperador deixou São Gabriel em direção a Alegrete, onde chegou dia

8, e a 12 em Uruguaiana.⁵ Em São Gabriel, Johann Georg *Fayet*, que acreditamos ter sido *brummer*, ofereceu os préstimos dos alemães locais para colaborarem na defesa daquela localidade.

Após a rendição do general Estigarribia, com seus 56 oficiais e cinco mil soldados paraguaios, em Uruguaiana, ao Imperador, este empreendeu sua viagem de retorno, depois de visitar Itaqui e São Borja.



18 - D. Pedro II, Imperador do Brasil, 1865, por ocasião de sua viagem à Província do Rio Grande do Sul, de 24 jul. a 31 out. 1865. (Fonte: *História do Exército*, v.2, p.619.)

O regresso é balizado pelas seguintes localidades e datas:

7, outubro — Alegrete;

11, outubro — Livramento;

16, outubro — Bagé;

18, outubro — Jaguarão;

21, outubro — Santa Vitória;

24, outubro — Pelotas,

Chegou a Porto Alegre dia 28, após três meses de viagem pelo interior do Rio Grande do Sul. A colônia de São Leopoldo ofereceu 40 cavalos para a sua viagem, mas, não podendo usá-los, por já haver iniciado o retorno, mandou doá-los à *Bateria Alemã*.⁶

Em São Leopoldo, D. Pedro II hospedou-se num sobrado onde funcionou até bem pouco tempo o Hotel Bragança.

A visita do Imperador foi importante para levantar o seu moral, o do gaúcho e o nacional, além de ser decisivo para uma mais expressiva participação teuto-brasileira na guerra.

Ao retornar de Uruguaiana e passar por diversas cidades gaúchas, o Imperador

estava exultante com a superação, em Uruguiana, de dois episódios atentatórios à Soberania e à Integridade do Brasil.

O primeiro, o reatamento das relações diplomáticas do Brasil com a Inglaterra, rompidas em consequência da Questão Cristie.

O segundo, a rendição, a 18 de setembro de 1865, do Exército Paraguaio que, a 10 de junho, invadira o Rio Grande do Sul, por São Borja, e permanecendo durante mais três meses em território nacional.

2. UNIDADES PRINCIPAIS ONDE LUTARAM TEUTO-BRASILEIROS

Secção de Infantaria da Guarda Nacional de São Leopoldo

Partiu para o Paraguai em dezembro de 1865, integrando com a designação de 1ª Companhia o *Corpo Policial de Porto Alegre*, no qual lutaram muitos outros teuto-brasileiros.

Parte de sua história nos é contada pelo furriel Jakob Dick e será abordada em local próprio.

11º Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional de São Leopoldo

Possuía sua sede em Santana do Rio dos Sinos, atual distrito de Capela de Santana, no município de Caí.

Entre outros, foram seus integrantes:

1 — BAUERMANN, Jacó. Cap. da 5ª Cia. — Picada Capivara.

2 — KERNE, Henrique. Ten. da 3ª Cia. — de Caí.

3 — MAURER, Pedro. Ten. da 6ª Cia. — de S. José do Hortêncio.

4 — KANPP, José.

5 — LENHARD, Guilherme.

6 — FRANZEN, Jacob. Cap. — de Montenegro.

Os de números 4 e 5 eram filhos de viúvas. Seus requerimentos não tiveram despacho favorável a tempo. O de número 6 depôs mais tarde sobre a participação dessa unidade na guerra e será estudado em local próprio.

Ela partiu para o Paraguai a 12 de dezembro de 1865, a bordo do navio “Galgo”. Era constituída de seis companhias de 18 a 20 homens, com um oficial para cada 5 homens.⁷

12º Corpo da Guarda Nacional de São Leopoldo

Estes foram alguns de seus oficiais teuto-brasileiros:⁸

	Nome	Posto		Localidade
1	SCHNEIDER, Pedro	Alferes	4ª Esq.	Picada Capiva
2	RITTER, Nicolau	2º ten.	1ª Cia.	S. Leopoldo
3	LAMB, Christiano	2º ten.	2ª Cia.	Picada Capiva
4	HESS, Henrique	2º ten.	4ª Cia.	—
5	KAUTZMANN, João	1º ten.	5ª Cia.	Campo Bom
6	FOLZ, Guilherme	2º ten.	5ª Cia.	—
7	DREYER, Felipe	capitão	6ª Cia.	—
8	SPOHR, Carlos	2º ten.	6ª Cia.	Dois Irmãos
9	WALLAUER, Jorge	2º ten.	7ª Cia.	S. Leopoldo
10	STUMPF, Jorge	1º ten.	8ª Cia.	Taquara
11	HASSLOCHER, Germ	1º ten.	6ª Cia.	Rio Pardo
12	SPINDLER, Germano	2º sarg.		Campo Bom

Este Corpo embarcou para Rio Pardo a 14 de outubro de 1865.

Após transitar por Rio Pardo e Santa Maria, atingiu São Borja em 8 de março de 1865. Atravessou o rio Uruguai a nado; depois permaneceu alguns dias em São Tomé.

Marchou por terra em pleno inverno até Corrientes (Argentina). Daí foi transportado por água até o Passo da Pátria. Lá chegando, foi reorganizado e passou a constituir, com o 11º de São Leopoldo, o 1º *Corpo Provisório de Caçadores*.

Teve seu batismo de fogo dia 18 de julho, num reconhecimento.

Nos ataques de Curuzu, Curupaiti e 2º Batalha de Tuiuti, teve pesadas baixas, pois

atuou na vanguarda do Ataque Principal. Pertenceu a este Corpo e depôs sobre sua atuação, em 1812, o 2º sargento Cristiano Splinder, fato que será abordado oportunamente.

33º Batalhão de Voluntários da Pátria

Foi ele integrado por muitos alemães e descendentes no Rio Grande do Sul.

Embarcou para Rio Pardo em 13 de agosto de 1865, somente com quatrocentos homens. Vinte deles foram cedidos para integrar o Piquete Imperial ao comando do capitão Cristovão Baum, e tendo como 2º sargento João Birck, nascido em Dois Irmãos em 1843 e falecido em Estrela em 1928.

O 33º, integrando uma brigada ao comando do coronel João Manoel Mena Barreto, tanspôs o rio Uruguai, a 5 de novembro de 1865, em direção a Corrientes.⁹

3. TESTEMUNHOS DE VETERANOS TEUTO-BRASILEIROS

Alguns veteranos teuto-brasileiros do Rio Grande do Sul, que participaram da Guerra do Paraguai, deixaram diários ou depoimentos, hoje importantes fontes primárias da História da Imigração alemã do Rio Grande do Sul.

Klaus Becker acredita que muitos desapareceram durante a 2ª Guerra Mundial. Autoridades inábeis os destruíram simplesmente porque estavam escritos em alemão, como também outras fontes primárias valiosíssimas da imigração alemã.¹⁰

Escreveram diários ou depuseram sobre esta guerra os seguintes veteranos teuto-brasileiros, sem falar no Marechal José Bernardino Bormann, que participou e escreveu a melhor história dessa parte, o que será abordado em local próprio.

Capitão Pedro Werlang (1836-1921)

Seguiu para o Uruguai como 1º sargento do 6º *Corpo Provisório de Cavalaria da Guarda Nacional de Rio Pardo*. Fez toda a campanha do Uruguai e do Paraguai.

Seu relato constitui-se em importante fonte primária para a história da *Brigada de Cavalaria*, ao comando de Niderauer Sobrinho até Vileta. Contém pontos interessantes, como informações: obre a cólera-morbus, rendição de Uruguaiana e ações de combate de sua unidade, brigada e divisão.

Viu seu irmão Guilherme tombar morto a seu lado.

Retornou das duas campanhas no posto de 1º tenente e condecorado com a Ordem da Rosa no grau de cavaleiro.¹¹

Klaus Becker publicou seu retrato.¹²

Verlang nasceu em São João do Hortêncio e, recém-nascido, migrou com seus pais para Santa Cruz, em consequência da Revolução Farroupilha. Pertenceu à Divisão de Andrade Neves e à 3ª Brigada de Cavalaria de Niderauer Sobrinho.

Foi companheiro de unidade de Cristovão Baum.

Capitão Jacob Franzen (? — 1912)

Fornece subsídios, em três páginas, sobre a atuação do 11º Corpo da Guarda Nacional, recrutado em Capela de Santana do Rio dos Sinos (atual distrito de Cai), e sobre o Corpo de Pontoneiros a que pertenceu.

Trabalhou na Estrada sobre o Chaco. Participou do ataque a Humaitá. Foi atacado de cólera-morbus e sobreviveu, depois de dois meses de tratamento.

Seu diário, ou melhor, depoimento,-, acredito tenha sido feito por volta de 1910 a José Cândido de Campos Netto, que editou em 1824 trabalho intitulado *Montenegro*.¹³

Ao retornar foi condecorado com a Ordem da Rosa no grau de Cavaleiro. Faleceu a 16 de outubro de 1912, em Montenegro.

Klaus Becker publicou seu retrato.¹⁴

Furriel Jakob Dick (1849-1920)

Depôs em 10 páginas, em 1910, sobre sua participação na Guerra do Paraguai, como voluntário integrante do *Corpo Policial de Porto Alegre*.

Suas observações são interessantes, comoventes, simples, sinceras e idôneas. Merecem menção especial as que se referem à Dezembroada.

Sobre a batalha de Tuiuti (24-5-1866), ele observou a certa altura:

“A artilharia alemã neste dia prestou inestimáveis serviços. Os alemães que operavam os canhões pertenciam quase todos aos que nós apelidamos de *brummer*. Estes já haviam participado da guerra contra Rosas, mas neste dia salvaram nossa causa.”¹⁵

2º sargento Christiano Spindler (1846-1928)

Deixou três páginas de anotações sobre sua participação na Guerra do Paraguai, integrando o 12º Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional de São Leopoldo.

Esteve em Assunção como faxineiro de um hospital de campanha.

Em 1º de janeiro de 1869 esteve no Palácio de Lopes.¹⁶

Era natural de Campo Bom.

2º sargento Nicolau Engelmann (1845-1920)

Em 1912 depôs em versos sobre sua participação na guerra como 2º sargento do *Corpo de Pontoneiros* do 2º Corpo do Exército do Barão de Porto Alegre.

Nasceu a 1º de novembro de 1845, em Dois Irmãos, e morreu em Igrejinha em 1920.¹⁷

Soldado Adolf Peter Pritsch (1848-1939)

Seu depoimento é mais uma síntese de duas páginas de sua longa vida.¹⁸

Fez a guerra como voluntário no *16º de Cavalaria de Voluntários da Pátria*, organizado em Alegrete: “Neste corpo assisti a dezesseis combates, nos quais fomos sempre vitoriosos”.

Era imigrante prussiano. Veio para o Brasil em 1857, com nove anos, sendo um dos fundadores da colônia de São Lourenço do Hui, onde permaneceu até 1863, quando foi tentar a vida em Santa Cruz.

Este bravo Voluntário da Pátria possuía, em 1937, dez filhos, 51 netos e 29 bisnetos.

Klaus Becker publicou dois de seus retratos: o jovem imigrante Voluntário da Pátria do Brasil (1865) e o velho veterano (1939).¹⁹

4. MARECHAL JOSÉ BERNARDINO BORMANN (1844-1919)

Foi o primeiro filho de imigrantes não lusitanos a comandar a 3ª Região Militar atual, abrangendo seu estado natal — o Rio Grande do Sul. Também exerceu as altas funções de Chefe do Estado-Maior do Exército e foi o primeiro filho de imigrantes alemães a ser Ministro da Guerra no Brasil.

Nasceu em Porto Alegre, a 24 de setembro de 1844, quase ao final da Revolução Farroupilha, após haver Caxias conferenciado com Bento Gonçalves, com vistas à pacificação. Era filho do tenente Wilhelm Bormann, que lutou em Passo do Rosário, ao comando de uma companhia do 27º BC de alemães.

Fez a campanha do Uruguai contra Aguirre (1864) e a do Paraguai, contra Solano Lopes (1865-70). Comandou uma Bateria do Regimento de Mallet, integrada por alemães *brummer*.

Praça a 11-2-1862, conseguiu ascender ao posto de 2º tenente ainda durante a campanha do Paraguai. Foi promovido por bravura a 1º tenente, em consequência de sua atuação na batalha de Avaí.

Destacou-se nessa guerra pela assistência humanitária que prestou a irmãos de armas atacados de *cólera-morbus*.

O historiador e romancista Bormann

O marechal Bormann foi destacado historiador do Exército, além de romancista, sob o pseudônimo de *Wilagran Cabrita*, o atual patrono da Arma de Engenharia e herói brasileiro do combate da Ilha da Redenção, no rio Paraná.

Produziu diversos trabalhos históricos. Entre eles, se destaca a *História da Segunda Guerra do Paraguai*, obra de um participante teuto-brasileiro e a melhor fonte histórica

sobre o conflito, durante 45 anos, até o aparecimento de Tasso Fragoso em 1934.

Além desse, publicou:

- *O Marechal Duque de Caxias*. Fotografia Militar. Rio, 1880.
- *História da Guerra do Paraguai*. Curitiba, Imp. Paranaense, 1889.
- *Dias fratricidas*. Curitiba, 1906.
- *A Campanha do Uruguai*. Rio, 1907.
- *Memórias da Revolução Federalista*, 1901.
- *Rosas e o Exército Aliado*, 1912.
- *Os amores de D. João III de Portugal*, (romance)

Segundo Paula Cidade, Bormann “foi indubitavelmente um dos melhores historiadores de sua época e coube-lhe lugar de destaque na reanimação do panorama de nossas guerras, por haver escrito obras interessantes que marcam o início de nova fase na historiografia militar brasileira.

A sua narrativa, sempre que possível, é baseada em documentos existentes em nossos arquivos e completada pela leitura de publicações que versam sobre o mesmo assunto. A bibliografia do marechal Bormann compreende várias obras e traduções, etc.”²⁰

E, noutro trecho, Cidade prossegue em sua análise:

“Não obstante haver sido um contemporâneo dos fatos que narra, dos quais em grande parte foi testemunha, não se apaixona, o que é uma qualidade moral que só raros historiadores conseguem cultivar.”²¹

A sua obra *Campanha do Uruguai* constitui a mais importante fonte primária sobre o assunto.

Sua obra como historiador militar é analisada por Cidade de forma muito feliz.

Guilhermino César faz diversas referências à obra do historiador Bormann, que foi casado com a escritora Maria Benedita Câmara Bormann, a qual usava o pseudônimo *Delia*.²³

Ao referir-se a sua “obra magnífica” sobre a Guerra do Paraguai, escreve a certa altura:

“Testemunha de muitos acontecimentos que narra, Bormann escreve com ardor e paixão, raramente indicando fontes bibliográficas ou a origem dos documentos transcritos.

Sem embargo de tudo isso, é seguro no informe, retratando, além do mais, com muita vivacidade, os cabos de guerra aliados.

Rebate com vigor certas interpretações da historiografia paraguaia, mostra grande conhecimento de estratégia, ressalta os feitos do inimigo, mas não tem bastante serenidade para julgar os homens que se moveram do lado de lá, atrelados à aventura de Lopes.”²⁴

Acreditamos que o julgamento sereno dos fatos e dos homens envolvidos nesse conflito ainda está para ser realizado.

Era difícil assim proceder, 19 anos após o término da guerra. Decorrido um século, ainda aparecem, no país irmão, obras históricas ultrapragmáticas como esta, e com todo o apoio oficial:

— RUGIDOS DE LEONES. Assuncion, Paraguai. Artes gráficas Zamphiropolos, Independência Nacional n. 640, 1968.

Obras desse tipo foram, desde aquela época, incorporadas à historiografia militar mundial, com seu ultrapragmatismo que, não levado em conta, era atentatório ao pundonor militar brasileiro e à Pátria brasileira.

Em 1965, no centenário do início da Guerra do Paraguai, foi publicada, nos Estados Unidos, a seguinte obra:

— KOLINSKY, Charles. J. *Independence or Death, The story of the paraguayam war*. Gainesville. EUA. University of Florida Press, 1965.

Embora com muitos pontos positivos relacionados ao Brasil, essa obra incorpora uma série de inverdades ao basear-se em pseudofontes primárias daquele país irmão.

Se o historiador americano não conseguiu ser imparcial após 100 anos do conflito que estuda, o que se esperar de um historiador participante ativo do mesmo conflito, ao descrevê-lo 19 anos depois? Isto, numa circunstância caracterizada por uma série de distorções e inverdades que eram difundidas pelo mundo, por historiadores do outro país, e aos quais Bormann teve de rebater.

O militar e Ministro da Guerra Bormann

Bormann foi o comandante da atual 3ª Região Militar, que abrangia o Rio Grande do Sul, por cinco meses, ou seja, de 10 de janeiro a 21 de junho de 1909.²⁵ Ocupou a Chefia do Estado-Maior do Exército um pouco antes. E de 16 de outubro de 1909 a novembro de 1910, foi Ministro da Guerra de Nilo Peçanha.

Como principais realizações cumpre destacar a edição do *Regulamento Interno para os Serviços Gerais* (RISG) e a do Decreto nº 8.083, de 25 de junho de 1910, que regulamentou a *Confederação do Tiro Brasileiro* e que fundou os *Tiros de Guerra*.

Estes atiradores prestaram relevantes serviços ao governo na debelação da revolta dos marinheiros. Talvez Bormann possa ser considerado o criador dos Tiros de Guerra no Brasil.

Ele possuía o curso de Estado-Maior de D Classe e era bacharel em Matemática e Ciências Físicas. Prestou 49 anos de relevantes serviços ao Exército, na paz e na guerra.

Após deixar o Ministério da Guerra, foi Ministro do Supremo Tribunal Militar. Faleceu no Rio de Janeiro, a 1º de junho de 1919, com 75 anos de idade.

A data de seu nascimento é controversa. Para Guilhermino César, 4 de março de 1844;²⁶ para Klinger, 24 de setembro de 1844;²⁷ para Torres e Riograndino Costa e Silva, 4 de maio daquele ano.²⁸

O marechal Bormann é o patrono da cadeira n. 31 do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, como o é da cadeira nº8 o Almirante Luiz von Hoonholtz, Barão de Tefé, teuto-brasileiro herói da Batalha de Riachuelo e filho do imigrante, alferes Conde Frederico Guilherme von Hoonholtz, que lutou em Passo do Rosário em 1827, juntamente com o pai de Bormann, no 27º BC de alemães.²⁹

P. patrono da cadeira n. 48 o marechal Conrado Niemeyer, teu- in brasileiro que operava o balão cativo que o Marquês de Caxias utilizou para reconhecer as posições inimigas na Guerra do Paraguai.

Ruas Santos amarra diversas referências à atuação do então I mente e, mais tarde, capitão Bormann, herói da Guerra do Paraguai.³⁰

5. ALGUNS EXEMPLOS DE HERÓIS TEUTO-BRASILEIROS GAÜCHOS

Capitão Cristovam Baum

Segundo A. F. Rodrigues:

“Cristovão Baum, filho de um colono alemão, era sapateiro no Rio Grande do Sul, quando rebentou a guerra com o Paraguai.

Tendo militado durante a revolução de 1835 às ordens de Andrade Neves, apresentou-se logo a pegar em armas, sendo empregado como capitão do piquete do Imperador, quando este marchou para Uruguaiana.

No ataque à Vila do Pilar (27-9-1877), recebeu dois ferimentos, um dos quais considerado mortal. Uma bala, penetrando no ventre, saiu-lhe pelas costas.

Levado ao hospital, foi, com a admiração de todos, restabelecendo-se aos poucos.

Um mês depois, a 29 de outubro, no combate do Potreiro Ovelha, ele se apresentou, pálido, desfeito, o corpo coberto de ligaduras, à frente de seu esquadrão.

O Marquês de Caxias, ao vê-lo partir com a expedição, nesse estado, ordenou-lhe que se recolhesse ao hospital, chegando a ameaçá-lo de prisão. Cristovão Baum respondeu:

— Sinto desobedecer a V. Exa., mas o meu esquadrão ataca, e .. eu vou com ele.

E no combate obrou prodígios de valor. Não morreu dessa imprudência, mas foi obrigado a retirar-se para o Rio Grande, a tratar da saúde, seriamente comprometida.”³¹

Cristovão Baum nasceu em Dois Irmãos e radicou-se em Santa Cruz do Sul, conforme Klaus Becker, que ns fornece outras referências sobre este bravo.

Ao retomar da guerra foi entrevistado por Karl von Koseritz, seu companheiro de

viagem de Pelotas a Porto Alegre,³³ e que testemunhou a sua grande liderança entre os teuto-brasileiros.

Sobre a sua participação ao ataque à Vila do Pilar, escreveu Otto Streher, correspondente de guerra do *Deutsche Zeitung*:

“O capitão Cristóvão Baum foi o primeiro a atravessar o rio e teve uma atuação formidável. Infelizmente recebeu sérios ferimentos. Uma bala atravessou-lhe o ventre... estando porém fora de perigo. O Marquês de Caxias o visita quase que diariamente. . .”³⁴

1º tenente Johann Kautzmann

Nascido em Campo Bom, constituiu-se num eloqüente exemplo do valor militar do soldado teuto-brasileiro do Rio Grande do Sul.

Destacou-se no ataque a Curuzu, onde a cavalaria de São Leopoldo, 11º e 12º Corpos, formavam na ponta do ataque principal e em todas as outras ações.

Morreu na 2ª Batalha do Tuiuti, integrando o Corpo de Pontoneiros.

Klaus Becker publicou seu retrato e fornece outras indicações sobre este bravo.³⁵

Louis Adolf Haesbaert

Natural de Hamburgo Velho, veio a falecer de *cólera-morbus* em abril de 1867, num hospital de Corrientes (Argentina).³⁶ Era filho do pastor Johann Peter Haesbaert.

No ataque de Curuzu, quando se encontrava em posição isolada, foi cercado por dois adversários. Enfrentou o primeiro, manobrando sua clavina Minié como se fosse um porrete, porque não tivera tempo de recarregá-la. Conseguiu derrubar o oponente, com violento coronhaço. Na queda do inimigo, porém, foi por este desmontado.

Teve de enfrentar o segundo adversário em violento corpo-a-corpo a facão, arma muito utilizada nessa guerra, juntamente com a lança.

Após algum tempo de duelo, conseguiu matar seu inimigo, sair ileso do encontro e entrar para o rol dos heróis dessa guerra,

1º tenente Hermann Hasslocher

Destacou-se por sua bravura na tomada do forte do Estabelecimento. Era ajudante do Quartel Mestre do 20º Corpo Provisório de Cavalaria e Ajudante do Quartel-Mestre da 6ª Divisão de Cavalaria.

Andrade Neves louvou esse bravo com grande efusão, em ofício a Caxias. Hasslocher foi condecorado com a Ordem da Rosa no grau de Cavalheiro.³⁷

Ele era filho de Rio Pardo e morreu em Pelotas, a 29 de setembro de 1881.

6. CORONEL G. N. JOÃO NIDERAUER SOBRINHO (1827-68)

Foi o *Bravo dos Bravos* teuto-brasileiros dessa guerra.

Era filho de imigrantes alemães, Felipe Leonardo Niderauer e Catarina Diehl.

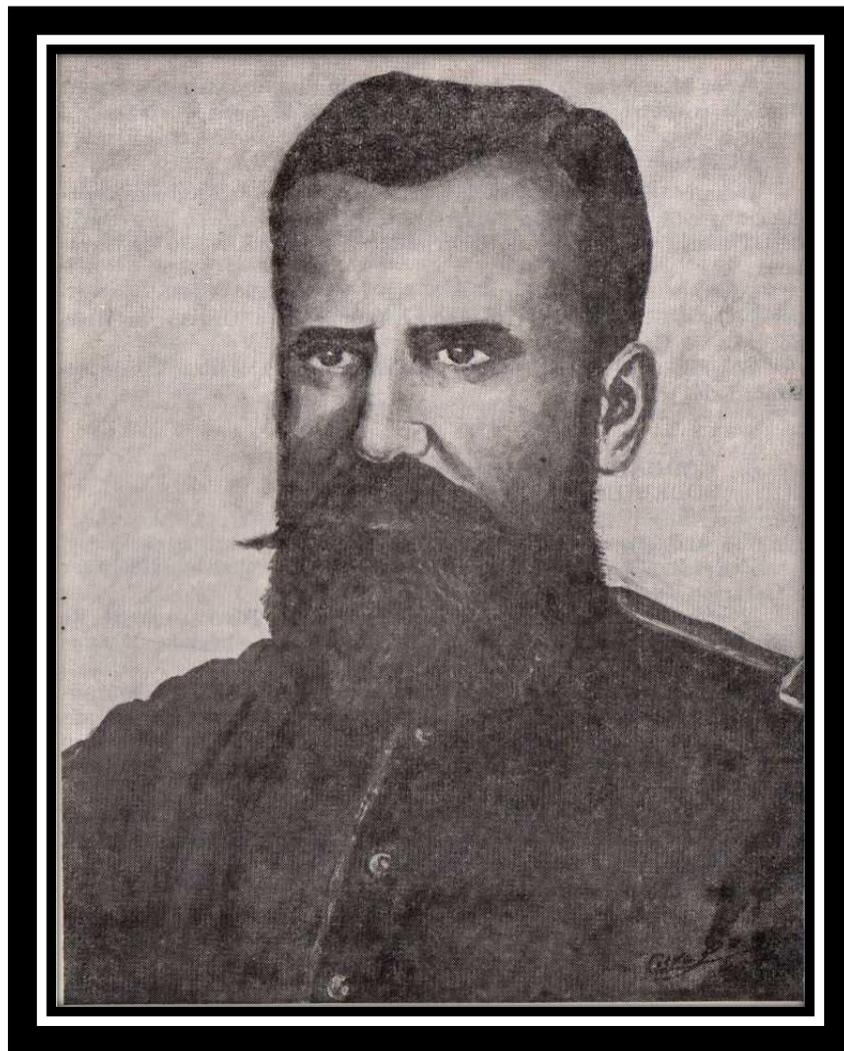
Nasceu em Três Forquilhas, município de Torres, em 24 de abril de 1827, pouco mais de um ano depois da chegada de seus pais.³⁸

Segundo o padre Balduino Rambo, a colônia de Três Forquilhas fora fundada em 1825 por um grupo de imigrantes protestantes que naufragaram próximo a Mostardas. Os católicos do mesmo naufrágio haviam fundado a colônia de São Pedro de Alcântara, junto a Torres.³⁹

Em 1840, em plena Revolução Farroupilha, com 13 anos de idade, o menino João Niderauer radicou-se definitivamente em Santa Maria. Seu pai estabeleceu um curtume, onde em 1833 se situava a Usina Elétrica de Santa Maria.

Nessa localidade, desde 1836, procedentes de São Leopoldo, se haviam radicado seus dois tios paternos, João Niderauer, de quem herdaria o nome, e João Frederico, que seria seu sogro.

Essa migração foi conseqüência da Revolução Farroupilha em São Leopoldo.



19 - Coronel Carlos Niderauer Sobrinho, descendente de alemães e um dos mais bravos e intrépidos comandantes de Cavalaria do Brasil na Guerra do Paraguai e discípulo dileto de Andrade Neves.

Morreu em ação em defesa da Integridade e Soberania do Brasil.

Seus familiares foram de Santa Maria para São Leopoldo.

(Fonte: Centro de Documentação do Exército - Desenho de Cilka P. Silva.)

Veteranos da guerra contra Oribe e Rosas

Em 1851, com 24 anos de idade e alferes, Niderauer integrou o 1º Esquadrão do 1º Regimento de Cavalaria da Guarda Nacional dos distritos de Santa Maria e Cachoeira.

Sua unidade, juntamente com o 2º da mesma Guarda, dos distritos de Caçapava e Lavras, formavam a *12ª Brigada de Cavalaria*, ao comando do coronel da Guarda Nacional Gomes Portinho.

Depois de se concentrarem em Santana do Livramento, marcharam sob o comando de Caxias até Colônia do Sacramento, onde aguardaram a derrubada do poder do ditador argentino Rosas em Monte Caseros.

Casamento

Após voltar dessa guerra, Niderauer casou com sua prima-irmã Maria Catarina, nascida em São Leopoldo e filha de seus tios João Frederico e Catarina Klump.

A descendência dos Niderauer em Santa Maria é muito bem estudada por J. Belém.⁴⁰

Em 26 de novembro de 1852, nasceu sua primeira filha, Delfina, que foi batizada na Igreja Matriz de Santa Maria, a 20 de dezembro.⁴¹

Na Guerra do Paraguai

Em 1865, Niderauer partiu para a Guerra do Paraguai no comando do *Corpo Provisório de Cavalaria*, composto por santa-marienses.

E lá, à frente dessa unidade e, mais tarde, da *3ª Brigada de Cavalaria*, escreveu imortais páginas de coragem e valor militar, até tombar ferido de morte após a conquista

de Vileta, em 11 de dezembro de 1868.

Valor militar de Niderauer

Citação na Ordem do Dia de 21-2-1868, em Tuyú-cuê:

“É digno de elogio, e eu o faço com grande contentamento, o coronel João Niderauer Sobrinho, pela coragem e habilidade que tem sempre manifestado em todos os combates, sustentados no dia 19, e pelo bem que se portou na escalada da trincheira pelo 6º *Corpo de Cavalaria* que dirigia em pessoa”.

Outras referências sobre sua atuação militar poderão ser buscadas nos índices e notas do então major Francisco Ruas Santos, na segunda edição da *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*, de Tasso Fragoso, de 1959.⁴²

Ação militar do coronel Niderauer e de sua unidade

Em 15 de outubro de 1864, Niderauer foi nomeado comandante do 7º Corpo Provisório da Guarda Nacional, formado por santa-marienses.

Em 2 de janeiro de 1865, participou do assalto e conquista da cidade uruguaia de Paissandu. Depois marchou para Montevidéu, onde participou do cerco àquela praça forte e de sua capitulação

Esteve por longo tempo acampado no arroio Santa Lúcia, próximo a Montevidéu, donde partiu em 8 de maio de 1865 rumo a Concórdia e, após, a Corrientes, em consequência da invasão do Rio Grande do Sul por Solano Lopes, do Paraguai, por São Borja, a 10 de junho de 1865.

Integrando o 1º Corpo do Exército, ao comando do Marechal Osório, participou do cerco aos paraguaios, em Uruguaiana, e assistiu à rendição dos mesmos ao teuto-brasileiro D. Pedro II, Imperador do Brasil, filho da arquiduquesa austríaca Dona Leopoldina e neto do Kaiser Guilherme II da Áustria.

Fez parte da célebre brigada do coronel Joaquim Andrade Neves, “o Vanguardeiro”.

Promovido a coronel recebeu o comando da 3ª *Brigada de Cavalaria*, integrante da 2ª Divisão do agora brigadeiro Andrade Neves, e da própria Divisão Niderauer, no desembarque em Santo Antônio e ataque a Itororó.

As crônicas militares desta guerra estão cheias de seus feitos heróicos. Humaitá, onde foi o primeiro brasileiro a penetrar naquela fortaleza. Tuyé Cuê e Itororó, onde cumpriu destacado papel. É só se consultarem as indicações fornecidas por Ruas Santos.⁴³

A Brigada e a Divisão Niderauer

Em setembro de 1868, era a seguinte a composição da 2ª Divisão de Cavalaria ao comando do general Andrade Neves, o Barão do Triunfo:⁴⁴

- 3ª Brigada — coronel Niderauer;
- 6º Regimento de Cavalaria — major Izidoro Fernandes;
- 9º Corpo de Cavalaria — ten-cel. Amaral Ferrador;
- 4ª Brigada — cel. Caetano Gonçalves da Silva (filho de Bento Gonçalves) ;
- 4º Corpo de Caçadores a cavalo — ten-cel. Sá Brito;
- 10º Corpo de Cav. — ten-cel. Cândido Rosado;
- 11º Corpo de Cav. — ten-cel. Manoel Rosado,
- 8ª Brigada — coronel Manuel Moraes;
- 7º Corpo de Cav. — major Manoel de Souza;
- 20º Corpo de Cav. — ten-cel. J. F. de Souza Docca.

Em dezembro de 1868, Niderauer era comandante de Divisão, tendo à sua frente desembarcado em Santo Antônio e lutado em Itororó e Avaí, onde perderia a vida.

- 2ª Divisão — cel. Niderauer;⁴⁵
- 3ª Brigada de Cavalaria — ten-cel. Izidoro Fernandes;
- 6ª Corpo Provisório — major Urbano de Chagas;
- 9º Corpo Provisório — ten-cel. Amaral Ferrador;
- 4º Brigada de Cavalaria — cel. Caetano Gonçalves da Silva;
- 4º Corpo Provisório — cap. Moreira;
- 10º Corpo Provisório — ten-cel. Xavier Rosado;

- 11º Corpo Provisório — ten-cel. Amaro Barbosa;
- 8ª Brigada de Cavalaria — cel. Bento M. de Menezes;
- 17º Corpo Provisório — ten-cel. Godinho;
- 18º Corpo Provisório — major Israel Souto.

Morte do coronel Niderauer

Sua morte, em conseqüência de ferimento mortal, foi assim descrita por Otto Stieher, correspondente de guerra do *Deutsche Zeitung* de Porto Alegre:

“Depois da conquista de Vileta, o coronel Niderauer montou a cavalo para, acompanhado de duas ordenanças, percorrer uma picada e reconhecê-la.

Aí, num estreito da picada, dum macega em redor dum grande árvore, surgiu um soldado paraguaio e com sua lança feriu o coronel na ilharga e quase abriu-lhe toda a barriga.

Esse inimigo foi logo morto. O coronel foi levado ao hospital de sangue.

Faleceu dois dias após, em conseqüência de gangrena. Isto em 13 de dezembro de 1841, com 41 anos.”

A liderança de Niderauer

“Foi um cidadão moderado e com um senso real.

Um amigo abnegado sempre disposto a ajudar a todos que o procurassem.

Um companheiro afável, muito benquisto e original nos seus risos cordiais.

Como oficial e chefe, preferia falar a sério e admoestar amigavelmente seus subordinados em vez de puni-los disciplinarmente.

Estimado e quase endeusado por seus comandados, gozava de muita estima bem como da amizade de seus superiores.

Além disso, possuía a confiança especial do Marquês de Caxias.

Foi um dos mais intrépidos soldados e comandantes que, sem expor-se atrevidamente ao perigo, sempre indicou à sua brigada o caminho da vitória.”⁴⁶

Niderauer foi eleito vereador de Santa Maria para as legislaturas de 1861-64, 65-68 e 68-71, sendo o mais votado das duas últimas. Era um líder nato, civil e militar.

Teuto-brasileiros de Santa Maria na Guerra do Paraguai

A maioria dos membros do 7º *Corpo Provisório da Guarda Nacional* era de brasileiros.

No entanto, a ele pertenceram os seguintes teuto-brasileiros:⁴⁷

- 1 — HOLSBACH, João; tenente — 1º Esquadrão;
- 2 — HOEHR, Martins, alferes — 1º Esquadrão;
- 3 — SATTER, João; 2º sargento — 1º Esquadrão;
- 4 — NIDERAUER, João José; 1º sargento — 4º Esquadrão;
- 5 — FIRNZ, Cipriano José; cabo — 4º Esquadrão;

Outros santa-marienses que participaram da guerra, segundo J. Belém:⁴⁸

- 6 — ADAMS, Frederico;
- 7 — DRUCK, Felipe;
- 8 — HAEFFNER, Carlos;
- 9 — HOCK, João José;
- 10 — HOFFMEISTER, Matheus;
- 11 — NIDERAUER, João Batista, major;
- 12 — SHERER, Frederico;
- 13 — SHERER, Pedro.

Os números 2 e 8 foram citados por bravura na batalha de Tuiuti, de 27 de maio de 1866.

Um assalto frustrado aos Niderauer em 1843

Em 1843, quando Niderauer Sobrinho possuía 16 anos, a casa de seus tios João e Frederico, estabelecida na rua do Comércio, em Santa Maria, foi alvo de um assalto cinematográfico de parte de três caboclos e uma china gaudérios.

Estes, à tardinha, subiam a rua do Comércio em atitude suspeita, enquanto o velho

João Niderauer repousava na frente da venda.

Ao ver o grupo suspeito, Frederico Crespo, primo-irmão de Niderauer Sobrinho, entrou para o interior da casa e armou-se de duas pistolas de dois canos.

Os suspeitos estacaram na frente da venda.

O mais velho boleou a perna e intimou, com arrogância, o velho João:

— *Queremos dinheiro, fazendas, bebidas e tudo o mais. Ou dá ou morre!*

O velho João, após derrubar o assaltante com um violento soco, correu para o interior da venda para armar-se.

Os assaltantes, disparando suas armas, penetraram na casa.

Foram recebidos à bala por Frederico Crespo.

No duelo que se travou, Frederico matou dois assaltantes e feriu gravemente o terceiro, que conseguiu fugir, mas foi atingido por um balaço de pistola em um dos braços.

A china, ao perceber o fracasso do assalto, atirou sua lança contra os Niderauer, a qual, errando o alvo, foi cravar-se na tábua do balcão.

A seguir deu de rédeas e saiu de Santa Maria em disparada.⁴⁹ É uma cena digna de um filme.

A geléia que esperou 38 anos por um Voluntário da Pátria

Quando eclodiu a Guerra do Paraguai, alistou-se como Voluntário, atendendo aos apelos de sua Pátria, o teuto-brasileiro Matheus Daubert Hoffmeister que residia em Santa Maria.

Ao despedir-se de sua mãe, encontrou-a desolada, arrasada e chorando convulsivamente, preparando uma geléia de marmelo.

Ela, tomada de indescritível tristeza materna, o abraçou chorando, como o derradeiro adeus a seu filho que partia para a guerra para não mais voltar.

Matheus, ao tentar consolá-la e incutir-lhe esperança no seu retorno com vida, pediu-lhe:

— Mãe, me guarda um pouco daquela geléia, para eu comer quando retornar da guerra!

A guerra chegou a seu fim após cinco anos.

Matheus não retornou à casa paterna. Foi para Mato Grosso, onde constituiu família e se radicou.

Passados 38 anos, em 1903, retomou a Santa Maria já bem velho, para rever a mãe ansiosa por vê-lo, depois de longa espera que durou quase meio século.

Ele volta afinal. Encontram-se.

O jovem está velho e a velha, velhinha nonagenária.

Grande festa na família Hoffmeister. Reúnem-se os parentes para festejar o grande dia. Jantar íntimo.

À sobremesa ergue-se a velhinha trôpega e diz aos convidados:

— Esperem um pouco!

Sai e volta logo.

Em sua fisionomia encarquilhada transparece a suprema ventura, como se naquele momento lhe voltassem as forças que a velhice lhe roubara.

E esta extraordinária mãe, radiante, soberba, e triunfante dirige-se para seu filho e oferece-lhe um frasco e diz-lhe:

— Filho, está aqui a geléia que pediste para te guardar!⁵⁰

7. MARECHAL CONRADO JACÓ DE NIEMEYER (1831-1905)

Descendente de alemães, nasceu no Rio de Janeiro, a 21 de abril de 1831. Era filho do coronel Conrado Jacó Niemeyer, que se transferiu de Portugal junto à Família Real. Ligou-se à História Militar do Rio Grande do Sul em diversas ocasiões.

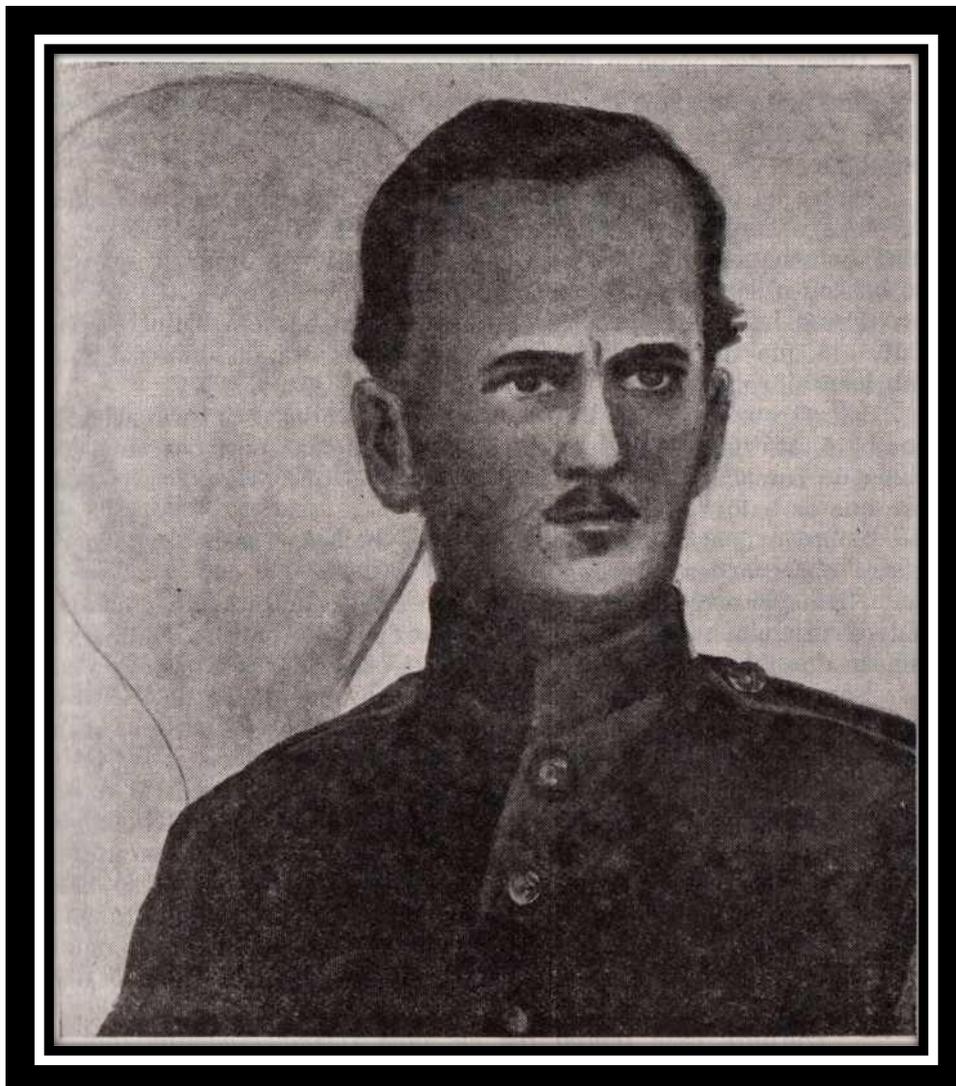
Foi membro durante seis anos, de 1857 a 1863, da Comissão de Demarcação de Limites entre o Brasil e o Uruguai. Nessa ocasião deve ter conhecido e posteriormente contraído matrimônio com a jovem Maria Luiza Mena Barreto, de tradicional estirpe militar gaúcha.

Em julho de 1865, no Rio Grande do Sul, e mais tarde no Paraguai, é membro da Comissão de Engenheiros do 2º Corpo do Exército, ao comando do Visconde de Porto Alegre, ao qual pertenceram a maioria dos teuto-brasileiros do Rio Grande do Sul.

Em 16 de setembro de 1866, planejou e dirigiu a construção de uma fortificação defronte a Curupaiti, a fim de assentarem 32 peças de artilharia.

Assistiu ao bombardeio de Curupaiti, em 22 e 23 de setembro.

Recebeu licença para tratar de sua saúde no Rio de Janeiro, lendo Caxias, em ofício de 5 de janeiro de 1867, dirigido ao Ministro da Guerra, solicitando “*que este oficial, depois de restabelecido, fosse devolvido ao Exército em Operações, onde fazia muita falta por sua atividade e inteligência.*”⁵¹



20 - Capitão Conrado Jacó Niemeyer, segundo a *Semana Ilustrada*, “Valente capitão de Engenheiros da Comissão do 2º Corpo de Exército, destacado em serviço de sua profissão na vanguarda das Forças Brasileiras. Por diversas vezes foi encarregado de fazer reconhecimento por meio de balões.”

(Fonte: Gravura in: *Semana Ilustrada* - Rio de Janeiro da época da Guerra, pertencente ao arquivo do CDEX e reproduzida em aquarela por Gilka L. da Silva.)

Observador aéreo e aeróstatos

Em maio de 1867, Caxias recebeu dois balões ou aeróstatos cativos a hidrogênio, com os quais pretendia observar as posições inimigas.

Entre os oficiais que participaram das diversas ascensões destacou-se o capitão engenheiro Conrado Jacó Niemeyer, motivo de uma homenagem na *Semana Ilustrada* do Rio de Janeiro, na qual se baseou o seu retrato aqui estampado.

Esses balões fizeram cerca de 14 ascensões em Tuiuti e Tuy Cuê, até que foram colocados de lado por falta de material para fabricar hidrogênio.

Eles trouxeram resultados positivos e valiosas informações de combate, até que o inimigo passou a cobrir suas posições com cortinas de fumaça, provenientes de fogueiras que eram acesas sempre que os balões subiam.

Sobre o desempenho militar desses balões, Tasso Fragoso registra observações

interessantes.

Niemeyer atuou como observador aéreo, juntamente com dois outros oficiais brasileiros. Foi o recordista em altura, numa ascensão de 450 metros. E um dos pioneiros de nossa Força Aérea.

Sobre suas ascensões e atuações como engenheiro do 3º Corpo de Exército de Osório, este, em ofício ao Marquês de Caxias, assim se referiu ao capitão Conrado, em 1-9-1867:

“Hoje recolheu-se doente para a enfermaria central o distinto capitão de engenheiros Conrado Jacó de Niemeyer, que servia neste Exército de Vanguarda, que fica infelizmente privado dos serviços deste oficial. O capitão Conrado já estava doente há bastantes dias e enquanto pôde servir não se quis retirar antes de concluir as trincheiras de que foi encarregado, ou por ele delineadas e dirigidas.

*Durante esse tempo fez ele dois reconhecimentos que eu julguei perigosos e os desempenhou satisfatoriamente.*⁵² Daí o reconhecimento de Osório a sua bravura.

A 6 de outubro de 1867, foi mandado constar nos seus assentamentos o seguinte despacho do Ministro da Guerra, no ofício de 1º de setembro do Marechal Osório:

“Que mandando retirá-lo do Exército, visto se achar gravemente doente do fígado, não se dá bem naquele clima, segundo o parecer da junta médica, sinto assim o fazer, pela segunda vez, *visto que é um dos melhores engenheiros militares que tinha o Exército, muito ativo e trabalhador, tendo-lhe prodigalizado os maiores elogios os chefes com quem ele tem servido pelo que o recomenda ao governo imperial.*⁵³

Outras ligações com a História Militar do Rio Grande do Sul

Foi membro durante quatro anos, 1870-74, da Comissão Especial do Registro Geral e Estatística das Terras Públicas e Possuídas, com jurisdição sobre as terras do Rio Grande do Sul que seriam distribuídas aos imigrantes italianos.

Em dezembro de 1873, foi chefe de uma comissão encarregada do planejamento da defesa do Rio Grande do Sul, em relação ao Uruguai e à Argentina, e execução de fortificações militares ao longo dos pontos principais de nossas fronteiras com estes países, na referida Província.

Foi colaborador, como cartógrafo, do mapa geográfico do Rio Grande do Sul, editado em 1873.

De 1882 a 1885 chefiou comissão encarregada de organizar uma carta estratégica da Província do Rio Grande do Sul e de apresentar um projeto de ferrovia ligando o Rio de Janeiro ao Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

O marechal Conrado Jacó Niemeyer era ligado por laços de parentesco à família Ferreira Monteiro, que viveu em Canguçu de 1875 a 1883, à qual pertenceu o pai deste autor, Conrado Ernani (Monteiro) Bento, prefeito daquela comuna por três vezes e Notário e Oficial de Registro de Imóveis durante 50 anos, e cujo nome foi dado em homenagem a esse ilustre militar.

Laurêncio Lago⁵⁴ e Ruas Santos⁵⁵ prestam valiosas informações sobre a vida e obra desse teuto-brasileiro que é patrono da cadeira n. 48 do Instituto de História e Geografia Militar do Brasil, sediado no Palácio Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, antiga Hede do Ministério da Guerra.

O marechal Conrado morreu a 14 de fevereiro de 1905, no Rio de Janeiro, como Ministro do Supremo Tribunal Militar, após 54 anos de relevantes serviços militares prestados ao país, na paz e na guerra, desde 15 de março de 1851, data em que ingressou no Exército, 20 anos de idade, como simples soldado do atual *1º Regimento de Cavalaria de Guardas Dragões da Independência de Brasília a mais antiga e tradicional unidade de nosso Exército.*⁵⁶

HOMENAGEM

BRAVOS ALEMÃES E DESCENDENTES, MORTOS E FERIDOS EM AÇÃO NA GUERRA DO PARAGUAI EM DEFESA DA INTEGRIDADE E DA SOBERANIA NACIONAL. A MAIORIA ERA DE SÃO LEOPOLDO (RS)

N O M E	POSTO ou GRAD.	COMBATE
DO 11º CORPO DE VOLUNTARIOS DA PÁTRIA DE SÃO LEOPOLDO		
M O R T O S		
BRODBECK, Felipe	Sd	Curuzu
FRECH, Jacob	Sd	"
HARTZ, Carlos	Cb	Curupaiti
KNEWITZ	Sd	Curuzu
LAMPERT, Carlos	Cb	"
SCHILLING, Jacob	2º Sarg.	Curupaiti
TIMM, Jacob	Sd	Curuzu
WERLE, Felipe	Sd	"
F E R I D O S		
AULER, João Felipe	Sd	Curuzu
BART, Manuel	1º Sarg.	Curupaiti
BARTH, Pedro	2º Sarg.	Curuzu
DIEHL, José Eugênio	2º Sarg.	Curupaiti
DOCKHORN, Jacob	Sd	"
ECKHARD, Felipe	Cb	Curuzu
ERLE, Jacob	Cb	"
FAUTH, Henrique	Sd	"
FISCHER, Pedro	Sd	Curupaiti
FRANZEN FILHO, João	Cap	Curuzu
HENRIQUE, Jacob	Sd	Curuzu
HENZ, Matias	Sd	Curupaiti
HORBACH, Henrique	Sd	"
INHOQUE, Carlos	Sd	"
KARLSING, Jacob	Sd	"
KILLING, Pedro	Sd	"
KILTNER, Guilherme	Sd	"
KLUK, Jacob	Sd	"
LAHN, Jacob	Sd	Curuzu
LAMP, Eduardo	Sd	Curupaiti
LETEM, Jerônimo	Sd	Curuzu
MANET, Matias	Sd	"
MATZENBACHER, Guilherme	Corneta-Mor	"
MAURER, Conrado	2º Sarg.	"
MAURER, Jacob	2º Sarg.	Curupaiti
PETRY, Henrique	Sd	"
RIES, André	Tenente	"
RUEBENICH, Pedro	2º Sarg.	"
SAUER, José	Cb	"
SAUER, Luiz	Sd	Curuzu
SCHAEFER, Cristiano	Sd	Curupaiti
SCHMAEDECKE, Pedro	2º Sarg.	"
SCHNELL, Carlos	Furriel	"
SCHUN, Martim	Sd	"
SHAN, Pedro	Sd	Curuzu
SILPECH, Cristiano	Sd	"
STAWERNAL, Henrique	Sd	Curupaiti
TATSCH, Pedro	Sd	"
TILY, Matias	Sd	"
WELTER, Carlos	2º Sarg.	"
WETTER, Pedro	Sd	"
WOLF, Pedro	Sd	Curuzu
ZIMMERMANN, Jacob	Sd	"
DO CORPO DE PONTONEIROS		
M O R T O S		
HENES, Pedro	Sd	Tuiuti
KAUTZMANN, João	Tenente	"
KUHN, Pedro	Sd	"
SCHMIDT, Guilherme	Cb	"
F E R I D O S		
BECK, Jacob	Sd	Tuiuti
DICKL, Jacob	Sargento	"
HAACK, Frederico	Sd	"
HANS, Antonio	Corneta	"
HENES, Frederico	Sd	"
HERTZOG, Francisco	Sd	"
PETRY, Henrique	Sd	"
RITTER, Pedro	Sd	"
SCHIRMER, Felipe	Sd	"
SCHU, Pedro	Sd	"
SCHUCK, Jacob	Sd	"

Quadro organizado por Erasmo Gagliardi para este trabalho.
FONTE: PETRY, São Leopoldo, p. 79.

RETORNO DA GUERRA DO PARAGUAI DOS TEUTO-BRASILEIROS DO RIO GRANDE DO SUL

Em 28 de abril de 1870, desembarcaram em Porto Alegre, de bordo dos navios “Cuyabá” e “Fluiminense”, parte dos patriotas teuto-brasileiros que lutaram na Guerra do Paraguai em defesa da Pátria Brasileira.

Isto quase 46 nos após haverem desembarcado no mesmo local, de bordo do navio “Protector”, em 24 de julho de 1824, os primeiros 43 imigrantes que deram início à imigração alemã no Rio Grande do Sul, decisiva não só para o Desenvolvimento do Brasil no sul, mas também para a manutenção de sua Segurança Externa naquela parte, com muita propriedade chamada no passado de Fronteira do “VAIVÉM”.

N O M E	POSTO OU GRAD.	LOCAL DE ORIGEM	UNIDADE
1. AHLE, Henrich	Sd	—	BA
2. BECKER, Martim	Mús	—	—
3. BENTZ, Felipe	Sd	Estrela	—
4. BERWANGER, Johann	Sd	—	BA
5. BOLLMANN, Johann	2º Sarg.	—	BA
6. BOLLMANN, Wilhelm	—	—	BA
7. BORN, Johann	—	Santa Cruz	—
8. BOTH, Joseph	—	Tupandi	—
9. DAMM (TAMM), Joseph	—	—	—
10. DICK, Jakob	Fur	Campo Bom	—
11. DIEHL, Georg (Jorge)	Sd	Lomba Grande	—
12. DIEHL, Jacob	1º Sarg.	São Leopoldo	23º VP
13. DILLY, Jakob	Fur	Ivoti	—
14. DOCKHORN, Jakob	—	São Leopoldo	2º C Ex
15. DOCKHORN, Nicolaus	—	Picada 48	—
16. DROBERHARD, ...	—	—	—
17. EMMERICH, Louis	Sd	—	—
18. ENGELMANN, Nicolaus	2º Sarg.	Dois Irmãos	C. Pont.
19. FISCHER, Friedrich	—	Venâncio Aires	—
20. FISCHER, Joseph	—	Venâncio Aires	—
21. FORSTER, Eduard	—	—	—
22. FRIEDRICH, Valentin	Asp.	Lajeado	BA
23. FRITSCH, Wilhelm	Sd	—	—
24. FROMM, Leopold	Sd	—	4º CCC
25. GENESE, Horacio	2º Sarg.	—	BA
26. GRAEBIN, Pedro	Fur	S. J. do Hort.	—
27. GUINTER, Peter	Sd	São Leopoldo?	BA
28. HASS Filho, Peter	Cap	S. J. do Hort.	—
29. HIBEL, Francisco	—	—	—
30. HOFMANN, Jacob	—	São Leopoldo	—
31. HUFF, Andreas	Cabo	Lajeadinho/ Taquara	—
32. JUNG, Christian	—	—	—
33. KAMP, August	—	—	—
34. KEIPER, Johann	—	S. J. do Hort.	—
35. KLEIN, Heinrich	—	N. Hamburgo	—
36. KLEIN, Mauricio	Sd	N. Hamburgo	BA
37. KNAPP, Johann	—	—	11º CVP
38. KNAPP, Joseph	—	—	11º CVP
39. KNOB, Peter	Sd	S. J. do Hort.	—
40. KOCH, Christian	Cabo	Campestre	—
41. KOCH, Wilhelm	—	N. Hamburgo	—
42. KRUG, Friedrich	—	Pelotas	—
43. KUHN, Jacob	—	Estrela	—
44. LAMB, Wilhelm	—	Picada Cará	—
45. LAMB, Jacob	Sd	Picada Cará	—
46. LIPPERT, Rudolph	—	Canguçu	—
47. MACHTIG, Julius (Brummer)	Sd	Alemanha	4º CCC
48. MANLI, Jacob	—	—	—
49. MARTINI, Peter	—	S. J. do Hort.	—
50. MAURER, Philipp	—	Dois Irmãos	—
51. MILLER, Wilhelm	—	—	—
52. MOMBACH, Jacob	Fur	Montenegro	—
53. MOMBACH, Valentin	Cabo	Uruguaiana	54º VP
54. MULLER, Dominicus	Sd	Lomba Grande	—

55. MULLER, Jacob	—	Santa Rosa	—
56. MULLER, Nicolaus	Cabo	Santa Rosa	BA
57. OESTMANN, Johann	—	—	—
58. OHIWEILER, Henrich	Sd	—	—
59. PAUTZ, Hermann	—	—	—
60. PETRI, Henrich	—	—	C. Pioneiros
61. PETRY, Jacob	—	N. Mamburgo	—
62. RASCH, Miguel	Sd	—	BA
63. RAUBERT, Mathias	—	—	—
64. RIETH, Georg	—	São Leopoldo	BA
65. ROCKENBACH, Joseph	Cabo	Montenegro	—
66. RUMPF, Heinrich	—	—	—
67. RUMPF, Johann	Sd	—	BA
68. SACHS, Louis	MM	* São Leopoldo	BM
69. SASSE, Carl	—	—	—
70. SCHERER, Mathias	—	Alto Feliz	—
71. SCHIRMER, Philipp	Cabo	Igrejinha	7º CFC
72. SCHLABRENDORF, Johann	—	—	—
Daniel von Zang Sebald	—	São Leopoldo	—
73. SCHMIDT, Johann	—	—	—
74. SCHNEIDER, Johann	Asp.	S. S. do Caí	—
75. SCHNEIDER, Nicolaus	Sd	Venâncio Aires	—
76. SCHONS, Peter	—	S. J. do Hort.	—
77. SCHRODER, Wilhelm	—	São Gabriel	—
78. SCHUCK, Jacob	—	Dois Irmãos	C. Pont.
79. SCHWARZ, Peter	Sd	Igreja	—
80. SPINDLER, Jacob	Cabo	Campo Bom	12º CGN
81. STEINHARDT, Cristian	—	—	—
82. TAUBER, Luiz (Dauber)	Mús	Lomba Grande	—
83. TREIN, Wilhelm	—	São Leopoldo	—
84. TSCHERSICH, Gustav	—	—	—
85. WALTER, Johan	Sd	S. J. do Hort.	—
86. WAMMES, Wilhelm	—	S. J. do Hort.	—
87. WEBER, Stephan	Sd	—	—
88. WEND, Van de	—	—	—
89. WENNER, Valentin	—	—	—
90. WUSTRON, Ferdinand	—	—	—

Pesquisadores:

— (omitido)

— (omitido)

ALEMÃES E DESCENDENTES NA HISTÓRIA MILITAR DO RGS – ATUALIDADE – FILHOS DO IMIGRANTE ALEMÃO DO RGS – AUGUSTO GEISEL NO COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE 1918-24



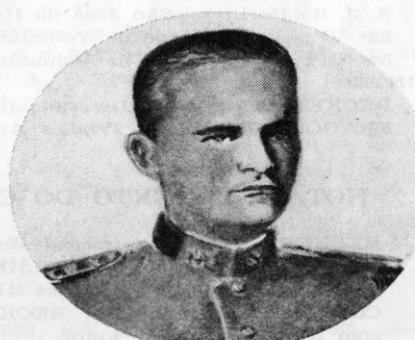
AUGUSTO GEISEL



ORLANDO



HENRIQUE



ERNESTO

Orlando: O primeiro de sua turma no Colégio Militar de Porto Alegre – 1922. O primeiro filho de imigrantes alemães a comandar o III Exército, a chefiar o Estado – Maior das Forças Armadas e o segundo a chefiar o Estado-Maior do Exército e a ser Ministro do Exército.

Ernesto: O primeiro de sua turma no Colégio Militar de Porto Alegre – 1924. O primeiro filho de imigrantes alemães a ser Chefe da Casa Militar da Presidência da República, Secretário do Conselho Segurança Nacional, Presidente da PETROBRÁS e Presidente da República Federativa do Brasil.

FONTE: VEJA – 1973 EDIÇÃO EXTRA pág. 6-7 (Retratos de Henrique, Orlando e Ernesto Geisel, Cadetes do Colégio Militar de Porto Alegre 1920-1924)

ABREVIATURAS UTILIZADAS:

- Ansp.: — Anspeçada
- BA: — Bateria Alemã. Foi comandada pelos *brummer* Oye e Schneider
- BM: — Banda de Música
- Cap: — Capitão
- Cb: — Cabo
- 2º C Ex: — 2º Corpo de Exército
- 4º CCC: — 4º Corpo de Caçadores a Cavallo
- 12º CGN: — 12º Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional
- 7º CPC: — 7º Corpo Provisório de Cavalaria
- C. Pioneiros: — Corpo de Pioneiros
- C. Pont.: — Corpo de Pontoneiros. Foi comandado pelo *brummer* Major Emmerich
- 11º CVP: — 11º Corpo de Cavalaria de Voluntários
- Fur: — Furriel
- MM: — Mestre de Música
- Mús: — Músico
- Sd: — Soldado
- 1º Sarg.: — 1º Sargento
- 2º Sarg.: — 2º Sargento
- S. J. do Hort.: — São José do Hortêncio
- 23º VP: — 23º Corpo de Voluntários da Pátria
- 54º VP: — 54º Corpo de Voluntários da Pátria

FONTE:

- BECKER, *Alemães e Descendentes...*
- FRAGOSO, *Guerra da Triplíce Aliança...*

NOTAS AO TEXTO DO CAPÍTULO III

1. BECKER, *Alemães e descendentes*, pp .181-187.
2. Conclusões com apoio em VELHINHO, *Capitania...* p. 12 e FRAGOSO, *História da Guerra da Triplíce Aliança...* pp. 259-265, vol. 5.
3. Conclusões com apoio in: BECKER, *Alemães e Descendentes*, pp. 8-9, com complementos do autor.
4. Em 1974, o sócio mais antigo da Sociedade mais antiga do Brasil era Heitor Edmundo Stumpf, residente em São Leopoldo, na rua São Francisco, 871.
5. SILVA, *São Gabriel na História*, apresenta detalhes dessa visita a São Gabriel.
6. idem nota 1 (síntese com apoio nas pp. 55-62, com complementos do autor no tocante ao enquadramento da visita no contexto político e militar).
7. idem nota 1, pp. 21 e 26, onde se apóia a síntese.
8. idem, pp. 21. 25 e 26.

9. idem, pp. 44, 47 e 48.
10. idem, p. 121.
11. idem, pp. 122-150 (transcrição de um diário).
12. idem, p. 122.
13. idem, pp. 151-156.
14. idem, p. 153.
15. idem, p. 166.
16. idem, p. 168.
17. idem, p. 171.
18. idem, pp. 175-177.
19. idem, p. 176.
20. CIDADE, *Síntese de três séculos...*, p. 271.
21. id. ibid., p. 274.
22. id. ibid., pp. 271, 274 e 319.
23. CÉSAR, *História da Literatura no Rio Grande do Sul*, pp. 333-334.
24. id. ibid., p. 368.
25. SILVA, *Apontamentos para a História da 3ª RM*, p. 159.
26. idem nota 23, p. 289.
27. KLINGER, Notas à tradução de *Die Brummer*, p. 54.
28. TORRES, *Ministros da Guerra*, p. 168, e Riograndino Costa e Silva, *Apontamentos Históricos da 3ª RM*, p. 158.
29. WIDERSPHAN, *Campanha de Ituizangó*, p. 280.
30. SANTOS, Ruas, Índice e Notas, vol. 2, p. 514; vol. 3, p. 561 e vol. 5, p. 407.
31. idem nota 1, pp. 91-92 (transcreve A. F. Rodrigues).
32. idem, pp. 57, 90, 92, 96, 100 e 101.
33. idem, pp. 100 e 101.
34. idem, p. 50.
35. idem, pp. 76, 78, 88, 94, 100 e 187.
36. idem, p. 188.
37. idem, pp. 106 e 186.
38. Conclusão com base em BELÉM, p. 249.
39. RAMBO, *A imigração alemã*, p. 241.
40. BELÉN, *História de Santa Maria*, pp. 96-98.
41. idem, p. 243.
42. idem nota 30, vol. 3, pp. 725 e 653; vol. 5, pp. 489, 15-18, 35, 38-41, 78-86, 88, 90, 102, 107-109.
43. idem, idem.
44. FRAGOSO, *História da Guerra...*, p. 90.
45. idem, ibid.
46. idem nota 1, pp. 111-112 (transcrição).
47. idem nota 46, p. 242.
48. idem, idem.
49. idem, p. 267.
50. idem, p. 267.

Segunda Parte

OUTRAS NACIONALIDADES E DESCENDENTES

Capítulo I

FRANCESES E DESCENDENTES

1. MARECHAL EMÍLIO LUIZ MALLET (1801-1885)

O segundo imigrante a comandar a 3ª RM

De todos os imigrantes não lusitanos do Rio Grande do Sul, o que mais se destacou na História Militar daquele Estado foi Emílio Luiz Mallet, que inclusive comandou a 3ª RM atual, durante 6 meses, de 7 de novembro de 1879 a 11 de maio de 1880, sendo o segundo imigrante a fazê-lo.¹

Mallet foi um jovem francês que, com 17 anos, atravessou o Atlântico e veio emprestar toda a sua inteligência, energia e dedicação, para a construção de uma grande pátria que nascia e que também seria a sua — o Brasil.

Em 20 de fevereiro de 1827, foi um dos mais destacados heróis na batalha do Passo do Rosário, ao apoiar o ataque e o esforço defensivo principais, com suas duas peças de artilharia, conforme mencionam os cronistas.

Hoje, com muita razão, é o patrono da Arma de Artilharia de nosso Exército e o "*Artilheiro Símbolo do Brasil*".

O homem e a História do Brasil

Em 10 de junho de 1801, nascia em Dunquerque, França, o marechal Emílio Luiz Mallet — Barão de Itapevi, um dos maiores nomes da História do Exército Brasileiro e vulto exponencial da Arma de Artilharia.

Mallet figura com destaque na galeria de brasileiros ilustres, pois, embora nascido em território estrangeiro, a contribuição que emprestou ao Exército, principalmente na guerra, pela preservação da Independência, Unidade e Integridade do Brasil, em 69 anos que aqui viveu, 54 dos quais em atividade militar efetiva e 20 na guerra, foi altamente significativa.

Ingresso no Exército

Com 21 anos ingressou no Exército da Independência, como cadete, a convite de D. Pedro I (seu companheiro de mocidade no Rio), dois meses após o 7 de Setembro de 1822.

Em 1824, como 2º tenente, jurou a Constituição e tornou-se brasileiro de direito, pois já se considerava de fato como tal.

Viera para ficar. Em 1825, rumou para o Sul no comando de uma bateria de Artilharia a cavalo, para lutar na Guerra Cisplatina (1825-28).

Em Passo do Rosário teve seu batismo de fogo. Por ter se revelado bravo, intrépido e eficiente, foi promovido a capitão.

Ao término do conflito, com 27 anos, casou em Bagé com a filha de um abastado e prestigioso estancieiro e parente próximo do mais tarde General Osório, de quem foi fiel amigo e admirador durante 50 anos e padrinho de casamento.

Com a abdicação de D. Pedro I, sua vida de soldado mudou de curso. Leal a D. Pedro I e a seu comandante, recusou-se a marchar contra eles para o Campo de Santana.

Injustiça

Apesar dos serviços prestados ao Brasil durante 9 anos, foi compelido a demitir-se do Exército, por não ser brasileiro nato. No entanto, ele participara do esquema de

Segurança da Independência.

Injustiçado, não por sua nova Pátria e pelo Exército, mas por governantes efêmeros tomados de um nacionalismo passional, retornou com a esposa para Bagé, para reiniciar a vida aos 30 anos.

Oleiro no Quebracho

Tomou-se oleiro em sua chácara no Quebracho, Bagé, onde nasceram seus filhos, no período de 1831 a 1840: Emília, Pedro Félix, Antônio Júlio e João Nepomuceno. O último viria a ser Ministro do Exército e criador do Estado-Maior do Exército em 1889.

Os dois primeiros acompanharam o pai, como cadetes, na Guerra contra Oribe e Rosas e, os três, durante toda a campanha da Guerra Tríplice Aliança. Isto diz tudo de seu amor ao Brasil, mais do que qualquer tentativa de demonstrá-lo com palavras.

A seguir, integrar-se-ia por completo na vida, espírito, costumes e hábitos dos gaúchos. Irmanou-se com eles em suas aspirações, tendências, alegrias, sofrimentos e heroísmo.

Em pouco tempo tornou-se um deles e fez do Rio Grande do Sul a sua querência, e do Quebracho, em Bagé, o seu mundo encantado.

Espírito Militar

A Revolução Farroupilha o alcançou dedicado ao trabalho na sua propriedade, desfrutando do carinho da esposa e dos filhos, modo como conseguiu amenizar a injustiça e incompreensão de que fora vítima.

Tão logo eclodiu o movimento, incorporou-se, juntamente com seu sogro, na coluna legalista ao comando do general Bento Manoel, destacando-se na sua organização, com o tenente Osório, seu amigo, que a ela veio juntar-se mais tarde.

Em 1837, coube-lhe fortificar a vila de Rio Grande, objetivo estratégico dos farroupilhas. Por este assinalado feito foi nomeado major da Guarda Nacional, função privativa de brasileiros natos.

Após a paz de Ponche Verde, onde, segundo o General Osório: “os farroupilhas que se batiam com valor transigiram com dignidade e os imperiais que os combateram com pertinácia os receberam com amor”, Mallet retornou para seu lar, com a consciência de haver prestado um grande serviço à Unidade do Brasil.

A Pátria chamou

Em 1851, depois de curtir 20 anos de saudades do Exército, a Pátria reclamou seus serviços, na Guerra contra Rosas e Oribe.

Com 50 anos não resistiu ao chamamento. Atendeu, prontamente, dentro da filosofia que tem inspirado os artilheiros do Brasil, ao longo de seu processo histórico, e dos quais ele veio a se constituir em símbolo.

“Se for mister um esforço derradeiro

E fazer do seu corpo uma trincheira

Abraçado ao canhão morre o artilheiro Em defesa da Pátria e da Bandeira”.

Boi-de-botas

Seguiu para a campanha no comando do legendário Regimento de Artilharia a Cavalos. Mas o que é edificante e comovente, acompanharam-no como cadetes, dois filhos, com 16 e 18 anos.

Nesta campanha Mallet escreveu uma bela página da história de nossa artilharia, no comando de seu regimento apelidado Boi-de-botas. Isto em razão de os bois que tracionavam seus canhões apresentarem as pernas recobertas de barro, como se calçassem botas, resultado das frequentes travessias de banhados e atoleiros e, mais, por seus soldados calçarem longas e pesadas botas, guarnecidas de metal.

A espirtualidade brasileira logo funcionou, e o apelido pegou e transferiu-se aos soldados da unidade, incorporando-se à tradição.

Ligou-se, então, aos artilheiros “brummer”, referidos no início deste trabalho.

Justiça parcial

Em 1851, o Poder Legislativo, atendendo à Exposição do Ministro da Guerra,

concordou com a reintegração de Mallet no Exército quando ele já se encontrava há mais de um mês na campanha. Somente em 1855 foi-lhe feita justiça parcial.

Por decreto de 6 de outubro de 1855, foi reintegrado no mesmo posto de capitão que ocupava quando fora demitido 24 anos antes.

Fora-lhe concedido o recebimento dos atrasados e que computasse o tempo em que esteve fora do Exército, como de efetivo serviço, o que lhe permitiu estabelecer um recorde nacional de tempo para a inatividade — 63 anos.

Como capitão, aos 54 anos, ao tempo em que muitos de seus colegas de escola já eram generais, reiniciou sua carreira.

Não esmoreceu, aplicou todas as energias para recuperar o tempo perdido. Atingiu o generalato com 70 anos, e foi aposentado como Marechal-de-Exército com 84 anos, após haver sido Comandante da Fronteira de Bagé, Comandante das Armas de Pernambuco e do Rio Grande, Inspetor dos Corpos de Cavalaria e de seu querido regimento em São Gabriel — o legendário *1º Regimento de Artilharia a Cavalos*.

Nesta sua última comissão, quando em São Gabriel, foi que o jovem João Borges Fortes, mais tarde general e destacado historiador gaúcho, conheceu Mallet e dele deixou as impressões na sua obra *Episódios da Vida do Primeiro Regimento*, publicada na revista *A Defesa Nacional*, nº 98-1921, nº 118-1923 e nº 126-1924.

A este historiador, autor de valiosos e básicos trabalhos no período de 1931 a 1941, sobre o povoamento, penetração e genealogia do Rio Grande do Sul, caberia a tarefa de auxiliar a composição do retrato oficial de Mallet com base num antigo retrato de 1865 e na sua lembrança de Mallet, cerca de 18 anos depois. O historiador em questão doou, em 1942, este retrato ao Gabinete Fotocartográfico do Exército.

Exemplo de patriotismo

Mallet como tenente-coronel seguiu com seus três filhos e seu amado regimento para a Guerra da Tríplice Aliança.

Esteve em campanha durante seis longos e sofridos anos junto a sua unidade, sem faltar um só dia, enquanto duraram as campanhas do Uruguai e Paraguai.

Brilhou em Paissandu e no cerco de Montevidéu.

Alguns canhões de sua unidade, embarcados na corveta “*Belmonte*”, participaram da Batalha do Riachuelo.

O Artilheiro Símbolo do Brasil

Uma bateria, ao comando de seu filho João Nepomuceno e sob sua supervisão direta, foi a primeira artilharia a desembarcar em nulo inimigo, juntamente com o Marechal Osório.

Foi colocada em posição a braço, sem razão de os mares que a tracionavam terem empacado na prancha de desembarque.

Glória Militar

Na Batalha de Tuiuti teve atuação decisiva à frente de seus bravos. Ocupando terreno difícil e inadequado para colocar sua Artilharia, tratou de superar esta deficiência com um artifício tático.

Auxiliado pelo *Batalhão de Engenheiros* e por outras tropas, cavou enorme fosso à noite, para que o inimigo não o avistasse. Atrás dele colocou seus 28 canhões, incluindo seus célebres La Hitte raiados.

Ao ver lançar-se sobre sua posição, com todo o ímpeto, a valorosa e intrépida cavalaria inimiga, Mallet, qual regente de uma afinada orquestra ordenou a seus bravos:

“*Granada e metralha — espoleta 6 segundos. Eles que venham! Por aqui não passam!*”

E sua artilharia disparou numa cadência e sincronização impressionantes, lembrando tiros de revólver. O Marechal Osório, impressionado e surpreso com tamanha perfeição, a batizou de “*Artilharia Revólver*”.

No momento em que Mallet teve desamparado seu flanco esquerdo, correu em auxílio do seu regimento o *Batalhão de Engenheiros*, que combateria como Infantaria

naquele flanco e na defesa do fosso e das trincheiras que envolviam a Artilharia.

Aí, sob o comando direto de Mallet, participou um dos futuros presidentes do Brasil, tenente Floriano Peixoto, comandante de uma fração do *Batalhão de Engenheiros* (este comandado depois, de 1880 a 1882, por João Nepomuceno Mallet), o tenente Bernardino Bormann e o tenente “brummer” Oye, comandante da Bateria Alemã.

Nesta batalha, o *Batalhão de Engenheiros* esteve subordinado à *Brigada de Artilharia*, pois seus oficiais eram dessa arma, de igual forma que a mais nova arma do Exército, as Comunicações, por muitos anos foi integrada por oficiais de Engenharia.

No mais aceso da batalha, regendo sua orquestra, vez por outra Mallet chamava por seus três filhos, num português afrancesado, e especialmente por João Nepomuceno, o mais moço e mais arrojado:

“Joãozinho!!! Estas bien mon enfant.”

Resposta positiva e tranqüilizante, o artilheiro líder de 67 anos de idade voltava a animar a bateria para o combate que duraria 4 horas e meia. O *Regimento de Mallet* e o *Batalhão de Engenheiros*, aliados à ação pessoal de Osório e dos bravos da Divisão Encouraçada de Sampaio, foram fatores decisivos para a vitória das nossas armas em Tuiuti — a maior batalha campal da América do Sul.

Consagração merecida

Pela eficiência, bravura e sangue frio revelados em Tuiuti, Mallet virou lenda e foi promovido a coronel por bravura.

Osório sintetizou, em 1879, tudo o que poderíamos dizer deste bravo, que 60 anos antes desembarcara no Brasil para ficar:

“Nenhum oficial do Exército prestou mais assinalados e assíduos serviços na Guerra da Tríplice Aliança, do que o valente comandante de nossa Artilharia”.

O Congresso Nacional reuniu-se, em 5 de junho de 1869, em sessão especial, para demonstrar a Mallet *“gratidão nacional àqueles que tão alto souberam elevar o nome da Pátria na guerra de honra em que o Brasil se achava empenhado”.*

Saudades

O Marechal Mallet faleceu com 84 anos, no Rio, em 2 de janeiro de 1885, seis meses após haver deixado o serviço ativo do Exército por motivo de doença. Os seis anos de campanha de que participou, dos 63 aos 68 anos, haviam minado a saúde do gigante.

Vivia agora sozinho. Era viúvo há bastante tempo. Fizera tudo que era possível para demonstrar amor à sua Pátria e à de seus filhos. Mas, era impossível.

Impedido por doença, de sair de casa, fardava-se com toda a pompa nas datas festivas nacionais, para, na intimidade do lar de seu filho João Nepomuceno, compartilhar da alegria justificada do povo de sua Pátria, que vira nascer e que ajudara a construir em 63 anos de assinalados serviços.

Dizem que ao ouvir o troar dos canhões nas salvas festivas, viam-se rolar sobre sua face lágrimas discretas de saudades do Exército que tanto amara e da equipe que forjara e que tivera a honra de liderar nas guerras a que fomos obrigados no passado.

Um símbolo de valor

Sintetizando biógrafos e intérpretes desta figura exponencial de nosso passado, de tão grande projeção nas aspirações populares de Integração, Unidade e Soberania, poderíamos dizer de Mallet: padrão, regra, defensor, protetor, líder, nobreza de caráter, humildade, constância, dedicação, espírito de equipe, cidadão brasileiro modelar e, finalmente, Artilheiro Símbolo do Brasil.

O Estandarte do Regimento, o legendário Boi-de-Botas, com que se cobriu de glórias na Campanha 1851-1852, encontra-se no Museu Histórico Nacional, no Rio.

Homenagens

Para que Mallet permanecesse no tempo e no espaço, para dele serem contados aos brasileiros os feitos de patriotismo, abnegação e desprendimento comoventes para com as coisas de sua amada Pátria, a Pátria de sua esposa e de seus filhos e descendentes, foram-lhe prestadas as seguintes homenagens:

Em 1932, foi dado o seu nome ao 5º RAM, atual 3º RO 105 de Santa Maria — RS, a

primeira unidade do Exército a receber denominação histórica, a única a possuir a Ordem do Mérito Militar, Naval, Aeronáutico e a Ordem de Rio Branco e herdeira das mais caras tradições históricas e espirituais do 1º *Regimento de Artilharia a Cavalos*; à frente, ou junto ao qual, Mallet esteve durante longos e difíceis 19 anos, conduzindo-o no caminho da glória em Paissandu, Montevideu, Ilha da Redenção, Passo da Pátria, Estero Belaco, Tuiuti, Estabelecimento, Tuiu-Cuê, Espinilho, Para-Cué, Humaitá, Piquiciri, Angostura, Lomas Valentinas, Peribebui, Caa-Cupê, Ascurra e Campo Grande.



22 - Mallet, francês de nascimento, deu um grande exemplo de amor ao Brasil. Acompanharam-no durante todas as campanhas do Uruguai e Paraguai seus três filhos franco-brasileiros, Pedro Felix, Antônio Júlio e João Nepomuceno (biografado neste trabalho). (Fonte: Foto de Mallet e seus filhos, tirada em Tuiu-Cuê - in: História do Exército, v.2, p. 635.)

Mallet é nome de um Estabelecimento Militar e de uma medalha destinada aos vencedores de concursos de tiro de Artilharia, todas homenagens no âmbito do Exército.

Apresentamos nossa sugestão, desde que viável, preservar-se o local onde foi sua chácara no Quebracho em Bagé. Foi nela que ele curtiu durante 20 anos, com humildade e nobreza, uma injustiça, somente amenizada pelo carinho da família.

Injustiça não da Pátria ou do Exército, mas de regentes efêmeros, face à eternidade da Pátria Brasileira, no momento assaltados por um nacionalismo passional, responsável, na sua utopia, por tantos órfãos e viúvas nas lutas que se seguiram à abdicação de D. Pedro I, que ameaçaram seriamente a Unidade Física e Espiritual do Brasil, iniciada em Guararapes, com a vitória do nativo brasileiro sobre o invasor.

Finalmente, Quebracho foi a sua querência, o seu refúgio encantado e o alvo de suas atenções em campanha, local onde deixa- i n sozinha sua esposa durante mais de 10 anos em que esteve na guerra. Pois todos os homens da casa partiram para o campo da honra em defesa da Pátria.

Em 5 de junho de 1819, recebeu uma homenagem do Congresso Nacional.

Seus restos mortais repousam em jazigo perpétuo da família, um monumento situado à esquerda da entrada principal do Cemitério de S. Francisco Xavier (Caju), no Rio de Janeiro.²

Dionizio Cerqueira, em suas *Reminiscências da Guerra do Paraguai*, traçou o verdadeiro perfil de Mallet em toda a sua grandeza.³

Olinto Pilar⁴, Mallet Joubim⁵ e Aristóteles Vaz de Carvalho e Silva⁶ o estudam.

2. MARECHAL JOÃO NEPOMUCENO MEDEIROS MALLETT (1840-1906)

O primeiro filho de imigrante a ser Ministro da Guerra

Filho do marechal Emílio Luiz Mallet, foi o primeiro filho de imigrantes não lusitanos a

ocupar o Ministério da Guerra do Brasil.

Nasceu em São Gabriel (RS), em 1840, em plena Revolução Farroupilha, cooperando para que essa cidade passasse a ser conhecida como “Terra dos Marechais”.

Aristóteles Vaz ensaiou sua biografia em *São Gabriel na História*.⁷ Na Biblioteca do Exército, em Brasília, existe estudo sobre sua projeção militar sob o título: *João Nepomuceno Mallet - ligação histórica com o Estado-Maior do Exército*.⁸

Theodorico Lopes e Gentil Torres também o estudaram, bem como Mallet Joubim.⁹

O criador do Estado-Maior do Exército

Foi o Ministro da Guerra sob cuja administração foi aprovado o primeiro regulamento do Estado-Maior do Exército, pelo Decreto nº 3.189, de 6 de janeiro de 1899.

Este regulamento tornou realidade o órgão criado dois anos antes pela Lei nº 403, de 24 de outubro de 1896, pela transformação da Repartição do Ajudante General em Estado-Maior do Exército.

Foi durante sua gestão no Ministério da Guerra que instalou-se o Estado-Maior, em 23 de janeiro de 1899, sob a Chefia do General de Divisão João Thomaz Cantuária, Chefe do EME durante todo o período em que o general João Nepomuceno M. Mallet foi Ministro.

Por esta razão o marechal João Nepomuceno Mallet é considerado “o criador do Estado-Maior”, além de outras providências de grande projeção dos destinos do Exército. Em 1973, o Estado-Maior entronizou o seu retrato no Gabinete da Chefia desse órgão, em reconhecimento a seu criador.

A obra do franco-brasileiro Mallet no Ministério da Guerra

— Nomeou uma comissão de oficiais de todas as armas para a elaboração de um Plano de Reorganização do Exército.

— Regulamentou a Intendência Geral da Guerra.

— Regulamentou os comandos dos Distritos Militares, Direção Geral da Artilharia, Direção Geral da Engenharia, Direção Geral da Saúde, Tiro Nacional, Fábrica de Cartuchos e de Guerra, Colônias Militares e Institutos Militares de Ensino.

O coronel de Artilharia Victorino Portella F. Alves relaciona a obra do ministro Mallet como o “incentivador da Artilharia de Costa”, pela construção e melhoramento de diversas fortalezas no litoral brasileiro.

O período da Presidência Campos Sales caracterizou-se pela preocupação com a recuperação econômico-financeira do país.

Estava exaurido pelas revoluções do período 1891-96, para a consolidação da República.

“O ministro Mallet teve sobretudo o mérito de dar à organização do Exército, as soluções que se faziam mais urgentes, sem criar exigências orçamentárias ou, outras, que agravassem de qualquer modo as dificuldades com que lutava o governo na sua tarefa administrativa”.¹⁰

Síntese biográfica de Mallet

P. S. de Mallet Joubim assim sintetizou a vida de João Nepomuceno em ensaio inédito.¹¹

O *SOLDADO* — Aluno distinto. Soldado de raça. Oficial de Artilharia e Engenharia.

Na campanha do Uruguai 1864. Engenheiro militar nos sítios de Paissandu e Montevidéu.

Na Campanha do Paraguai 1865-70. Comandante de Bateria no combate da Confluência e na Batalha de Tuiuti. Comandante (!< Grupo no sítio de Humaitá e na batalha de Lomas Valentinas.

Oficial de Estado-Maior na Campanha da Cordilheira.

O *MESTRE* — Mallet foi um exemplo de cultura geral e profissional em sua geração. Engenheiro-geógrafo no Gabinete do Ministro Marechal Osório. Catedrático de várias matérias na Escola Central. Comandante do Batalhão de Engenheiros 1880-1882.

2º Comandante da Escola Militar do Ceará.

O *REPUBLICANO* — Mallet toma parte nas deliberações do Clube Militar.

PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA — 1889. Mallet foi encarregado pelo Governo Provisório de embarcar a Família Imperial. Foi Governador e Comandante das Armas no

Estado de Mato Grosso.

Foi signatário do manifesto dos 13 generais.

Em consequência foi reformado. Com a posse do Presidente Prudente de Moraes, Mallet retornou ao serviço ativo.

Seus restos mortais repousam ao lado dos de seu pai, marechal Emílio Luiz Mallet, no Cemitério de Caju, junto à Capela, à esquerda de quem entra.

De uma crônica de Dionísio Cerqueira sobre o combate da ilha da Redenção, retiramos esta referência ao marechal João Nepomuceno e seu ilustre pai Emílio Luiz Mallet: “Corremos aos nossos canhões. Éramos, os quatro, chefes de peça. O velho Mallet, comandante e pai do regimento, surgira com a sua magnífica figura de atleta, o rosto meigo e nobre, iluminado de grandes olhos fulgurantes, e percorria calmo e sereno as baterias, fumando e mastigando o grande cigarro de palha, forte, muito grosso e sempre cheio de sarro, ocultando numa nuvem de fumo os grandes bigodes de Vercingetorix. O Joãozinho, como ele chamava o filho querido, marechal mais tarde e um dos nossos mais úteis ministros da Guerra, estava perfilado no centro da bateria.”

Existem muitas homenagens no Brasil a ele prestadas e que, ao observador desavisado, parecem ser tributadas a seu ilustre pai. Mallet foi engenheiro militar, bacharel em ciências físicas e engenheiro-geógrafo pela Escola Central.¹²

3. MARECHAL PEDRO LABATUT (1768-1849)

Nasceu em 16 de maio de 1768, numa aldeia da Borgonha, França.

Foi admitido no ano de 1822 no Exército Brasileiro, no posto de brigadeiro, logo após nossa Independência, em cuja consolidação, na Bahia, prestou relevantes e inesquecíveis serviços militares, ao concorrer decisivamente por seus conhecimentos de arte e ciência militar, para a libertação daquela importante unidade do Império.

Em 2 de julho de 1824, era o comandante das forças brasileiras encarregadas de expulsar o general português Madeira de Mello.

Labatut morreu na Bahia, no cenário de suas glórias, em 24 de setembro de 1849, sendo sepultado no mosteiro da Piedade e, após, trasladado para a matriz do Pirajá.

É um estrangeiro herói da Independência e da Integridade do Brasil.

Atuação no Rio Grande do Sul na Revolução Farroupilha

No Rio Grande do Sul, o general Labatut não teve a mesma sorte no combate aos farroupilhas, tendo inclusive respondido Conselho de Guerra, acusado injustamente de fracasso militar em sua missão, segundo o general João Paulo dos Santos Barreto, comandante do Exército em operações no Rio Grande do Sul.

Em 1º de fevereiro de 1840, Labatut assumiu as forças da Fronteira da Província de São Paulo, em substituição ao brigadeiro Francisco Xavier da Cunha, falecido em 14 de dezembro de 1839, após derrota sofrida no Passo Santa Vitória do rio Pelotas, diante das tropas farroupilhas ao comando do intrépido canguçuense tenente-coronel Joaquim Teixeira Nunes, integradas por seus célebres Lanceiros Negros do *1º Corpo de Lanceiros da República Rio-Grandense*. Delas faziam parte os italianos José Garibaldi e Rosseti e a brasileira Anita (Garibaldi).

Labatut organizou a Divisão Paulistana e, com ela, ocupou Lajes. Tinha 73 anos. Daí partiu para São Francisco de Paula, para impedir que este local caísse em mãos dos farroupilhas.

Após dois meses de penosa marcha atingiu seu destino, com sua tropa completamente desfalcada. Era composta de paisanos sem experiência militar, e muitos desertaram.

Contra-marchou em retirada para Passo Fundo, quando percorreu 50 léguas em 18 dias, por não ter condições de enfrentar o Exército Republicano. Este, após forçado a levantar o cerco de Porto Alegre, havia empreendido a retirada que Garibaldi denominou de *Retirada Desastrosa*, que só terminou em São Gabriel.

Depois de receber reforços, Labatut marchou e contramarchou entre Cruz Alta, Passo Fundo e Vacaria, sem ter um confronto com os farroupilhas.

Após cerca de um ano de operações na região serrana do Rio Grande do Sul, recolheu-se doente ao Rio Pardo.

Em janeiro de 1841, depois de apresentar-se ao Presidente da Província como doente, seguiu para o Rio de Janeiro, onde foi submetido a Conselho de Guerra e

absolvido plenamente.

Ele não possuía condições militares para enfrentar os farroupilhas nem quantitativa nem qualitativamente. Sua preocupação foi a de não permitir o massacre dos bisonhos e inexperientes soldados que recebeu.

Com sua manobra estratégica, obrigou, no entanto, os farroupilhas a levantarem o cerco definitivo de Porto Alegre.

Sua vida e obra são estudadas por Pretextato Silva.¹³

3. MARECHAL AROUCHE DE TOLEDO RENDON (1756-1834)

Descendente de franceses, nasceu em São Paulo, onde prestou relevantes serviços militares, segundo Pretextato Maciel¹⁴, e à Independência do Brasil.

Sua ligação com o Rio Grande do Sul foi como recrutador de voluntários paulistas para integrarem a célebre *Legião de Voluntários Reais de São Paulo*¹⁵, que lutou no Rio Grande do Sul, nas guerras contra Artigas em 1816 e 1821, na Fronteira do Rio Pardo, cuja atuação é descrita pelo capitão Diogo Morais de Arouche Lara.

4. TENENTE-GENERAL CAMILO MARIA TONELET MENA (1749-1831)

Descendente de franceses, nasceu no Rio de Janeiro em 1749.

Fez sua carreira militar no Rio de Janeiro. Em 1825 foi enviado para o Rio Grande do Sul no posto de tenente-general, para o desempenho de importante comissão militar.¹⁶

FALTA PÁGINA 182 E 183

No Rio Grande do Sul, de 1827 a 1836, teve destacada atuação política e administrativa, além de haver sido um dos principais chefes farroupilhas.

Sua tribuna de doutrinação farroupilha, de 1832 a 1836, foi o *Recopilador Liberal*.

Segundo Alfredo Rodrigues, este jornal foi o “órgão extremado do partido farroupilha e um dos promotores da Revolução.”²²

- Foi um dos redatores do jornal *Continentista*, de junho a dezembro de 1835.

Com a reconquista de Porto Alegre, em 1836, foi preso e enviado para o Rio de Janeiro. Em 3 de setembro de 1839, foi posto em liberdade, sob a condição de não mais retornar ao Rio Grande do Sul.

“Renunciou suas idéias republicanas”.²³

9. AUGUSTO DE SAINT HILAIRE (1779-1853)

Sua ligação com a História Militar do Rio Grande do Sul procede do seu famoso trabalho *Viagem ao Rio Grande do Sul*, valiosa fonte primária da História Militar do Rio Grande do Sul, no período de 1820 a 1821, quando visitou esta área.

Entre elementos de História Militar que ele fornece destaque os relativos à vitória luso-brasileira sobre Artigas, em Taquarembó, obtida pelo Conde da Figueira.

Saint Hilaire percorreu o Rio Grande do Sul, em 1820-21, nas seguintes direções:

a) Torres — Osório — Santo Antônio — Viamão — Porto Alegre — Rio Grande — Chuí;

b) São Borja — Santa Maria — Rio Pardo — Porto Alegre.

A maior parte de seu percurso foi terrestre, menos Pelotas — Rio Grande e Rio Pardo — Porto Alegre, que foi por via fluvial e lacustre.

Saint Hilaire nasceu e morreu em Orleans, França, respectivamente em 4 de outubro de 1779 e 30 de setembro de 1853. Quando percorreu o Rio Grande do Sul possuía 41 anos.

Com justa razão o tradutor de sua obra, Leonam de Azeredo Pena, escreveu:

“*Viagem ao Rio Grande do Sul* contém observações, conceitos e vaticínios sobre o ambiente brasileiro, interessante não só aos gaúchos como a todos quantos se dedicam a questões sociais, econômicas, científicas, geográficas e históricas em nosso país.

Enumerar ou salientar tais impressões seria roubar ao leitor o sabor de descobri-las a cada passo”.²⁴

Saint Hilaire é considerado o Pai da Sociologia do Rio Grande do Sul.

10. OS IRMÃOS PAILLOT SARRAZIN (João, Afonso e Agostinho)

Entre os fundadores de São Leopoldo figurou o francês João Antônio Sarrazin. João estabeleceu-se como comerciante em São Leopoldo. Após algum êxito mandou vir da Europa seus irmãos, mais tarde sócios comerciais, Afonso e Agostinho.

Em 1833, João Antônio Sarrazin possuía sua casa no terreno nº 5, da quadra 32, na Praça da Igreja, e outra casa no terreno nº 5 da quadra 36, da Rua do Fogo (registrada em seu nome como João Serrazin),²⁵

Antes, durante e logo depois da Revolução Farroupilha, tomou parte ativa, política e militar, neste movimento em São Leopoldo, ao lado de von Salisch e Otto Heise.

Após a reconquista de Porto Alegre, em junho de 1836, e consequente controle de São Leopoldo pelo Dr. Hillebrand, teve de deixar o local. Radicou-se em Rio Pardo com seu irmão Afonso, onde tomaram parte ativa no movimento ao lado dos Amarais e dos Fontouras.

Retomada Rio Pardo pelos imperiais, foram para Alegrete, onde Afonso casou na família Correia de Melo. João prosseguiu na Revolução e Agostinho, simpático ao movimento, se absteve de nele participar.²⁶

Acredito que João Sarrazin tenha pertencido como oficial ao *Esquadrão de Cavalaria de São Leopoldo*,

11. 1º SGT. VIRGILINO GONÇALVES DETROYAT — o ordenança do general Osório

Descendente de franceses fez toda a guerra ao lado do marechal Manoel Luiz Osório, na qualidade de seu fiel ordenança.

“Foi ferido em dois combates, e graduado por heroísmo no posto de 1º sargento.

Condecorado várias vezes por atos de bravura, narrava, com lucidez e realismo, passagens da Guerra do Paraguai.

Mais tarde, republicano extremado, sacrificou seus bens e fortuna em prol de seus ideais políticos”.²⁷

Morreu na década de 30 em Pelotas.

12. CLÁUDIO DUBREIL E ESTIVALET

São fundadores da Imprensa no Rio Grande do Sul, introduzida pelo Marquês de Barbacena, em 1826, no *Exército do Sul*, com o título de *Tipografia Imperial do Exército*.

Eles conseguiram compor e imprimir três boletins de campanha.

O primeiro, em 5 de fevereiro de 1827, nas margens do Arroio da Palma, para festejar a junção de Braun *Coluna de Esquerda* e o *Exército do Sul*, ao comando de Barbacena.

O segundo e o terceiro, com datas de 17 de fevereiro de 1827, editados em São Gabriel.

Poderíamos dizer que a Imprensa do Rio Grande do Sul nasceu no Acampamento do Arroio da Palma.

Dubreil foi o compositor e Estivalet o impressor do primeiro jornal gaúcho, o *Diário de Porto Alegre*, cujo primeiro número foi editado em 1º de junho de 1827, sob os auspícios da Presidência da Província e com a maior parte da *Tipografia Imperial do Exército*.²⁸

Cláudio Dubreil foi editor, em 1830, em Porto Alegre, do primeiro livro didático em língua alemã, destinado ao uso nas escolas da colônia alemã.²⁹

Acreditamos que Dubreil tenha produzido outros trabalhos.

NAPOLEÃO E A MISSÃO FRANCESA

Segundo Jonas Correia Neto, Napoleão Bonaparte teve influência no Exército Brasileiro³⁰ e por consequência na História Militar do Rio Grande do Sul.

Esta influência se fez presente no período de 1870 a 1889, e mesmo antes, conforme ilustra o exemplo a seguir.

Segundo Dionísio Cerqueira³¹ o próprio brigadeiro Antônio Sampaio, atual Patrono da Infantaria do Exército, estudava Napoleão em plena Guerra do Paraguai.

“Nesta mesma tarde, já ao pôr do sol, fui apresentar-me ao general Sampaio,

comandante da 3ª Divisão, a *Encouraçada*.

O ilustre general, glória do Exército, pelo valor e amor à disciplina, estava completamente uniformizado debaixo de sua rama- da, lendo uma *História de Napoleão Bonaparte, seu capitão modelo*.

Quando nos viu fechou o livro, marcando-o com o índice da mão esquerda”.

De 1820 a 1840, esteve no Brasil a *Missão Militar Francesa*, que foi contratada pelo governo de Venceslau Braz para modernizar o Exército Brasileiro, de acordo com os progressos de arte e ciência militar que ocorreram na 1ª Guerra Mundial, 1914-18.

Esta missão era chefiada por um general e integrada por mais de 20 oficiais.

O primeiro chefe da Missão foi o general Maurice Gamelin, que fora chefe da 3ª Seção do Estado-Maior do general Joffre e comandante de uma divisão de Infantaria na 1ª Guerra.

Sucederam-lhe na chefia da Missão os generais Cofec, Spire, Paul Noel e Lavallade. Paul Noel foi fuzilado pelos partizans, na 2ª Guerra, acusado de colaboracionismo com os nazistas.

Entre os coronéis distinguiam-se Derougemont Baundouin, Corbé e Jeunneaud.

Sendo o Rio Grande do Sul a principal área estratégica do Brasil na época, é fácil deduzir-se a enorme influência lá exercida por estes franceses.

De 1920 a 1922, inspecionaram as unidades do Rio Grande do Sul e, em 1922, sob inspiração e orientação dos mesmos, realizou-se a primeira grande manobra de Saicã, a primeira de uma série até pouco depois da eclosão da 2ª Guerra Mundial.

Maiores detalhes da grande obra realizada por esta Missão, ligada particularmente à Segurança do Rio Grande do Sul, poderão ser buscadas na *História do Exército Brasileiro*³², com Paula Cidade³³ e em documentos oficiais a ela referentes, existentes na Biblioteca do Exército, em Brasília, sob o título *Missão Francesa*.³⁴

NOTAS AO TEXTO DO CAPÍTULO I

1 — SILVA. *Apontamentos sobre a História da 3ª RM*.

2 — BENTO. O artilheiro Símbolo do Brasil, (síntese com base nesse trabalho).

3 — CERQUEIRA. *Reminiscêndas...* pp. 65-68, 85, 101, 106, 125, 148, 161, 189 e 203.

4 - PILAR. *Patrono das Forças Armadas*, pp. 142-143.

5 - JOUBIM. *A História da Casa Mallet*.

6 - SILVA. *São Gabriel na História*, pp. 176-177, 207, 235-236, 240-241.

7 - idem, *ibid.*, pp. 141-147.

8 - BENTO, Cláudio Moreira, (é o autor da pesquisa a pedido do Estado-Maior).

9 - TORRES. *Ministros de Guerra do Brasil*, pp. 142-143.

10 - idem, *ibid.*

11 - idem nota 5 (na biblioteca do C D Ex).

12 — idem.

13 - SILVA. *Os Generais do Exército Brasileiro 1822-1889*. pp. 284-291 (síntese com base neste trabalho).

14 - idem, *ibid.*

15 - BENTO. *Presença militar paulista*. . . no RGS. *Diário de São Paulo*.

16 - idem, nota 13. p. 40.

17 - WIDERSPHAN. *Das guerras cisplatinas*. . . V. 1, p. 174.

18 - idem nota 13, pp. 39-40.

19 - BENTO. O filho de Goyas herói. . . *Folha de Goiaz*, 13 de junho de 1972.

20 - idem nota 17, p. 168.

21 - *Publicidade na RIHGB*, 30: 42-74. 1867. 1º trim.

22 - DOCCA, *História do RGS*. p. 335.

23 — idem, *ibid.*, p. 336. Calvet no Rio de Janeiro foi um dos redatores da *Regeneração*. Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

- 24 - HILAIRE. *Viagem ao Rio Grande do Sul*.
25 - PETRY. *São Leopoldo*, v. 1, p. 50.
26 - SPALDING. *A Epopéia Farroupilha*, p. 259.
27 - NASCIMENTO, Testemunha do herói.
28 - ENCICLOPÉDIA RIO-GRANDENSE. Canoas, Ed. Regional.
29 - idem, *ibid.*, p. 224.
30 - CORREIA. A influência napoleônica no Exército Brasileiro, p. 23.
31 - idem nota 3. p. 194.
32 - HISTÓRIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO. V. 2, pp. 810-813.
33 - CIDADE. *Síntese três séculos*, pp. 364 e 366.
34 - Tive oportunidade de reunir e ordenar no Centro de Documentação do Exército, em 1974, todos os documentos disponíveis sobre o assunto e mais os enviados da França pelo embaixador Aurélio Lyra Tavares que encontravam-se nos arquivos da Embaixada do Brasil na França. Cópia dessa documentação foi entregue ao General de Exército Alfredo Souto Malan, para auxiliar pesquisas sobre o assunto. Inclui documentação sobre a Missão Francesa de Aviação no Brasil.

Capítulo II

INGLESES E DESCENDENTES

1 . TEN-GENERAL JOÃO FREDERICO CALDWELL (1801-1873)

O primeiro imigrante não lusitano a ser Ministro da Guerra

Era anglo-lusitano, nascido em Santarém, Portugal, em 1801, filho de um general inglês com uma portuguesa.

Sua ligação com o Rio Grande do Sul foi íntima.

Foi o primeiro imigrante não lusitano a comandar a 3ª Região Militar atual, abrangendo o Rio Grande do Sul. Isto em seis ocasiões diferentes e por um prazo superior a onze anos. Portanto, o recordista em permanência à frente desse importante comando.

Foi também o primeiro imigrante não lusitano a ocupar a Pasta da Guerra no Império.

“Veio muito criança para o Brasil e o adotou como sua nova pátria.

A essa pátria ele serviu por mais de 60 anos, com amor e com sentimentos de lealdade, abnegação e sacrifício que fizeram de sua figura um dos exemplos mais puros, belos e edificantes na galeria de vultos militares do Brasil”.¹

Perdeu a mão direita em conseqüência de ferimento em combate.

Percorreu todos os postos da carreira militar e nela exerceu as maiores e mais importantes funções.

Pertenceu ao atual Regimento de Dragões da Independência de Brasília.

Era filho legítimo do tenente-general Frederico Caldwell, inglês a serviço de Portugal contra Napoleão Bonaparte.

Em 10 de novembro de 1810, assentou praça como cadete, no recém-criado 1º *Regimento de Cavalaria da Corte*, o atual *Regimento de Dragões da Independência de Brasília* — 1º RCG.²

Em 21 de janeiro de 1811, foi promovido a alferes por Carta Régia. Participou da pacificação da Revolução Pernambucana de 1817 em Pernambuco.

Em 12 de outubro de 1820, após retornar ao Rio, foi promovido a 1º tenente do atual 1º RCG.

Em 9 de janeiro de 1821, foi signatário de *Manifesto*, pedindo que o Príncipe D. Pedro se recusasse a embarcar para Portugal.

Caldwell, de cadete a major, serviu durante cerca de 20 anos no atual *Regimento de Dragões de Brasília*, dele se desligando somente em 1834, quando veio para o Rio Grande do Sul.



23 - Tenente-General João Frederico Caldwell, o primeiro imigrante não lusitano a ser Ministro do Exército do Brasil. Comandou a 3ª Região Militar em seis ocasiões e pelo espaço de 11 anos. Perdeu a mão direita em consequência de ferimento na Batalha de Seival.

(Aquarela de Cilka L. da Silva.)

Subcomandante de Bento Gonçalves em Passo do Rosário

Caldwell participou da batalha de Passo do Rosário como maior subcomandante da *Brigada de Cavalaria*, ao comando de Bento Gonçalves.

Nessa ocasião, teve oportunidade de acudir o seu querido Regimento, o mais fortemente atacado pelo inimigo e o que mais baixas teve na batalha.

Sobre sua atuação em Passo do Rosário, assim atestou o coronel Bento Gonçalves da Silva:

“Atesto que o capitão do 1º *Regimento de Cavalaria da Corte* João Frederico Caldwell, serviu de major de brigada, na 2ª Brigada Ligeira do meu comando, desde o dia 19 de setembro do ano de 1826, até esta data.

Este honrado militar não só desempenhou as obrigações de meu cargo, como serviu de instrutor aos três corpos de que se compunha a brigada, deixando-os quase em estado de tropa de 1ª linha, tanto em manobras como no espadão, apesar de andarem sempre na frente do inimigo.

Achou-se na batalha de 20 de fevereiro, e em todos os encontros que teve a brigada em diversas ocasiões, onde mostrou presença de espírito, desempenhando tudo quanto lhe ordenei com atividade.

É subordinado de exemplar conduta, tanto militar como civil, fazendo-se por tudo digno das graças e mercês de sua majestade Imperial.

Para que possa apresentar este onde lhe convenha, lhe mandei passar a presente indo por mim assinada.

— Acampamento nas Pedras-Altas, 31 de outubro de 1827.

Bento Gonçalves da Silva — coronel Comandante”.³

Dificuldades em sua vida

Em 1830, o governo dispensou todos os estrangeiros do Exército. Caldwell satisfazia as condições para ficar, mas sofreu muito por ter sido fiel a D. Pedro I.

Viveu ora em Rio Grande, ora em Jaguarão. Na primeira, entregue ao comércio e, na segunda, como instrutor da Guarda Nacional de Jaguarão sob o comando de Bento Gonçalves.

E, entre dificuldades para educar suas duas filhas, transcorreu sua vida até 1836.

Perde a mão direita em Seival

Em 30 de março de 1836, como major, participou da batalha de Seival, integrando a *Brigada Provisória de Cavalaria da Comarca do Rio Grande ao comando de Silva Tavares*. Esta teve de medir-se com o Corpo de Lanceiros Negros Farroupilhas, sob o comando do general Antônio Neto e treinados pelo major do Exército Pedro Soares, que aderiu à Revolução Farroupilha.

Caldwell foi ferido na mão direita, tendo que amputá-la.

Conseguiu fugir em 23 de outubro de 1836 e apresentar-se às forças legais, após ficar prisioneiro dos farroupilhas por 43 dias.

Apesar de não possuir a mão direita, prestou muito bons e distintos serviços, conforme atestou o Barão de Caxias.

“Este distinto oficial, que com zelo, inteligência e bravura tem servido ao Exército em comando, desde o começo da revolta que assolou esta Província, e que defendendo a Integridade do Império e os direitos de S.M. o Imperador, *perdeu a mão direita no combate do Seival, é digno de bastante consideração*. E conquanto esteja impossibilitado de combater individualmente à testa do seu Regimento, em consequência da falta de que acima trato, durante o tempo que comandei o Exército, prestou mui bons e distintos serviços”.⁴

Por ordem do comando-em-chefe, de 15 de maio de 1840, marchou para o passo do Tamanca, comandando uma força, a fim de obstar a passagem do rebeldes para a margem direita do Taquari.

No ano seguinte tomou parte em ações de combate nas vilas do Triunfo e Santo Amaro e cidade de Porto Alegre. Foi promovido a coronel por decreto de 27 de maio de 1842, para o *3º Regimento de Cavalaria*, continuando no Rio Grande do Sul, até a paz de Ponche Verde.

Atuação na Guerra contra Oribe e Rosas 1851-52

Em 13 de janeiro de 1847, assumiu o comando da Fronteira e Guarnição de Bagé, como Brigadeiro efetivo.

De 24 de julho de 1847 a 18 de abril de 1848, comandou as Armas da Província do Rio Grande do Sul pela primeira vez, sendo louvado pelo zelo com que se houve. Comandou a *2ª Divisão do Exército*, que marchou de Jaguarão para Santa Luzia, na campanha contra Oribe e Rosas.

Em 14 de março de 1852, foi condecorado com a Medalha de Ouro, para oficial general integrante do Exército em Operações na República do Uruguai, contra Oribe e Rosas.

Atuação na Guerra do Paraguai

Em 9 de janeiro de 1865, assumiu o cargo de Comandante das Armas do Rio Grande do Sul. Providenciou energicamente na reunião dos guardas nacionais em diversos pontos. Designou oficiais do Exército para servir-lhes de instrutores do novo armamento distribuído.

Ordenou fosse fortificada a então vila de Uruguiana e organizada a polícia e defesa do rio que a separa dos nossos vizinhos.

“À frente de todas as forças mobilizadas na campanha do Rio Grande, achava-se o brigadeiro-honorário Davi Canabarro, com quem procurou entender-se o tenente-general Caldwell, sobre a defesa da Província. A ele se reuniu no dia 9 de julho, em seu acampamento no Ibirocaí. Dali marchou a 16 para o passo Santa Maria no Ibicuí, para onde se dirigiam então os invasores paraguaios, depois de haverem saqueado a vila de

Itaqui.

Avistaram o inimigo a 19, achando-se Davi Canabarro a 4 léguas à retaguarda. Em 21 fez reunir o Conselho de Guerra, do qual faziam parte, além de Davi Canabarro, os coronéis Alves Valença e João Manoel Mena Barreto.

Nessa ocasião, demonstrou a necessidade de atacar sem demora o audacioso chefe Estigarribia. Declarou o brigadeiro Canabarro que sua opinião era hostilizá-lo em marcha, aguardando-se para atacá-lo quando estivessem reunidas as tropas que eram esperadas, cujo efetivo era calculado em 1.500 praças. Todos ficaram de acordo.

Pela Ordem do Dia do Gabinete do Ministério da Guerra, na cidade de Porto Alegre, de 27, tudo do referido mês de julho, Caldwell foi nomeado para exercer as funções de ajudante-general do Exército junto ao mesmo Ministério, ficando dispensado do Comando das Armas da Província”.⁵

Apesar de seus esforços como Comandante das Armas da Província, não pode evitar que o invasor conquistasse Uruguiana e maculasse o solo pátrio, de São Borja até aquela cidade.

Atuação na Rendição de Uruguiana

“No dia 11 de setembro chegava o Imperador, em Uruguiana, ao acampamento das forças aliadas, onde já se achava também o General Mitre, presidente da República Argentina.

Depois de tomadas as necessárias providências, as judiciosas opiniões de D. Pedro foram sempre acatadas pelos generais aliados. Aproximaram-se das trincheiras da vila sitiada, no dia 18, to das as forças aliadas que somaram 17.346 combatentes. Destes, 12.393 eram brasileiros, 3.802 argentinos e 1.220 uruguaios (orientais), respectivamente com 22, 24 e 8 bocas de fogo (canhões).

No centro dessas colunas via-se o Imperador acompanhado do Ministro da Guerra; de seu genro Marechal Conde d’Eu, do tenente-general Caldwell e dos seus respectivos ajudantes de campo e de ordens.

Depois de meio-dia foi dirigida ao Chefe Antônio Estigarribia a intimação feita em nome do Imperador e dos generais aliados, para que se rendesse sem condições, porque já havia repellido as mais honrosas que lhe haviam sido oferecidas pelas forças aliadas, ao que se submeteu.

Aceitas, com algumas restrições, as proposições de Estigarribia, se lhe enviou pelo próprio Ministro da Guerra, acompanhado do tenente-general Frederico Caldwell e mais dois oficiais, a seguinte resposta:

“Os generais aliados concedem e admitem a 1ª e 3ª condições sem restrições e, quanto à 2ª resolvem que:

Os oficiais de qualquer categoria render-se-ão, não podendo sair da praça com armas, sendo-lhes livre escolher para sua residência qualquer lugar que não pertença ao território paraguaio.

— Uruguiana, 18 de setembro de 1865, às 2 1/2 horas da tarde. Pelos chefes aliados, o Ministro da Guerra do Império do Brasil. Ângelo Muniz da Silva Ferraz”.

Depois de terem penetrado na vila os aludidos emissários, regressaram horas depois com a resposta escrita do tenente-coronel Estigarribia, aceitando todas as restrições. Assim se restaurou nesse grande dia (18 de setembro de 1865), a parte do território nacional, manchado pela ocupação de tropas estrangeiras. Recolheu-se em seguida à Corte do Rio de Janeiro o Imperador e toda a sua comitiva.

O tenente-general Frederico Caldwell continuou no exercício de Chefe do Estado-Maior do Exército, sob o comando do seu colega Barão de Porto Alegre, até o dia 28 de janeiro de 1866, em que foi dele dispensado na vila de São Borja, por determinação do Ministério da Guerra, de 3 de outubro do ano anterior, com a cláusula de “logo que estivesse definitivamente organizado este Exército” regressasse para a corte a fim de exercer o seu cargo de ajudante-general do Exército, sendo nessa ocasião agradecidos os valiosos serviços que até então prestara no círculo de suas atribuições com franco, leal e decidido interesse.

Por decreto de 22 do referido mês, foi promovido efetivamente ao posto de tenente-general, reassumindo o cargo de ajudante-general do exército a 16 de outubro, tudo do referido ano de 1866.

Nomeado grã-cruz da ordem militar de São Bento de Aviz por decreto de 20 de

março de 1867, recebeu também a medalha comemorativa da rendição de Uruguaiana”.⁶

Ministro da Guerra em 1870

“Em 1870, por decreto de 29 de setembro, foi nomeado Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Guerra, de cujo cargo foi exonerado, a seu pedido, a 10 de novembro do mesmo ano. Foi nomeado Conselheiro de Guerra por decreto de 18 de fevereiro do ano seguinte, continuando no exercício de ajudante-general do Exército até o dia do seu falecimento, que teve lugar nesta capital, a 1 hora e 25 minutos da tarde de 26 de fevereiro de 1873. Foi sepultado no dia seguinte, às 10 horas da manhã, no cemitério de São Francisco Xavier, com todas as honras a que tinha direito pela sua patente” (idem nota 6).

Comandou 6 vezes a 3ª RM

Segundo pesquisa do General Riograndino da Costa e Silva, Caldwell comandou a atual 3ª RM, então Comando das Armas da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul, nas seguintes ocasiões:⁷

1ª vez — 20 de outubro de 1847 a 10 de abril de 1848 —

2ª vez — 21 de março de 1850 a 7 de janeiro de 1851 —

9 meses e 16 dias

3ª vez — 3 de março de 1853 a 28 de abril de 1856 — 3º 1 mês e 25 dias

4ª vez — 16 de março de 1857 a 21 de janeiro de 1860 — 2º 10 meses e 5 dias

5ª vez — 21 de novembro de 1860 a 29 de junho de 1864 — 3º 7 meses e 8 dias

6ª vez — 30 de março de 1865 a 22 de julho de 1865 — 1 mês e 22 dias

Tempo total à frente da 3ª RM: 11 anos e 16 dias.

Costa e Silva apresenta diversos elementos sobre este ilustre chefe militar⁸ e Pretextato Maciel ensaiou sua vida e obra.⁹

2. ALMIRANTE GRADUADO JOÃO PASCOE GRENFEL (1800-1869)

Herói da Independência, Unidade,

Integridade e Soberania do Brasil

Inglês nascido no condado de Surrey, em 30 de setembro de 1801, prestou relevantes serviços militares, durante 28 anos, às causas da Independência, Integridade, Unidade e Soberania do Brasil, no período de 1824 a 1852.

Ligou-se à História do Rio Grande do Sul por haver lutado na Guerra Cisplatina (1825-28), Guerra contra Oribe e Rosas (1851-52) e principalmente na Revolução Farroupilha (1835-45), como Comandante das Forças Navais estacionadas na Província do Rio Grande de São Pedro do Sul. Ali desenvolveu sinceros esforços pacifistas, ao reconhecer a procedência de certos motivos que levaram os farroupilhas à Revolução.

Na Guerra Cisplatina, foi ferido gravemente em combate naval no Rio da Prata. Em consequência, perdeu seu braço direito, como o Almirante Nelson em Trafalgar.

Na Revolução Farroupilha conseguiu estabelecer o completo domínio naval sobre todas as águas da Província do Rio Grande.

Na Guerra contra Oribe e Rosas, teve atuação destacada como Comandante em Chefe das Forças Navais no Rio da Prata, além de destacado herói da passagem de Tonelero, seu maior feito naval.

Era filho de John e Sofia Grenfell.

Sua vida e obra foram amplamente estudadas na seguinte obra: BOITEUX, Henrique cap. mar e guerra. Os nossos almirantes.

Rio, Imprensa Naval, 1915. pp. 193-265.

Esta obra é importante fonte para a História Naval da Revolução Farroupilha.

Veio para o Brasil juntamente com o Almirante Lord Cochrane, depois de participarem da Independência do Chile.

Em 21 de março de 1823, foi admitido em nossa Marinha no posto de 1º Tenente. Após 39 anos de serviço, atingiu, em 12 de dezembro de 1862, o posto de almirante graduado.

Foi relevante sua contribuição nas guerras da Independência no Pará e Maranhão.

Em 25 de maio de 1826, perdeu um braço, em consequência de ferimento a bala recebido num combate naval contra argentinos no Rio da Prata, na Guerra Cisplatina, no

qual comportou-se com grande desprendimento e bravura.

Atuação na Revolução Farroupilha

Em 21 de maio de 1839, foi nomeado Comandante das Forças Navais estacionadas na Província do Rio Grande de São Pedro do Sul e comandante de uma Divisão Naval.

Ao chegar ao Rio Grande do Sul, tratou de armar uma esquadra para auxiliar na reconquista de Porto Alegre e com ela estabelecer a supremacia naval imperial, nas lagoas dos Patos e Mirim e principais rios gaúchos, que era exercida pelos farroupilhas através da escuna “Farroupilha”, alguns lanchões armados e fortes do *Junco*, *Itapuam* e da *barra do arraio Pelotas*.

Reconheceu o forte do arroio Pelotas e não conseguiu vencê-lo.

Conquista dos fortes do Junco e do Itapuam

No dia 2 de agosto de 1836, forçou com sua pequena esquadra os fortes farroupilhas do *Junco* e *Itapuam* que isolavam Porto Alegre do Rio Grande, por água.

Em 23 de agosto de 1836, organizou um ataque ao forte do *Junco*, que obrigou os farroupilhas a abandoná-lo após violenta reação.

Em 28 de agosto de 1836, o forte do Itapuam caiu pela manobra.

Os farroupilhas o abandonaram após encravarem seus canhões e colocarem a pique um brigue e um patacho que complementaram o sistema defensivo.

Com isto, conquistou para os imperiais supremacia e liberdade navais na Lagoa dos Patos.¹⁰

Ação na prisão de Bento Gonçalves na ilha do Fanfa

De 1º a 4 de outubro de 1836, teve atuação decisiva, à frente de sua esquadra formada pela escuna “Legalidade” e canhoieiras ns. 3, 5, 6 e 7, nas operações combinadas Marinha-Exército, que culminaram com a prisão do coronel Bento Gonçalves da Silva, na ilha do Fanfa, além de impedir que este chefe se dirigisse para o Jaguarão para operar junção com importantes reforços militares.

Em 22 de fevereiro de 1837, declarou que “durante os dois últimos meses havia corrido todas as águas da Província, desde Cebolaty e Jaguarão até Taquari e São Leopoldo, não ocupando os rebeldes posição alguma acessível às forças do mar. Com a perda do resto de sua artilharia, não seriam mais capazes de se fortificarem. O que lhes restava, portanto, era vigiar”.¹¹

Grenfell no São Gonçalo defronte a Pelotas

Em maio de 1837, encontrava-se com sua força no canal São Gonçalo, em Pelotas, entre o rio Pelotas e o Passo dos Negros. Tentou pacificar na área os farroupilhas, lançando a seguinte proclamação:

“Brasileiros das Forças Rebeldes!

Detende-vos antes de banhar vossas mãos no sangue de vossos patrícios: até onde chegará esta loucura e cegueira?

Pensais que os chefes que vos arrastam no caminho do crime farão vossa felicidade?

Não vedes que sua miserável política vos entregará escravos aos espanhóis, vossos ambiciosos vizinhos?

Deixai-vos de enganos, paixões, partidos e guerras e uni-vos outra vez aos Fiéis e Constantes defensores do Trono Constitucional do Senhor D. Pedro Segundo.

Bordo da Canhoieira nº 7, em São Gonçalo, em 10 de maio de 1837.

João Pascoe Grenfell — Chefe da Divisão e Comandante das Forças Navais”.

(Rio Grande — Tip. do Mercantil — Rua Direita).¹²

Grenfell conseguiu desempenhar importante ação pacificadora, celebrando com os farroupilhas um Armistício, no dia 20 de maio de 1837, de suspensão de armas no canal São Gonçalo. Este passou a servir de limite entre os beligerantes. Tal acordo foi assinado por Silva Tavares, Domingos Crescêncio e Grenfell.

Silva Tavares, imperial, rompeu o Armistício na sua ausência. Os jornais legais, ao terem conhecimento dos sinceros esforços pacifistas de Grenfell, enfurecidos contra ele, taxaram-no de traidor e infame estrangeiro.

“A tal ponto chegou a acusação que a plebe inflamada pelos partidários exaltados pediram a morte de Grenfell”.

Condenavam em Grenfell a atitude mais tarde tomada por Caxias e que foi vitoriosa. Com isto, o ilustre marinheiro criava condições de segurança para sua base naval em Rio Grande. E o ponto lógico para isso foi vigiar o São Gonçalo defronte aos seus principais passos, onde permaneceu longo tempo.

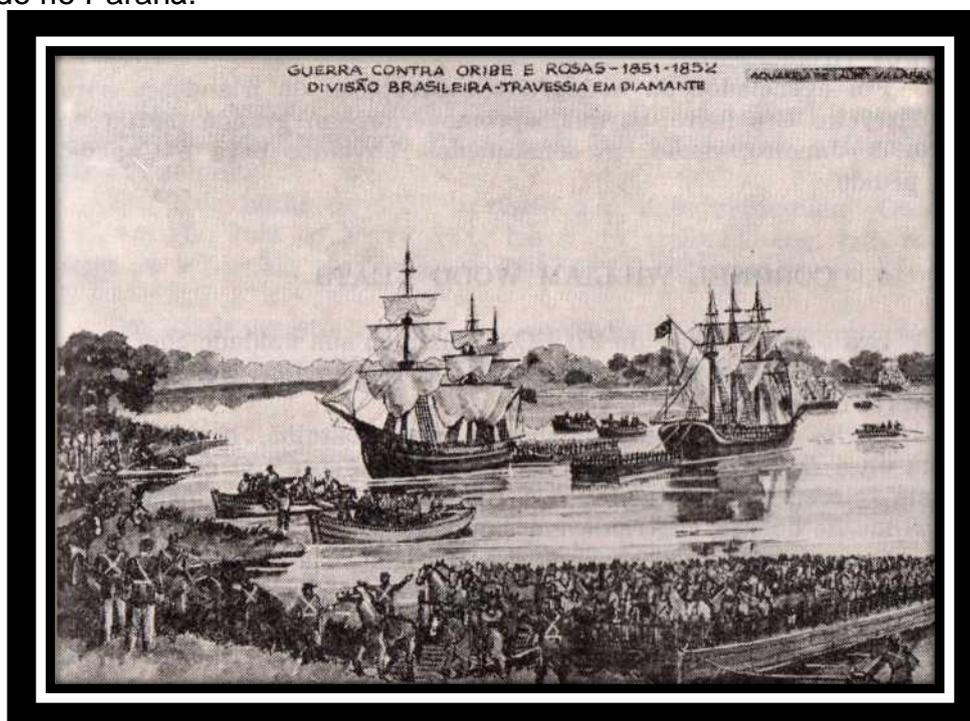
O esforço pacifista de Grenfell foi sincero. Silva Tavares queria simplesmente submeter os revolucionários sem reconhecer qualquer motivo para a revolta e revolução.

E continuou a prestar relevantes serviços militares navais ao Império nesta Revolução.

Atuação na Guerra contra Oribe e Rosas

Nessa guerra foi comissionado Chefe-da-Esquadra e Comandante-em-Chefe das Forças Navais do Brasil no Rio da Prata.

Procedeu o bloqueio naval do Rio da Prata, forçou a passagem de Tonelero e transportou a Divisão Expedicionária Brasileira, de Montevidéu a Diamante, e daí para o outro lado do rio Paraná.



24 - Grenfell, durante a Guerra contra Oribe e Rosas, comandou as Forças Navais do Brasil no Rio da Prata. Teve seu grande momento ao forçar, com êxito, a passagem de Tonelero. Sua Esquadra transportou a Divisão Expedicionária Brasileira até Diamante e, deste local, para a outra margem do Rio Paraná (vide texto).

(Fonte: CDOCEX aquarela de Lauro Vilarés, com apoio em iconografia argentina.)

Em 12 de julho de 1852, seguiu para a Europa como vice-almirante, para exercer o cargo de Cônsul Geral do Brasil em Liverpool, onde acreditamos tenha findado seus dias, em 20 de março de 1869.

3. CORONEL WILLIAM COTTER

Veterano das lutas contra Napoleão na Península Ibérica, veio para o Brasil em 1816, integrando a Divisão de Voluntários Reais, como major do Estado-maior do 4º Batalhão de Caçadores.¹³

Percorreu todo o litoral gaúcho, desde Santa Catarina até o Chuí, por ocasião da invasão da Banda Oriental.

Lá permaneceu até a sua incorporação ao Brasil, em 1821. Comandou no Rio de Janeiro, em 1826, o 3º Batalhão de Granadeiros (irlandeses).

Foi agenciador da malograda contratação de irlandeses para o Exército Brasileiro, os quais promoveram um grande motim no Rio de Janeiro, sendo em consequência enviados para o Canadá, a pedido.

4. CORONEL WILLIAM WOOD YEATS

Era o comandante do 27º BC. Comandou sua unidade com grande tirocínio e bravura na Batalha do Passo do Rosário, em 20 de fevereiro de 1827.

Carlos Seidler, seu comandado nessa batalha, o definiu em sua obra Dez Anos de Brasil — “valente e nobre”. O coronel William faleceu em Pelotas, após a Batalha de Passo do Rosário, em virtude de doença contraída em campanha.¹⁴

Somente depois de sua morte verificou-se a primeira e única rebeldia do 27º BC em Pelotas e, para alguns, justificada.

O coronel Yeats era um autêntico líder. Durante 4 anos conseguiu manter a disciplina de sua unidade no nível desejado, além de bem conduzi-la na Batalha de Passo do Rosário.

5. CIRURGIÃO-MOR TOMAS SCOTT

Era médico do 27º BC. Teve destacada atuação na Batalha de Passo do Rosário, de 20 de fevereiro de 1827.

Foi citado nominalmente na parte de combate do Marquês de Barbacena como “sendo o único de sua profissão que tratou os doentes no campo de batalha, merece o mais distinto elogio”.¹⁵ Seweloh, em suas Reminiscências, assim se refere a este bravo médico:

“O Marechal Abreu estava caído ali perto e parecendo-me que não estava morto, fui buscar para ele o médico do 3º Batalhão de Caçadores, o qual, além de Mr. Scott do 27º era o único que havia no campo de batalha”.¹⁶

Os demais tinham abandonado o local quando da confusão que se estabeleceu em razão do pânico do Regimento de Lanceiros Guaranis das Missões.

6. CAPITÃO-TENENTE GUILHERME PARQUER

Inglês a serviço do Brasil, integrou a Divisão Naval Imperial de Grenfell, estacionada no Rio Grande do Sul durante a Revolução Farroupilha.

Em 9 de junho de 1836, aprisionou o iate farroupilha “Onofre”, em São José do Norte. Este barco era artilhado com três canhões de 9”, sendo um rodízio e dois de bateria e guarnecido por 42 homens.¹⁷

Em 23 de agosto de 1836, no comando de 4 canhoneiras, deu início às operações que culminaram com a queda dos fortes farroupilhas do Junco e Itapuam, que isolavam Porto Alegre de Rio Grande.

Participou das operações que resultaram na prisão de Bento Gonçalves na Ilha do Fanfa e teve atuação destacada na manutenção da supremacia naval do Império, nas águas interiores do Rio Grande do Sul, durante toda a Revolução Farroupilha.

Um palhaborde foi batizado com seu nome.

Em março de 1837, comandava o patacho “Leopoldina” defronte a Triunfo.¹⁸

7. 2º TENENTE DE MARINHA DANIEL THOMPSON

Inglês a serviço do Império, integrou a Divisão Naval ao comando do Grenfell.

201

Em 23 de agosto de 1836, à frente de 48 praças de uma tropa de desembarque, atacou o forte farroupilha do Junco com apoio da Divisão Naval de Grenfell.

Após sofrer violenta reação farroupilha, durante mais de quatro horas, conseguiu obter a rendição do forte.

Segundo Henrique Boiteux em Os Nossos Almirantes, “os farroupilhas perderam 32 mortos, 10 prisioneiros, 2 peças de bronze. . .

As nossas forças tiveram 4 mortos e 8 feridos”.¹⁹

Em março de 1837, guarneceu em Triunfo, por ordem de Grenfell, uma posição fortificada armada com 4 canhões.

8. OUTROS INGLESES (Mac-Douall e Hard-Castle)

Acreditamos que eles tenham estado presentes em maior número na Revolução Farroupilha, não só na Marinha Imperial como entre a simbólica esquadra farroupilha.’

Lamentavelmente seus nomes foram esquecidos.

Atuaram nas operações que culminaram com a reconquista da vila de Rio Grande, em 1º de abril de 1776, os seguintes ingleses a serviço de Portugal:

Capitão-de-Mar e Guerra Roberto Mac-Douall

Ele comandou uma pequena esquadra no frustrado ataque à vila de Rio Grande, em 19 de fevereiro de 1776, com vistas a recuperá-la. Sua atuação ligada a um fracasso militar é estudada por Jonathas Monteiro.²⁰

Capitão-de-Mar-e-Guerra Jorge Hard-Castle

Era o comandante naval português, em 1º de abril de 1776, em apoio às forças terrestres que reconquistaram a vila de Rio Grande naquele dia.

Comandou, então, uma esquadilha constituída das fragatas “Graça” e “Glória”, corvetas “Victória”, “Invencível”, “Belona” e “Penha” e sumaca “Sacramento”.

A ação de sua esquadilha foi decisiva para anular a ação da esquadilha espanhola, bem como no bombardeio aos fortes do Ladino e Triunfo e transportes em pequenas embarcações, dos destacamentos de assalto até os pontos de desembarque em Rio Grande.²¹

1º Cirurgião-tenente Jonathas Abbot Filho

Anglo-brasileiro, nasceu em Salvador em 1825. Era filho do médico inglês Jonathas Abbot, que imigrara para o Brasil como grumete, aos 16 anos.

Jonathas Abbot Filho formou-se em medicina em Salvador em 1848. No ano seguinte ingressou no Corpo de Saúde do Exército Imperial do Brasil, como 2º cirurgião alferes. Nesta condição chegou ao Rio Grande do Sul, integrando a Repartição de Saúde, em apoio à Divisão Brasileira do Exército Libertador ao comando de Urquiza. Por seu destaque em ação, dentre os 5 médicos que pertenciam à Repartição de Saúde, recebeu a seguinte citação na parte de combate da batalha, além de promovido a 1º cirurgião-tenente.

“Não menos grato e lisonjeiro é para S. Excia. (Conde de Caxias) o poder manifestar ao Exército:

Os Srs. Drs..... e Jonathas Abbot Filho e pela maneira digna dos maiores elogios com que no tratamento de 300 doentes, durante as penosas marchas que fez a Divisão Brasileira, quer no hospital de sangue, único que teve o Exército Libertador e onde foram recebidos todos os feridos, conduzindo-se de uma maneira que fez honra ao Corpo de Saúde do Exército Brasileiro, tornando-se mais notável o Sr. Dr. Jonathas Abbot Filho, pela sua perícia no campo operatório”.

(Ordem do Dia nº 40 de 5 de fevereiro de 1852, do Conde de Caxias, em Buenos Aires).

Terminada a guerra, o Dr. Abbot radicou-se em definitivo em São Gabriel, onde casou e passou a dirigir o hospital do Regimento de Artilharia a Cavalos — o Regimento de Mallet. Nessa ocasião, descobrindo que um produto usado para pintar os cintos dos soldados era o responsável por uma doença de natureza alérgica, propôs ao Conde de Caxias sua proscricção, no que foi atendido, pondo fim a um mal muito comum entre os soldados, mas de origem até então desconhecida. No início da Guerra do Paraguai transformou sua residência em hospital para assistência gratuita aos militares. Participou do cerco de Uruguaiana. No ano seguinte foi reformado e teve fim sua vida militar. Ligou-se eternamente à História de São Gabriel por uma série de iniciativas de grande alcance humanitário e filantrópico, além de líder maçom e político. Seu filho Fernando Abbot teve destacada atuação política, tendo inclusive assumido a Presidência do Rio Grande do Sul, por duas vezes, no impedimento do titular e disputado o cargo em eleições em 1907, quando ficou célebre seu Manifesto Político de abril daquele ano.²²

NOTAS AO TEXTO DO CAPÍTULO II

- 1 — TORRES. Ministros da Guerra, p. 88.
- 2 — BENTO, Cláudio M. Uma testemunha dos grandes momentos da nossa História. Correio Braziliense, 21 de abril de 1972 (Síntese Histórica do RCG).
- 3 — SILVA. Os Generais do Exército Brasileiro. V. 2, p. 178.
- 4 — idem, v. 2, pp. 177-189.
- 5 — - idem, idem.
- 6 — idem, idem
- 7 — SILVA. Apontamentos sobre a História, da 3ª RM. pp. 149-151.
- 8 — idem, pp. 47, 49, 50-52, 58, 59, 118, 149, 151 e 174.
- 9 — idem nota 3. V. 2, pp. 177-189.
- 10 — BOITEUX. Os nossos Almirantes, p. 228.
- 11 — idem, p. 230
- 12 — idem, p. 223.
- 13 — WIDERSPHAN. Campanha de Ituizango. p. 99.
- 14 — idem, idem.
- 15 — FRAGOSO. A batalha, p. 375.
- 16 — SEVELOH. Reminiscências da . . . p. 66.
- 17 — idem nota 10, p. 228.
- 18 — COLOR. Garibaldi e ... p. 66.
- 19 — idem nota 10, p. 228.
- 20 — MONTEIRO. Dominação. . . pp. 229-230.
- 21 — idem, pp. 234, 248, 249 e 250 (fornece detalhes sobre sua ação).
- 22 — SILVA. São Gabriel na História (contém resumo biográfico de Jonathas Abbot Filho)

Capítulo III

ITALIANOS E DESCENDENTES

A imigração italiana para o Rio Grande do Sul teve início em 1753, depois de travadas todas as batalhas para a conquista, definição e manutenção de um Rio Grande do Sul brasileiro.

Essas batalhas duraram mais de dois séculos entre portugueses e espanhóis e posteriormente entre os descendentes de ambos.

Mesmo assim, ilustres italianos ou descendentes participaram dessas lutas e, principalmente, ajudaram o povo gaúcho a escrever com letras de ouro a sua maior epopéia — a Revolução Farroupilha.

1. CORONEL MIGUEL ÂNGELO BLASCO

Italo-lusitano, ligou-se intimamente à História Militar do Rio Grande do Sul, como Quartel-Mestre do Exército de Portugal, ao comando do General Gomes Freire de Andrade, que atuou no Rio Grande do Sul de junho de 1753 a fevereiro de 1761, durante nove anos.¹

Angelo Blasco era a segunda pessoa na escala hierárquica desse Exército. Deixou-nos valiosas fontes iconográficas sobre o Rio Grande do Sul, consistentes em quatro cartas com detalhes panorâmicos.

Existe, na Mapoteca do Centro de Documentação do Exército SGEEx. SMU — Brasília, três originais com 240 anos de idade, nos quais este ilustre militar fixou, a cores, detalhes de acampamento do Exército Demarcador, no Passo São Lourenço no rio Jacuí durante dois meses e meio, de 7 de setembro a 18 de novembro de 1754.²

Reproduzimos no presente trabalho algumas cópias retiradas dessas três cartas, para que o leitor avalie o imenso valor das mesmas como fontes primárias de nossa História³, e até então Inexploradas.

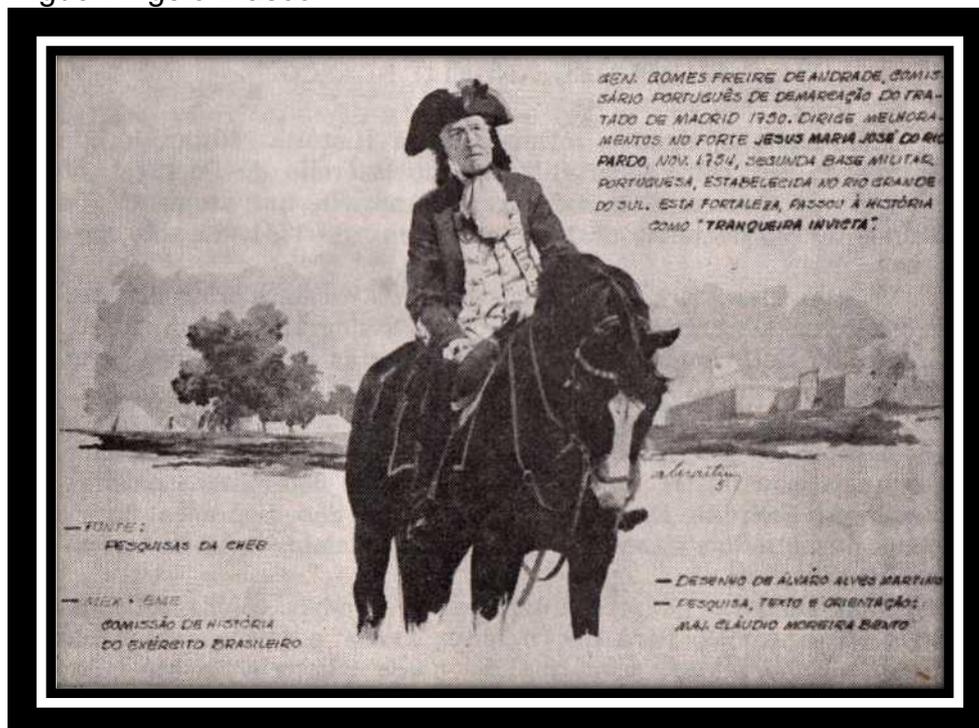
Apoiados nessas cartas elaboradas por Ângelo Blasco e seu Ajudante de Campo Jerônimo Mattos, desenhistas da antiga Comissão de História do Exército Brasileiro reproduziram, ampliados, n cores, diversos detalhes das mesmas.

Acredito que Blasco tenha produzido o primeiro mapa do Rio Grande do Sul

contendo importantes informações geográficas⁴, ao traçar sobre o mesmo o percurso do Exército, Rio Grande-Forte São Gonçalo-Bagé (atual)-Caiboaté-Churieby-Santo Ângelo.

Neste mapa fixou o combate de Churieby travado com os índios, em 10 de maio de 1756, antes dos exércitos de Portugal e Espanha entrarem em Santo Ângelo⁵. Por esta razão, deve caber a Miguel Ângelo Blasco, sem favor nenhum, o título de Pai da Pintura do Rio Grande do Sul.

Em dependências da Diretoria do Patrimônio do Exército, em Brasília, existe enorme carta panorâmica, a cores, da cidade do Rio de Janeiro vista da Baía da Guanabara. É de autoria de Miguel Ângelo Blasco.



25 - As cartas panorâmicas de Miguel Ângelo Blasco permitiram à pesquisadores da antiga Comissão de História do Exército Brasileiro, compor, com maior grau de verosimilhança, esta visão do general Gomes Freire de Andrada, que tão relevantes serviços prestou na conquista portuguesa do Rio Grande do Sul e na definição do seu destino brasileiro (Fonte: Centro de Documentação do Exército).

A atuação do Exército Demarcador foi descrita por dois de seus integrantes, o capitão Jacinto Rodrigues Cunha⁶ e por Blasco.

2. BRIGADEIRO FRANCISCO JOÃO RÓSCIO (1733-1805)

Projeção histórica

Descendente de italianos napolitanos⁷ nasceu cerca de 1733, na Ilha da Madeira.

Ligou-se intimamente à História do Rio Grande do Sul durante cerca de trinta anos (1774 a 1805).

Em seu primeiro contato com a terra gaúcha, em 1774-75, como engenheiro encarregado de dirigir a execução de obras militares para apoio ao deslocamento do Exército do Sul do general Henrique Bohn, deixou-nos valiosa fonte primária de História intitulada: Compêndio Noticioso do Continente do Rio Grande de São Pedro até o Distrito do Governo de Santa Catarina.⁸

Róscio foi um dos comissários da demarcação do Tratado de Santo Ildefonso no Rio Grande do Sul, de 1782 a 1801.

Nestas funções percorreu continuamente o Rio Grande do Sul de 1884 a 1888.

Na Guerra de 1801, da qual resultou expressivo acréscimo territorial do Rio Grande do Sul, sua atividade como Governador e Comandante Militar foi decisiva, ao assumir o comando da guerra em fase crítica, por morte, em Rio Grande, do General Sebastião Xavier Veiga Cabral da Câmara, que governara o Rio Grande de 1780 a 1801.

Nessa ocasião, segundo Arthur Alfredo de Motta Alves⁹, Róscio assegurou a posse de um grande território conquistado, restabeleceu a tranqüilidade dos gaúchos e conteve

na fronteira do Rio Grande um forte Exército de Espanha.

Róscio foi o primeiro descendente de italianos a governar os destinos do Rio Grande do Sul, na paz e na guerra.

Tem sido esquecido pelos homens e pela história, motivo pelo qual procuramos, com grande prazer cívico, restabelecer sua memória e mostrar aos rio-grandenses e principalmente aos ítalo-brasileiros a imensa projeção geográfica, política, cultural e militar de sua obra.

Autor de fontes primárias de História do Rio Grande do Sul

Róscio produziu diversos documentos, principalmente cartográficos, na atualidade valiosas fontes primárias da História do Rio Grande do Sul.

(—) Mapas particulares extraídos da Carta da Capital do Rio Grande de São Pedro e suas Circunvizinhanças, até o Rio da Prata, Rio de Janeiro — 1774.

(—) Plano Corográfico Individual do Rio Grande de São Pedro (no qual se mostram as linhas de divisão estabelecidas nos anos de 1784, 1785 e 1786).

(—) Compêndio Noticioso do Continente do Rio Grande de São Pedro.¹⁰

Um atestado honroso

Em 1º de março de 1769, o Marquês de Lavradio, ao atestar os serviços prestados pelo capitão Francisco João Róscio, referiu:

— Que em 1776, quando assumiu o Vice-Reinado do Brasil, veio encontrar Róscio encarregado da inspeção das diferentes obras pertencentes ao Rei de Portugal — Hospital Real, Tribunal da Junta e Arquivo e Contadoria.

— Que seu antecessor dissera-lhe que dera a Róscio aquela missão “por conhecer a sua atividade, verdade e limpeza de mãos; e que só por aquele modo poderia evitar grandíssimos roubos à Real Fazenda”.¹¹

— Que em dezembro de 1773, mandara Róscio a Santa Catarina “para fazer aprontar pontes e todos os meios de poderem passar Tropas, com que eu, naquela ocasião, socorri o Rio Grande, assim como: Tropa de Infantaria como a de Cavalaria, o que tudo fez e executou com o maior acerto e prontidão.

E nessa mesma ocasião o fez passar ao Continente do Rio Grande para nele fazer todas as obras de defesa que fossem possíveis; assim como todas as observações que pudesse, o que tudo executou com a maior exaço.”TM

Nesta ocasião foi que Róscio colheu “todas as observações que pudesse” para seu célebre Compêndio Noticioso do Rio Grande de São Pedro, que acabou de escrever em Lisboa, de junho de 1779 a março de 1782, até retornar ao Rio Grande, em definitivo, como Comissário da Demarcação do Tratado de Santo Ildefonso, função para que foi nomeado por Carta Patente de 12 de fevereiro de 1781.¹³

COMPÊNDIO NOTICIOSO DO CONTINENTE DE SÃO PEDRO

Desse valioso documento retiramos algumas observações interessantes anotadas por Róscio, segundo Guilhermino César, “obra fundamental para o conhecimento, tanto da geografia rio-grandense, como dos hábitos, dos meios de transporte e da economia regionais”.¹⁴

Pinhões e pinheiros de Vacaria

“Todas estas três partes do terreno que abrange o Rio Grande de São Pedro são limpas de matos nas alturas e planícies secas; e os rios e vales úmidos, como também as encostas das montanhas são bordadas de matos e madeiras, como já disse, e esta terceira parte, ou Campos de Vacaria, abundam, em grande parte, os pinheiros de admirável grossura, como também em toda a Cordilheira Geral.

Os seus pinhões são saborosos e grandes como castanhas ou bolotas. Servem a muitos da pobre gente em lugar de pão.

As raízes desses pinheiros e os seus centros reversos abundam em tanta resina, e tão forte, e faz um tal liga com as fibras da mesma madeira, que em se fazendo alguma obra torneada desta parte do pinheiro, fica toda a obra transparente e muito semelhante à tartaruga, mas com uma cor alaranjada.”

A alimentação e habitação do gaúcho

“O modo com que esta gente e povoadores costumam viver e habitar estas terras é bastante rústico e agreste.

As casas são umas cabanas, sem cômodos nem agasalho.

Em muitas delas serve de porta um couro cru de boi, pendurado como cortina.

Os mantimentos de que geralmente se servem são a carne de vacas e o leite, sem exceção de quaresma ou dia de jejum.

O seu tráfico é com bois e cavalos, de que tiram os maiores interesses, tanto para os particulares como para os direitos reais, porque pagam o quinto destes animais e couros.

Descrição de uma carreta usada em 1774

“O transporte por terra se faz em carretas à castelhana, que são uns volumes grande extensão em marcha. As suas rodas, o menos que tem são 9 palmos de diâmetro, feitas de raios toscamente cortados ao machado. Os seus cubos são uns troncos de árvore, cortados em três palmos de comprimento e dois e meio de grosso ou de diâmetro.

Não são forradas nem cavilhadas, mas só apertadas à força de massa.

Os eixos são uns braços de madeira toscos e delgados à proporção da máquina; e porisso se destroem com facilidade, ou quebrando ou tomando fogo com a fricção.

É preciso levar algum de sobressalente, ou ir cortando onde se encontrem, para suprimento.

Os leitos das carretas têm quinze e dezesseis palmos de comprimento, afora a lança; e de largura, seis ou sete palmos; são acompanhados, pelos lados, com umas paredes altas de palha, com teto circular coberto de couros crus de vaca, de forma que fica uma cabana ou casa móvel.

As testas são cobertas com couros pendurados.

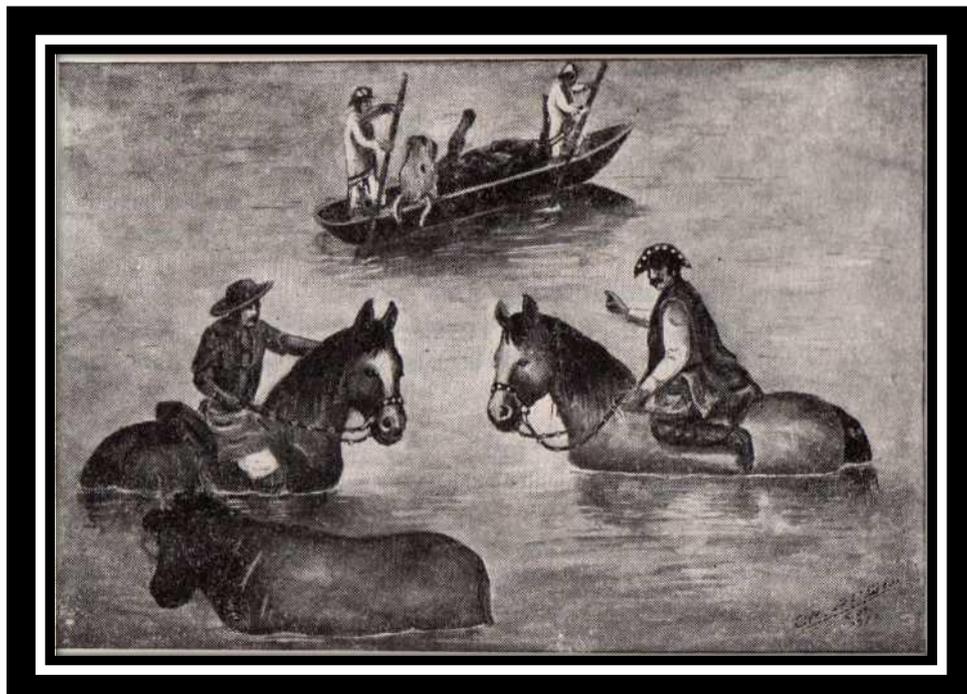
A lotação de peso que costuma carregar cada uma destas carretas de molhado, são quatro pipas que se transportam em barris grandes, que possam acomodar-se e descarregar-se nas passagens dos rios e consertos do eixo, o qual não tem preso nem chaveiro no leito da carreta, e se segura ao seu engradamento com correias de couro em grande quantidade, e muitas voltas e laçadas; cujas correias chamam guascas.

São cortadas em forma circular, e, por isso, de um couro inteiro se tira uma só e longa correia, ou guasca, cortada das extremidades sempre à roda, a acabar no centro em um ponto; e de seco são cento e vinte e cinco arrobas, mas contando as taras, provimentos para a jornada, camas, caixas de carpintaria que trazem para as precisões, outras miudezas e gente de transporte que também carregam; chegam muitas vezes a levar mais de trezentas arrobas, o que concorre para uma morosa jornada.

Em caminho plano e duro são levadas por seis juntas de bois, tanto cheias como vazias, mas em qualquer pequena rampa, ainda que seja doce, que encontrem, ou em areia branda, são precisas dez e doze juntas, e muita fadiga e trabalho para se vencer, não obstante serem bois muito fortes e vigorosos.”

Este processo perdurou por longos anos no Rio Grande do Sul.

Em 1827 Seveloh, em suas Reminiscências, descreveu um comboio militar de carretas no qual o tipo de eixo era o mesmo.¹⁵



26 - Trajes civis e arreiaamentos usados no Rio Grande do Sul há 220 anos atrás e outros detalhes interessantes fixados por Miguel Ângelo Blasco numa de suas cartas panorâmicas. Os trajes se assemelham aos usados pelos vaqueiros nordestinos (vide texto). (Fonte: CDEX - cópia ampliada do original por Gilka Silva, com orientação do autor.)

Onças no litoral gaúcho em 1774

“Cada carreta com seus bois ocupa mais de cem palmos de estrada.

Nenhuma marcha com menos de trinta ou quarenta bois, porque os que trabalham em um dia não ficam capazes de trabalhar no seguinte, e é preciso reservar, como também descontar alguns que arreentam no trabalho, outros que se matam para carnear e alguns que alguma vez carregam as onças, ainda apesar de todas as vigilâncias.

Na lança da carreta anda pendurado um pau ou descanso para consolação e alívio dos bois do couce, que sem esse descanso ou suporte seria impraticável suportar qualquer inclinação de tão grande peso.

As marchas se fazem das nove horas da manhã até às três ou quatro da tarde, a grande trote ou largo passo, até se encontrar sítio de pasto para os animais e onde se cuida de todos os indivíduos o resto do dia.

Os peões e carreiros fazem sentinela aos animais de noite, cercando-os com fogos para afugentar as onças, até que de manhã os ajuntam e lançam ao pé das carretas, para os forçarem ao jugo; porque estes bois ou são brabos ou com fraca diferença”.

Travessia do Tramandaí por uma carreta

Róscio informa que no rio Tramandaí havia uma guarda encarregada de fiscalizar se os gêneros saídos do Rio Grande pagavam impostos.

Ali, pagava-se, na saída do Rio Grande, o imposto de passagem no rio Tramandaí, Mampituba e Araranguá.

Uma carreta pagava 4.800 réis e uma pessoa 120 réis por passagem.

“Chegadas as carretas às bocaduras destes rios se descarregam e depois de vazias se deitam a nadar com duas juntas de bois, forçados a carregá-las até a outra margem por um bom nadador, que vai na mesma carreta.

O resto dos animais também os violentam a passar nadando; e como esta passagem se faz nas bocaduras dos rios, principalmente o Araranguá e o Mampituba, e a água corre com violência, chegam algumas vezes a enfraquecer os animais e deixar-se levar pela correnteza, sem que toda a vigilância o possa impedir, e se vão perder no Mar.

Todos estes rios são largos e fundos, e tem de tronco e bocadura mais de cem braças de largura.

No tempo de chuvas não costumam andar carretas, que os rios alargam muito mais

e aumenta consideravelmente o perigo.”

Foi pela barra desse mesmo Tramandaí que Garibaldi e mais seis italianos ajudariam a lançar no oceano os lanchões “Seival” e “Farroupilha”, para realizarem a mais épica façanha dos revolucionários farroupilhas.

Processo de criação de gado em 1774

“O modo de criação de bois e cavalos também é tal qual o permite a natureza.

Deixam-se crescer e ter produção nos campos, sem mais cuidado que o de os perseguir todas as tardes a longo galope, até os juntarem no meio de um grande campo, limpo de matos, onde costumam ter uma estaca ou pau verticalmente, que serve de ponto de vista e termo fixo, à roda do qual dormem os animais perseguidos da batida do campo.

A este lugar chamam rodeio.

Servem-se também de alguns cercados ou grandes currais diante de suas portas, onde recolhem de noite algumas vacas de leite, aquelas pessoas que têm curiosidade de fazer o queijo e a manteiga.

No tempo conveniente ao transporte, matam todos aqueles bois que podem ter couros de valor de 12 até 16 tostões, que é a sua maior renda e colheita; e a carne que não podem comer deixam no campo às aves de rapina, de que abundam aqueles terrenos.”

O trigo em 1774

“Semeia-se algum trigo, pouco, em uns cercados ou grandes hortas, que formam com madeiras que tiram dos matos, sem ordem nem escolha; porque nenhum entende que pretende firme estabelecimento na Província, que julgam será com facilidade invadida pelos Castelhanos.

O trigo valia 640 réis o alqueire, que é uma medida dobrada ou um pouco mais de dobrada da de Portugal.

O cuidado que costumam ter dos pastos, que abundam em grandes ervagens, é porem-lhe o fogo na estação mais calma e ardente, para produzirem novas ervas quando lhe chova; e também para terem o campo limpo de embaraços para as suas passagens e batidas.

Os tigres ou onças, que vivem sempre emboscados por aptidão e natureza, também fogem de atravessar estes campos limpos, tanto de noite como de dia; e esta é a mais forte razão de juntarem os gados em lugar retirado de bosques e arvoredos”.¹⁶

Fundador de Santa Maria?

Pesquisas anteriores haviam consagrado Róscio como fundador de Santa Maria, como coronel que chefiava a 2ª Subdivisão Demarcadora de Limites, ao estabelecer acampamento militar do qual se originou Santa Maria. Em 1962, o historiador Luiz Prates Carrion, em profunda e bem analisada pesquisa, provou o contrário em artigo, História de Santa Maria, publicado no nº 1 da Revista do Instituto Histórico Geográfico de Santa Maria de 1962, pp. 31-40.

J. Belém, em sua *História do Município de Santa Maria*, nos fornece detalhes sobre esse acampamento militar.¹⁷

Santa Maria durante quatro anos serviu de pólo de fixação populacional, e o que é mais importante, de base de partida para a conquista do Sete Povos das Missões, em 1801.

Acreditávamos que Róscio tinha desempenhado importante papel no preparo e orientação do célebre grupo de quarenta e dois homens que, sob a liderança de Borges do Canto, Gabriel Ribeiro, Antônio de Almeida Lara e Antônio Santos, conquistaram Sete Povos das Missões em 1801.¹⁸

Foi em Santa Maria que se preparou a conquista dos Sete Povos. Comandava o contingente militar que aí apoiava a Subdivisão o capitão de cavalaria Francisco Barreto Pereira Pinto.

Dito contingente era formado por trinta e três militares, dezesseis dos dragões do

Rio Pardo e dezessete do Corpo de Cavalaria Ligeira da Fronteira do Rio Grande.¹⁹

“Andava nesta mesma diligência um tenente da Capitania de São Paulo, chamado Antônio de Almeida Lara, que por seus negócios vivia nessa Capitania: este tinha consigo doze homens e se incorporou ao dito Canto; e saindo ambos para a Fronteira, chegaram à guarda denominada S. Martinho, onde eu (Gabriel Ribeiro) estava destacado de baixo das ordens do Alferes André Ferreira, que ali comandava, sujeito ao Capitão Francisco Barreto da Fonseca Pereira Pinto, comandante militar daquele distrito, o qual tinha o seu quartel distante duas léguas dali e respondia por ele ao tenente-coronel Câmara” (Patrício).²⁰

O quartel do capitão Pereira Pinto não era outro que não a atual cidade de Santa Maria, onde, em 16 de setembro de 1801, foi padrinho do último batizado ali realizado, antes que o acampamento da Subdivisão fosse levantado.²¹

Acreditamos que muitos integrantes do contingente que apoiava os trabalhos da Subdivisão de Demarcação tenham participado da conquista das Missões.

A escolha de Santa Maria para acampamento da Subdivisão de 1797 a 1861 não foi casual, mas atendeu a implicações operacionais militares.

Serviu para disfarçar uma base de partida para operações militares futuras nas Missões e, também, para vigiar e impedir que o mesmo se verificasse em sentido inverso, a partir da base espanhola de São Martinho. É um estudo que está a exigir uma revisão. Róscio, segundo prova Prates Carrion, encontrava-se nas Missões por ocasião do estabelecimento do acampamento militar origem de Santa Maria.

Atuação na guerra de 1801

Em 5 de novembro de 1801 morreu, em Rio Grande, o Governador e Comandante Militar do Continente de Rio Grande de São Pedro, tenente-general Sebastião Xavier Veiga Cabral da Câmara, que governara o Rio Grande de 1780 a 1801.

Foi sepultado na igreja matriz de Rio Grande. Seu falecimento ocorreu em plena guerra de 1801 a qual vinha conduzindo bem de seu leito de morte, na vila de Rio Grande.

Seu substituto interino nessa difícil quadra da vida rio-grandense foi Róscio.

Em 25 de novembro de 1801 “A esta vila de São Pedro (Rio Grande) chegou de Porto Alegre o Sr. brigadeiro Francisco João Róscio, governador interino deste Continente, por falecimento do Exmo. Sr. tenente-general. Foi recebido de todo o povo com a maior alegria, arrumamento de tropas e salvas de artilharia. Confiaram todos no mesmo senhor as boas disposições e providências na fronteira, contra o inimigo que muito nos ameaçava, e se achar o nosso acampamento desamparado do maior número de tropa miliciana que se tinha retirado às suas casas pelas notícias que já haviam da paz. O mesmo Sr. brigadeiro deu (tomou) todas as providências necessárias a fim de se incorporarem todas as tropas naquele local do Jaguarão, a rebater as forças inimigas por se encaminharem as margens do mesmo rio”.²²

Nesta ocasião os espanhóis, ao comando de Marquês de Sobremonte, partiam de Cerro Largo (atual Mello) para invadir o Rio Grande do Sul.

Róscio determinou que as tropas de todo o Rio Grande se concentrassem no passo N. S. da Conceição de Jaguarão, o que de fato verificou-se. Isto desestimulou qualquer tentativa inimiga de invasão.

Róscio conduziu a guerra durante os 22 últimos dias.

Róscio foi 14º governador do então Rio Grande de São Pedro, de 6 de novembro de 1801, dia seguinte do falecimento de Veiga Cabral, até 30 de janeiro de 1803.

Governou o Rio Grande durante cerca de 15 meses e não como consta na História Administrativa ... do Rio Grande do Sul.

O brigadeiro ítalo-lusitano Róscio, após tão relevantes mas olvidados serviços prestados ao Rio Grande do Sul, faleceu repentinamente em Porto Alegre, na manhã de 10 de outubro de 1805, com cerca de 72 anos de idade.

Era casado, em Lisboa, com Cipriana Antônia Pimenta de Bulhões, com a qual viveu de 1779-81, e de cujo consórcio nasceu Maria da Piedade Bulhões Róscio.²³

Acreditamos que Róscio tenha alguma participação no estabelecimento da Real Feitoria do Linho Cânhamo do Rincão do Canguçu (1783-1789) pois veio de Portugal com a atribuição de promover esta cultura.

3. CAPITÃO GIUSEPPE GARIBÁLDI

Dentre os italianos ligados à História Militar do Rio Grande do Sul, destacou-se Garibáldi, definido pelo grande escritor Vitor Hugo como o “Homem de ação de seu século”, por sua aventureira vida nas Américas, África e Europa, até ver triunfar, sob sua liderança pessoal, o seu ideal de reunificação da Itália.

Sua atuação no Rio Grande do Sul foi destacada, em prol dos ideais farroupilhas, mas por vezes exagerada, ao ponto de ofuscar a participação comovente de seus companheiros de aventura que tomaram no Rio Grande do Sul como Rosseti, Carníglia, e o norte-americano John Griggs.

Garibáldi, em suas Memórias, exaltou o valor da Cavalaria Rio-Grandense, em cujas fileiras aprendeu a desprezar o perigo.

De sua passagem pelo Rio Grande do Sul levou como lembrança seu filho Menotti, nascido em Mostardas, e mais tarde destacado general na Europa.

Carbonário de codinome Borel

Nasceu Giuseppe em Nizza, Itália, em 14 de julho de 1807, segundo filho do casal Domenico e Rosa Garibáldi. Cedo iniciou no mar.

Revelou grande espírito aventureiro, ao ser preso com outros meninos, já na altura de Mônaco, em expedição marítima realizada à revelia dos pais.

Aos 15 anos, marinheiro, e sua primeira viagem, San Remo-Odessa.

Ao passar em Roma, tomou conhecimento da realidade. Uma Itália dividida e dominada pelos austríacos. Passou a viver os problemas de sua pátria através de intensa leitura.

Em 1830, aderiu à sociedade secreta “A jovem Itália”, de Mazzini, cujo programa era a Unidade e República italianas. Divisa, “Deus e Povo, Pensamento e Ação”.

Ao ser apresentado a Mazzini, tornou-se carbonário, com o nome código Borel.

Fracassando a revolução de Mazzini, fugiu e atingiu Marselha, onde leu sua condenação à morte.

Por algum tempo, prestou serviços ao Bey de Tunis, após retornou a Marselha e decidiu embarcar para o Brasil, o que fez a bordo do “Nautonnier”.

Corsário a serviço dos farroupilhas

Ao transpor a barra do Rio de Janeiro ficou deslumbrado com a beleza natural do Rio, lamentando não ser poeta para descrevê-la como merecia tamanho espetáculo.

Após sua chegada, entrou em contato com outros carbonários, Rosseti, Carníglia, Cuneo, Torrizano e Castelini, quando resolveu comprar um barco que batizou de “Mazzini”.

No Rio, quando em atividades comerciais, tomou conhecimento de estar preso na Fortaleza de Santa Cruz, o carbonário Conde Tito Livio Zambecari, aprisionado junto com Bento Gonçalves, na derrota que este sofrerá na Ilha do Fanfa.

Como consequência da visita a Tito Livio, aderiu à Revolução Farroupilha, armando secretamente a “Mazzini” para realizar o corso no sul, junto com seus 12 companheiros.

Após transpor a Fortaleza de Santa Cruz e ter acenado para Tito Livio, mudou o nome do barco para “Farroupilha”. Nele hasteou pela primeira vez, no mar, o pavilhão tricolor da República Rio-Grandense.

Em Maldonado, no Uruguai, o barco quase soçobrou, em virtude do mau funcionamento de sua bússola, afetada pelo metal de fuzis colocados próximo.

Na Barraca San Gregório, o “Farroupilha” foi surpreendido por um barco uruguaio hostil, sendo Garibáldi gravemente ferido, entre o pescoço e a carótida, por um tiro. Foi salvo por Carníglia.

Fugindo, o “Farroupilha” remontou o Paraná, sendo acolhido por Echague,

governador de Entre Rios. O substituto deste, ao conhecer a tentativa de fuga de Garibáldi, o submeteu a chibatadas pelo corpo e rosto, complementadas por torturas de toda a ordem, até libertá-lo em Gualeguai.

A grande aventura com o «Seival» e o «Farroupilha»

Malgrado o curso no mar, Garibáldi seguiu para Piratini, a capital farrapa. Depois, através do distrito de Canguçu, berço de Teixeira Nunes, seu futuro companheiro na República Juliana, atingiu o estaleiro farroupilha da margem sul da barra do rio Camaquã.

Neste local, concluiu os barcos “Independência” e “Rio Pardo” iniciados pelo norte-americano John Griggs. Após, fez o curso na Lagoa dos Patos, enamorou-se da pelotense Manoela, sobrinha de Bento Gonçalves e concluiu os lanchões “Farroupilha II” e o legendário “Seival”. Réplica deste foi mandada construir e introduzir no Parque Histórico Marechal Osório, no Rio Grande do Sul, pelo próprio Presidente da República General Ex. Emílio Garrastazu Médici, em 1970.

A seguir, chefiando expedição épica, transpôs estes barcos da Lagoa dos Patos para o mar, através da barra do Tramandaí, após rebocá-los por terra, numa distância de quinze quilômetros, sobre enormes carretas especiais, tiradas, cada, por cerca de cinquenta bois.

A caminho de Laguna (SC), naufragou o “Farroupilha II”, e Garibáldi salvou-se por milagre. Perdeu dois dos amigos de infância, Camíglia e Matru, dois que haviam salvado sua vida, Carníglia em São Gregório e o preto Procópio no estaleiro de Camaquã, ao ferir o chefe adversário que comandou o ataque ao estaleiro, o temível e competente Barão de Jacuí (Chico Pedro ou Moringue).

Em Laguna, Garibáldi aumentou sua esquadilha com mais cinco barcos além do “Seival”. Conheceu o grande amor de sua vida, a heroína Anita de Jesus, que o acompanharia em toda a sua sofrida odisséia, até tombar morta na Itália.

Depois de limitados sucessos, Garibáldi foi batido por completo na Batalha Naval de Laguna, sendo aprisionado intacto o “Seival”.

Aventuras como infante em Santa Catarina

Derrotado no mar, Garibáldi, integrando tropas do Coronel Teixeira Nunes, rumou para o planalto catarinense em companhia de Anita e Rosseti. Acreditamos tenha passado nessa ocasião período dos mais difíceis, críticos e sofridos de toda a sua aventureira vida.

Pois, combateu a pé, em terreno difícilíssimo e em combates disputadíssimos, como o corpo a corpo a adaga dentro de um mangueirão em Santa Vitória, no rio Pelotas.

Não bastasse isso, derrotado no combate de Marombas, perdeu-se de Anita, feita prisioneira e que, após fugir espetacularmente o encontraria em Vacaria. Depois, com grandes sacrifícios, atingiram Setembrina, atual Viamão.

Retirada desastrosa

Próximo a Mostardas, onde nasceu seu filho Menotti, Garibáldi dirigiu a construção de barcos para atravessar São Lourenço do Sul e cavalhadas de Canguçu, para a derradeira tentativa de conquista da barra do Rio Grande.

O ataque a S. José do Norte, de que participou, malogrou em razão do General Bento Gonçalves ter abdicado da possibilidade de vitória, ao custo de incêndio da praça e de vidas inocentes.

Tendo os imperiais obrigado os farroupilhas a levantar o débil cerco de Porto Alegre, Garibáldi, juntamente com Anita e seu filho de três meses, participaram do que se chamou de “Retirada Desastrosa”, através da mata bruta das encostas do planalto rio-grandense.

Nesta marcha infernal, “na antecâmara do inferno”, em busca de um combate decisivo com o General Labatut, em deslocamentos a pé, dia e noite sem cessar, padecendo frio, fome, chuvas, atravessando rios transbordantes e alimentando-se de cavalos, muitos dos expedicionários não tiveram nem mesmo a ventura, após mil e uma

peripécias e sofrimentos indescritíveis, de atingir com vida São Gabriel, por terem perecido ao longo do caminho.

Poderão ajuizar dos sacrifícios que padeceram estes retirantes, os que conhecem a hostilidade das matas e do relevo do planalto rio-grandense, ainda mais no inverno.

Garibaldi leva um filho gaúcho

Em São Gabriel, Garibaldi deixou a revolução. Penetrou no Uruguai, tropeando novecentas cabeças de gado, paga de seus quatro anos de serviços prestados aos farroupilhas.

A seu lado e a cavalo, duas grandes lembranças do Brasil: sua heróica Anita levando no colo seu filho Menotti.

No Uruguai foi professor de Matemática, teve mais três filhos, regularizou a união com Anita e conheceu frequentes momentos de extrema miséria, função de seu idealismo.

Comandou a esquadra uruguaia contra a numerosa esquadra de Rosas ao comando de Brown, sendo completamente batido.

Comandou uma divisão de Voluntários Italianos, em Montevidéu.

Após quatorze anos na América, retornou à Itália, onde foi recebido como herói.

Na Itália combateu, venceu, perdeu Anita, malogrou e mais uma vez o exílio: Gibraltar, África, Estados Unidos, América Central e Peru. Não esmoreceu. De novo na Itália, sob o calor de seu poncho-pala inspirador, do qual, à maneira de Osório, o lanceiro legendário, jamais se afastou em campanha.

Garibaldi foi a encarnação do guerreiro que entende que a guerra é feita de muitas batalhas, e o importante é ser constante e vencer a última. Ele conheceu, ainda vivo, a glória em alto grau, após levar a vida real mais romanesca, sendo por isto considerado o “Homem de ação de seu século”, (ao lado de Victor Hugo considerado o verbo), e o “herói de dois mundos”.

Gozou da admiração de pessoas ilustres, como George Sand e Alexandre Dumas, o qual lhe redigiu as “Memórias”; Abraham Lincoln, que lhe ofereceu o posto de general em seu Exército e Victor Hugo, que lhe reservou quarto em sua moradia.²⁴

Garibaldi elogiou a Cavalaria Gaúcha

Em suas *Memórias*, Garibaldi assim referiu à Cavalaria Rio-Grandense, onde teve sua escola como soldado de terra.

“Eu vi batalhas mais disputadas, mas nunca e em nenhuma parte, homens mais valentes, nem lanceiros mais brilhantes, dos que os da Cavalaria Rio-Grandense, em cujas fileiras comecei a desprezar o perigo e a combater pela causa sagrada das gentes.”

4. CONDE TITO LÍVIO DE ZAMBECCARI (1802-1862)

Italiano, ligado intimamente ao preparo e eclosão da Revolução Farroupilha, prestou grandes serviços à causa até ser aprisionado com Bento Gonçalves na ilha do Fanfa, para nunca mais voltar ao Rio Grande. Quando foi preso era secretário militar de Bento Gonçalves.

Sua atuação na Revolução tem sido aumentada pela fantasia e pela tradição oral — “quem conta um conto... aumenta um ponto”.

Foram-lhe atribuídos, pela tradição ou amadorismo em História, papéis que não teve, como os de “diretor mental da Revolução Farroupilha”, “Chefe do Estado-Maior das Forças Revolucionárias” e autor dos símbolos da República Rio-Grandense.²⁵

Sua contribuição foi cara aos gaúchos, mas não tão grande como se supunha, ao separar-se, com bases em fontes primárias de nossa História, a realidade da fantasia.

Segundo o General Souza Docca, Zambeccari nasceu em Bolonha, em 3 de junho de 1802 e aí faleceu, aos 2 de dezembro de 1862.

Zambeccari vendo-se perseguido pela polícia em sua pátria, por ser carbonário, emigrou para a Espanha, em 1823.

Daí passou à Inglaterra e depois para a França.

Em 1826 veio para a América do Sul, com destino a Montevidéu. Ali tomou parte na luta contra o Brasil (Guerra Cisplatina — 1825 a 1828).

Passou a Buenos Aires em fins de 1826 e lá permaneceu até meados de 1829, ano em que esteve ligeiramente no Rio Grande do Sul.

Em 1831, voltou novamente ao Rio Grande e ocupou-se em medições de terra. Retornou à Argentina e dali voltou ao Rio Grande, em fins de 1833, passando a colaborar na imprensa farroupilha, especialmente no Republicano, de que foi um dos redatores. Esse jornal circulou em 1834.

Voltou mais uma vez a Buenos Aires, e dali retornou ao Rio Grande do Sul, em companhia de Modesto Franco, no segundo semestre de 1835.

Prisão na ilha do Fanfa

“Tomou parte, ao lado de Bento Gonçalves, nos movimentos que se seguiram ao de 20 de setembro, até ser preso na ilha do Fanfa, em 4 de outubro de 1836, e daí remetido para uma fortaleza no Rio de Janeiro, onde permaneceu até 2 de dezembro de 1839, quando foi contemplado nas anistias concedidas pelo governo imperial, nesse dia, como ação de graças pela passagem do aniversário natalício do Imperador.

Zambeccari depois de sua prisão nunca mais se correspondeu com os farroupilhas.

Na prisão, organizou um mapa geográfico do Rio Grande do Sul, que a mania pelo exotismo classificou como um dos melhores que temos possuído, quando, na realidade, é um trabalho medíocre, muito inferior aos que já possuíamos então, da autoria de Chagas Santos e Pedro César”.²⁶

A verdade histórica

“Tem-se dado à atuação de Zambeccari na Revolução Farroupilha uma significação que ela não teve.

Asseverou um historiador e tem sido repetido que o conde italiano “pode ser considerado como o verdadeiro e real diretor mental” da República Rio-Grandense.

Todas as ocorrências que se ligam ao preparo do movimento que explodiu a 20 de setembro de 1835, e as que se desenrolaram posteriormente, até mesmo a proclamação da República no Seival, à revelia de Bento Gonçalves e sem o conhecimento, ao menos, de Zambeccari, anulam aquela absurda afirmativa.

O movimento republicano no Rio Grande do Sul, vinha de longe e se acentuou e deixou traços indelévels a partir de 1828, muito antes de Zambeccari pisar em nossa terra.

A ação doutrinária do conde bolonhês não teve também a importância que se lhe atribui. Ela foi valiosa, mas não foi a principal, nem a mais persistente.

Zambeccari, como ficou dito, vivia em contínuas viagens entre o Brasil e a Argentina, com estádios em ambos os países.

A sua carta, entretanto, considera o Rio Grande como uma simples Província do Império e há, ainda, quem dê curso à absurda invenção de que ele foi um dos sete fundadores da República Rio-Grandense em 1836.

Não pretendemos com esta exposição desmerecer os títulos de Zambeccari como farroupilha, visto que ele os teve e esses títulos muito o recomendam à nossa admiração — visamos unicamente restabelecer a verdade”.²⁶

A verdadeira explicação entre as sucessivas idas e vindas do Conde entre Porto Alegre e Buenos Aires, somente poderá ser explicada pela História da Maçonaria no Rio Grande do Sul, bem como o papel de muitos outros revolucionários farroupilhas ilustres que atuaram dentro do objetivo supremo daquela benemérita organização universal: Igualdade — Liberdade — Fraternidade, usada como divisa do jornal farroupilha O POVO.

Até que se escreva sobre a atuação da Maçonaria na Revolução Farroupilha, a verdadeira participação de muitos personagens e o entendimento de diversas ações permanecerão envoltos em mistério.

5. LUIGI ROSSETI

Foi companheiro no Brasil das aventuras de Garibáldi. Era carbonário companheiro

de Mazzini e foi o seu mais fiel discípulo durante a Revolução Farroupilha, ao difundir suas idéias através do jornal O POVO, editado em Piratini e Caçapava.

O italiano de «maior mérito»

Segundo Walter Spalding, “Luigi Rosseti foi de todos os italianos que batalharam pela Revolução Farroupilha o de maior mérito.

Ativo, culto, republicano convicto e jornalista, morreu como herói em renhido combate no Passo do Vigário, no cerco de Porto Alegre em 23 de novembro de 1840”.²⁷

Seu encontro com Garibaldi deu-se no Rio de Janeiro.

Diretor de O Povo

Foi o diretor de O POVO, jornal político, literário e ministerial da República Rio-Grandense.

De setembro de 1838 a fevereiro de 1839, em Piratini; de fevereiro de 1839 a maio de 1840, em Caçapava.

Durante este período afastou-se para participar da expedição a Santa Catarina dos lanchões “Seival” e “Farroupilha”, juntamente com Garibaldi, Matru, Carniglia Valerigni e outros patrícios.

Proclamada a República Juliana, foi nomeado seu secretário.

Depois de permanecer alguns meses mais a frente de O POVO, até este jornal encerrar suas atividades, foi para Setembrina (Viamão).

A importância de sua contribuição poderá ser aquilatada nos cento e sessenta números de O POVO, editado de 1º de setembro de 1838 até maio de 1840, dos quais quarenta e cinco em Piratini até 2 de fevereiro de 1839, e cento e quinze em Caçapava, a partir de 6 de maio de 1839.²⁸

Este jornal é a mais valiosa fonte primária da História da República Rio-Grandense, no período considerado, e ainda pouco explorada.

Sinal da presença de Rosseti e dos ideais da Jovem Itália de Mazzini é a sentença que ele fez estampar no jornal, a qual foi fiel até morrer, em combate pelos ideais republicanos dos rio-grandenses.

“O poder que dirige a revolução, tem que preparar os ânimos dos Cidadãos nos sentimentos de fraternidade, de modéstia, de igualdade e desinteressado e ardente amor à Pátria”;

Jovem Italia Volume V”

Projeção histórica de Rosseti

Rosseti foi o italiano que mais contribuiu na Revolução Farroupilha pelos importantes ideais de *Igualdade, Fraternidade, Firmeza e Doçura*, que implantou no coração dos rio-grandenses.

Rosseti tombou morto na ocasião em que Garibaldi e Canabarro suspendiam o cerco de Porto Alegre, pressionados pela retaguarda por forças de São Paulo, ao comando do general Labatut.

Seus restos mortais repousavam em Viamão, de onde desapareceram sem explicação.

Foi seu amigo Bernardo Pires, herói de Seiva²⁹ e com o qual trocava correspondência.

Sua vida e obra merecem ser melhor estudadas.

O povo rio-grandense está a dever-lhe uma grande homenagem como as que têm sido tributadas a Garibaldi.

6. EDUARDO MATRU

(O comandante do lanchão “Farroupilha”)

Foi companheiro de Garibaldi desde a Itália, e como ele, devotado de corpo e alma ao ressurgimento italiano e à libertação dos povos.

Garibaldi, ao receber a incumbência de dirigir a expedição à Laguna com dois

lanchões a serem construídos, mandou buscar Matru em Montevideu.

“Eduardo Matru, camarada de infância de Garibaldi, seu companheiro nas conspirações da Jovem Itália e cujo nome abria a lista dos condenados em consequência do malogrado movimento de Gênova que dera com ambos no exílio”.³⁰

Matru comandante do «Farroupilha (II)»

A Eduardo Matru coube o comando do lanchão “*Farroupilha*”, que, juntamente com o “Seival”, foi transportado da Lagoa dos Patos até o mar, através da barra do Tramandaí, depois de serem conduzidos por cerca de quinze quilômetros em duas carretas especiais, puxadas por cinquenta juntas de bois cada.

Após a parte mais difícil, Eduardo Matru morreu vítima do naufrágio do “Farroupilha”, próximo à foz do Araranguá, em virtude de violenta tempestade.

Neste barco viajava Garibaldi, comandante da Expedição, Carniglia Staderini e mais três italianos.

Garibaldi, após o naufrágio, agarrado a uma tábua, chama desesperadamente pelos amigos, “o primeiro que encontra é Matru, de mãos presas a uma enxárcia.

Impele-o a uma porta de estiva que flutuava nas imediações e brada-lhe que não a largue de nenhum modo.³¹

Mal Garibaldi havia posto os pés na praia, vê Matru já perto da terra, mas baldo completamente de forças.

As ondas lhe haviam arrebatado as tábuas salvadoras.

Garibaldi atira-se de novo ao mar, para socorrê-lo com o pedaço de madeira em que ele próprio conseguira salvar-se.

Já estava quase a alcançá-lo quando uma vaga os toma no seu vértice.

Submergem ambos. Tornando à superfície, Garibaldi chamou pelo amigo:

“Chamai disperadamente, ma invano”, declarou Garibaldi em suas Memórias.

“Io amavo Edoardo Matru com'um fratello”.³²

Matru imolou sua vida em holocausto à causa farroupilha.

Seu sepulcro foi o mar no litoral catarinense.

7. LUIGI CARNÍGLIA

Companheiro de aventuras de Garibaldi no Brasil desde o Rio de Janeiro.

Carniglia salvou a vida de Garibaldi após este ser ferido de morte, no combate naval no Rio da Prata, entre a “Farroupilha I” e um barco uruguaio.

Garibaldi lembrava Carniglia “figura alta, ágil, robusta, que surgia a cada passo”.

A bravura com que enfrentara o inimigo, exposto a balas, no convés da “Farroupilha” (I) e a segurança com que conduzira o lanchão, rio acima, até Gualiguai.

Não havia perigo que o contivesse.

Colui bastava per dieci, afirmou Garibaldi ao referir-se à bravura de seu amigo.

Sobre os cuidados que Carniglia teve para com ele, ao tratar de seu ferimento de bala de fuzil no rio da Prata, referiu:

“coll’assiduitá, la pazienza d’un angelo”.

Carniglia piloto da «Farroupilha» (II)

Carniglia participou da épica transposição dos lanchões “Seival” e “Farroupilha” da Lagoa dos Patos para o mar e, segundo Spalding, foi o “verdadeiro organizador” dessa grande aventura.³³ Coube-lhe o cargo de imediato da “Farroupilha” (II).

Ele é quem estava no leme quando o barco foi colhido por forte tempestade próximo à foz do Araranguá.

E sobre o naufrágio desse lanchão, assim nos descreveu a pena de Lindolfo Collor:

“Carniglia, que para proteger-se do frio, vestira um pesado casacão de **calmuck**, estava privado de movimentos.

Vê Garibaldi e lhe faz sinais*para que o acuda. Este, em rápidas braçadas consegue alcançá-lo; e lembrando de que tinha consigo uma faca de bolso, começa a seguros golpes a romper-lhe a vestimenta, quando um formidável

vagalhão, “um maroso com horrendo fracasso”, rebentou sobre os poucos palmos de popa que ainda se conservavam fora d’água e arrebatou o lanchão, com quantos homens permaneciam a bordo.

Quando Garibáldi, aturdido pelo golpe e sufocado pelas ondas, conseguiu voltar à tona, o infelizmente Carníglia, o amigo fraternal, o dedicado companheiro que lhe salvara a vida no Rio da Prata havia desaparecido para sempre”.³⁴

Foi mais um italiano a imolar sua vida pela causa farroupilha, sob a qual repousam as mais caras tradições do Rio Grande do Sul.

E sobre ele escreveu seu grande amigo Garibáldi:

“O Luigi! le tue ossa, spirse negli abissi dell’Oceano meritavano un monumento ove il proscritto riconoscerne potesse un giorno ricambiarti d’una lacrima sulla sacra terra italiana”.

Talvez esteja em tempo do povo gaúcho prestar uma homenagem a este bravo italiano a quem se atribui a concepção e organização da maior odisséia rio-grandense, a transposição dos lanchões “Seival” e “Farroupilha” (II), da Lagoa dos Patos para o Oceano Atlântico.

8. LOURENÇO VALERIGNI

Companheiro de aventuras de Garibáldi no Brasil.

Foi o imediato do lanchão “Seival”, na expedição a Santa Catarina.

Após a conquista de Laguna e o apresamento de diversos barcos que iriam constituir a Esquadilha de Garibáldi, tornou-se o comandante do legendário lanchão “Seival”, em razão de seu comandante, o norte-americano John Griggs, haver assumido o comando da “Caçapava”, desde o Rio Grande do Sul.

Valerigni participou no comando do “Seival”, de viagem de curso na direção de São Paulo, até perto de Santos.

Próximo à ilha de Santa Catarina dirigiu o “Seival” no combate com o brigue “Andorinha”.

Seu lanchão foi atingido por um tiro que lhe desmontou uma das peças, além, de seu casco começar a fazer água. Deste modo o conduziu (o Seival) a Laguna para reparos.

Na Batalha Naval de Laguna, de 15 de novembro de 1839, que pôs fim à Esquadilha Farroupilha, Valerigni conseguiu salvar o “Seival” e a tripulação, ao lançar o lanchão contra uns baixios.

9. CAPITÃO FELIPE ANZANI

Aristóteles Vaz e Silva, em seu excelente trabalho *São Gabriel na História*, refere-se a um personagem romanesco, o capitão Felipe Anzani, companheiro de Garibáldi, que livrou aquela localidade, de 1841 a 1843, das ameaças de índios que inquietavam os gabrielenses.³⁵

Pelo que se deduz, participou da célebre “*Retirada Desastrosa*”, de Porto Alegre até São Gabriel.

Acreditamos tenha deixado o Brasil juntamente com Garibáldi.

10. OUTROS COMPANHEIROS DE GARIBÁLDI

Segundo pesquisa que realizei, o número de italianos que compôs, no Rio de Janeiro, a tripulação da “Mazzini” e, mais tarde, do “Farroupilha” (I), contratada para fazer curso no mar pela República Rio-Grandense, era de doze homens, incluindo Garibáldi, Rosseti, Matru, Carníglia, Valerigni, Staderini, Cuneo, Pasquali Nodola e Francisco Anzani.

Faltariam somente dois para completar a tripulação.

Spalding, no entanto, relacionou outros nomes como participantes da Revolução Farroupilha tais como: Giovanni, Maurizio Garibáldi, Luigi Soderine, Castellini, Torrizan, Giovanni D., Lorenzo D., Natale e Rafaele, o que eleva a dezenove os italianos que

participaram da Revolução Farroupilha.³⁶

ATUALIDADE

Após cem anos do início da imigração italiana no Rio Grande do Sul, ilustres militares descendentes de imigrantes italianos daquele Estado, ocuparam recentemente, altos postos na administração nacional e do Rio Grande do Sul:

General Ex. Emílio Garrastazu Médici — Presidente da República de 1969 a 1974.

Coronel Inf. Mário David Andreatza — Ministro dos Transportes nos governos dos presidentes Arthur da Costa e Silva e Emílio Garrastazu Médici.

Coronel Com. Higinio Caetano Corsetti — Ministro das Comunicações no Governo do Presidente Médici.

Coronel Engenheiro Euclides Triches — Governador do Rio Grande do Sul.

Ao Governo Euclides Triches tribute-se a comemoração do Biênio da Imigração e Colonização 1974-75, iniciativa cultural sem precedentes no Brasil, de incentivo às letras históricas, através de premiação e edição de trabalhos selecionados nos diversos certames de letras que promoveu.

UMA TRADIÇÃO ITALIANA

A primeira carta do Rio Grande do Sul, com data de 1698, é atribuída por Jonathas do Rego Monteiro ao padre italiano Fr. Ciro Gioseppe de S. Tereza, em 1698, para a obra em italiano *Istória delle Guerre dei Regno dei Brasile*.

Nela, o Rio Grande do Sul atual é denominado Terra dos Patos.

Os únicos acidentes geográficos anotados sobre o mesmo, são os seguintes:

R. Taramandabu — Rio Tramandaí

R. S. Pedro — Barra da Lagoa dos Patos

R. Grande — Lagoa dos Patos

Em 1774-78, o então capitão João Francisco Róscio preparou um detalhado mapa do Rio Grande do Sul e creio que tenha elaborado outros no período 1884-88.

Acredito que o capitão Eloy Portelli tivesse alguma ascendência italiana. Caso a tenha, foi autor de importante mapa do Rio Grande do Sul em 1884-88.³⁷

Para completar, o conde italiano Tito Livio Zambeccari elaborou na prisão, no Rio de Janeiro, após ter sido aprisionado na ilha do Fanfa, um mapa geográfico do Rio Grande do Sul.³⁸

NOTAS AO TEXTO DO CAPÍTULO III

1 — BENTO, Cláudio. Síntese Histórica das Forças Terrestres Brasileiras na Área da 3ª RM (1639-1759). Revista Militar Brasileira, ns. 3 e 7, julho-dezembro 1973, pp. 61-68.

2 — idem, p. 67.

3 — idem, anexos 18, 19, 20, 21 e 22.

4 — Existem duas cópias no Centro de Documentação do Exército, QG do Exército — SMU — Brasília.

5 — idem nota 1, pp. 67, 73 e 76 e anexo 26.

6 — Diário da Expedição de Gomes Freire de Andrade às Missões do Uruguai. RIHGB, tomo 10, trim. 2, 1853.

7 — HISTÓRIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO. V. 1, p. 250 refere “e o coronel napolitano Francisco Róscio”.

8 — Publicado no RIHGRGS, III e IV trim., 1942.

9 — ALVES, Arthur Alfredo de Motta. Elementos para a biografia do Engenheiro Francisco João Róscio. RIHGRGS, ano XIX, IH trim., 1939, pp. 3-28 (Contendo 19 fontes primárias sobre Róscio, nos quais se baseia meu trabalho).

10 — CESAR, Primeiros Cronistas. . . p. 159.

11 — idem nota 9, p. 17.

12 — idem, p. 18.

13 — idem, p. 7.

14 — idem nota 10, p. 158.

15 — SEWELOH, Reminiscências... (já foi transcrito na primeira parte em sua

biografia).

16 — idem nota 10, pp. 156-166 (transcrições).

17 — BELÉM, História do Município de Santa Maria, pp. 13-24.

18 — idem nota 10. p. 197 (depoimento de Gabriel Ribeiro sobre a conquista das Missões).

19 — idem nota 17. pp. 23-28.

20 — idem nota 16, p. 197.

21 — Notícia dos Acontecimentos da presente Guerra nos Sete Povos das Missões. RIHGB.

22 — idem, nota 9, p. 410.

Capítulo IV

O NORTE-AMERICANO MÁRTIR FARROUPILHA

JOHN GRIGGS — «O COMANDANTE DO SEIVAL»

O nascimento, vida e glórias do lanchão farroupilha Seival estão ligados intimamente ao nome do norte-americano John Griggs, cuja participação no episódio farroupilha foi ofuscada posteriormente, em razão de sua morte precoce, pelos sucessos de Garibaldi fora do Brasil.

Impõe-se seja feita justiça ao homem que orientou e dirigiu a construção do Seival e o conduziu em seus momentos mais críticos e de maiores glórias.

Barra do Rio Grande, ponto estratégico chave

Eclodindo a Revolução Farroupilha (1835-1845), tendo como principais causas as de natureza econômica, resultante do arrocho fiscal do governo imperial — este incidia sobre o charque, primordial produto de exportação do Rio Grande —, esqueceram-se os líderes farroupilhas, após dominarem toda a campanha rio-grandense, de providenciar a manutenção a todo custo da barra do Rio Grande e de aprisionar, nas águas que dela dependem para ser alcançado o mar, todos os barcos imperiais, e com eles organizar a marinha revolucionária.

Os imperiais logo perceberam ser a barra do Rio Grande o ponto estratégico chave da Província e que a vitória estaria do lado de quem estivesse de sua posse.

Por esta razão, trataram de retomá-la e fortificá-la, pois, ao longo das águas que vinham ter àquele ponto, estendia-se o Rio Grande do Sul econômico e político de então. Aí residia a importância estratégica de Rio Grande.

A luta por um porto farroupilha

Desse momento em diante, constituiu permanente preocupação revolucionária a obtenção de um porto, através do qual pudessem comunicar-se com o exterior. Enquanto isto não fosse alcançado, interferir no comércio do Império, através de atividades corsárias, visando à consecução de recursos e principalmente o apresamento de barcos para organizar sua marinha.

Nesse sentido, a República Rio-Grandense procurou recrutar homens para a sua esquadra, e o fez à base de estrangeiros, de vez que o gaúcho rio-grandense, inexcedível soldado de Cavalaria, ainda não revelava inclinação para atividades marítimas.

Quem era John Griggs

O primeiro estrangeiro a ser contratado, demonstrando gabarito para funções de chefia, foi o norte-americano John Griggs, alcunhado de João Grande, num misto de carinho e irreverência gaúcha (Big John).

John Griggs foi incumbido, nas águas rasas da margem direita da foz do rio Camaquã, aproveitando instalações de antiga charqueada de propriedade de uma irmã de Bento Gonçalves, de organizar um estaleiro destinado à construção de dois barcos, o Rio Pardo e o Independência. Entregou-se à tarefa com todo o amor, dedicação e constância que lhe eram peculiares.

Sobre a origem de John Griggs e razões de sua adesão à causa revolucionária, pouco se sabe.

É possível, no entanto, tecer algumas considerações a respeito.

Sobre sua pessoa, corriam diversas versões bem ao sabor das rodas de chimarrão dos acampamentos revolucionários, rodas de galpões de estâncias e de pousadas de carreteiros, nas quais sempre procuravam exagerar sua personalidade.

Dentre as versões, existia a que o considerava padre irlandês que havia deixado as vestes sacerdotais por desregramentos morais e adotado a vida de marinheiro, na qual encontrara o arrependimento de suas faltas, tornando-se adepto da seita dos quakers.

Nessa qualidade, diziam outros, lhe era proibido usar armas de fogo e arma branca, utilizando como substitutivo um enorme cajado de madeira, que manejava com invulgar destreza, ao enfrentar em combate seus adversários, evitando sempre bater para matar. Quando isto acontecia, pronunciava solene estas palavras:

“Accipe adhuc illum, Domine, in misericordiam tuam” “Recebei-o, Senhor, em Vossa misericórdia”.

Griggs era jovem e dotado de índole excelente, coragem a toda prova e imensa constância, segundo Garibaldi em suas Memórias.

Griggs segundo Alexandre Dumas

A seu respeito, assim escreveu nas Memórias de Garibaldi Alexandre Dumas, o consagrado escritor de tantos romances que marcaram época no mundo:

“Pobre Griggs! Apenas disse duas palavras a seu respeito e, contudo, onde encontrarei um homem mais corajoso e com melhor caráter?”

Nascido de uma família rica, ofereceu seu ouro, sua inteligência, seu sangue e sua vida à nascente república (República Rio-Grandense ou do Piratini), dando a ela tudo quanto lhe havia oferecido.

Um dia chegou-lhe uma carta de um de seus parentes nos Estados Unidos da América, convidando-lhe para ir receber uma enorme herança, mas Griggs já havia recebido a mais bela herança que se pode dar a um homem de convicção e de fé: a coroa do martírio.

Filho de pais ricos nos EE.UU., tinha morrido pelo ideal republicano e defendendo um povo injustiçado, mas generoso e bom”.¹

Pela sua atuação posterior, revelou ser um homem de gabarito, de trato e com bons conhecimentos sobre construção e artilharia navais, sobre navegação e chefia, além de bastante vivência como marinheiro.

Seu alistamento na causa da República Rio-Grandense não foi como mercenário, pois até a sua morte nunca se comportou como tal.

Comandante do «Rio Pardo» na Lagoa dos Patos

Nas estâncias do Brejo e da Barra, pertencentes a Antônia e Ana, irmãs de Bento Gonçalves — Presidente da República Rio-Grandense —, cujas sedes se situavam próximo do estaleiro, foram tecidas as velas e trançados os cabos de couro destinados aos lanchões Rio Pardo e Independência, quase concluídos sob a direção de Griggs, quando da chegada de Garibaldi para assumir a direção dos trabalhos.

Lançados os barcos ao mar, coube a Griggs o comando do Rio Pardo, nome colocado em homenagem a uma grande vitória republicana na vila do mesmo nome.

A seguir, os dois barcos passaram a atuar como corsários na Lagoa dos Patos e fizeram sua primeira presa, a sumaca Mineira. Ela transportava um carregamento de 500 barricas de farinha de trigo, produto que foi dividido igualmente pelas vilas e municípios de Rio Pardo, Cachoeira, São Jerônimo, Camaquã e Piratini.

Comandante do «Seival» na Expedição a Laguna

Na expedição enviada a Santa Catarina para conquistar Laguna, Griggs, desde a saída da barra do Camaquã até a proclamação da República Juliana, em Laguna, escreveu páginas épicas no comando do lanchão Seival, que junto com o Farroupilha

havia sido construído para essa empresa.

Assim, após atravessar a Lagoa dos Patos, os dois barcos penetraram no rio Capivari, remontando-o até o ponto em que foram retirados d'água. Foram então rebocados sobre carretas com rodas especiais por meia centena de juntas de bois, até serem lançados n'água, em condições de penetrarem no Oceano Atlântico, através da barra do Tramandaí.

O transporte dos lanchões por terra foi imortalizado pelo pintor Lucílio de Albuquerque.

A travessia da barra do Tramandaí foi feita em meio a forte tempestade, em águas de pouca profundidade.

Por diversas vezes ficaram os barcos na iminência de naufragarem.

«A água, patos!»

Rumando para Laguna, Griggs perde-se de Garibaldi em meio à tempestade e foi penetrar na Lagoa Garoupaba pela barra de Camacho.

Dias após, reuniu-se com as forças terrestres do bravo Major Teixeira Nunes, grande lanceiro e comandante da vanguarda da expedição a Laguna por terra, e com Garibaldi e demais sobreviventes do Farroupilha, que naufragara, próximo à foz do rio Araranguá.

O Seival, servindo como meio de transporte dos cavalarianos de Teixeira Nunes, através do canal, veio a encalhar.

Na ameaça de sucumbir sob o fogo legalista, ao comando de A água, patos! proferido por Garibaldi, Griggs e a guarnição do Seival saltaram n'água e procuraram a pulso tirar o barco do encalhe. Esse exemplo foi seguido pelas tropas transportadas, do que resultou, após hercúleo esforço coordenado, colocarem o Seival a navegar.

Essa tática, Griggs e Garibaldi a haviam desenvolvido nas águas rasas da barra do Camaquã e adjacências.

O «Seival» entra em combate

Griggs, a seguir, experimentaria o Seival em combate, ao vencer no arroio Tubarão o navio legalista O Catarinense. Este, para não cair em poder do adversário, foi incendiado e teve perfurado o casco pelo seu bravo comandante, José de Jesus.

Após o combate, em que o próprio Griggs orientou o canhoneio e os disparos de metralha sobre O Catarinense, através de uma manobra feliz aprisionou o barco O Lagunense na foz do rio Tubarão.

Logo a seguir, cooperou no aprisionamento dos barcos Itaparica, Santana e mais 14 barcos mercantes cheios de carga, surtos em Laguna.

Destes, dois contribuíram para a formação da marinha da República Juliana, ao comando de Garibaldi, secundado por Griggs, já seu inseparável companheiro e amigo.

Griggs no comando do «Caçapava»

Griggs deixou o comando do já legendário Seival e assumiu o de um dos barcos mercantes aprisionados em Laguna, o qual, depois de armado, recebeu o nome de Caçapava, homenagem à nova capital da República Rio-Grandense.

No comando do Caçapava, na viagem corsária em direção a São Paulo, conhecida como “Lua de Mel de Anita e Garibaldi”, coube-lhe apresar o barco Formiga e enviar parte de seus homens para bordo do mesmo a fim de tomar conta da tripulação.

Em virtude de forte cerração, Griggs perdeu-se de Garibaldi e do barco capturado.

A tripulação deste aprisionou seus homens, salvos dias após por Garibaldi ao reaprisionar o Formiga.

A marinha imperial reforçou seus meios e decidiu forçar a barra da Laguna e pôr fim à força naval republicana lá abrigada.

Após um período de guerra de nervos, os republicanos fizeram os imperiais crer que a barra seria bloqueada por grossas correntes e artilhado morro próximo que a domina.

Tentar forçá-la nessas condições, com barcos de madeira, seria empresa difícilíssima. Ainda mais, levando em conta que se deveria desfilar próximo da fuzilaria dos infantess e

cavalarianos de Teixeira Nunes, dispostos em linha junto à entrada da barra.

Mas, mesmo assim, decidiram forçar a barra, cujas condições foram excepcionais no dia escolhido.

Apresentou uma profundidade de 14 palmos, ventos e correntes favoráveis.

Morte na Batalha de Laguna

Ao ficar constatada a inexistência de correntes barrando a entrada da Laguna, toda a esquadra imperial, composta de mais de 20 barcos, forçou a barra e teve início o esmagamento da força naval da efêmera República Juliana.

A bordo da Caçapava, Griggs e guarnição comportaram-se valentemente ante a diferença esmagadora das forças em presença.

Em suas Memórias, assim escreveria Garibáldi sobre o que viu no tombadilho da Caçapava durante a Batalha Naval de Laguna — 15 de novembro de 1839:

“Eu vi o corpo de meu amigo partido em dois, o tronco ereto sob o tombadilho da “Caçapava”, apoiado sobre a amurada, com o rosto ainda afogueado pelo calor do combate, como se ainda estivesse vivo.

Seus membros inferiores os encontrei espalhados próximos de seu tronco.

Um canhão, combinado com fuzilaria, disparado a curta distância, havia cortado ao meio o corpo do meu valoroso companheiro, no último combate de mar, em Laguna — Santa Catarina”, em 15 de novembro de 1839.

Este combate cortou, quem sabe, outra vida promissora como a de Garibaldi, destinada talvez à prática de outros cometimentos heróicos em prol do ideal republicano que o elevariam à condição de herói mundial.

Para evitar que o Caçapava caísse nas mãos dos imperiais, Garibaldi ateou-lhe fogo. Griggs, como bom marinheiro, teve sepultado seus restos mortais no fundo das águas do porto de Laguna.

Nas águas que testemunharam seus maiores e mais heróicos feitos guerreiros em defesa de seus ideais republicanos e do povo rio-grandense, cuja causa abraçou.

Lembrança do herói

Lembrança de sua participação na Revolução Farroupilha, existe no Museu de Laguna, Santa Catarina, um mastro do Seival, barco que ele ajudou a construir e no comando do qual escreveu páginas épicas, conforme descrevemos.

Segundo a tradição, durante sua permanência na barra do Camaquã, em cujas adjacências e junto à Lagoa dos Patos existe uma infinidade de banhados e lagoas onde abundam diversas espécies de pernaltas, entre estas a dos socós, Griggs foi batizado pela gauchada com a alcunha de João-Grande, como é conhecido popularmente o maior dos exemplares de socós, o Ardea Sacoi.

Sendo Griggs bastante alto, fleumático, fechado em si mesmo, apreciando momentos de solidão, e de pele avermelhada, o misto de carinho e irreverência do gaúcho associou sua figura àquele animal — o João-Grande —, cujas seguintes características facilitaram a ligação:

“cabeça preta, pescoço e peito branco” e o restante cinza, bico grande e pernas longas e avermelhadas.

É o solitário dos açudes, o grande pensador, de passos lentos, poderia dizê-lo fleumático. Anda comumente só e raramente aos pares, pertencendo à família dos ardeídeos.

O Seival recebeu esse nome em homenagem a uma batalha travada em 10 de setembro de 1836, em que triunfaram os revolucionários e que culminou com a proclamação da República Rio-Grandense, no local denominado Campo do Menezes. Recebeu-o do vencedor da batalha, o General Antônio de Souza Neto.

A luta foi travada em terras do atual município de Bagé.

Dentre as variadas histórias do passado do Rio Grande do Sul, esta é uma das muitas que merecem ser transportadas ao cinema.

A presente pesquisa baseou-se nas obras citadas na bibliografia, de números: 14,

16, 17, 21, 38, 39, 56, 61, 64, 71, 81, 102 e 122.

Capítulo V **SUECOS**

MARECHAL DE CAMPO JAQUES DIOGO FUNCK (1717-1781)

Sueco de nascimento, prestou relevantes serviços cartográficos e militares ao Rio Grande do Sul no período 1774-1778, no qual foi definido militarmente o destino brasileiro daquela área, após a expulsão dos espanhóis dos fortes de São Martinho, Santa Tecla e vila de Rio Grande, em 1775-76.

De 1775-1777, durante dois anos, melhorou sensivelmente o sistema defensivo do Rio Grande do Sul, seja na Fronteira de Rio Pardo, seja na Fronteira do Rio Grande, como perito consumado em Gênio (Engenharia) e Artilharia, no que era “profundíssimo” em toda a Europa, segundo o futuro Marquês de Pombal.

Construiu um forte em Torres que levou seu primeiro nome e o do local — São Diogo das Torres, além de haver elaborado o que poderíamos denominar o primeiro roteiro turístico do litoral gaúcho, acompanhado de úteis observações aos viajantes.

Experiência anterior

Lutou na Suécia às ordens do Conde Maurício de Sajônia, Marechal de França. Foi contratado por Portugal, por volta de 1764, para integrar como coronel uma missão militar sob a chefia do Conde de Lippe — já estudado neste trabalho —, a fim de reorganizar o Exército de Portugal.

Em 1767, promovido a brigadeiro, foi enviado ao Brasil.

O futuro Marquês de Pombal o apresentou ao Vice-Rei do Brasil, o Conde de Cunha, “a quem o mesmo Senhor (o Rei) manda recomendar igualmente o cuidado em ter contente este digno e necessário oficial, para que aí se conserve como muito indispensável em tal ocasião”.

Vinda para o Brasil em 1767

Durante sua permanência no Rio de Janeiro o brigadeiro Funck dirigiu uma aula para estudos de Engenharia (Gênio) e Artilharia, nas dependências do Regimento de Artilharia do Rio de Janeiro (na Praia Vermelha?) em cumprimento à determinação do Rei de Portugal.

Para isso vieram de Portugal 14 jogos do Novo Curso de Matemática de Belidor e um volume de *La Science des Ingenieurs*, do mesmo autor, que foram recebidos pelo tenente-coronel Antônio Joaquim de Oliveira, lente do referido Regimento. Segundo Pombal:

“O brigadeiro Jaques Funck parecerá a primeira vista (como aqui nos pareceu) um homem inepto, pela grande dificuldade em se expressar em qualquer língua que não a de Suécia — sua pátria.

É, porém, profundíssimo na ciência do ataque e defesa de praças, bem como em tudo o que pertença ao Gênio (engenharia atual) e Artilharia.

Reparou-nos a praça de Almeida, de sorte que se acha muito melhor do que estava antes.

Foi visitar Marvão. Fez um plano admirável, para aquela praça ficar inacessível, com pouca despesa e pequena guarnição.

Tem visto todas as guerras da Europa e da América e em todas fez distinta figura.

É, enfim, justamente reputado como um dos melhores oficiais das referidas profissões (Gênio) Engenharia e Artilharia hoje na Europa.

E também muito capaz de fazer aí um distinto serviço a Sua Majestade e dar glória ao governo de V. Ex.”¹

Em 1776, o Marquês de Pombal determinou que se transferissem para a Bahia “alguns artífices de fogo” formados no Rio de Janeiro sob a “doutrina do perito Marechal Funck” para ajudarem na defesa de Salvador.²

Para Caniglia Hijo, foi o “Brigadeiro Funck organizador da Artilharia Brasileira em seu tempo, bem como instrutor de Estudos Militares, em tudo que se refere a suas especialidades de Fortificações e Artilharia”.³

Funck era a mais alta autoridade e a mais competente em Engenharia e Artilharia quando tiveram início os estudos de Engenharia no Brasil.

O fortificador do Rio de Janeiro

Funck trabalhou intensamente como fortificador do Rio de Janeiro, conforme se conclui de seus trabalhos relacionados no célebre *Catálogo da Exposição de História do Brasil de 1881* com os números 6431, 6432, 6435, 6436, 6437, 10804, 19457 e 19478⁴, referentes ao Rio de Janeiro.

No Rio Grande do Sul (1775-1778)

Funck seguiu para o Rio Grande integrando o Exército do Sul, ao comando do General Bohn, tendo ali chegado em janeiro de 1775.

Nessa ocasião, além de sua valiosa contribuição militar como fortificador e inspetor de artilharia no Continente do Rio Grande, na expectativa de ataque do Vice-Rei do Prata, General Pedro Ceballos, produziu trabalhos cartográficos, hoje preciosas, mas pouco exploradas fontes primárias da História do Rio Grande do Sul, tais como:

— *Planta sobre a viagem por terra entre a Ilha de Santa Catarina até a barra do Rio Grande de São Pedro soavelmente observada para servir a descrição junta feita em caminho pelo Marechal de Campo Diogo Jaques Funck.*⁵

— *Plano particular para servir a relação junta sobre a viagem entre o rio Camaquã e o rio Taquari desde a povoação de Rio Pardo até a vila de Porto Alegre.*⁶

*As distâncias de uma a outra são feitas somente pelas diferentes informações e vista no mês de janeiro de 1777 pelo Marechal de Campo Funck.*⁷

Segundo Rego Monteiro, “pela mesma ocasião (janeiro 1777) andava Funck pelo Camaquã, também em inspeção, a estudar o terreno sob o ponto de vista defensivo”.⁸

O historiador citado, na terceira parte de sua *Dominação Espanhola*, faz outras referências não muito elucidativas da vida de Funck.

Publicou um dos trabalhos cartográficos de Funck, abrangendo a Serra Geral entre os rios Camaquã e Jacuí.⁹

Delineou um forte em Torres

Em março de 1777, os espanhóis invadiram e dominaram a ilha de Santa Catarina.

Planejaram atacar o Rio Grande com uma coluna ao comando do General Pedro Ceballos, Vice-Rei do Prata, que desceria ao longo do litoral, a partir de Santa Catarina, em combinação com outra, proveniente de Montevidéu, pelo litoral, ao comando de Vertiz y Salcedo, Governador de Buenos Aires.

A coluna do sul serviria de bigorna, e a do norte de martelo para esmagar o grosso das forças portuguesas concentradas na reconquistada vila de Rio Grande.

Nesse contexto, Funck foi enviado para Torres, onde, na *Angustura de Itapeba*, delineou uma tenalha de 150 braças de frente, denominando-a São Diogo das Torres, artilhando-a e considerando-a capaz de fechar a passagem aos espanhóis”.¹⁰

Esse forte foi munido com dois canhões de ferro, construído e guarnecido pela Companhia de Granadeiros de São Paulo (completa) e 16 praças do Batalhão de Infantaria do Continente do Rio Grande de São Pedro, segundo concluiu com apoio em Rego Monteiro.¹¹

Itapeba¹² ou Itdbebá™ é uma estreita passagem no litoral ao sul de Torres.

O forte que aí existiu foi batizado por Funck com o seu primeiro nome — Diogo —, combinado com o do local — Torres.

Posteriormente, em 1809, outro Diogo iria mandar construir um forte em Torres. Foi D. Diogo de Souza, 1º Governador e Capitão-General da então Capitania do Rio Grande de São Pedro do Sul.

Saint-Hilaire referiu essa fortificação quando de sua passagem pelo local em 1820.

Viagem de Funck por terra (RS-SC) em 1775

Este é o mais valioso trabalho de Funck.

Ele já registrava em 1774 os seguintes locais do litoral gaúcho, desde Torres até São José do Norte:

Torres — Itapebá. Estância de Manoel Bento (região de Curumim, Arroio Teixeira e Capão da Canoa) — Capão do Rodeio das Éguas — Tapera Velha — Rio Tramandaí — Meia praia da Cidreira — Entrada das Cidreiras — Cidreiras — Quintão — Charqueada Nova — Charqueada Velha — Barros Vermelhos — Antônio da Silveira — Estância dos Povos São Simão — São Simão Velho — Mostardas — Inforcados — Goritas — Luiz Coelho — Capão do Arroio — Capão Comprido — Catarros — Bujuru — José Roiz — Capão do Mojo — Rio Grande — São Pedro.

Estância de Manoel Bento foi o ponto de encontro do Governador Marcelino de Figueiredo com o General Bohn em 10 de janeiro de 1775.¹⁴

O proprietário era Manoel Bento Rocha que, após a expulsão dos espanhóis em 1776, radicou-se entre o Arroio Pelotas e o Laranjal, em Pelotas atual.¹⁵

As charqueadas Nova e Velha foram estabelecidas em 1753-54 por Cristóvão Pereira de Abreu, para apoiar o *Exército Demarcador de Portugal*, em sua marcha durante 1754, de Porto Alegre atual até o passo do São Lourenço no rio Jacuí, e em seu retorno para o Rio Grande.

Isto tira a primazia de Pelotas como local onde funcionou a primeira charqueada.

Possível explicação à palavra Canguçu

Funck escreveu que defronte à ilha de Santa Catarina “no continente começa e se levanta o Morro de Serraria, o Canga Uassu”.

Róscio em seu *Compêndio Noticioso* — já mencionado neste trabalho — refere-se à expressão guarani *Gang Assu* com o sentido de mato grande próximo a Santa Maria.

Acredito que as expressões usadas por Róscio e Funck, *Gang Assu* e *Canga Assu*, significam mato espesso, mato grande, etc. — em guarani.

Assim, *Canguçu* seria derivado de *Gangassu* e *Canguassu* e a onça *canguçu*, a espécie de felídeo que habitava de preferência matas espessas ou grandes ou as *Cang Assu*.

Róscio e Funck mapearam áreas do Rio Grande do Sul no período 1774-77.

É possível que os índios tapes designassem o atual local *Canguçu* de *Gang Assu*, em razão da espessa mata tipo atlântico que revestia a encosta da Serra dos Tapes por ocasião do povoamento da área, e abatida para abastecer Pelotas e Rio Grande de madeira para construção e lenha, ou para ceder lugar à agricultura.

DESCRIÇÃO DE VIAGEM POR TERRA DE SANTA CATARINA ATÉ A BARRA DO RIO GRANDE, EM 1775 PELO MARECHAL DIOGO JAQUES FUNCK

Ao longo dos litorais catarinense e gaúcho

“Quando se faz esta viagem a cavalo, somente se embarca por mar da ilha de Santa Catarina à enseada do Brito.

Depois segue-se a cavalo até a vila de Laguna.

Quando o transporte for grande e exigir carretas, é necessário embarcar as cargas por mar desde a ilha de Santa Catarina até Laguna, em razão de nos morros *Syriu* e *Itapera* o caminho ser muito íngreme e estreito, impróprio para carretas.

De Laguna a carga é transportada em barcos ou jangadas até *Garopaba*, onde se aprontam as carretas e bestas para se viajar comodamente ao Rio Grande, sobre o litoral desse país.

Este caminho vê-se na planta aqui junta. É a linha pontuada.

Subsistência ao longo do caminho

Onde se vêem pequenas linhas grossas transversais às pontuadas, são os locais onde se encontra água, lenha e pastos para os animais.

A maioria dos locais assinalados nesta planta não tem casas. Todos os locais são semelhantes uns aos outros em razão da configuração uniforme dos terrenos, exceto na barra dos rios.

Por isto é necessário examinar-se a planta aqui junta em cada local que se quiser ficar e observar o número dos arroios que desaguam no mar, entre o último local de pernoite e o próximo desejado.

O caminho é longo e fatigante quando há tropas e bagagens grandes.

As tropas não podem descansar a não ser nos locais assinalados na planta por correrem o risco de faltar água, lenha e pasto.

Outros gêneros de subsistência é preciso sejam trazidos pelos viajantes, por não existir nada no caminho para comprar, a não ser limitadas coisas encontradas por acaso na casa dos moradores da região.

Além disso, a chuva incomoda muito os viajantes neste caminho.

Obstáculos no caminho do litoral

O viajante não pode se apartar da praia porque o solo é formado de areia fina que o vento de modo intermitente muda.

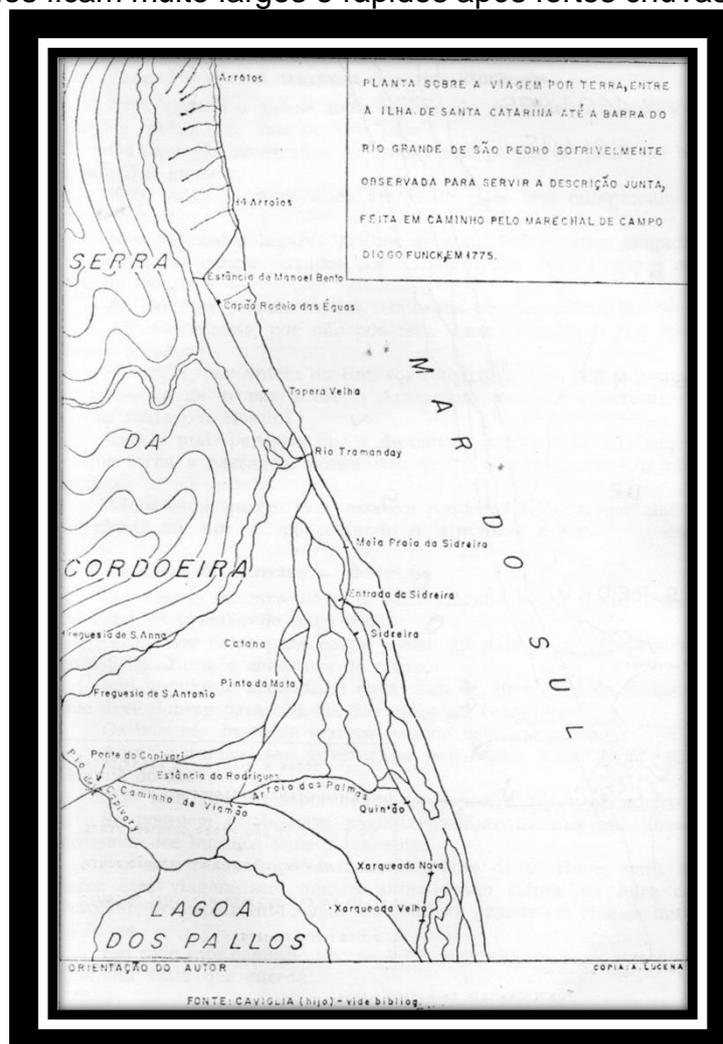
Dez pântanos, várias lagoas pequenas e arroios impedem que esta viagem seja feita por outra parte que não a praia.

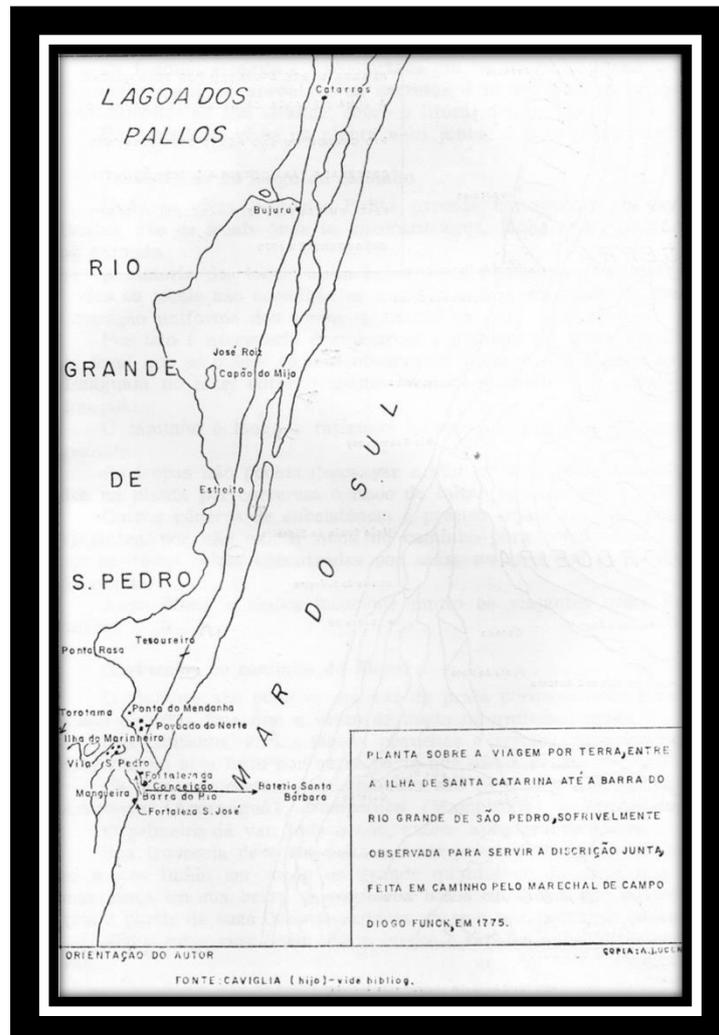
Os rios que cortam este caminho são *Urasanga* (Urusanga), *Araranga* (Araranguá), *Mempetuba* (Mampituba) e *Tramanday*.

O primeiro dá vau todo o ano, exceto após grande chuva.

Sua travessia deve ser feita o mais próximo do mar, por ser aí menos fundo em razão da grande quantidade de areia que o mar lança em sua barra, o que torna todos estes rios não navegáveis a partir de suas desembocaduras, mesmo por pequenos barcos.

Todos estes rios ficam muito largos e rápidos após fortes chuvas.





Jangadas para a travessia dos rios litorâneos

Para passá-los faz-se uma espécie de jangada com algumas canoas juntas com dois ou três paus.

Os paus são amarrados às canoas com cordas de couro de boi chamadas guascas.

Esta jangada improvisada atravessa estes rios milagrosamente sem perigo.

Não há nestes lugares melhor solução. Sobre estas jangadas se passam as cargas puxadas por várias cordas de um lado e outro do rio.

As carretas passam vazias rebocadas por seus animais.

Alguns animais, por não poderem vencer a nado o rio, morrem afogados.

Em 1777, por ordem do Rei, foi construída uma jangada para a travessia de tropas sobre o Araranguá, naquela oportunidade (construída por Róscio).

Esta é mais perigosa que a de canoas construídas sem regra, o que torna a passagem desses rios muito temerária em tais máquinas.

Afora estes quatro rios, existem pequenos arroios assinalados na planta que por seu pouco fundo se atravessa a vau.

Comboios de carretas — descrição

O comboio de carretas para uma viagem dessas é construído de carretas grandes de duas rodas.

O interior delas para carga possui 12 palmos de comprimento e 8 de altura, e cobertura de couro.

São pesadas e necessitam cada uma de 10 a 12 bois, número que deve dobrar para tirá-las das calçadas (caminhos).

Os bois são bastante mansos quando bem conduzidos.

Aqui costumam ser governados por índios desse país (Rio Grande do Sul).

Eles são ignorantes por completo da ocupação de carreteiro.

Só possuem inteligência para tresmalhar os bois quando se necessita dos mesmos

para o trabalho.

Por esta razão impõe-se uma boa dose de paciência para se fazer esta viagem sem que os animais não faltem na hora de marchar, principalmente sendo um comboio grande em viagem muito longa.

Em todo este caminho não se acha coisa alguma para remediar qualquer falta que suceda.

Motivo que impõe trazer-se todo o necessário, como eixos novos, etc., para as carretas para substituir os que gastam ou quebram.

Não há em todo o caminho mato grosso de onde se possam obter novos eixos para as carretas.

Funck advogou a ligação lacustre Laguna — Rio Grande

Esta viagem pode-se fazer mais cômoda e com menor despesa, em razão das numerosas águas e lagoas existentes em todo o percurso, desde Laguna até Rio Grande.

Todas as separações entre estas águas são pântanos e águas cheias de ervas e verduras.

A figuração das mesmas é quase como se vê na planta anexa e em maior número que as registradas.

As mais favoráveis destas águas são lagoas que se comunicam umas com as outras e facilitam a navegação de barcos grandes e pequenos.

Canoas para fazer este transporte mais barato e mais rápido que o praticado até agora com carretas, é a questão a resolver.

Acresce que essas águas e lagoas estão bordadas de habitações. É mais uma razão para se poder praticar esta passagem mais fácil e rápida, o que contribuiria para o bem dos moradores da região e transportes do Rei com menos tempo e despesas.

Uma esperança para o progresso cultural e econômico

Isto tornará possível o progresso desse povo, em cultura e opulência, em menos tempo possível. Presentemente os moradores desse país, muito distantes uns dos outros, têm por outro lado grande dificuldade para transportar o produto de suas lavouras, como também no vender ou comprar o que lhes é necessário, a não ser por três ou quatro vezes mais do que o valor real.

O caminho por terra é a causa, até o presente, das dificuldades e grandes gastos.

Parece que os moradores que habitam à beira dessas pequenas lagoas estimariam ter este tipo de comunicação (fluvial e lacustre) .

Este trabalho pode ser realizado com pouca assistência e sem o dispêndio de vultosa soma da Real Fazenda.

O trabalho para interligar estas águas umas às outras não é grande.

Como ligar Laguna a Rio Grande via lacustre

As separações entre elas são pequenas. Em alguns locais não é necessário nada mais do que limpar e tirar fora a vegetação (aquática) e abrir pequenas canaletas nos pântanos que se acham entre as lagoas.

E não é necessário maior largura do que a de duas canoas ou de um pequeno barco.

Enfim, esta comunicação sem dúvida é de grande utilidade para este país (RGS) e em consequência para o serviço do Rei”.

(Transcrito, com adaptações de estilo, grifos, parênteses e subtítulos para tomar a leitura mais clara, de Caviglia. Algumas notícias... sobre Funck, pp. 38-43.

Recordo ao leitor que Funck era austríaco há sete anos no Brasil e portanto seu português merecia reparos por ser ilegível).

Da leitura deste documento conclui-se que Funck foi o idealizador do célebre projeto ligando Porto Alegre a Torres, cuja viabilidade foi de certo modo demonstrada por Garibáldi, com a transferência dos lanchões Farroupilha e Seival da Lagoa dos Patos para o oceano.

Reproduzimos neste trabalho trecho da carta de Funck com fidelidade a sua grafia e traçados em geral.

Para que o leitor tenha idéia do que era um comboio de carretas basta dizer que, para transportar de Laguna a Rio Grande o Regimento de Bragança, foi necessário enviar 120 carretas do Rio Grande do Sul até aquele local.

BRIGADEIRO JOÃO GUILHERME BRUCE (1805-1876)

Pertenceu ao 27º de Caçadores Alemães

Sueco de nascimento, veio para o Brasil integrando as unidades alemãs contratadas por D. Pedro I, em 1824.

Fez a Guerra Cisplatina 1825-1828, como tenente *do 27º Batalhão de Caçadores Alemães*, quando participou da Batalha de Passo do Rosário, em 20 de fevereiro de 1827.

Sua brilhante vida militar ligou-se intimamente à história do Rio Grande do Sul.

Tomou-se famoso por haver comandado a célebre *Brigada Bruce*, que, embarcada em navios de nossa Esquadra, participou da Batalha de Riachuelo.

Nessa ocasião, as tropas de terra embarcadas superaram as tropas da Marinha.¹⁶

Bruce nasceu em Estocolmo — Suécia, em 28 de outubro de 1805. Era filho de Adão Bruce, camarista do Rei da Suécia.

Foi naturalizado brasileiro pelo Corpo Legislativo em 15 de junho de 1838, em razão de relevantes serviços prestados ao Brasil e à causa de sua Independência.

Atuação na Revolução Farroupilha

Atuou inicialmente contra a Expedição Farroupilha em Laguna.

Após, sob o comando do General Labatut, em suas operações ao norte do Rio Grande do Sul, que culminaram com o levantamento do cerco farroupilha de Porto Alegre. Por fim, no comando do 8º BI. Esta ala integrou a *Ala Esquerda do Exército* ao comando de Caxias, que teve como base de operações, em 1842-1844, Piratini e Canguçu. Foi seu comandado o major graduado Carlos Resin.

Laurêncio Lago reuniu as seguintes informações sobre a vida e obra do brigadeiro Bruce:

“Destacou com o batalhão em 5 de dezembro para a enseada de Brito. Assumiu o comando de um contingente de 82 praças com o qual marchou em 22 de dezembro, tudo de 1839, para defender a ponta de Boa Vista.

Em 13 de abril de 1840, levantou acampamento e foi ocupar a vila de Lajes. Reuniu-se à Divisão da Serra, sob o comando do General Labatut.

Mandado seguir para a Província de Santa Catarina a fim de ser convenientemente empregado no Depósito da mesma província e sendo organizado em 9 de julho de 1841 o Batalhão de Caçadores nº 12, ficou pertencendo a esse batalhão, por ordem do General Presidente da Província.

Com este batalhão marchou para o Rio Grande do Sul em 10 de setembro de 1841. Foi transferido para o 8º Batalhão de Infantaria quando da dissolução de sua unidade.

Marchou para a margem do São Gonçalo em 18 de janeiro, ficando de emboscada dentro da olaria de Bascelos. Cobriu a retaguarda da força sob o comando do tenente-coronel Francisco Pedro de Abreu, quando este foi atacar Bento Gonçalves em Camaquã.

Marchou com o batalhão para dentro das trincheiras do Rio Grande em 29 de janeiro de 1842.

Destacou, em 9 de abril, com as 4ª e 8ª companhias do batalhão para o rincão dos Touros, de onde regressou em 11 de maio de 1842.

Em 2 de dezembro de 1844, foi agraciado com o oficialato da Ordem do Cruzeiro.”

Na guerra contra Oribe e Rosas

“Marchou em 29 de julho de 1851 para a campanha do Estado Oriental do Uruguai, tomando parte nas operações, até a completa pacificação dessa República.

Chegou à Colônia do Sacramento em 22 de novembro, de onde embarcou, fazendo

parte da D Brigada, em 16 de dezembro, com destino à vila do Diamante, na margem esquerda do rio Paraná, a fim de proteger a passagem do Exército Aliado para a margem ocidental do mesmo rio e fazer a guerra ao ditador de Buenos Aires, Manoel Rosas.

Passou o Tonelero e desembarcou com o batalhão em Diamante a 21 de dezembro de 1851.

Proseguiu viagem até Espinilho, território da província de Santa Fé, onde se reuniu todo o Exército Aliado, e com ele marchou a 14 de janeiro de 1852 em direção a Buenos Aires. *Assistiu à batalha do Morón (Monte Caseros), datada de 3 de fevereiro de 1852, contra o exército de Rosas, merecendo particular menção pela ousadia com que se portara no ataque e haver satisfatoriamente desempenhado a comissão de que fora incumbido com uma ala do batalhão, de guardar os prisioneiros, arrecadar as bocas de fogo e mais apetrechos ali tomados.*

Marchou com o batalhão para o Rio Grande do Sul, chegando à fronteira e vila de Jaguarão, a 4 de junho de 1852. Dissolvida a sua unidade, passou a comandar o meio Batalhão do Ceará.

Na Guerra do Paraguai

“Marchou para a campanha do Paraguai em 5 de abril de 1865.

A 16 do dito mês assumiu o comando da 9ª Brigada, embarcando a 27 com esta, para guarnecer os navios da esquadra bloqueadora do Paraguai.

Assistiu ao ataque de Corrientes, a 25 de maio de 1865, combate naval de Riachuelo de 11 de julho, às passagens de Mercedes a 18 de junho, Cuevas, a 12 de agosto, sendo contemplado em voto de graças da Assembléia Legislativa, dirigido à guarnição da esquadra e elogiado pelo comandante-em-chefe da Esquadra Brasileira, por sua bravura no combate de Riachuelo.

Igualmente assistiu aos combates da Redenção ou Cabrita e do forte de Itapiru, no dia 19 de abril, a passagem do Exército Brasileiro para o território paraguaio, nessa ocasião, e o bombardeio da esquadra contra a margem paraguaia em proteção ao desembarque dos exércitos brasileiro, argentino e oriental.

Foi promovido ao posto de Brigadeiro em 28 de janeiro de 1866.

Sendo requisitado pelo comando-em-chefe do 1º Corpo do Exército para comandar uma força em terra, o General João Guilherme de Bruce desembarcou em 7 de agosto de 1866 e, apresentando-se no acampamento de Tuiuti, assumiu o comando da 4ª Divisão.

Achando-se doente e não podendo andar a cavalo nem a pé, foi licenciado e mandado recolher-se à Corte.

O Brigadeiro João Guilherme de Bruce, era casado em primeiras núpcias com Francisca Inácia da Conceição e, em segundas núpcias, com Engrácia Maria Petra de Barros, filha do Brigadeiro Manoel Vaz de Barros.

Faleceu em 4 de agosto de 1876 na cidade do Rio de Janeiro”.¹⁷

MAJOR PEDRO NICOLAU FEGERSTEIN

Era sueco de nascimento. Integrou o 27º BC de alemães que lutou na Batalha de Passo do Rosário, em 20 de fevereiro de 1827.

Após a desmobilização do 27º BC, radicou-se em São Leopoldo, onde o alcançou a Revolução Farroupilha.

A seguir, apresentou-se em Rio Pardo, onde recebeu a incumbência de organizar a infantaria local.

No comando dessa tropa, destacou-se na defesa de Porto Alegre, em 31 de junho de 1836, quando de um ataque farroupilha.

Foi ferido na ocasião por uma bala de fuzil.

Daí por diante, teve atuação destacada na Revolução Farroupilha, como soldado imperial.

Em 1851, quando da chegada ao Rio de Janeiro da Legião Alemã contratada pelo Brasil para a guerra contra Oribe e Rosas (os brummer) foi designado para servir de intérprete, com o major Resin da Legião Alemã, junto às autoridades brasileiras.

Fez a campanha contra Rosas como tesoureiro brasileiro junto a essa Legião. Mais tarde, de novembro de 1853 a junho de 1855, comandou em Rio Pardo o 14º BI, formado pela tropa de Infantaria dessa Legião¹⁸.

NOTAS AO TEXTO DO CAPÍTULO V

- 1 — REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. Tomo 35, Parte Primeira, pp. 232-233.
(transcrição com algumas adaptações para tornar o sentido mais claro).
- 2 — CAVIGLIA. Algumas notícias sobre o Marechal Diogo Funck (p. 15) e Parecer de ANTUNES, Paranhos, LAYTANO, Dante e SPALDING, Walter, p. 51.
- 3 — idem.
- 4 — idem, p. 16.
- 5 — idem, pp. 16-19 e 22, diversas referências sobre documentos de sua autoria relacionados com seu trabalho de Fortificação e Artilharia no Rio de Janeiro.
- 6 — idem, pp. 32-45, transcreve interessantes detalhes desse importante documento e publica carta de Funck sobre o litoral, desde a ilha de Santa Catarina até Rio Grande, acompanhada de descrição.
- 7 — idem, p. 32 (consta com o número 3051 do Catálogo de Exposição de História de 1881).
- 8 — MONTEIRO. Dominação Espanhola, p. 262.
- 9 — idem, pp. 265 e 263.
- 10 — idem, p. 265.
- 11 — idem, p. 266.
- 12 — idem, mapa de Róscio, entre as páginas 174 e 175.
- 13 — idem, nota 2, mapa do Marechal Funck, entre páginas 32 e 33.
- 14 — idem, nota 8, p. 206.
- 15 — FORTES. O Rio Grande de São Pedro.
- 16 — BENTO, Cláudio Moreira. Batalha Naval de Riachuelo. Correio Braziliense, 11 de junho de 1972.
- 17 — LAGO, Laurêncio. Os Generais do Exército Brasileiro, pp. 31-36. (Síntese com apoio im.)
- 18 — KLINGER. Notas à tradução de Die Brummer, pp. 26 e 47 — nota 15.

Capítulo VI

SUIÇOS E DESCENDENTES

BRIGADEIRO CARLOS RESIN (1801-1886)

Foi alferes do 27º de Caçadores Alemães

Suíço de nascimento, acha-se intimamente ligado à História Militar do Rio Grande do Sul. Participou da Guerra Cisplatina (1825-28), Revolução Farroupilha (1835-1845), Guerra contra Oribe e Rosas... (1851-1852), Guerra contra Aguirre (1864) e Guerra contra o Paraguai até o seu final.

Em todas estas campanhas comandou tropas integradas por alemães e seus descendentes. Foi por eles muito estimado, ao ponto de ser chamado pelos infantess *brummer* de *Papai Resin*, quando os comandou em Rio Pardo, em 1852-1853.

Foi um bravo em toda a extensão da palavra. Sua carreira foi penosa e sofrida. Prestou à sua nova pátria o melhor de seus serviços militares, por mais de 50 anos (24 de abril de 1824 — 22 de julho de 1874).

Foi alferes do célebre 27º BC de alemães, em Passo do Rosário.

Na Revolução Farroupilha integrou, no comando de sua *Companhia Alemã*, a Ala Esquerda do Exército ao comando de Caxias.

Dita Ala teve sua base de operações em Canguçu — Piratini, de 1843-1844, ao

comando de Francisco Pedro de Abreu (Chico Pedro ou Moringue).

Na campanha contra Oribe e Rosas não participou da batalha de Caseros por estar doente.

Foi um dos heróis do assalto a Paissandu na Campanha do Uruguai, onde foi ferido gravemente.

Segundo Laurêncio Lago, o Brigadeiro era filho de Henrique Resin e nasceu em 1801 na Suíça.

Assentou praça em 24 de abril de 1824, no *1º Regimento de Estrangeiros da Corte*, sendo promovido a alferes por decreto de 9 de novembro de 1826.

Fez a Campanha da Cisplatina e do Rio Grande do Sul, de 1826 a 1828.

Assistiu à batalha de 20 de fevereiro de 1827 e foi promovido ao posto de tenente ajudante por decreto de 28 de março de 1828.

Em 6 de maio de 1831, por ser estrangeiro, foi demitido do serviço do Exército, sendo reintegrado em 28 de agosto de 1832, passando em 1833 à classe dos oficiais avulsos.

Atuação na Revolução Farroupilha

Foi nomeado capitão em comissão para o *2º Batalhão de Guarda Nacional de Porto Alegre* e depois para o Batalhão da Serra, na luta contra os farroupilhas da Província do Rio Grande do Sul.

De janeiro de 1837 até setembro de 1838, prestou bons serviços. Assistiu aos combates de 25 de junho e 29 de setembro de 1837, nos *Moinhos de Vento*, e de 3 de agosto de 1838, na *Azenha*.

Foi agraciado com grau de Cavaleiro de Ordem da Rosa pelos serviços prestados no Sul e promovido ao posto de capitão por decreto de 20 de agosto de 1838.

Marchou para Santa Catarina em 9 de setembro de 1839, assistindo à tomada de Laguna em 15 de novembro, onde prestou bons serviços.

Marchou novamente para o Sul contra os farroupilhas, em dezembro de 1841.

Foi promovido a major graduado em 27 de maio de 1842, com antigüidade de 18 de julho de 1841. Assistiu ao combate de 25 de outubro de 1843, em Canguçu, onde se distinguiu, sendo elogiado pela maneira como se portou com sua Companhia.¹

Promovido a major em 18 de julho de 1844, para o *8º Batalhão de Fuzileiros*, continuou na campanha contra os republicanos do Rio Grande do Sul até a pacificação, em 1º de março de 1845.

Foi agraciado, pelos serviços prestados, com o grau de Oficial da Ordem da Rosa (Decreto de 2 de dezembro de 1846).

Atuação na Guerra contra Oribe e Rosas

Fez de 1851 a 1852 a Campanha do Uruguai.

Assistiu ao combate de Toneleros, em 17 de dezembro de 1851. Foi elogiado pelo comando-em-chefe da estação naval pelos serviços que prestou nessa ocasião, e condecorado com o grau de Cavaleiro da Ordem de São Bento de Aviz e medalha de ouro da Campanha do Uruguai.

Foi promovido a tenente-coronel, por merecimento, através de decreto de 18 de julho de 1853. *Fez parte da Divisão Auxiliadora que estacionou em Montevideú em 1854 a 1855.*

Em 9 de agosto de 1855, foi transferido para o 3º Batalhão, tendo comandado interinamente a *3ª Brigada do Sul*, de 18 de dezembro a 15 de janeiro de 1858, e a *4ª Brigada*, de 12 de março a 30 de abril deste último ano.

Foi transferido para o Corpo do Amazonas em 21 de agosto de 1858, e para o do Paraná em 6 de julho de 1859. Exerceu as funções de assistente do Ajudante General na Província do Paraná de 16 de agosto até 24 de dezembro de 1859.

Foi transferido para o Batalhão de Infantaria em 19 de dezembro de 1859, e para o 13º Batalhão em 7 de janeiro de 1864.

Atuação nas Campanhas do Uruguai e Paraguai (1864-1870)

Fez a Campanha do Uruguai de 1864-1865, comandando a 2ª Brigada. Assistiu ao assalto e tomada de Paissandu nos dias 31 de dezembro de 1864 e 1 e 2 de janeiro de 1865, onde foi ferido, sendo elogiado pelo comandante-em-chefe pela sua bravura. (Vide alegoria alusiva que ilustra este trabalho).²

Por decreto de 18 de fevereiro de 1865, foi promovido por atos de bravura ao posto de coronel.

Foi condecorado com a medalha de ouro da campanha do Uruguai de 1864-1865.

Marchou para a Campanha do Paraguai, sendo nomeado a 18 de março de 1866 comandante da 10ª Brigada.

Assistiu aos ataques de 16 e 17 de abril de 1866, sendo elogiado pelo comando-em-chefe do Exército, nos termos seguintes:

“Não desmentiu o conceito de que goza, guardando seu respectivo posto com serenidade, ativando e dirigindo o movimento da fração de força do seu respectivo comando, à medida que as circunstâncias do terreno o permitiam ou que a necessidade se apresentava neste ou naquele ponto”.

Assistiu ao combate de 2 de maio e a batalha de 24 de maio de 1866, sendo elogiado por sua calma e bravura nessa batalha e condecorado com o grau de Comendador da Ordem de Cristo.

Foi nomeado comandante da Divisão, em 19 de novembro de 1866, e promovido ao posto de brigadeiro em 1º de junho de 1867.

Assistiu aos bombardeios que fez o inimigo em 5 e 7 de junho, 8 e 12 de julho, no acampamento de Tuiuti.

Marchou com a divisão, fazendo parte do Exército de vanguarda. Tomou parte no ataque que o inimigo desfechou perto de Tuiu-Cuê, em 31 de julho, sendo sua divisão a testa da coluna.

Comandando a mesma divisão, assistiu aos bombardeios feitos pelos inimigos em diversos dias de janeiro a abril de 1868 e ao reconhecimento que fez o 3º Corpo de Exército, no dia 21 de março, às trincheiras inimigas no Passo Espinilho.

Marchou com o Exército, de Tuiu-Cuê para este acampamento, a 4 de abril.

Tomou parte no combate de 16 de julho de 1868 contra as muralhas de Humaitá, comandando a dita divisão. Foi elogiado pelo valor que demonstrou nesse combate, através de pronuncia mento do comandante-em-chefe de todas as forças brasileiras e Exércitos Aliados.

Em decreto de 20 de fevereiro de 1869, foi condecorado com a medalha de Mérito Militar, em atenção aos reiterados *atos de bravura praticados em diversos combates* contra Lopes do Paraguai.

Licenciado para tratar de sua saúde no Rio Grande do Sul, regressou para o Exército em Operações em companhia de Osório.

Foi nomeado comandante da 1ª Divisão de Infantaria.

Reconhecimento da pátria adotiva

Acha-se compreendido na felicitação que a Assembléia Provincial do Rio Grande do Sul fez ao Exército e à Armada, em sessão de 12 de julho de 1869, e no voto de louvor e gratidão da Câmara dos Deputados de 11 de maio de 1870, por ter feito a guerra até 1º de março desse ano.

Nomeado comandante da fronteira do Jaguarão em novembro de 1870, foi exonerado em 29 de novembro do ano seguinte.

Por decreto de 22 de julho de 1874, foi reformado por sofrer de moléstia incurável que o tornou incapaz de continuar em serviço.

Faleceu em 15 de maio de 1886 na Província do Rio Grande do Sul.³

Encontra-se sepultado em algum lugar do Rio Grande do Sul, possivelmente Porto Alegre.

MARECHAL DE CAMPO CARLOS RESIN FILHO (1831-1890)

Comandou a 3ª RM atual

Filho do Brigadeiro Carlos Resin, fez brilhante carreira no Exército Brasileiro.

Ligado ao exercício de diversas funções militares no Rio Grande do Sul, exerceu interinamente por um mês o comando da 3ª Região Militar atual, de 11 de fevereiro a 11 de março de 1890.

Participou, junto com seu ilustre e bravo pai, das campanhas do Uruguai e do Paraguai.

Carlos Resin Filho em 30 de novembro de 1831 na Província de Santa Catarina, onde seu pai se radicou após ter sido demitido do Exército em 1831 por ser estrangeiro e até ser readmitido, em 28 de agosto de 1833, por ser brasileiro naturalizado, condição de imigração das 100 famílias suíças que deram origem a Nova Friburgo, Estado do Rio.

Praça voluntária, em 3 de outubro de 1850, no 1º *Batalhão de Artilharia*, contando tempo de serviço desde 22 de fevereiro de 1849 sua matrícula na Escola Militar.

Em 16 de abril de 1851 foi promovido a alferes-aluno, sendo incluído no Depósito da Corte em 8 de novembro desse ano.

Foi confirmado no posto de alferes em 2 de dezembro de 1854.

Concluiu nesse ano o curso de Estado-Maior pelo regulamento de 1845.

Em cumprimento ao disposto no aviso de 3 de março de 1855, do Ministério da Guerra, foi mandado seguir para Montevidéu, a fim de ser empregado na *Divisão Imperial Auxiliadora*, sendo adido ao 4º *Regimento de Cavalaria*. Foi promovido ao posto de tenente em 14 de abril de 1856.

Explorador do rio Vacacaí

Em 1856, por determinação do general comandante da Divisão, foi em janeiro dispensado do serviço de escala por ter sido empregado em comissão no acampamento da Divisão.

Adido ao 6º *Batalhão de Infantaria*, foi mandado apresentar-se pelo Comando das Armas da Província do Rio Grande do Sul ao capitão Manoel José Machado, a fim de ajudá-lo na exploração do rio Vacacaí.

Foi promovido ao posto de capitão em 2 de dezembro de 1857, e desligado do 6º Batalhão em 13 de fevereiro de 1859, continuando nos trabalhos de exploração daquele rio.

Apresentou-se em 5 de maio por terminação da aludida comissão e, em aviso de 14 seguinte, do Ministério da Guerra, foi nomeado ajudante de ordens do brigadeiro inspetor do 1º *Regimento de Cavalaria*.

Atuação nas campanhas do Uruguai e Paraguai

Em 1864, sendo ajudante de ordens do comando da 1ª Brigada, passou em 29 de maio a exercer as mesmas funções junto ao Comando das Armas da Província do Rio Grande do Sul.

Marchou para a cidade de Bagé, em 18 de junho. Daí para o Pirai Grande em 11 de outubro. A 25 foi nomeado assistente da repartição do Quartel-Mestre-General.

Seguiu em 29 de novembro com o Exército para o Uruguai.

Assistiu ao ataque de Paissandu, iniciado a 31 de dezembro e concluído a 2 de janeiro de 1865, e nele cumpriu seu dever.

Antes fez parte dos oficiais que escolheram as posições para a colocação de nossa artilharia contra as fortificações da praça inimiga. (Nessa ocasião seu pai foi ferido gravemente em combate).

Em 5 de janeiro marchou de Paissandu para a fazenda de São Xavier, na costa do Uruguai, seguindo com a Infantaria a 16 e desembarcando na barra de Santa Luzia a 27, tudo de janeiro.

Marchou para a vila da União em 1º de fevereiro, sendo dispensado em 3 de março do cargo de assistente do Quartel-Mestre-General e empregado junto ao Quartel General do Comando-em-Chefe.

Em 1º de abril, passou a exercer as funções de assistente do deputado do Quartel-Mestre-General junto à 1ª Divisão.

Foi promovido a major, por merecimento, em 22 de janeiro de 1866, e nomeado em 14 de fevereiro de 1867 assistente de deputado do ajudante-general junto ao comando da 4ª Divisão, tendo assistido nesse mês aos bombardeios que sobre a vanguarda fizera o inimigo.

Por decreto de 18 de janeiro de 1868, foi promovido ao posto de tenente-coronel. Marchou com a 4ª Divisão em 22 de julho, fazendo parte do Exército da Vanguarda, e tomou parte no combate de Tuiu-Cuê, de 30 do referido mês de julho, seguindo com o Exército para o acampamento na vanguarda.

Participação na Dezembrada

No exercício de deputado do Ajudante-General junto ao comando da 4ª Divisão de Infantaria, foi nomeado, em 16 de agosto de 1868, para idêntico cargo no comando do 2º Corpo do Exército.

Fez a marcha de Parecuê a Palmas.

Assistiu ao reconhecimento, com o 3º Corpo, das fortificações de Piquiciri, em 1º de outubro, sendo louvado pelos serviços que ali prestou.

Passou o Chaco em 4 de dezembro, desembarcando a 5 em Santo Antônio.

Assistiu à batalha de Avaí, sendo ferido e promovido a coronel em comissão, por distinção. Assistiu aos combates de 21, 22 e 27, bem como à rendição de Augustura a 30 de dezembro de 1868.

Marchou com o Exército para a cidade de Assunção, onde acampou em 5 de janeiro de 1869. Em 12, passou a servir de delegado do ajudante-general junto ao 1º Corpo do Exército, sendo em 20 do referido mês transferido na mesma qualidade para o 2º Corpo.

Seguiu em 4 de abril para Luque e em 14 deixou o respectivo exercício, por ter sido nomeado para servir na *Comissão de Engenheiros, tendo concluído as fortificações de Assunção e levantado a planta da cidade.*

Em 31 de julho passou a servir de ajudante-general junto ao 1º Corpo. Marchou de Piraju a 1ª e assistiu ao ataque da praça de Peribebugá a 12 e à *batalha de Barreiro Grande, onde foi contuso.*

Foi por Sua Alteza, o Conde d'Eu, Marechal do Exército e Comandante-em-chefe do Exército em Operações contra o governo do Paraguai, promovido a coronel por atos de bravura (30 de abril de 1869).

Em 23 de setembro embarcou em Arecutaguá, e desembarcou na vila do Rosário em 25.

Em 8 de outubro marchou com o Exército, e em 17 desse mês acampou no Potreiro Capivari.

Em 1875, foi nomeado para proceder ao inventário na arrecadação do *12º Batalhão de Infantaria*, nomeação feita pela Presidência da Província do Rio Grande do Sul e aprovada pelo Governo Imperial em 23 de janeiro.

Diretor interino do *Laboratório Pirotécnico de Porto Alegre*, durante o impedimento do respectivo diretor, em 29 de fevereiro, servindo até 18 de março, data em que continuou à disposição da mencionada presidência.

Em 16 de fevereiro de 1878, foram mandadas suspender as obras de que estava encarregado, da edificação do quartel em Porto Alegre.

Passou a ser considerado adido à Repartição de Ajudante-General, em 22 de agosto de 1880. Foi nomeado, em 22 de setembro, para inspecionar os corpos existentes nas províncias do Pará e Amazonas e Arsenal de Guerra de Belém.

Tendo concluído os trabalhos dessa inspeção, apresentou-se em 23 de agosto de 1881, sendo nomeado para inspecionar os depósitos de artigos bélicos das províncias do Rio Grande do Sul e Santa Catarina e companhias de infantaria de Santa Catarina, Paraná e São Paulo.

Foi promovido à graduação do posto de Brigadeiro, em 19 de novembro de 1881.

Em 22 de novembro de 1881 foi nomeado para inspecionar na Província de Mato

Grosso o 1º Corpo de Cavalaria, as obras militares, o Arsenal de Guerra e os corpos de Infantaria ali estacionados. Assumiu interinamente o Comando das Armas da Província de 22 de março até 22 de maio.

Comandante de Fronteira em Jaguarão, Bagé e São Gabriel

Em 28 de outubro de 1885, foi nomeado Comandante da Guarnição e Fronteira de Jaguarão, sendo transferido para idêntico comando da guarnição de Bagé em 25 de novembro de 1885, e de São Gabriel em 27 de setembro de 1886.

Em Ordem do Dia do comando das armas, de 22 de dezembro de 1887, foi elogiado pelo Marechal de Campo Manoel Deodoro da Fonseca, por ter mantido ilesos os princípios da disciplina e dignidade militares.

Inspetor de guarnições no Rio Grande do Sul

Foi promovido à efetividade do posto de brigadeiro em decreto de 28 de julho de 1887, transferido para o Comando da Guarnição e Fronteira de Jaguarão em 6 de agosto de 1888, e nomeado para a cidade do Rio Grande, em 28 de junho de 1889.

Em 21 de janeiro de 1890, foi promovido ao posto de Marechal de Campo, sendo nomeado em 20 de fevereiro seguinte para inspecionar os corpos das guarnições de Porto Alegre, Rio Grande, Santa Vitória e Jaguarão.

Seus serviços foram agraciados pelo Governo Imperial com os graus de Cavaleiro da Ordem de Cristo, em 17 de agosto, Cavaleiro e Comendador de São Bento de Aviz, em 11 de maio de 1867 e 21 de outubro de 1887, e Oficial da Ordem da Rosa, em 6 de setembro de 1870, e medalhas concedidas ao Exército, sob o comando do General João Propício Mena Barreto e geral da Campanha do Paraguai, com o passador de ouro nº 5 e da República Argentina.

Era casado com D^a Gonçalina de Abreu e Silva.

O Marechal de Campo Carlos Resin Filho faleceu no dia 18 de setembro de 1890 no Rio Grande do Sul.

Carlos Resin Filho, apesar de catarinense, ligou-se intimamente ao Rio Grande do Sul e às guarnições militares de Santa Vitória, Rio Grande, Jaguarão, Bagé e Porto Alegre, segundo se conclui da pesquisa de Laurêncio Lago.⁵

NOTAS AO TEXTO DO CAPÍTULO VI

1 — BENTO, Canguçu na Revolução Farroupilha. (Referência à participação de Resin no combate de Canguçu).

2 — SEMANA ILUSTRADA — Rio de Janeiro (1864) — publica alegoria em preto e branco, na qual se baseou a aquarela.

3 — LAGO, Laurêncio. Os generais do Exército Brasileiro. Rio, Bibliex, 1942, pp. 52-56.

4 — SILVA, Apontamentos para a História da 3ª RM, p. 154.

5 — idem, nota 3, pp. 222-226.

ANEXO «A»

MISSÃO CARTOGRÁFICA AUSTRIACA — 1920-1952

Em 1920, após a 1ª Guerra Mundial, o Brasil contratou na Áustria 12 especialistas em cartografia com a finalidade de organizar o Serviço Geográfico do Exército e a Escola de Engenheiros Geógrafos Militares.

Eram chefiados pelo General Dr. Arthur von Hübl, que dirigira o Instituto Militar de Viena.

A essa *Missão Austríaca* deve o Brasil a transferência do *know-how* cartográfico que hoje possui. Principalmente o Rio Grande do Sul, área prioritária a cartografar e, portanto, a primeira unidade da Federação a ser beneficiada por essa Missão.

Foram seus integrantes os seguintes militares e civis, cuja atuação é estudada na obra:

CASTELLO BRANCO, Moysés (filho) Gen. A Missão Austríaca e o Serviço Geográfico do Exército. Rio, Diretoria do Serviço Geográfico, 1970.

HÜBL, Arthur von, Dr. Gen. Chefe da Missão.

GAKSCH, Carlos, cel. Consultor Técnico de Geodésia. POKORNY, Augusto, cel. Consultor Técnico de Topografia. WOLF, Emílio, maj. Consultor Técnico de Fotogrametria. VALLO, Eduardo, maj. Consultor Técnico de Aerofotografia. LANGER, Rodolfo, ten. Consultor Técnico de Cartografia. WINTER, Jorge, Assistente de Fotografia Tecnológica. WINTER, Guilherme, Auxiliar de Fotografia Tecnológica. KOLBE, Max, Assistente Técnico de Fotolitografia. AUTENGRUBER, João, Assistente Técnico de Impressão. JEDLITSCHKA, Adolfo, Desenhista-cartógrafo de 1ª Classe.

A ação da *Missão Cartográfica Austríaca* se exerceu vigorosa no Rio Grande do Sul, onde existia, desde 1903, a *Comissão da Carta Geral do Brasil*. Esta, encarregada de mapear, para uso reservado do Exército, as regiões mais estratégicas do Estado.

A partir de 1918, ela passou, sob a influência da Missão Austríaca, a realizar levantamentos cartográficos com maior precisão, que começaram a beneficiar não só a Segurança como o Desenvolvimento do Rio Grande do Sul.

Nesta atividade os membros dessa Comissão Austríaca estiveram por diversas vezes no Rio Grande do Sul.

Fontes para a influência desta Missão no Rio Grande do Sul podem ser buscadas na *1ª DIVISÃO DE LEVANTAMENTO DO EXÉRCITO* — a antiga Carta Geral, de 1903 até 29 de setembro de 1932.

Discípulo civil no Brasil dessa comissão, ainda vivo, é o desenhista A. LUCENA, que assina alguns esboços neste trabalho.

ANEXO «B»

UM DINAMARQUÊS MÁRTIR DA RECONQUISTA DE RIO GRANDE — 1776

Em 6 de fevereiro de 1776, por ordem do Vice-Rei Marquês do Lavradio, partiu de Santa Catarina, ao comando de Mac-Douall, inglês a serviço de Portugal, e com destino ao Rio Grande, uma esquadilha de 9 navios.

Missão: Forçar a barra do Rio Grande, derrotar a esquadilha espanhola em apoio aos espanhóis na vila de Rio Grande, para possibilitar o ataque terrestre àquela vila de parte do *Exército do Sul*, a partir de São José do Norte.

No dia 19 de fevereiro de 1776 tem início o combate. Segue à frente da formação portuguesa a fragata Graça, ao comando do dinamarquês (a serviço de Portugal) capitão-tenente *Frederico Kasselberg*.

Tinha este por missão, após defender-se dos fortes espanhóis da Barra e do Mosquito e de três barcos inimigos, atacar a capitania da esquadilha espanhola.

Kasselberg, depois de atacar a capitania *San Thiago*, passou a combater a *Pastoriza*, barco português que havia sido aprisionado pelos espanhóis.

Segundo MONTEIRO, “não era a Pastoriza de força a enfrentar a fragata Graça, mas seu comandante, o tenente Iturriaga, portou-se brilhantemente, morrendo no seu posto de comando, o que trouxe desânimo à tripulação, intimada então a render-se. Preparava Kasselberg uma força de granadeiros para guarnecê-la, quando um soldado da Pastoriza, Antônio Peres, com um tiro de mosquete, prostrou moribundo em uma ponte de comando esse denodado batalhador, que de longes terras tinha vindo regar com seu sangue as águas rio-grandenses”.

Esta batalha naval foi um fracasso completo.

“Mac-Douall foi valente, mas tomou providências como se fora mal alto, não considerando que ia lutar num canal estreito, sujeito às forças, às vezes violentas, das correntes e marés que lhe tolhiam a manobra”. (MONTEIRO).

AFRICANOS NEGROS E DESCENDENTES

Capítulo I DAS BANDEIRAS À INDEPENDÊNCIA

CONTRIBUIÇÃO MILITAR EXPRESSIVA DO NEGRO NO RIO GRANDE DO SUL

Segundo Arthur Ramos, “No Rio Grande do Sul, em fins do século XVIII e início do XIX, o africano negro foi um dos arquitetos da sociedade rural e militar criada nessa região através de prolongadas lutas, nas quais deu mais do que a sua simples participação”.¹

De fato isto verificou-se, mas além e aquém dos limites mencionados pelo brilhante pesquisador citado.

A contribuição militar da imigração africana negra para a penetração, exploração, conquista, reconquista e manutenção do Rio Grande do Sul, foi expressiva e caracterizada por um esforço comovente, de numerosa e valiosa equipe anônima, mas decisivo como se verá.

O africano negro foi o primeiro imigrante não lusitano a penetrar, explorar, guardar e se fixar no território do Rio Grande do Sul, ao lado do conquistador luso-brasileiro.

O Negro e descendentes no Exército do Império

Em 1851-52, o capitão “*brummer*” Eduardo Siber, que comandou o *15º Batalhão de Infantaria* (“*brummer*”) no regresso de Montevidéu até Pelotas, por terra, observou o seguinte, em íntima convivência com o Exército Brasileiro, na guerra contra Oribe e Rosas, sobre a contribuição militar africana negra e seus descendentes.

“Se quisermos classificar o Exército Brasileiro pelas cores, poderemos dizer que a Infantaria é negra, a Artilharia branca e preta e a Cavalaria predominantemente branca...

Mas também na Infantaria manifestam-se diferenças.

Assim é que o *1º Batalhão de Infantaria*, como uma espécie de guarda, nunca sai do Rio de Janeiro.

Compõe-se principalmente de gente clara, ao passo que no *2º Batalhão* não se descobre quase um só branco.

Há mesmo oficiais completamente pretos, embora seu número não seja tão considerável como o dos verdadeiros mulatos”.²

Nessa época, a própria Cavalaria de Linha do Rio Grande do Sul era integrada por muitos negros, antigos lanceiros farroupilhas. Estes, que em número de 120 foram incorporados, como homens livres, nos três regimentos de 1ª linha da então Província, por ordem do Barão de Caxias,³ logo após a Paz de Ponche Verde.

O depoimento é verdadeiro. No Brasil, em razão da não existência de linhas de cor, segundo ainda Arthur Ramos, torna-se difícil ao pesquisador conseguir distinguir nas fontes de história se um homem livre era preto, branco ou mestiço.

O Negro sentinela do Brasil no Sul durante mais de dois séculos

Acreditamos que a maior contribuição do africano negro e descendentes no Rio Grande tenha sido no campo militar, como excelentes combatentes de Infantaria e Cavalaria.

O Negro e seus descendentes lutaram durante quase dois séculos e meio, período considerado por este ensaio, lado a lado, ombro a ombro, com o português e com outros imigrantes, para a penetração, reconhecimento, exploração, conquista, reconquista e manutenção de um Rio Grande do Sul brasileiro.

Participaram, ativa e expressivamente, como soldados lanceiros da Cavalaria da *República Rio-Grandense*, cuja sorte ajudaram a salvar em Porongos.

Lutaram com bravura e grande dedicação nas grandes batalhas que o Brasil travou

na área do Prata, no período 1851 a 1870, para preservar sua Integridade e Soberania ameaçadas.

O Negro soldado das bandeiras no Rio Grande do Sul

É de afirmar-se que a presença do negro no Rio Grande do Sul tenha se verificado por volta de 1635, há mais de três séculos, na bandeira de Raposo Tavares.⁴

Isto encontra apoio em Alcântara Machado, ao afirmar sobre a bandeira fundadora de Laguna (SC), 1684, de Domingos Brito Peixoto:

“Ela dispôs de vestuário e todo o mais necessário para o grande corpo formado de homens brancos, *mulatos e negros escravos*

Seja pessoa de governança da terra ou sertanista experiente e ilustre que encabeça uma bandeira de grandes proporções, composta de gente de qualidade, seja índio domesticado que em troca de espingarda vai à frente de meia dúzia de negros, com armação alheia, para trazer ao patrão a gente que adquirir”.⁵

Negro no reconhecimento e penetração do Rio Grande do Sul

Em 1684, Domingos Brito Peixoto fundou Laguna (SC), centro irradiador da conquista e povoamento do Rio Grande do Sul.

Participaram dessa expedição “cinquenta escravos pardos”⁶, ou “*mulatos e negros escravos*”, segundo Alcântara Machado.⁷ Eles representaram 80% do total da bandeira.

A estes negros e mulatos, coube a tarefa de penetrar, percorrer e explorar o Rio Grande do Sul ao longo do litoral, entre Laguna e Colônia do Sacramento, bem como da primeira até à região serrana de Vacaria e mais além, durante cerca de quarenta e um anos.

Em 1725, Francisco Brito Peixoto, filho do fundador de Laguna, recebeu ordem do Rei de passar de Laguna ao Rio Grande do Sul para fundar uma povoação.

Mandou, em seu lugar, seu genro João de Magalhães como chefe de uma frota (sentido de pequena expedição terrestre), composta de trinta homens, *na sua maioria africanos negros e descendentes*. Não poderia deixar de ser, ao considerar-se que 80% dos que fundaram Laguna, quatro anos antes, eram negros e descendentes.

Estes homens foram os primeiros a fixar-se no Rio Grande do Sul, na altura de São José do Norte, em missão nitidamente militar, 1725-27.

Proteger o sangradouro da Lagoa dos Patos da ação dos índios tapes dirigidos pelos jesuítas.

Melhorar as condições de travessia da referida passagem, construindo e operando jangadas e canoas, com a finalidade de facilitar o apoio militar à Colônia do Sacramento e escoamento, através daquela importante passagem estratégica, de tropas de gado transportados das campanhas do atual Uruguai.⁸

A partir de 1727, após o recolhimento desta frota a Laguna, foi feito grande esforço no sentido da abertura de caminhos ligando o Rio Grande do Sul, a São Paulo.

O Negro foi um dos elementos básicos, como tropeiro, na condução de tropas de vacuns e muars, desde o Uruguai até São Paulo e daí para o Rio de Janeiro, Minas Gerais e Minas dos Goyases, segundo se conclui de João Borges Fortes em seu trabalho *Tropeiros*.⁹

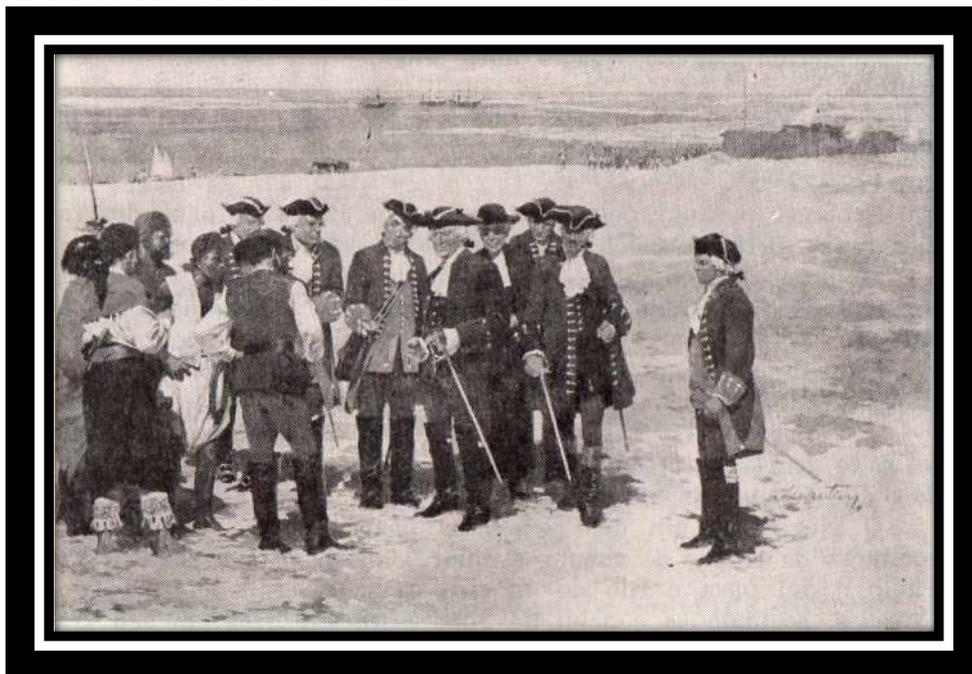
O Negro na fundação de Rio Grande

Já vimos que o Negro e seus descendentes foram numerosos em Laguna, desde 1684, em São José do Norte de 1725 a 1927, na frota de João de Magalhães e, após, como tropeiros, entre o Uruguai atual e São Paulo.

É fácil concluir que eles foram numerosos entre os primeiros estancieiros que se radicaram no Rio Grande do Sul, a partir de 1733, em torno de Viamão, ao longo dos vales do Capivari, Gravata!, Sinos e Caí.

Dentro deste raciocínio é válido afirmar: o negro e descendentes estiveram presentes em número expressivo entre os 150 homens do coronel de Ordenanças Cristóvão Pereira de Abreu. Isso, na oportunidade em que assegurou, em terra, condições

militares para o desembarque em Rio Grande atual, na tarde de 19 de fevereiro de 1737, do brigadeiro José da Silva Paes e sua expedição, para dar início ao povoamento português oficial do Rio Grande do Sul.



27 - Negros e descendentes participaram da fundação do Rio Grande do Sul, integrando as tropas de Cristóvão Pereira de Abreu e a expedição do Brigadeiro Silva Pais. (Fonte: CEx - Arquivo Iconográfico.)

Outros estiveram presentes entre os 260 homens que faziam parte das tropas de Silva Paes que desembarcaram na ocasião.

Por certo, muitos infantes negros e mulatos do corpo de Henriques que existiam em Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Minas Gerais, homenagem a Mestre de Campo Henrique Dias e seus bravos negros minas, ardas, angolas e crioulos, heróis da guerra Holandesa, na qual despertou o espírito de Nacionalidade e de Exército Brasileiro.

Segundo Paula Cidade, a partir desta época, “uma onda de negros e mulatos desceu sobre as campinas do sul.

Em menos de um século já equivalem, em número, à metade dos habitantes brancos.

Cruzam-se as três raças e uma delas, a indígena, entra logo a ser absorvida..”.¹⁰

O Negro na Guerra Guaranítica

O Negro esteve presente na Guerra Guaranítica (1752-56), integrando o Exército Demarcador de Portugal. Este era composto de 1.633 homens, dos quais 180 negros escravos¹¹, afora outros negros forros ou livres como soldados das diversas unidades, costume consagrado no Brasil, desde as guerras holandesas (1624-54).

A prova iconográfica da presença do negro no Exército Demarcador nos é dada por Ângelo Blasco em suas três cartas panorâmicas, já referidas.¹² Nelas, negros aparecem executando tarefas relacionadas à alimentação das tropas e transportes em Pelotas e Canoas, no passo do São Lourenço no rio Jacuí.

O capitão Jacinto Cunha, em seu Diário da Expedição de Gomes Freire às Missões, registra diversas observações relacionadas com os negros que integravam o Exército.¹³

Esta tropa permaneceu durante nove anos no Rio Grande do Sul.

O Negro soldado da primeira guarnição militar de Porto Alegre

No início da concentração do Exército Demarcador em Rio Grande, em 1752, um grupo de 58 paulistas permaneceu algum tempo na região de Porto Alegre atual, constituindo, segundo Walter Spalding, a primeira guarnição militar de Porto Alegre.

Dela faziam parte nove negros ou descendentes que representaram 14% de seu efetivo: Antônio (livre), Clemente, Manoel, Félix, Inácio (mulato), Damião e Francisco, os

últimos escravos do capitão Mateus Camargo, comandante do grupo.

Os quatro primeiros, brasileiros, e os dois últimos, africanos, naturais respectivamente de Angola e Moçambique.¹⁴

Francisco Camargo possuía dois escravos.

Primeiras vítimas da Guerra Guaranítica

Em 2 de maio de 1754, os seis escravos do capitão Mateus Camargo encontravam-se sob sua direção fora da tranqueira do Rio Pardo, junto ao rio de mesmo nome, quando foram surpreendidos por um ataque dos índios missioneiros liderados por Sepé Tiaraju.¹⁵

Três dos escravos do capitão Mateus Camargo foram as únicas vítimas desse primeiro choque entre luso-brasileiros e índios missioneiros.

“Estava o capitão Camargo com os paulistas e seus escravos *aperfeiçoando e fazendo ponte*, e lhe matarão um dos seus escravos e a vista da fortificação "forte do Rio Pardo) matarão dois”.¹⁶

As primeiras três vítimas da guerra foram três escravos entre os seguintes: Clemente, Damião, Félix, Francisco, Inácio e Manoel. Eles ajudaram, por outro lado, a construir a primeira ponte flutuante que se tem notícia na História Militar do Brasil.¹⁷

O Negro na Guerra de 1763-76

Em 1780, quatro anos depois da expulsão dos espanhóis do Rio Grande do Sul, o governador Veiga Cabral, em relatório oficial, registrou a existência de 5.102 escravos para uma população de 17.923, ou seja, 29% de escravos sobre a população total. Mostrava que os negros escravos e livres representavam cerca de 40% da população total e cerca de igual número a de brancos.¹⁸ Isto, antes de iniciar-se o ciclo econômico do charque em 1780, responsável pela enorme imigração de africanos negros.

Na guerra de 1763-76, o imigrante africano negro e seus descendentes tiveram papel militar expressivo e decisivo na reconquista e definição de um Rio Grande do Sul brasileiro.

Serra dos Tapes base de guerrilhas de Rafael

Em 1769, Rafael Pinto Bandeira ocupou a Serra dos Tapes, onde estabeleceu na Encruzilhada do Duro (coxilha do Fogo) e passo do Acampamento sobre o rio Piratini, ambos no atual município de Canguçu, algumas de suas bases de guerrilhas e de arreadas contra os espanhóis, além de cobertura, à distância, da base militar portuguesa do Rio Pardo, de um possível ataque espanhol na direção Rio Grande-Rio Pardo.

Seu pai, o intrépido capitão Francisco Pinto Bandeira, estabeleceu na Guarda da Encruzilhada e outros pontos da Serra do Herval, diversas bases de guerrilhas e de arreadas contra os espanhóis, além de cobertura militar, à distância, da base militar de Rio Pardo, de ataques espanhóis provenientes das direções de Bagé (atual) — Rio Pardo e Sete Povos das Missões-Rio Pardo.

Em 1774, acreditamos, já tivesse falecido, sendo substituído pelo intrépido e bravo tenente Cypriano Cardoso.

Integravam estas guerrilhas oficiais dos dragões do Rio Pardo, estancieiros da região, aventureiros e diversos negros escravos, chamados genericamente auxiliares nas partes oficiais.

Como se verá, os últimos tiveram atuação decisiva para a definição de um Rio Grande do Sul brasileiro, ao participarem, entre outras ações, das vitórias luso-brasileiras de Santa Bárbara-1774, Tabatingá-1774 e conquista dos fortes espanhóis de São Martinho-1775 e de Santa Tecla-1776.

«Um horror de negros valientes que el temor no conociam»

Guilhermino César, em artigo no Correio do Povo, com base em poesia de um sargento espanhol, forneceu valiosa pista sobre a participação decisiva do Negro como soldado de Pinto Bandeira, nas guerrilhas e arreadas levadas a efeito contra os espanhóis por este ilustre e bravo filho do Rio Grande do Sul.

Escreveu o sargento, em versos:

*“Alli nos desembarcamos (Colônia do Sacramento)
Com sumo gusto y placer
Como se dexa entender
Segun los sostos que passamos
Mas apenas acampamos
Quando ya mi compania
Com otras quatro tenia
Ordem de salir corriendo
Contra um fidalgo tremendo
Que hurtar cavalos venia
Pinto Bandeyras llamado
Era em efecto este tal
Fidalgo de Portugal
Y era coronel graduado
Llevava siempre a su lado
Segun voces diferentes
Horror de negros valientes
Que el temor no conociam
Mas por Dios que no queriam
Hacer-se nunca presentes”¹⁹*

Sobre os termos do poema conferimos como verdadeiros os seguintes:

Pinto Bandeira, em razão de sua atuação na conquista de Santa Tecla, foi promovido a coronel graduado e recebeu o hábito de uma das ordens honoríficas de Portugal, tornando-se portanto, fidalgo.

Dedicava-se, por outro lado, a arrear gados em território inimigo, o que explicava a expressão, “hurtar cavalos venia”, ou vinha furtar cavalos.

Por isto não é admissível negar-se que não era auxiliado por um “*horror de negros valientes que el temor no conociam*”, ou, *uma quantidade de negros valentes que não conheciam o medo*.

A socióloga norte-americana Madeline Nichols transcreve em sua obra O gaúcho esta referência:

“Dávila (1773-74) menciona um mulato que passa a vida de gaudério”²⁰, nos pampas.

O próprio sargento afirmou que Rafael Pinto Bandeira, *segundo diversos testemunhos*, trazia sempre consigo, uma quantidade de negros valentes que não conheciam o medo, mas que nunca ofereciam combate convencional, atitude natural para quem em inferioridade numérica conduzia uma guerra de guerrilhas, de desgaste contra o inimigo.

Oitenta escravos no ataque de Santa Tecla

“Tinha Rafael partido de um posto, na Encruzilhada do Duro (Coxilha do Fogo) neste dia a encontrar-se com as forças de Patrício, foram todos acampar no Arroio Piquiry às 4 horas.

Isto foi no dia 17 de fevereiro. Seguiam com Rafael... 180 peões e escravos. Ao todo, 619 pessoas”.²¹

Os peões ou auxiliares de Patrício Correia da Câmara eram em número de cem, 180 peões e escravos menos 100 peões e igual 80 escravos.

Daí concluo que oitenta negros participaram do ataque a Santa Tecla, afora outros negros ou mulatos, a maioria dos auxiliares dos dragões do Rio Pardo, soldados de 1ª linha e negros e mulatos livres das tropas de Rafael.

É inegável e irrefutável a contribuição maciça do negro e seus descendentes nestas operações de guerra nas campanhas gaúchas, sob a denominação genérica de *auxiliares*.

Segundo o coronel Francisco Ruas Santos, “O escravo não podia integrar as fileiras

militares regulares, isto é, tropa regular ou paga e milicianas.

Mas compunham o que se poderia chamar de tropa auxiliar".²²

O Negro e descendentes ajudaram a definir em Santa Bárbara em 2 de janeiro de 1774 o destino brasileiro do Rio Grande do Sul

Em 1773, o general Vertiz e Salcedo, governador de Buenos Aires, à frente de poderoso Exército, invadiu o Rio Grande do Sul pela campanha.

Ao sul de Rio Pardo, esperava operar junção com coluna proveniente das Missões, trazendo-lhe 1.100 cavalos, 300 mulas de carga e 100 bois mansos.

Enfim, remonta para os transportes de seu Exército e maior impulsão para realizar seu plano: expulsar em definitivo os portugueses do Rio Grande do Sul, após vencê-los, sucessivamente, em Rio Pardo, Porto Alegre e Viamão. A seguir, imprensar contra a vila de Rio Grande, a partir de Porto Alegre, o pequeno exército português estacionado em São José do Norte.

Em 2 de janeiro de 1774, há exatamente dois séculos, Rafael Pinto Bandeira surpreendeu em Santa Bárbara a coluna das Missões, ao comando do capitão D. Antônio Gomes e Velasco. Caindo em seu poder oitenta milicianos de Corrientes e os preciosos reforços a D. Vertiz y Salcedo. Isto o forçou a abandonar seu plano e retornar célere para a base espanhola mais próxima — Rio Grande — através das serras do Herval e dos Tapes, para logo a seguir retornar a Montevideu.

Participaram dessa ação 105 homens ao comando de Rafael Pinto Bandeira, dos quais pelo menos 50% de negros e descendentes, auxiliares de suas tropas e de Cypriano Cardoso. Eles seriam definidos, cerca de três anos depois, por um sargento espanhol, como um "Horror de negros valientes que el temor no conociam".

Nunca tantos deveram tanto a tão poucos

Hoje, os milhões de filhos do Rio Grande do Sul devem, em grande parte, o fato de ser brasileira aquela unidade da Federação, à obra épica realizada pelos bravos guerrilheiros de Rafael Pinto Bandeira na vitória de Santa Bárbara.

E creio que, sem sermos injustos, poderíamos afirmar, repetindo Churchill após vitória inglesa sobre Hitler, na batalha aérea da Inglaterra:

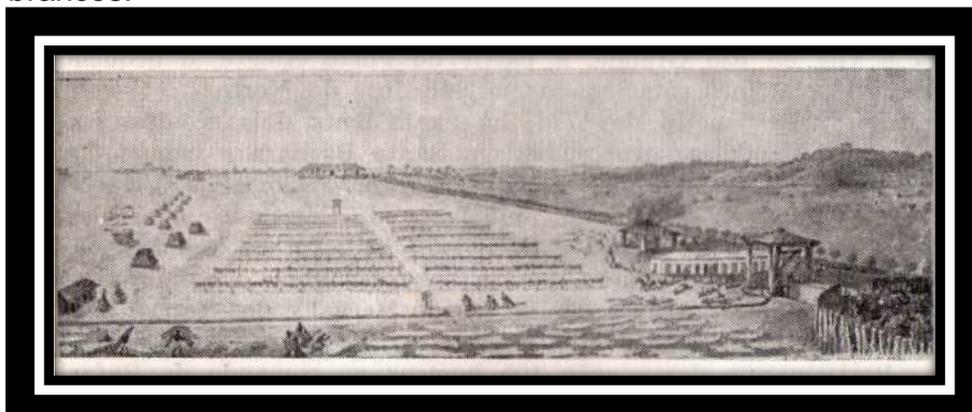
Nunca tantos sul-rio-grandenses deveram tanto como aos 105 bravos militares e aventureiros gaúchos, brancos, negros, índios e mestiços destas três raças, vencedoras de Santa Bárbara há duzentos anos atrás.

A contribuição militar até a Independência

A presença africana negra já era acentuada em 1780, conforme demonstramos.

A partir dessa data, com o desenvolvimento da indústria saladeril em Pelotas atual, acentuou-se a imigração africana negra para o Rio Grande, proveniente do porto do Rio de Janeiro, em cerca de 90%.

Em 1814, em Pelotas, os escravos eram em número de 2.226 ao lado de igual número de brancos.



28 - Charqueada pelotense, segundo visão de Debret. Reprodução de original existente na Fundação Raymundo Castro Maya - Floresta da Tijuca - Rio de Janeiro. Negros e descendentes rio-grandenses prestaram decisiva contribuição na movimentação da indústria saladeril, implantada no

Rio Grande do Sul após a expulsão dos espanhóis de seu território em 1776. Dita indústria, localizada principalmente em Pelotas, constituiu a maior força econômica do Estado, até o início do século XIX (Ver, do autor, Charqueadas de Pelotas. Diário Popular, Pelotas - RS, 1º e 8 mar. 1970).

O Negro e descendentes estavam presentes, em 1801, em grande número, em toda a bacia Ocidental do Rio Grande do Sul, nas estâncias, nas charqueadas, na agricultura, nas vilas e cidades, como homens livres e escravos.

Em 1801, 1811-12, 1816-17, 1820-21, participaram, como soldados, das guerras que envolveram o Rio Grande do Sul.

E não poderia ser de outra forma, pois, segundo dados que Saint Hilaire obteve do futuro Visconde de São Leopoldo em 1821, então guarda alfandegário, a população da Província era estimada em 66.665 almas assim distribuídas²³:

Branços	32.000
Negros escravos	20.611
Negros livres	5.399
índios	8.655

O interessante desta estatística é o número de negros livres, cerca de 1/5 de negros e descendentes.

Um mulato herói das guerrilhas de Bento Gonçalves

Saint Hilaire, ao passar pelo Forte São Miguel, próximo ao Arroio Chuí, encontrou como comandante um capitão mulato, Manoel Joaquim Carvalho, e escreveu:

“Este homem era apenas um simples soldado, mas fez tais prodígios de valor que numa região onde quase só há brancos, guindaram-no ao posto de capitão.

Em geral os homens desta Capitania são extremamente corajosos.

Contam-se deles milhares de feitos que demonstram sua intrepidez...”²⁴

NOTAS AO TEXTO DO CAPÍTULO I

- 1 — RAMOS. O Negro na Civilização Brasileira, p. 174.
- 2 — SIBER. Retrospecto da Guerra contra Rosas... p. 409.
- 3 — CAXIAS. Ofícios. Ofício de 4 de março de 1845.
- 4 — BENTO. Síntese Histórica... da 3ª RM.
- 5 — MACHADO, Alcântara. Vida e morte das Bandeiras. São Paulo, 1930, 24ª ed., pp. 256-67.
- 6 — CABRAL. História de Santa Catarina, p. 10.
- 7 — idem, nota 5.
- 8 — idem, nota 4.
- 9 — FORTES, João Borges, Gen. Tropeiros. Anais do 2º Congresso de História do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Ed. Globo, 1927, v. 2, p. 74.
- 10 — CIDADE. Dois ensaios de História, p. 25.
- 11— idem, nota 4.
- 12— Veja-se traços biográficos de Miguel Ângelo Blasco, 2ª parte do presente trabalho em italiano e. . .
- 13— CUNHA, Jacinto. Expedição de Gomes Freire às Missões. RIHGB. tomo 10. 2ª sem., 1853.
- 14— SPALDING, Walter. Pequena História de Porto Alegre. P. Alegre, Ed. Sulina, 1967. p. 39.
- 15— idem, nota 4. pp. 67-68.
- 16— ANTUNES. Os dragões do Rio Pardo, p. 40.
- 17— idem, nota 4. pp. 67-68.
- 18— MONTEIRO. Dominação Espanhola, p. 559.
- 19— CÊSAR. Os soldados negros de Pinto Bandeira. Correio do Povo, Porto Alegre, 23 de maio de 1974.
- 20— NICHOLS, Madeline. O gaúcho. Rio, Ed. Zélio-Valverde S.A., 1946, p. 19.
- 21— idem, nota 18.
- 22— SANTOS. Carta ao autor (Rio, 21 de abril de 1974).
- 23— HILAIRE. Viagem à Província do Rio Grande do Sul. p. 84.

Capítulo II DA INDEPENDÊNCIA À REVOLUÇÃO FARROUPILHA

O Negro e o Serviço Militar após a Independência

O Rio Grande do Sul por ocasião da independência era habitado por cerca de 50.000 negros e descendentes, dos quais cerca de 18.000 livres ou forros, segundo se conclui de Antônio Gonçalves Chaves.¹

Após a Independência, o Exército ficou dividido em 1ª linha e 2ª linha.

A 1ª linha foi constituída por voluntários, recrutados e mercenários, como os alemães já estudados neste trabalho na Primeira Parte.

Nesta oportunidade, negros e descendentes ingressaram em massa no Exército à procura de um emprego modesto e, na maioria dos casos, de um lar, de proteção e escola.

“Se é de cor, há de provar para o ingresso no Exército, com pessoas que o conheçam, que não é escravo”.²

Segundo Paula Cidade, em *O soldado de 1827*, a 1ª linha do Exército era formada por “pobres, paupérrimos, comendo pouco e mal e que foram modelares na sua dedicação aos chefes e no amor ao Brasil”.³

O Negro na Guerra Cisplatina

Segundo ainda o autor citado “testemunhas oculares da Guerra Cisplatina e vários escritores platinos afirmam que argentinos e uruguaios, na Batalha do Passo do Rosário, enfrentaram principalmente batalhões de alemães e negros”.³

E isto procede, porquanto o 3ª e 4ª batalhões de Caçadores, que ao lado do 27º BC de alemães realizaram os esforços ofensivos e defensivos principais, eram unidades de 1ª linha do Nordeste, formadas por homens da Bahia, Ceará e Pernambuco, nas quais predominavam o negro e descendentes. O mesmo pode-se dizer do 1º e 4º Regimentos de Cavalaria, respectivamente do Rio de Janeiro e Rio Grande.

Este quadro não deve ter sido muito diferente em relação às unidades de 1ª linha do Rio Grande do Sul, que possuía urna população na qual entravam cerca de 18.000 negros e descendentes, com elevado índice de homens livres.

O ilustre historiador e sociólogo militar, General Paula Cidade, ao admitir a presença, em grande número, do sangue africano em Passo do Rosário, em 20 de fevereiro de 1827, arrematou em síntese inspirada:

“E foi essa massa aparentemente informe de um povo em formação, composta de pretos, mulatos, mulatos claros, mulatos quase brancos e brancos que nos campos do Rosário, atendendo à voz firme de seus chefes, salvou a honra de nossas armas e a integridade do Império do Brasil”.⁴

O Exército na valorização do Negro

O General Lyra Tavares, consagrado escritor e ex-ministro do Exército, ao referir-se às servidões impostas à organização do Exército Brasileiro logo após a Independência, escreveu:

“Recorreu-se ao voluntariado, ao recrutamento forçado, ao aproveitamento de escravos alforriados e dos sentenciados, mediante condição de liberdade condicional, além de tropas mercenárias (caso dos alemães de 1824 e 1851).

Foi assim que as fileiras do Exército se abriram a toda sorte de elemento, fundamentalmente heterogêneos.

O Exército Brasileiro devia, antes de tudo, recuperá-los, educá-los e integrá-los, dando a todos condição de soldados do Brasil.

Através desse novo Exército que surgia, grande número de escravos adquiriu direitos que somente às vésperas da República seriam conferidos por

lei... a grande maioria dos escravos do Brasil.”

Isto 65 anos antes da lei Áurea.

E prossegue o general Lyra:

“Foi assim o Exército Brasileiro, desde o início, uma grande e insubstituível escola de educação e valorização do homem brasileiro no quadro da Nacionalidade Brasileira em formação.”

E foi por obra desse Exército, constituído de grande número de negros e descendentes livres “improvisado para a missão de defender a Integridade Nacional e a Ordem Interna em todo o vasto território que pôde o Brasil, enfrentar e vencer as graves vicissitudes que colocaram em perigo a sua Integridade no Século da Independência”.⁵

E nada mais lógico concluir que sobre bravos africanos negros e seus descendentes livres do Rio Grande do Sul recaiu pesado ônus para superar as ameaças à Integridade e Soberania do Brasil, representadas pelas guerras da Independência, da Cisplatina, contra Oribe e Rosas, do Uruguai e Paraguai, e à sua Unidade, na Revolução Farroupilha.

Segundo Joaquim Nabuco, grande defensor do negro brasileiro, no Rio Grande do Sul, “foram escritas mais da metade de nossas legendas militares” e ao africano negro e seus descendentes coube destacado papel na tarefa de escrevê-las.

Se Joaquim Nabuco foi o maior destaque no abolicionismo, seu ilustre conterrâneo Gilberto Freyre foi o primeiro a estudar e a valorizar perante o mundo a grande contribuição cultural do africano negro no Brasil.

Foi deste consagrado sociólogo esta interpretação:

“A melhor lição das Forças Armadas do Brasil as demais e esta:

A da valorização do homem e não apenas das máquinas, a da valorização do todo e não apenas de parte de seu elemento humano, do soldado e não apenas do oficial”.⁸

O Negro e descendentes de origem humilde encontraram sempre no Exército o melhor meio de progredirem socialmente, através do estudo ou do valor pessoal.

Por isto, esta instituição ainda é chamada popularmente no Nordeste — Escola do Pobre.

O NEGRO NA REVOLUÇÃO FARROUPILHA

Contribuição militar expressiva

Na Revolução Farroupilha os negros e seus descendentes tiveram contribuição militar expressiva.

A própria Revolução libertou muitos deles para que a servissem como “soldados, artífices e colonos”.⁷

Ficaram célebres os corpos de lanceiros negros farroupilhas que aqui serão estudados, nos quais, segundo o Barão de Caxias, “o general Davi Canabarro baseava a sua maior força”.⁸

Dentre os homens que guarneciam os lanchões “Farroupilha” e “Seival”, muitos eram negros e mulatos e os melhores o mais fiéis⁹, como Rafael e Procópio, que sucumbiram no naufrágio do “*Farroupilha*”.

O Hino da República Rio-Grandense, hoje o do Rio Grande do Sul, foi composto pelo maestro militar Joaquim Mendanha “homem de cor, mulato carregado liberto”, segundo Walter Spalding.¹⁰

O Negro libertado pela República para servir como soldado, foi bastante protegido pela legislação farroupilha conforme se conclui da leitura do jornal O Povo.¹¹

Por ocasião da paz de Ponche Verde, em 1845, foi aprovada esta importante cláusula:

*“4º São livres e como tal reconhecidos todos os cativos que serviram na República”*¹²

Era o epílogo de um mal denunciado por Bento Gonçalves, dez anos antes, em seu manifesto justificatório da Revolução Farroupilha.

“E vimos impunes a escandalosa introdução de homens da África terrível

*ação nesta malfadada Província.*¹³

Era o protesto contra a burla de decreto proibindo o tráfico de escravos.

Militarmente, embora o negro e descendentes participassem de todas as tropas farroupilhas e imperiais, ficaram célebres os lanceiros farroupilhas, de igual forma que “o horror de negros valientes de Pinto Bandeira que el temor no conociam”, da guerra 1763-77.

Uma lembrança que nos ocorre ao recordarmos os negros de Pinto Bandeira referidos em versos, é a de que o primeiro poema decantando feitos militares luso-brasileiros no Rio Grande do Sul foi o Uruguai de Basílio da Gama, considerado por Fernando Luiz Osório, em sua obra Sangue e alma do Rio Grande, como “Rapsodo dos Pampas”.

Basílio da Gama era descendente de africanos.

CORPOS DE LANCEIROS NEGROS FARROUPILHAS

Organização militar

Os farroupilhas possuíram um Exército com um efetivo de 9.372 homens assim repartidos:

4.296 homens de 1ª linha

5.076 homens da Guarda Nacional

Dito efetivo distribuía-se por diversos corpos conforme quadro que publicamos neste trabalho sob o título: *Efetivo Total do Exército da República Rio-Grandense*.

Da primeira linha faziam parte dois corpos de lanceiros, organizados à base de negros e descendentes livres, ou libertos pela República, enquadrados por valorosos oficiais brancos.

Cada um era constituído de 8 companhias a 51 homens cada, totalizando 426 homens.

Tornou-se célebre o *1º Corpo de Lanceiros Negros* organizado e instruído, inicialmente, pelo coronel Joaquim Pedro Soares, antigo capitão do Exército Imperial que se destacara nas guerras platinas.¹⁴

Secundou o coronel Joaquim Pedro nesta tarefa o major Joaquim Teixeira Nunes, que lutara na Guerra Cisplatina.

Este bravo, à frente desse corpo, prestou relevantes serviços militares à República Rio-Grandense.

O 1º Corpo foi recrutado entre negros e descendentes livres e libertos do então município de Piratini (atuais Canguçu, Pira-tini, Pedro Osório, Pinheiro Machado, Herval do Sul, Bagé até o Piraí e parte de Arroio Grande).

Oficiais dos lanceiros negros

Foram seus oficiais entre outros:

Coronel Joaquim Pedro Soares

Tenente-coronel Joaquim Teixeira Nunes

Capitão Vicente Férrer de Almeida

Tenente Manoel Alves da Silva Caldeira

Os três últimos foram ligados a Canguçu.

Teixeira Nunes nasceu próximo à atual cidade de Canguçu.

Caldeira era da região de Vila Freire e foi o biógrafo de Teixeira Nunes, conforme revelação de Otelo Rosa, em *Vultos Farroupilhas*, ao basear-se em carta deste bravo, publicada pela Revista do IHGRGS, 1927.¹⁵

Vicente Férrer de Almeida foi o primeiro funcionário público de Canguçu, por ocasião da instalação desse município, em 1857.

Caldeira foi o fundador do primeiro Clube Republicano em Canguçu, 1884.

2º Tenente Caetano Gonçalves da Silva (filho de Bento Gonçalves e herói da Guerra do Paraguai)

Capitão Marcos d'Azambuja Cidade, talvez ancestral do ilustre historiador militar General Paula Cidade.

2º Tenente Ezequiel Antonio da Silva

1º Tenente Antonio José Coritiba

2º Tenente Antonio José Pereira".¹⁶

O 1º Corpo de Lanceiros Negros atuação em Seival

O 1º Corpo de Lanceiros Negros, ao comando do tenente-coronel Joaquim Pedro Soares e subcomandado pelo major Teixeira Nunes, teve atuação decisiva na batalha de Seival, 11 de setembro de 1836.

"Joaquim Pedro... foi o organizador e instrutor do famoso *1º Corpo de Lanceiros Farroupilhas*.

As tropas para o combate de Seival foram dispostas por Joaquim Pedro, na qualidade de imediato de Antonio Neto.

Deixou um esquadrão em reserva que fez operar em momento oportuno, decidindo a sorte da luta".¹⁷

Segundo Souza Docca, coube a este bravo e a Manoel Lucas de Oliveira convencerem Antonio Neto da proclamação da República Rio-Grandense, bem como a Joaquim Pedro, a grande satisfação de ler, a 11 no campo do Menezes, *à frente da garbosa tropa por ele instruída, a Proclamação da República Rio-Grandense*.¹⁸

Segundo depoimento do tenente Caldeira:

"Em 6 de novembro de 1836, menos de dois meses após Seival, Teixeira Nunes era major do Corpo de Lanceiros Negros, a esse tempo comandado pelo tenente-coronel Joaquim Pedro Soares".¹⁹

Caldeira referiu a Corpo e não a 1º Corpo, pois o 2º ainda não havia sido criado. Participaram do combate do Seival 430 homens. O efetivo de um Corpo de Lanceiros Negros era de 426 homens a oito companhias.²⁰ Dito corpo teve suas origens na *Legião de Guardas Nacionais do Termo de Piratini*, criada por Carta de 14 de outubro de 1835, composto de dois esquadrões ou quatro companhias (duas companhias por esquadrão).

Um dos esquadrões possuía uma companhia em Canguçu e outra em Vila Freire.

O outro, duas companhias sediadas nos 1º e 2º distritos de Bagé.²¹

Acreditamos que, com o prosseguimento da luta, este corpo transformou-se na *Brigada Ligeira de Neto* e que após um ano de Revolução estivesse reduzida, em Seival, predominantemente ao Corpo de Lanceiros Negros como tentamos demonstrar.

Isto, assim provado, evidencia a grande contribuição do gaúcho negro e mulato para a vitória do Seival e para a proclamação da República Rio-Grandense, fonte de inspiração das mais caras e legítimas tradições políticas e militares do povo rio-grandense.

República que informou no gaúcho histórico do Rio Grande do Sul duas características sociológicas excelsas: *firmeza e doçura*.²²

Recrutamento dos lanceiros negros

O *Corpo de Lanceiros Negros* foi integrado por negros livres ou libertados pela Revolução e após, pela República, com condição de lutarem como soldados pela causa. Neste rol encontravam-se muitos escravos fugidos dos imperiais em busca da liberdade.

Artigas já havia usado o mesmo expediente (1810-21).

Os lanceiros negros, em sua grande maioria, foram recrutados entre os negros campeiros e domadores da atual Zona Sul do Estado. Amavam a liberdade, acostumados que estavam a movimentar-se dentro da amplitude dos horizontes da terra gaúcha nas lides pecuárias.

Amor à liberdade

Excelentes combatentes de Cavalaria, entregavam-se ao combate com grande denodo, por saberem como verdadeiros filhos da liberdade que esta, para si e seus irmãos de cor, estaria em jogo em cada combate.

Manejavam com grande habilidade suas armas prediletas, as lanças por eles

usadas, mais longas que o comum.

Combinada esta característica, com instrução para o combate e disposição para a luta, foram usados como tropas de choque, uso hoje reservado às formações de blindados.

Por esta razão infundiam temor aos adversários.

Rusticidade e obediência

Eram rústicos e disciplinados.

Faziam a guerra à base de recursos locais. Comiam se houvesse alimento e dormiam em qualquer local, tendo como teto o firmamento do Rio Grande do Sul.

A maioria montava a cavalo quase em pelo.

Vestuário ou uniforme

Seu vestuário era constituído de sandálias de couro cru, chiripá de pano grosseiro e um colete recobrimdo o tronco. Na cabeça, uma VINCHA TRICOLOR (verde-vermelho-amarelo), cores da República Rio-Grandense.

Como esporas utilizavam duas forquilhas de madeira, presas aos pés, com tiras de couro cru.

Cada forquilha se acomodava a um calcanhar e possuía a ponta bem afilada.

Alguns usavam calças, cartola e chilenas (esporas), como o imortalizado em pintura no Museu de Bolonha-Itália e reproduzido no Atlas Histórico e Geográfico do MEC — 1966.

Armamento e modo de lutar

Eram armados com adagas e lanças. Dentre os melhores atiradores eram distribuídas as poucas armas de fogo, para apoio específico em determinadas ocasiões.

Como lanceiros não fizeram uso de escudos de proteção, tão comuns na História Militar dos povos.

Os seus grosseiros ponches de lã, bicharas, serviam-lhes de cama e de proteção contra o frio e a chuva.

Quando em combate a cavalo, o ponche enrolado no braço esquerdo, servia-lhes para amortecer ou desviar um lançaço ou golpe de espada.

No corpo a corpo, desmontado, servia para aparar ou desviar um golpe de adaga, em cuja esgrima eram habilíssimos, em decorrência da prática continuada do jogo do talho, nome dado pelo gaúcho à esgrima simulada de faca, adaga ou facão.

Eram peritos no uso das boleadeiras como arma de guerra, principalmente para abater o inimigo longe do alcance de sua lança, quer manobrando para obter melhor posição tática, quer em fuga.

Na expedição a Laguna

Muitos lanceiros negros do 1º Corpo participaram da expedição a Laguna, ao comando de Davi Canabarro, que teve como comandante da vanguarda, Joaquim Teixeira Nunes.

É bastante conhecido na História da Revolução Farroupilha que estes dois chefes, que se tornaram célebres e valorosos combatentes, possuíam em suas forças lanceiros negros.

A retirada dos farroupilhas de Laguna para o Rio Grande do Sul, através de Lages e Vacaria, contou com a presença de Teixeira Nunes, Garibáldi, Anita e Rosseti e foi assegurada por muitos valorosos lanceiros negros.²³

Elogio de Garibáldi aos Lanceiros Negros

Foi por certo lembrando de Teixeira Nunes e seus bravos lanceiros negros que o acompanharam na expedição a Laguna que Garibáldi escreveu:

“Eu vi batalhas mais disputadas mas nunca e em nenhuma parte,

HOMENS MAIS VALENTES NEM LANCEIROS MAIS BRILHANTES DO QUE OS DA CAVALARIA RIO-GRANDENSE em cujas fileiras comecei a desprezar o perigo e a combater pela causa sagrada dos povos.”

Deve-se por certo a Garibaldi, no Museu de Bolonha na Itália, o quadro intitulado Farroupilha, que fixa para a imortalidade um lanceiro negro.

Lanceiros Negros salvaram a Revolução em Porongos

Na surpresa de Porongos, em 14 de novembro de 1844, os lanceiros negros de Teixeira Nunes salvaram a Revolução Farroupilha do desastre total.

Pelo modo tenaz e desesperado com que combateram, salvaram Canabarro e grande parte das tropas. Assim, tornaram possível a negociação de uma paz honrosa como foi a de Ponche Verde, e a liberdade para todos os escravos negros e mulatos que lutaram pela República.

Ao final do combate o campo de batalha de Porongos ficou juncado com cerca de cem mortos farroupilhas.

Dentre eles, oitenta eram dos bravos lanceiros negros de Teixeira Nunes.²⁵

Assim escreveu Canabarro Reichardt sobre a Surpresa de Porongos :

“A situação é terrível. Os farrapos, passados os primeiros momentos de estupor, cobram ânimo e dispõem-se a morrer lutando.

Teixeira, o Bravo dos bravos, cujo denodo assombrou um dia o próprio Garibaldi, reuniu seus lanceiros negros.

O 4º Regimento de Linha e alguns esquadrões (legais) afrouxam. Os imperiais se multiplicam, surgem de todos pontos. Segunda carga imperial mais impetuosa e mais desesperada é também repelida.

Após dissolver-se, o Exército Farroupilha passa à retirada, arrastando os que ainda querem lutar.

Apenas alguns grupos mantêm-se resistindo e neles o combate se trava a arma branca.

*Tombam os lanceiros negros de Teixeira Nunes brigando um contra vinte num esforço de incomparável heroísmo”.*²⁶

Uma dívida histórica a ser reparada pelo Governo e Povo do Rio Grande do Sul

Esta descrição do sacrifício dos lanceiros negros para salvar o máximo do Exército da República Rio-Grandense é comovente e deve emocionar todo o filho do Rio Grande do Sul e justificar uma homenagem póstuma, embora tardia, do Governo e Povo do Rio Grande do Sul.

Erigir-se na Praça da Matriz, em Porto Alegre, o mais próximo possível dos palácios Piratini e Farroupilha, uma estátua ao lanceiro negro Farroupilha, o Gaúcho filho da Liberdade, por sua contribuição, como valoroso soldado, para a evolução social e política do Brasil, com reflexos na conquista dos Objetivos Nacionais Permanentes de Democracia (República) e Paz Social.²⁷

E o melhor e mais autêntico modelo seria o do quadro existente no Museu de Bolonha, Itália, reproduzido no Atlas Histórico e Geográfico do MEC, 1966.

A última carga

Em 28 de novembro de 1894, Teixeira Nunes e remanescentes de seu legendário Corpo de Lanceiros Negros travaram o último combate da Revolução, em terras do Rio Grande do Sul.

A morte de Teixeira Nunes foi assim comunicada por Caxias em ofício:

“Posso assegurar a V. Excia. que o mencionado coronel (Teixeira Nunes) foi batido no campo de combate, deixando dois tenentes prisioneiros e oito praças de pé. Toda a sua partida, que constava de mais de cem homens, foi completamente dispersa. Deixaram o campo, por espaço de duas léguas, juncado de cadáveres”²⁸

Eram seguramente de lanceiros negros.

Teixeira Nunes foi um dos maiores lanceiros de seu tempo, o como uma ironia do

destino, caiu mortalmente ferido, por uma lança, manejada pelo braço vigoroso do alferes Manduca Rodrigues.

Dos lanceiros negros, acreditamos tenham restado mais de cento e vinte. Após a paz de Ponche Verde, foram mandados adidos aos três Regimentos de Cavalaria de Linha da Província.

Dentro em breve iriam lutar no Uruguai e na Argentina, na Guerra contra Oribe e Rosas (1851-52), pela Integridade e Soberania brasileiras ameaçadas por caudilhos platinos.

COMENDADOR JOSÉ JOAQUIM DE MENDANHA (1801-1884)

Amigo fraternal de Caxias

Segundo Spalding “era homem de cor, mulato carregado liberto”. Nasceu em 1801, em Ouro Preto. Informações não comprovadas dizem ter sido músico da Capela Imperial no Rio de Janeiro donde foi dispensado para ingressar no Exército.

Nessa oportunidade conheceu como tenente, o mais tarde Duque de Caxias, quando então se tornaram fraternais amigos.

Foi uma das mais simpáticas e atuantes personalidades dos meios artísticos de Porto Alegre no II Império.

Maestro militar

Sua vinda definitiva para o Rio Grande do Sul, onde viveria quase 50 anos, verificou-se no início da Revolução Farroupilha, como maestro da banda de música do 2º Batalhão de Fuzileiros, ao comando do coronel Guilherme Lisboa.

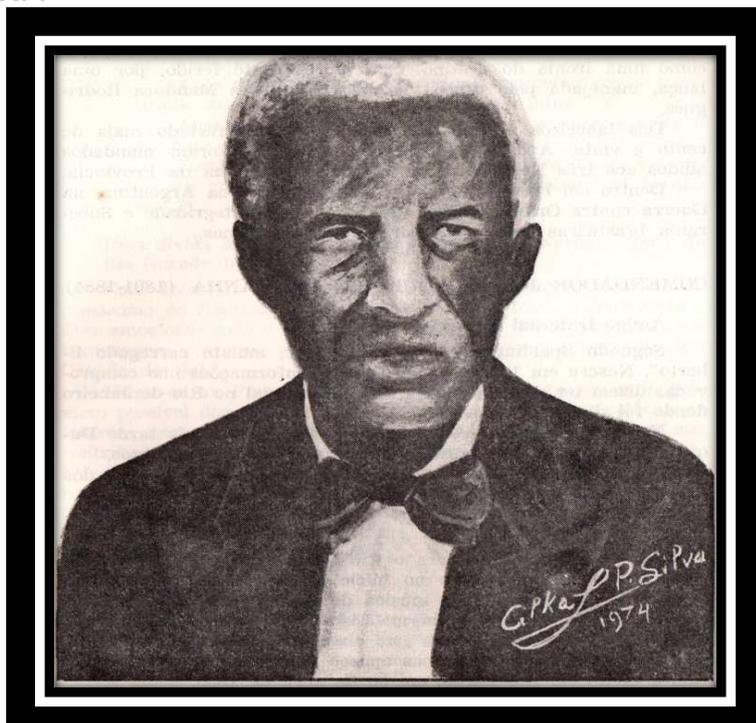
Sua luzidia e “rica banda”, no dizer do General Antônio Neto, caiu nas mãos dos farroupilhas após o ataque vitorioso que levaram a efeito em Rio Pardo, em 30 de abril de 1839.

Mendanha junto com sua banda somente foram libertados no ano seguinte.

Autor do Hino Farroupilha

Neste período, segundo a tradição, a pedido dos farroupilhas, compôs o Hino Nacional Rio-Grandense.

“Não fez, entretanto, peça original. Sobre uma peça do velho Strauss, mudando o ritmo e acrescentando parte nova para o estribilho, compôs a música”.²⁹



República Rio-Grandense e fundador, em 2 set. 1855, da Sociedade Musical Porto-Alegrense. Foi grande amigo do Duque de Caxias. O conheceu no Rio de Janeiro, como tenente, quando era jovem músico da Capela Imperial.

(Aquarela de Cilka L. da Silva para este trabalho.)

Tomou parte na Pacificação do Rio Grande do Sul “sempre amigo inseparável de Caxias, que era então Presidente da Província... apesar disto não foi pedir a seu grande camarada a proteção.

Ao contrário, recusou-se a aceitá-la. Formando um grupo de discípulos, organizou uma orquestra e uma banda musical.”

Era homem digno e sério, protetor dos pobres.

Ensinou música gratuitamente a muitos arrimos.

Ao final da Revolução, segundo Dante Laytano, retornou a Rio Pardo para exumar os restos mortais de seu comandante, o coronel Lisboa, para dar-lhe o destino conveniente.

Personalidade porto-alegrense ilustre

Após a Revolução, Mendanha radicou-se em Porto Alegre e tornou-se uma das mais distintas, prestantes e gratas personalidades daquela comunidade.

“Foi um maestro faz tudo; professor, compositor, diretor de banda, diretor de orquestra, mestre de música religiosa e um nome que se impõe à nossa admiração”.³¹ Seu nome figura entre os subscritores das despesas para a recepção do Imperador em 1845.

Pouco após a pacificação, é o maestro quem dirige, à porta do Palácio, a banda de música, nas homenagens dos gaúchos a seu amigo o Barão de Caxias, Pacificador e Presidente da Província do Rio Grande do Sul.

“Onde era necessário fazer-se música aparecia o maestro. E só o seu nome era citado no jornal, sinal que só ele se impunha. Só o nome dele já era recomendação”.³²

Comendador da Ordem da Rosa

Aquiles Porto Alegre, sob o título o Velho Mendanha, dedicou-lhe bela página de saudade.

“No dia 2 de dezembro de 1855, foi fundada aqui a Sociedade Musical de Porto Alegre.

Monarquista dos quatro costados, o velho Mendanha quis mesmo de longe dar uma prova de sua admiração ao Imperador, escolhendo a data de seu natalício para inaugurar a *Sociedade dos músicos que o obedeciam cegamente*”.

Diante de seus músicos, com sua casaca bem talhada, gravata branca e a comenda da Ordem da Rosa ao peito, riscando no ar o compasso musical, com a sua batuta, o velho maestro nada mais ambicionava na vida.

Fora este sempre o seu sonho mais querido.

Com antiga camaradagem com o Duque de Caxias, que sempre foi trunfo neste país, ele podia ter mais elevadas aspirações, mas era modesto e contentava-se com pouco.

Prestígio social

“No dia de festividades ele andava tonto no coro da Capela N. S. da Conceição, atendendo entre sorrisos e rapapés, às moças que iam cantar.

Nesse dia ninguém podia com o velho.

Andava radiante de um lado para o outro como se tivesse o rei na barriga.

E não era para menos. Ali se via a Dona Marcolina Coelho Barreto, a Dona Matilde Pereira, a Dona Chiquinha Cordeiro, Dona Candini, a Dona Rondeli e tantas outras senhoras que deram, em Porto Alegre, a nota de arte e elegância.”

Últimos dias

“Nos últimos anos de existência, o velho Mendanha subia a escada do coro agarrado ao braço de um de seus discípulos do peito.

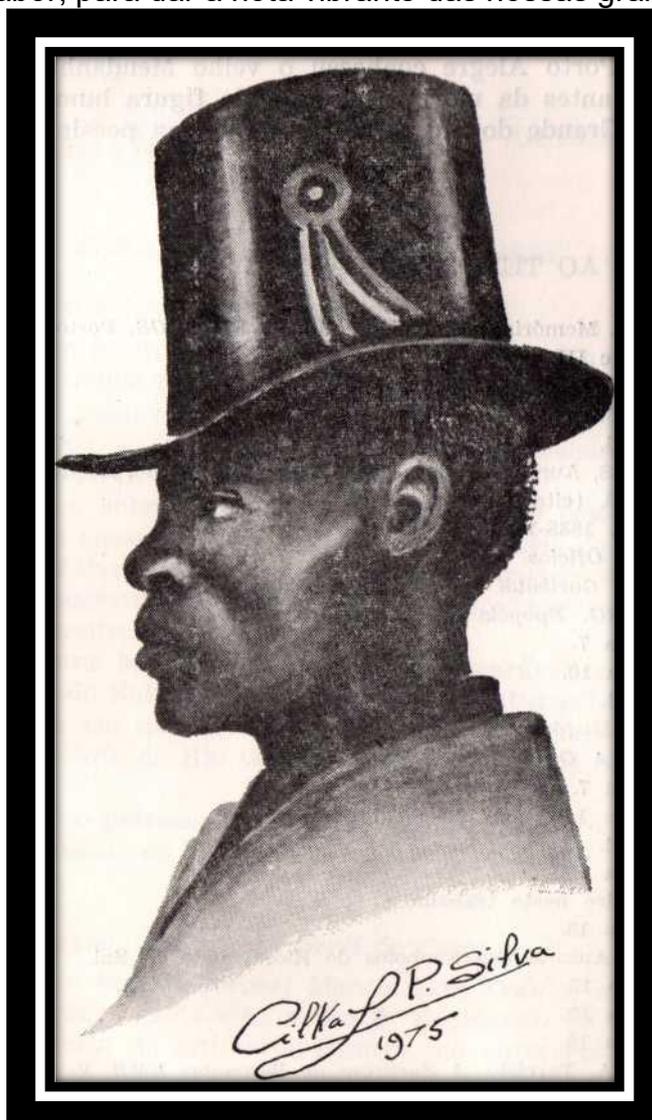
E quando o maestro chegava ao coro criava alma nova. Parecia que havia remoçado alguns anos. Era outra criatura.

O que ele queria era estar entre as cantoras, entre os seus discípulos, em frente à estante, com a batuta em punho, agitando o braço no ar e marcando com o pé o compasso musical.”

Uma grande lacuna na música no Rio Grande do Sul

“Desapareceu o chefe, em 2 de setembro de 1885, aos 84 anos de idade, e os discípulos dispersaram por aí, com a morte do velho amigo.

Será difícil, agora, surgir uma orquestra organizada com os bons elementos que ele conseguiu educar e reunir durante mais de meio século de constante labor, para dar a nota vibrante das nossas grandes solenidades”.³³



30- Lanceiro Farroupilha - Soldado dos corpos de lanceiros de 1ª linha do Exército da República Rio-Grandense (1836-45). Tiveram destacado e relevante papel militar nos grandes e críticos momentos da Revolução Farroupilha (vide texto).

(Fonte: Quadro O Farroupilha, existente em Bologna-Itália, com complementos do autor, tope nacional e flâmula da lança.)

Aquiles Porto Alegre conheceu o velho Mendanha.

Um ano antes da morte desta grande figura humana da música no Rio Grande do Sul, Aquiles estreou na poesia com Iluminuras.

NOTAS AO TEXTO DO CAPITULO II

- 1 — CHAVES. Memórias econômico-políticas. RIHGRGS, Porto Alegre, 1922. Tomo II e III.
- 2 — CIDADE. O soldado de 1827.
- 3 — idem, ibid.
- 4 — idem, ibid.
- 5 — TAVARES, Aurélio de Lyra, Gen. Exército e Nação. Recife, UFPe, 1965.
- 6 — idem, ibid. (citado por Lyra Tavares)
- 7 — O POVO, 1838-1840.
- 8 — CAXIAS, Ofícios.
- 9 — COLLOR, Garibáldi e a Revolução Farroupilha.
- 10 — SPALDING. Epopéia Farroupilha.
- 11 — idem nota 7.
- 12 — idem nota 10.
- 13 — idem, ibid.
- 14 — DOCCA. História do Rio Grande do Sul.
- 15 — BENTO. A Grande Festa dos Lanceiros.
- 16 — idem nota 7.
- 17 — idem nota 14.
- 18 — idem, ibid.
- 19 — idem nota 15.
- 20 — vide quadro neste trabalho.
- 21 — idem nota 15.
- 22 — BENTO. Autoria dos Símbolos do Rio Grande do Sul.
- 23 — idem nota 15.
- 24 — idem nota 15.
- 25 — idem nota 15.
- 26 — TABORDA, Tarcísio. A Surpresa de Porongos. RMB. V. 95, 1970.
- 27 — idem nota 15.
- 28 — idem nota 8.
- 29 — idem nota 10.
- 30 — CASTRO, Enio de Freitas. A Música no século XIX. Enciclopédia Rio-Grandense. Canoas, Ed. Regional, 1956. V. 2, pp. 172-174.
- 31 — idem, ibid.
- 32 — idem, ibid.
- 33 — PORTO ALEGRE Aquiles. História Popular de Porto Alegre. Porto Alegre, 1940. p. 203.

Capítulo III

O NEGRO E DESCENDENTES NAS GUERRAS CONTRA ORIBE E ROSAS E DO PARAGUAI

NA GUERRA CONTRA ORIBE E ROSAS (1851-52)

Um ilustre historiador militar mulato

Algumas informações sobre o negro e descendentes nessa guerra nos é fornecida pelo historiador militar major Ladislau dos Santos Titara¹, segundo Paula Cidade “um homem de cor, provavelmente mestiço... que foi para sua época inegavelmente um soldado culto, cheio de serviços ao país...”²

Sua obra sobre esse conflito é importante coleção de fontes primárias de nossa história e se intitula: *Memória do Grande Exército Aliado Libertador do Sul da América na guerra de 1851 a 1852 e dos acontecimentos mais notáveis que precederam-na*. Rio, Biblioteca do Exército, 1950, 2ª ed.

Titara era baiano e creio que incomparável, no passado do Rio Grande do Sul, como preservador de fontes primárias de história, tarefa em que se distinguiu também o Barão Homem de Mello, Presidente do Rio Grande do Sul por ocasião da Guerra do Paraguai.

Titara é o patrono da cadeira nº 40 do *Instituto de História e Geografia Militar do Brasil*. Sua obra foi estudada por Paula Cidade.³

José Martins, um mulato herói de Caseros

Quando o tenente-coronel Manoel Luiz Osório, em Monte Caseros, carregou a trote com o seu 2ª Regimento de Cavalaria sobre uma bateria de artilharia inimiga, no entrevero resultante o soldado mulato José Martins, natural de Mostardas, investiu com grande arrojo sobre os inimigos, conseguindo arrancar das mãos de um deles, após matá-lo, uma bandeira com a legenda Rosas Echague ou Morte, pertencente ao Esquadrão de Guarda do General Echague.

Por esse feito heróico, foi concedido a José Martins passar três meses de licença em Mostardas, além do prêmio de 400.000 réis.⁴

Caxias, grande apreço e amizade pelos soldados negros, mulatos e caboclos

Segundo o capitão Eduardo Siber em sua obra, o Conde de Caxias possuía grande consideração e respeito por seus soldados negros, mulatos e caboclos.

Caxias, ao retornar da Guerra contra Oribe e Rosas, o fez por terra, desde Montevidéu até Jaguarão.

Nesse local, separou-se do Exército e seguiu viagem por água.

Nessa altura, Siber registrou com grande estranheza:

“Depois que o Conde de Caxias se despediu dos *seus companheiros e amigos*, brunos (mulatos) e amarelos (caboclos), seguiu viagem para Pelotas no pequeno vapor que o esperava.

O General Marques de Souza deu ordem para que, na mesma tarde, o batalhão alemão (15º BI) marchasse pela estrada até aquela cidade”.⁵

Recordo ao leitor que foi Siber que assim definiu o Exército Brasileiro nessa campanha: “a Infantaria é preta, a Artilharia branca e preta e a Cavalaria predominantemente branca”.⁶

NA GUERRA CONTRA O PARAGUAI

É indiscutível a presença do negro e descendentes do Rio Grande do Sul, no Exército e na Marinha, em defesa da Integridade e Soberania do Brasil nas guerras do Uruguai — 1864-1865 — e, após, do Paraguai — 1864-1870.

Cronistas paraguaios enfatizam esse aspecto.

O pintor argentino, tenente Cândido Lopes, pintou 48 cenas dessa longa guerra, de que foi testemunha ocular.

Fiel à verdade histórica, em seus trabalhos observa-se grande densidade de negros e descendentes, integrando as forças terrestres do Brasil.⁷

Fotografias coletivas do tempo dessa guerra, existentes no Arquivo Iconográfico do Centro de Documentação do Exército, em Brasília, registram acentuado número de negros e descendentes, inclusive integrando a guarda pessoal do Marquês de Caxias.

Esforço de guerra do negro e descendentes

Com apoio em Tasso Fragoso e Moysés Vellinho, poderíamos dizer: o Rio Grande do Sul cooperou com cerca de 30.000 homens para o esforço de guerra contra o Paraguai.

De acordo com a obra do primeiro, participaram dessa guerra, nas forças terrestres, 111.165 homens⁸ e, do segundo, 30% do efetivo total eram de filhos do Rio Grande do Sul.

“Quanto a nossa contribuição em sangue, seria preciso lembrar que 30% das forças brasileiras lançadas contra Sol ano Lopes saíram de nossas coxilhas e isto quando fazia vinte anos que fora assinada a Paz de Ponche Verde”.⁹

Podemos admitir que os negros do Rio Grande do Sul e seus descendentes cooperaram para o esforço de guerra com cerca de 10.000 a 15.000 homens, respectivamente de um terço e um meio do efetivo total estimado para a então Província.

Isso se aproxima dos totais enviados pela Guanabara (Corte), 11.467, e Bahia, 15.227 homens. As referidas províncias, segundo João Nogueira Jaguaribe, contribuíram com o maior esforço.¹⁰

Do total de negros e descendentes estimado para o Rio Grande do Sul, sabe-se que 357 eram ex-escravos libertados com a condição de se tornarem soldados e partirem para a guerra.¹¹

37 foram libertos por particulares.

15 foram libertos pelo Governo.

305 foram libertos e apresentados por seus patrões para substituí-los na guerra.

O patriotismo do negro e descendentes

Joaquim Nabuco em bela página, relacionando o patriotismo com a escravidão, nos deixou antever como os negros e descendentes deram grande prova de amor ao Brasil nesse conflito:

“Foi nas camadas mais necessitadas da população, descendentes de escravos na maior parte, nessas mesmas que a escravidão condena à dependência e à miséria, entre trabalhadores analfabetos cuja emancipação ela adiou indefinidamente, que se sentiu bater o coração de uma nova pátria.

Foram eles que produziram os soldados dos batalhões de voluntários”.¹²

Alguns exemplos de bravura

Arthur Ramos, entre nós, foi o que mais profundamente estudou a participação de negros e descendentes nesse conflito. Em sua obra “O negro na civilização brasileira”, menciona diversas ações heróicas em que tomaram parte.

Marcílio Dias, “símbolo do marinheiro brasileiro heróico”, era filho de Rio Grande.

Na Batalha Naval de Riachuelo (11 de junho de 1865), a bordo da corveta Parnaíba, praticou atos de bravura inaudita, razão por que foi consagrado, com muita justiça, como símbolo do marinheiro heróico do Brasil.

Dionísio Cerqueira testemunhou a valentia e o destemor do capitão Manoel Rodrigues de Macedo, vulgo Folião, autêntico gaúcho histórico e produto da miscigenação branco, preto e índio.

“O Folião fora um dos ajudantes de Andrade Neves e nas guerrilhas lançava os atiradores adversários e os arrastava ao galope no seu cavalo tordilho.

Nunca conseguiu, entretanto, molhar a lança antes do General Andrade Neves.

Já era maduro naquela época...

Mestiço de europeu, índio e africano, o atavismo deu-lhe os requintes de bravura feroz de seus antepassados”.¹³

A mulher gaúcha negra e mulata, heroínas do Paraguai

Dada a proximidade do Teatro de Operações do Paraguai com o Rio Grande do Sul, muitas mulheres seguiram com seus maridos ou companheiros para a guerra. Ajudavam em todas as tarefas, inclusive no combate.

Segundo Dionísio Cerqueira, “essas mulheres que seguiam o Exército não tinham medo de coisa alguma.

Iam até as posições avançadas mais perigosas levar a bóia (alimentação) dos maridos.

Nas linhas de atiradores mais encarniçadas, vi-as mais de uma vez achegarem-se dos feridos, rasgarem as saias em ataduras para lhes estancar o sangue, montá-los na garupa dos seus cavalos e conduzi-los ao meio de balas para os hospitais.

Algumas trocavam as saias *por bombachas nos dias de combate, e as suas lanças formavam os salientes nas cargas dos seus regimentos*”,¹⁴

Talvez um dia o governo e o povo do Rio Grande do Sul immortalizem, em bronze ou em óleo, essa descrição real. Seria uma justa homenagem à mulher rio-grandense,

branca, preta, índia ou mestiça, heroína anônima, mas presença obrigatória nos campos de batalha do Rio Grande do Sul, durante mais de dois séculos de lutas, conforme se conclui de crônicas militares.

O negro, redenção pelo amor à Pátria Comum

O negro e descendentes participaram em todos os tipos de unidades, inclusive num Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional, possivelmente da região missioneira.

Dionísio Cerqueira, ao descrever uma dessas unidades, narra em certa altura:

“Alguns de lábios grossos, dentes alvos, maçãs do rosto salientes, nariz achatado e cabelos cacheados caindo sobre os ombros (mulatos) e um e outro negro”.¹⁵

Alfredo de Taunay e Dionísio Cerqueira tiveram, como bagageiros e camaradas, homens de cor. Sobre eles fazem a melhor das referências.

Dionísio Cerqueira dedicou as últimas linhas de suas *Reminiscências* ao seu maior amigo e ex-ordenança na Guerra do Paraguai, de nome Antônio Faustino.

“Quando entrei em sua sapataria, encontrei-o pondo tombas num sapato e assobiando em surdina o Hino Nacional.

Nunca mais o vi. Morreu alguns meses depois.

Minha mãe mandou depositar no seu caixão uma coroa de sempre vivas, com a legenda: Saudades do amigo. Na outra ponta da fita lia-se meu nome.

Dionísio Cerqueira”.¹⁶

Amizades fraternas como essa devem ter ocorrido aos milhares.

Elas contribuíram decisivamente para que ao final do conflito os combatentes de lá retornassem desejosos de abolir a escravidão, pela seguinte razão, segundo apoio que busco em *Arthur Ferreira Filho*:

“Durante o prolongado conflito homens de cor haviam lutado, ombro a ombro, com os brancos e revelado ótimas qualidades militares, espírito de sacrifício, bravura e alto senso de compreensão na defesa da Pátria Comum”.¹⁷

Isso explica, de certo modo, que ilustres e valorosos chefes militares e líderes de combate nessa guerra, como o Conde de Porto Alegre e o legendário Antônio Tibúrcio, se tornassem destacados líderes abolicionistas.

O primeiro, ao tornar-se presidente, em 29 de agosto de 1869, da *Sociedade Libertadora de Porto Alegre*, fundada nessa data no âmbito do *Partenon Literário* com a finalidade de promover a libertação de crianças escravas.¹⁸

O segundo, ao criar condições, por sua grande capacidade moral, para que a Abolição no Ceará fosse declarada em 1883.

O problema do tratamento do negro escravo havia evoluído muito em 62 anos, ao comparar-se com o modo como fora tratado na seguinte obra:

MAGALHÃES, Manoel Antônio. Reflexões sobre o estado da Capitania de Rio Grande de São Pedro. RIHGB, Rio, 1867, tomo 30, pp. 43-66.

O autor era avô de Magalhães Calvet, já estudado neste trabalho.

Assim pensava Magalhães sobre a importância militar do negro e descendentes sob regime escravo:

Recomendou em sua Reflexões a D. João que fosse proibida a exportação de escravos do Brasil para as colônias espanholas, pois isso significava enfraquecer a Colônia “e dar forças aos inimigos”.

Achava que o escravo era de importância militar estratégica, com os “artigos de guerra, pólvora, balas, armas, chumbo, ferro, cobre, aço, estanho, salitre e toda a sorte de massames náuticos”.

Dante Laytano, justiça seja feita, foi o primeiro a ensaiar a contribuição militar do negro em seu trabalho:

O negro e o espírito guerreiro nas origens do RGS. Porto Alegre, 1937.

Uma homenagem justa

Em boa hora o governo e o povo do Rio Grande do Sul resolveram criar Comissão de Homenagem ao Negro, dentro das comemorações do Biênio da Colonização e

Imigração.

Nessa oportunidade, Victor Faccioni, então Chefe da Casa Civil do Rio Grande do Sul e Presidente da Comissão Coordenadora do Biênio, ao justificar as homenagens referiu a certa altura:

“Neste panorama de valores humanos, nesta amálgama de etnias que se formou sobre a vastidão das coxilhas, o azul das serras, o fecundo dos vales, a orla imensa do mar e amplidão do planalto da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, não poderia ficar sem destaque o negro rio-grandense, por tudo que ele representou no passado, por tudo que realiza no presente e pelo papel que a ele destina o futuro radioso que todos almejamos para a nossa terra querida. (...)

Esta é a quinta Comissão do Biênio que se instala nesta mesma sala, cenário de tantos acontecimentos para a vida gaúcha.

Sua finalidade é homenagear os negros brasileiros rio-grandenses de descendência africana, por sua contribuição à formação do Rio Grande”.¹⁹

Dentro desse espírito, como brasileiro, filho do Rio Grande, c reconhecido à valiosa contribuição do Negro, procurei nesta última parte de meu trabalho, através de pesquisa histórica científica, homenagear a contribuição do africano negro e descendentes em seu aspecto mais nobre e comovente e, para mim, a maior contribuição que emprestaram à formação do Rio Grande, qual seja a de soldados, durante os 235 anos iniciais de lutas que marcaram os 339 anos de história luso-brasileira do Rio Grande do Sul. Apresento uma visão mais ampla desse problema no trabalho *O Negro na Sociedade do Rio Grande do Sul*, primeiro prêmio no concurso de letras de homenagem ao Negro, promovido pelo Biênio da Colonização e Imigração do Rio Grande do Sul, e em publicação pelo Instituto Estadual do Livro.

NOTAS AO TEXTO DO CAPÍTULO III

- 1 — TITARA, Memória do Grande. . . pp. 229, 209, 266, 173.
- 2 — CIDADE, Síntese três séculos. . . p. 154.
- 3 — idem, id.
- 4 — idem, nota 1, p. 173.
- 5 - SIBER, Retrospecto da Guerra contra Rosas, p. 501.
- 6 — idem, p. 409.
- 7 — JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, 31/mar./1974.
- 8 — FRAGOSO, História da Guerra entre a Tríplice... v. 5, p. 269
- 9 — VELLINHO, Capitania dei Rey, p. 219.
- 10 — idem, nota 8, v. 5, pp. 218-219.
- 11 — idem, nota 37.
- 12 — NABUCO, Joaquim. Abolicionismo. São Paulo, Cia. Editora Nacional.1938, p. 187.
- 13 — CERQUEIRA, Reminiscências... p. 410.
- 14 — idem, p. 192.
- 15 — idem, pp. 402-3.
- 16 — idem, p. 493.
- 17 — FERREIRA FILHO, História do RGS, p. 117.
- 18 — CÉSAR, História da Literatura do RGS.
- 19 — FACCIONI, Victor. Discurso. Correio do Povo, Porto Alegre, 26-03-74

EM TEMPO

Ao concorrermos com o presente trabalho no Concurso de Monografias sobre a Colonização e Imigração em Geral, fizemo-lo com o seguinte pseudônimo:

EMÍLIO DE PARANHOS FORTES MONTEIRO CIDADE

Ele encerrava meu tributo de reconhecimento e de homenagem a cinco destacados historiadores militares do passado, rio-grandenses e oficiais do Exército, como o autor:

General EMÍLIO Fernandes de Souza Docca.

General João Borges FORTES.

General Francisco de Paula CIDADE.
General Deoclécio DE PARANHOS Antunes e
Coronel Jonathas do Rego MONTEIRO.

Esperamos que nosso trabalho, inserido no contexto do Biênio da Colonização e Imigração do RGS (1974-75), venha a ser útil e oportuno para a comemoração e evocação de outra importante efeméride do RGS em 1976: o Bicentenário da Retomada e Expulsão dos Espanhóis do RGS, de grande significado militar e singular projeção geopolítica na definição do destino brasileiro do Rio Grande do Sul. Para este entendimento é bastante recordar que o atual território do Rio Grande, no período 1774-75, esteve com 2/3 partes sob domínio da Espanha, consequência das invasões sofridas em 1763 e 1773 por exércitos ao comando, respectivamente, dos governadores espanhóis de Buenos Aires, generais D. Pedro Ceballos e Vertiz y Salcedo.

BIBLIOGRAFIA

(As notas no texto serão referidas a esta lista bibliográfica)

CONVENÇÕES

- BC — Batalhão de Caçadores.
BI — Batalhão de Infantaria.
BIBLIEX — Biblioteca do Exército.
Cav — Cavalaria.
CDEX — Centro de Documento do Exército.
CHEB — Comissão de História do Exército Brasileiro.
Ed. GLOBO—Editora Globo S/A — Porto Alegre.
GN — Guarda Nacional.
PUCRGS — Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
RGS — Rio Grande do Sul.
RIHGB — Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.
RIHGMB — Revista do Instituto de História e Geografia Militar do Brasil.
RIHGRGS — Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.
- RIO —
RMB — Rio de Janeiro — cidade.
UFPE — Revista Militar Brasileira.
UFRPE — Universidade Federal de Pernambuco.
UFRGS — Universidade Federal Rural de Pernambuco.
VP — Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Voluntários da Pátria.
- 1 — AGUIAR, Antônio Augusto. A Vida do Marquês de Barbacena. Rio, Imprensa Nacional, 1896.
2 — ANTUNES, de Paranhos. SPALDING, Walter et LAYTANO, Dante. Observações sobre o Marechal Diogo Jacques Funck, in: Anais do U Congresso de História e Geografia. . . Porto Alegre, Ed. Globo, 1937, pp. 50-51, v. 2.
3 — Dragões do Rio Pardo. Rio, Bibliex, 1954.
4 — História de Rio Pardo. Porto Alegre, 1933.
5 — BALDRICH, Amadeu, ten-cel. História de la Guerra dei Brasil. Buenos Aires. Imp. La Harlem, 1905.
6 — BARROSO, Gustavo e RODRIGUES, Washt. Uniformes do Exército Brasileiro. Rio de Janeiro, Ministério do Exército, 1922.
7 — BARROSO, Gustavo. A Guerra do Vidéu. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1930.
8 — BARCELOS, Ramiro Frota. Rio Grande — Tradição e Cultura. Porto Alegre, Ed. Flama, 1970 (p. 163 ref. aos “brummer”, e p. 174 ref. aos “muckers”).
9 — Romanceria Gaúcha — Roteiro Poético. São Leopoldo. Ed. Rotermond, 1966.
10 — BARRETO, Flamarion, Gen. Fatores Psiço-sociais sul-americanos. Rio, C. Prep. ECEME, 1965.
11 — BECKER, Klaus. Alemães e descendentes do Rio Grande do Sul na Guerra do Paraguai. Canoas, Ed. Hilgert & Filhos, 1968.

- 12 — BELÉM, João da Silva. História do Município de Santa Maria, 1797-1933. Porto Alegre, Ed. Selbach, 1933.
- 13 — BELTRÃO, Romeu. Cronologia Histórica de Santa Maria. Santa Maria, Ed. Palloti, 1958, v. 1, pp. 32 e 49-52.
- 14 — BENTO, Cláudio Moreira, maj. Autoria dos Símbolos do RGS — Subsídios para revisão. . . Recife, UFRPE, 1971.
- 15 — O homem de ação de seu século. Diário Popular, Pelotas. 15 nov. 70 (Coluna Querência).
- 16 — O Estaleiro Farrapo em São Lourenço do Sul. Diário Popular, 24 maio 70.
- 17 — Um Lanceiro Republicano Farrapo e o "Seival". Jornal do Comércio, Recife, 4 jun. 70.
- 18 — O Artilheiro— Símbolo do Brasil. Defesa Nacional, 645: 124-132.
- 19 — Evocação da Guerra do Paraguai por ocasião do Centenário de seu término. RMB, nº 1, jan./mar., 1971, pp. 117-141.
- 20 — Os Lanceiros negros farroupilhas, in: A Grande Festa dos Lanceiros. Recife, UFPE, 1971, pp. 59-12.
- 21 — O líder do barco farroupilha "Seival". Jornal do Comércio, Recife, 3 jun. 70.
- 22 — Canguçu na Revolução Farroupilha. Diário Popular, Pelotas, 1º, 2 e 9 jan. 1972 (Coluna Querência).
- 23 — O filho de Goiás herói da Integridade e da Independência do Brasil, Folha de Goiás, Goiânia, 13 jun. 1972. (Reportagem sobre o Marechal Xavier Curado).
- 24 — Os lanceiros negros farroupilhas. Jornal do Comércio, Recife, 10 jun. 1970.
- 25 — Boletim nº 12 de Pesquisa no Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, realizada em 19 jan. 1972, para a Comissão de História do Exército Brasileiro — EME.
- 26 — Presença militar paulista na conquista e manutenção do Rio Grande do Sul. Diário de São Paulo, 21 abr. 1974.
- 27 — Um paulista, o pai da História do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Diário de São Paulo, São Paulo, 14 abr. 1974.
- 28 — Integração Quartel — País — Conscritos. Cultura Militar, Brasília, EME, jan. 1972.
- 29 — BERESFORD, Guilherme Carr, Mal. Instruções para o Exercício do Regimento de Infantaria. Rio, Imprensa Régia, 1875.
- 30 — BORMANN, José Bernardino, Mal. Rosas e o Exército Aliado. Rio, 1911-12. (O restante de sua bibliografia é indicada no texto).
- 31 — BOSCHE, Theodore. Quadros alternados. São Paulo, 1919 (trad. QUEIROZ, Vicente de Souza, prefácio TAUNAY, A. de P.).
- 32 — BRAUN, Gustavo Henrique, Mal. Defesa e Relatório perante o Conselho de Guerra. RIHGRS III e IV trimestres 1926.
- 33 — Parte de combate da Batalha de Passo do Rosário, in: FRAGOSO, Tassaken. A Batalha do Passo do Rosário, Rio, Bibliex, 1951. 2ª ed., p. 411.
- 34 — CARTAS RS — 102 — RGS, 1784-8. Mapoteca da Diretoria de Patrimônio do Exército. DEC — Brasília.
- 35 — CARTAS RS (três originais) de BLASCO, Miguel Ângelo, Cel. Eng
Visões panorâmicas do acampamento do Exército Demarcador de Gomes Freire de Andrade no Passo do São Lourenço no rio Ja- cuí, em 1754, antes e após a enchente — Mapoteca da Diretoria de Patrimônio do Exército. SMU — Brasília.
- 36 — CARTA RS (cópia) de BLASCO, Miguel Ângelo, Cel. Eng. Percurso do Exército Demarcador de Rio Grande às missões e o combate de Churreby. Biblioteca do CDEX, Brasília, SMU.
- 37 — CAVIGLIA, Buenaventura (filho). Algumas notícias sobre o Marechal Jacques Funck. in: Anais do II Congresso de História e Geografia Sul-Rio-Grandense. Porto Alegre, Liv. Globo, 1937, v. 2, pp. 7-51.
- 38 — CAXIAS, Barão de. Ofícios 181/2-1/5. (Como presidente da Província do RGS e Comandante-em-Chefe do Exército em operações contra os Farrapos), Rio, Sec. Geral do Min. da Guerra, 1950).

- 39 — Ordens do Dia na Guerra dos Farrapos. Rio, Imprensa Nacional, 1943.
- 40— CERQUEIRA, Dionísio, Gen. Reminiscências da Campanha do Paraguai — 1865. Rio, Bibliex, 1945. 4ª ed., pp. 339, 402 e outras.
- 41 — CÉSAR, Guilhermino. Transição ao Modernismo Cientificista, in: História da Literatura do RGS. Porto Alegre, Ed. Globo, 1971, 2ª ed., pp. 247-256.
- 42 — Primeiros cronistas do RGS — 1605-1801. Porto Alegre, UFRGS, 1965.
- 43— História do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Ed. Globo, 1970.
- 44—História da Literatura do RGS. Porto Alegre, Ed. Globo, 1971, 2ª edição. (Coleção Província).
- 45—Francisco João Róscio. in: Primeiros Cronistas do RGS. 1605-1801. Porto Alegre, UFRGS, 1965, pp. 158-166.
- 46—Carlos von Koseritz. Porto Alegre, Fac. Filosofia da UFRGS, 1950.
- 47—Koseritz e o Naturalismo. Porto Alegre, Fac. Filosofia, UFRGS, 1968.
- 48— Os negros de Pinto Bandeira. Correio do Povo, Porto Alegre, 23 mar. 1974.
- 49—CIDADE, F. de Paula. Síntese de três séculos de literatura militar. Rio, Bibliex, 1939.
- 50 — O Soldado de 1827. Rio, EME, 1927 (Separata da RMB).
- 51 — Dois ensaios de História. Rio, Bibliex. 1966.
- 52 — Regulamento para o Exercício e Disciplina dos Regimentos de Infantaria... do Conde de Lippe. in: Síntese de três séculos de literatura militar brasileira. Rio, Bibliex, 1959, pp. 117 e 123-130.
- 53 — Um pouco de História da Missão Francesa. RMB 52, pp. 23-28.
- 54 — Reminiscências da Campanha de 1827 de A. A. de Seveloh (análise). in: Síntese de três séculos de literatura militar brasileira. Rio, Bibliex, 1959, pp. 111 e 131-36.
- 55 — Dados biográficos de Seveloh, in: Reminiscências da Campanha de 1827. Rio, Estado-Maior do Exército, 1936, pp. 7-19.
- 56 — COLLOR, Lindolfo. Garibaldi e a Guerra dos Farrapos. Rio, Liv. José Olympio, 1938.
- 57 — CORREIA NETO, Jonas de Moreira, ten-cel. A Batalha de Passo de Rosário. RIHGMB, 41, pp. 101-114.
- 58 — Influência napoleônica no Exército Brasileiro, RMB 95, jul/set. 1970, pp. 73-101.
- 59 — DEBRET, João Batista. Viagem histórica e pitoresca ao Brasil. São Paulo, Liv. Martins, 1940, tomo II.
- 60 — DICK, Jakob, furriel. Diário na Campanha do Paraguai, in: BECKER, Klaus. Alemães e descendentes na Guerra do Paraguai. Canoas, Ed. Hilgert, 1968, pp. 157-167. (O autor era de Campo Bom).
- 61 — DOCCA, Emilio Fernandes de Souza, Gen. História do Rio Grande do Sul. Rio, Organização Simões, 1954.
- 62 — O exército nas campanhas platinas (1811-28), in: Congresso Internacional de História da América, pp. 213-274.
- 63 — ENGELMANN, Nicolau, 2º sarg. Diário na Campanha do Paraguai, in: BECKER, Klaus. Alemães e descendentes na Guerra do Paraguai. Canoas, Ed. Hilgert, 1968, pp. 171-174. (O autor era de Dois Irmãos).
- 64 — FLORES, Moacir. Notas para a História da Revolução Farroupilha. Porto Alegre, PUCRGS, 1973.
- 65 — FRAGOSO, Augusto Tasso, Gen. História da guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai. Rio, Bibliex, 1954, 2ª ed. (notas do maj. Francisco Ruas Santos) 5 v.
- 66 — A Batalha do Passo do Rosário. Rio, Bibliex, 1951, 2ª ed.
- 67 — Porque havia entre as tropas de Barbacena um Batalhão e um esquadrão de lanceiros alemães, in: A Batalha de Passo do Rosário. Rio, Bibliex, 1951, 2ª ed., pp. 367-376.
- 68 — FRANCO, Afonso Arinos de Mello. Um soldado do Reino e do Império. Rio, Bibliex, 1941 (aborda a vida do Marechal João Antônio Calado).
- 69 — FRANZEN, Jacob, cap. Diário na Campanha do Paraguai, in: BECKER, Klaus.

Alemães e descendentes na Guerra do Paraguai.

Canoas, Ed. Hilgert, 1968, pp. 151-156. (O autor era de Monte-negro).

70 — FERREIRA FILHO, Arthur. Revoluções e Caudilhos. Porto Alegre.

Ed. Sofia, s/data, 2ª ed., pp. 17-21.

71—História Geral do Rio Grande do Sul — 1503-1960. Porto Alegre, Ed. Globo, 1960.

72 — FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa. Rio, Ed. Civilização Brasileira, 1964, 11º ed.

73 — FIGURINO DE FARDAMENTOS MILITARES NAS PROVÍNCIAS

1833-85. Album com 83 estampas em cores. Div. Doc. Museu Histórico Nacional, Rio-RJ.

74 — FORTES, Amyr Borges et Wagner, João B. S. História Administrativa e Judiciária e Eclesiástica do RGS. Porto Alegre, Ed. Globo, 1963.

75 — FORTES, João, Gen. O Brigadeiro José da Silva Paes e a fundação do Rio Grande. Porto Alegre, Liv. Globo, 1933. (Separata do RIHGRGS).

76 — O Rio Grande de São Pedro. Rio, Bibliex, 1941.

77 — FREYRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala. Recife, Cia. Ed. de Pernambuco, 1970, 15ª ed. em português.

78 — INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO

SUL. Anais do II Congresso de História e Geografia do RGS. Porto Alegre, Liv. Globo, 1937, 3 v.

79 — Anais do IV Congresso de História e Geografia do RGS. Porto Alegre, Ed. Globo, v. 1, pp. 121-130 (ROSA, Otelo. Estrangeiros na Revolução Farroupilha).

80— HILAIRE, Augusto Saint-. Viagem ao Rio Grande do Sul. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1939, 2ª ed.

81 — HISTÓRIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO — Perfil Militar de um povo. Rio, EME, 1972, 3 v.

82 — JOUBIM. P. J. de Mallet. A História da Casa Mallet (inédito). Síntese na Biblioteca do Centro de Documentação do Exército em coletânea sobre os patronos do Exército, na parte referente a Mallet.

83— LAYTANO, Dante de. Os Açorianos. in: Rio Grande Antigo. Canoas. Ed. Regional, 1954, v. 1, pp. 43-73.

84— LEENHOFT, Barão Carl von, cap. Contribuições para a História da guerra entre o Brasil e Buenos Aires. Rio, Papelaria Velho, 1938. (Tradução e notas do General KLINGER, Bertoldo).

85 — MONTEIRO, Jonathas do Rego, Cel. Dominação Espanhola do Rio Grande do Sul. RMB, nºs 1 a 4, 1935. (Contém boas informações sobre a atuação do General alemão Henrique Bohn).

86—A Colônia do Sacramento, 1680-1777. Porto Alegre, Liv. Globo, 1937, 3 v.

87 — Achegas para a História Militar do Brasil — Corpos de tropa estrangeiros. RMB, Rio, jan./dez. 1933, nº 1-4, pp. 223-244.

88 — NASCIMENTO, Heloísa Assunção. Testemunhas do herói. Documento informativo existente no CDEX — SMU — Brasília.

89 — O MENSAGEIRO, Porto Alegre, nº 22, 19 jan. 1836.

90 — O COLONO ALEMÃO, Porto Alegre, 1836, nº 5.

91 — OBERACKER JUNIOR. João Henrique Braun, fundador do Exército Brasileiro. São Paulo. (Separata da Revista de História), s/d.

92 — OSÓRIO, Fernando Luiz. A cidade de Pelotas. Porto Alegre, Ed. Globo, 1964, 2ª ed.

93 — Sangue e Alma do Rio Grande. Porto Alegre, Liv. Globo, 1937.

94 — OYE, Rudolph S. von der, ten. Atuação da Bateria Alemã em Tuiuti e Boqueron (carta a um amigo), in: BECKER, Klaus. Alemães e descendentes na Guerra do Paraguai. Canoas, Ed. Hilgert, 1968, pp. 69-75. (O autor comandou a bateria nessas ações).

95 — PELLANDA, Ernesto. Imigração e Colonização Italiana. Rio Grande Antigo.

- Canoas, Ed. Regional, 1956, v. 1, pp. 125-148.
- 96 — PILLAR, Olyntho. Patronos das Forças Armadas. Rio, Bibliex, 1966.
- 97 — PIMENTEL, Fortunato. Aspectos gerais de Uruguaiana. Porto Alegre, Liv. Continente, 1942.
- 98 — PETRY, Leopoldo. São Leopoldo. São Leopoldo, Ed. Rotermond, 1964, v. 1, 2ª ed.
- 99 — Os Muckers. São Leopoldo, Ed. Rotermond, 1966, 2ª ed.
- 100 — São Leopoldo. São Leopoldo, Ed. Rotermond, 1966, v. 1, pp. 42-43.
- 101 — PORTO, Aurélio. O trabalho alemão no Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Estab. Gráf. Santa Teresinha, 1934.
- 102 — PROCESSO DOS FARRAPOS, in: Boletim do Arquivo Nacional. Rio, Arquivo Nacional, 1934-35, vv. 30 e 31.
- 103 — PRITSCH, Adolpho. Depoimento sobre a Guerra do Paraguai, in: BECKER, Klaus, Alemães e descendentes na Guerra do Paraguai. Canoas, Ed. Hilgert, 1968, pp. 175-176 (O autor serviu em São Lourenço, Rio Pardo e Santa Cruz do Sul).
- 104 — RAMBO, Balduino. A imigração alemã. Rio Grande Antigo. Canoas, Ed. Regional, 1956, v. 1, pp. 77-108.
- 105 — RAMOS, Arthur. O negro na civilização brasileira. São Paulo, Imprensa Ed. Carioca, 1956, 2ª ed.
- 106 — REVISTA DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. Retrospecto da guerra contra Rosas e as vicissitudes das tropas alemãs a serviço do Brasil, Tomo 78, parte 1ª, 1915 (trad. de CARVALHO, Alfredo de).
- 107 — Quadros das forças de mar e terra existentes nas capitânicas do RJ e MG e Colônia do Sacramento para a defesa da Fronteira Sul. 21: 181, 189, 185, 18, 58.
- 108 — RODRIGUES, Washt e BARROSO, Gustavo. Uniformes do Exército Brasileiro. Rio de Janeiro — Paris, 1922. (Edição do Ministério da Guerra).
- 109 — SANTOS, Amilcar Salgado. O primeiro chefe do Estado-Maior do Exército, RMB, jan./jun. 1924, pp. 81-110.
- 110 — SANTOS, Francisco Ruas, maj. Notas e índices, in: FRAGOSO, Tarso, Gen. História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai. Rio, Bibliex, 1954, 5 v.
- 111 — SCHIMID, Albert. Os Rezingões. A Defesa Nacional n's 438, 439, 490 e 491 de jan./abr. 1951 (tradução e notas de KLINGER, Bertoldo, Gen.).
- 112 — SEIDLER, Carlos. Dez anos de Brasil. São Paulo, Liv. Martins, 1941. (trad.: KLINGER, Bertoldo e notas de CIDADE, F. de Paula).
- 113 — SEVELOH, A. A. F. Reminiscências da Campanha de 1827, Rio, EME, 1936. (Tradução de CIDADE, F. de Paula).
- 114 — SIBER, Eduard. Retrospecto da guerra contra Rosas e as vicissitudes das tropas alemãs a serviço do Brasil. RIHGB. Tomo 78, parte 1ª 1915 (trad. de CARVALHO, Alfredo de).
- 115 — SILVA, Aristóteles Vaz de Carvalho e. São Gabriel na História. São Gabriel, Pref. Municipal, 1967. (pp. 12, 141-7, 176-177-178, 179, 204, 235-6, 240-1. Referências a Mallet e filhos).
- 116 — SILVA, Luiz Manuel de Lima e, Mal. Anais do Exército Brasileiro. RIHGRGS. Porto Alegre, 1927, 1º e 2º trim.
- 117 — SILVA, Alfredo Pretextato Maciel da, Cap. Os generais do Exército Brasileiro de 1822 a 1889. Rio, Bibliex, 1940, 2ª ed.
- 118 — SILVA, Riograndino da Costa e, Gen. Notas à margem da História do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Ed. Globo, 1966.
- 119 — Apontamentos sobre a História da 3ª Região Militar. Porto Alegre, 3ª RM, 1971, 2ª ed.
- 120 — A História da 3ª RM numa síntese retrospectiva. Porto Alegre, 3ª RM, 1971.
- 121 — SPALDING, Walter. Pequena História de Porto Alegre. Ed. Sulina, 1967, pp. 38-40.
- 122 — A Epopéia Farroupilha. Rio, Bibliex, 1963.
- 123 — SPINDLER, cristiano, 2º sarg. Diário na Campanha do Paraguai, in: BECKER,

Klaus. Alemães e descendentes na Guerra do Paraguai. Canoas, Ed. Hilgert, 1968, pp. 168-170.

124— TAUNAY, Alfredo D'Escragno. Memórias, São Paulo, Ed. Melhoramentos, 1946.

125— TITARA, Ladislau dos Santos, maj. Memórias do Grande Exército aliado, libertador da Sul América na Guerra de 1851 a 1852 ... Rio, Bibliex, 1950.

126— TORRES, Gentil et LOPES, Teodorico. Ministros da Guerra do Brasil. Rio, s/ed., 1947.

127— VELUNHO, Moysés. Capitania d'El Rei. Porto Alegre, Ed. Globo 1970, 2ª ed.

128— VILLAR, Frederico. O almirante Antônio Luiz von Hoonholtz, Barão de Tefé. RIHGB. Rio, ago. 1942, nº 2, fl. 38.

129— KLINGER, Bertoldo, Gen. Notas à tradução de Die Brummer, de Albert Schimid. Defesa Nacional. (Separata nºs. 438-441, jan./abr 51). Rio, Imprensa Militar, 1951.

130— *Parada e desfile de uma vida de voluntário do Brasil na primeira metade do século*. Rio, O Cruzeiro, 1958.

131 — *Narrativas autobiográficas*, Rio, 1951.

132— KOSERITZ, Carl von. O elemento alemão na Província do RGS. Porto Alegre, 1879.

133— WERLANG, Pedro, cap. Diário na Campanha do Paraguai, in: BECKER, Klaus. Alemães e descendentes na Guerra do Paraguai Canoas, Ed. Hilgert, 1968, pp. 123-150 (O autor era de Santa Cruz do Sul).

134 — WIEDERSPAHN, Henrique Oscar, ten-cel. Das guerras cisplatinas às guerras contra Rosas e o Paraguai. Rio Grande Antigo. Canoas Ed. Regional, 1956, pp. 151-258.

135— Tenente-General João Henrique Böhn (traços biográficos), in: *Rio Grande Antigo*. Canoas, Ed. Regional, 1956, v. 1, pp. 172-173.

136— *Campanha de Ituizangó*. Rio, Bibliex, 1961.

NOTA: O autor referiu a outras obras no texto, sempre que isto foi melhor indicado por ligar-se à obra de algum dos biografados.

SÉRIE DE BIÊNIO DA COLONIZAÇÃO E IMIGRAÇÃO

Volumes publicados:

1 - Michael O. Mulhall, O Rio Grande do Sul e suas Colônias Alemãs – Editora Bels.

2 - Carlos H. Hunsche, O Hifnto 1824/25 da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul (Província de São Pedro) - Gráfica Editora "A Nação".

3 - Thales de Azevedo, Italianos e Gaúchos - Gráfica Editora "A Nação".

4 - Arlinda Rocha Nogueira e Lucy Maffei Hutter, A Colonização em São Pedro do Rio Grande do Sul durante o Império (1824-1889) - Editora Garatuja.

5 - Cláudio Moreira Bento, O Negro e Descendentes na Sociedade do Rio Grande do Sul (1635-1975) - Editora Fotogravura do Sul, Grafosul.

6 Carlos Henrique Guilherme Oberacker Jr., Jorge Antônio von Schaeffer - Editora Metrópole.

7 - Olívio Manfroi, A Colonização Italiana no Rio Grande do Sul. Implicações econômicas, políticas e culturais - Editora Fotogravura do Sul, Grafosul.

8 - Cláudio Moreira Bento, Estrangeiros e Descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul (1635- 1830) - Gráfica Editora "A Nação".